

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL – PPGMS

JORGE LUÍS RODRIGUES DOS SANTOS

**A revista “Raça Brasil”: uma proposta de imprensa negra na mídia brasileira do
século XXI?**

Rio de Janeiro

2017

JORGE LUÍS RODRIGUES DOS SANTOS

A revista “Raça Brasil”: uma proposta de imprensa negra na mídia brasileira do século XXI?

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Linha de Pesquisa: Memória e Espaço.

Orientadora: Prof.: Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira

Rio de Janeiro

2017

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

S237 Santos, Jorge Luís Rodrigues dos
A revista "Raça Brasil": uma proposta de imprensa negra na mídia brasileira do século XXI? / Jorge Luís Rodrigues dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2017.
306 f.

Orientadora: Andréa Lopes da Costa Vieira.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2017.

1. Memória Social. 2. Revista Raça Brasil. 3. Imprensa Negra. 4. Negritude. 5. Reconhecimento. I. Vieira, Andréa Lopes da Costa, orient. II. Título.

JORGE LUÍS RODRIGUES DOS SANTOS

A revista “Raça Brasil”: uma proposta de imprensa negra na mídia brasileira do século XXI?

Aprovada em 29 de Agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira (Orientadora) – PPGMS/UNIRIO

Prof. Dr. Diógenes Pinheiro – PPGE/UNIRIO

Profa. Dra. Maria Elena Viana Souza – PPGE/UNIRIO

Profa. Dr. José Jairo Vieira – PPGE/UFRJ

Profa. Dra. Tânia Mara Pedroso Muller – PPGE/UFF

Rio de Janeiro

2017

Dedicatória.

Aos meu avós maternos, Franciso José Rodrigues e Luciana Thomás Rodrigues,
Que foram para mim exemplos de carinho, dedicação e caráter,
e pelo apoio nos momentos mais difíceis que passei,
durante a minha adolescência e juventude.

Aos meus pais, Ivo Rangel dos Santos e Elcia Rodrigues dos Santos,
pelo esforço desmedido empreendido durante a minha criação,
lutando para oferecer o máximo e o melhor que podiam.

A minha amada tia Edna Thomás Rodrigues, pela confiança depositada,
pela parceria, orientação, investimento e apoio na minha educação,
e que mesmo nos momentos mais difíceis, teve fé em mim.

Agradecimentos

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

Estas duas palavras resumem os sentimentos que me inundam, ao relembrar tudo o quanto vivenciei nesta última década de vida.... Transformar em palavras vivências e sentimentos de anos em poucas páginas é um dever que deve ser cumprido, por motivo de justiça.

A jornada iniciada em 2007, com a retomada e conclusão dos meus estudos, na FAFIMA em Macaé, não só me abriu as portas de uma nova atividade profissional, mas também de um novo projeto de vida. Após mais de duas décadas de atuação na esfera privada em função executivas no segmento de varejo, um novo horizonte se apresentava para mim. Um (re)início, o (re)começo: (re)aprender a caminhar (física e profissionalmente) e empreender uma maratona, passo a passo, começando do zero...

O início de minha atuação na área da Educação deu-se, acima de tudo, pelas parcerias que pude desenvolver durante a caminhada, que não foi solitária, e foi extremamente produtiva. O exemplo, a competência e a generosidade dispensada a mim por tantos e tantas puderam me tornar o que sou, e me inspira a ser também um exemplo e referência para todos que estiverem sob minha responsabilidade, em busca de aprendizagem e formação, nos espaços em que venha a atuar.

Certamente não poderia esquecer de agradecer a alguns que foram fundamentais em cada etapa desta jornada, e que com sua atuação contribuíram para que eu chegasse até aqui.

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

Agradeço ao governo brasileiro, em especial ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e à ex-presidente Dilma Roussef, pelos investimentos realizados na Educação do Brasil durante os seus governos na última década, e que beneficiaram a muitos (como eu) que puderam ter acesso à uma educação universal, inclusiva, gratuita, em seus diferentes níveis (educação básica, tecnológica e superior), promovendo transformações significativas em vidas e trajetórias. A possibilidade de ter cursado diferentes cursos, em diferentes níveis, em diferentes áreas de conhecimento, em diferentes modalidades, só foi possível em virtude de políticas públicas de caráter afirmativo implementadas em favor de minorias (étnicas, raciais, de gênero) que encontravam-se em situação de desigualdade na sociedade brasileira. Ao investimento feito em feito nas instituições públicas da área de educação e agências de fomento, que desenvolveram ações diversas de formação docente e discente, das quais pude ser beneficiário – em especial à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC), pelas bolsas de tutoria e docência concedidas em projetos da

Universidade Aberta do Brasil (UAB) e parcerias diversas estabelecidas entre este órgão e os estados e municípios (como o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio). Agradeço pela oportunidade de ter participado de momentos importantes para a sociedade brasileira (e para a população negra em particular) na esfera da Educação e da Cultura, como a Pré-Conferência Nacional de Cultura Afro-brasileira (2009) e a Conferência Nacional de Educação (2014) como delegado do Estado do Rio de Janeiro, dialogando, aprendendo e propondo intervenções necessárias para a promoção de melhorias nestas áreas em favor de seus cidadãos. Agradeço pelo desenvolvimento de parcerias nas relações com os países africanos e da América do Sul, em especial na área da educação e aproximação com os irmãos da afro-diáspora. Agradeço pelo privilégio de ter travado encontro com instituições (como o Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África – CODESRIA) e outros ativistas e pesquisadores da temática racial, que tornaram-se além de referência acadêmica e parceiros em projetos, amigos de caminhada, dentre os quais Segun Dosumu (Centre for Black Arts and African Civilization (CEBAAC) - Universidade de Lagos, Nigéria), e o Professor Dr. Armindo Ngunga (Conselho Superior da Comunicação Social da República de Moçambique).

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

Agradeço os amigos e parceiros de diferentes instituições de ensino superior do Brasil, que contribuíram para meu crescimento profissional e acadêmico: Prof. Dra. Heldina Pinto Fagundes, Prof. Dr. Silvio Roberto Oliveira (Universidade do Estado da Bahia – UNEB), Jesiel Ferreira de Oliveira Filho (Universidade Federal da Bahia – UFBA), Profa. Dra. Marlise Miriam de Matos Almeida (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), Prof. Dr. Julvan Moreira de Oliveira (Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF), Profa. Dra. Joana Célia Dos Passos (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), Prof. Ddo. Felipe Jorge Kopanakis Pacheco, dentre tantos e tantos que estreitando laços e fortalecendo redes promovem a luta pela equidade plena no Brasil.

Agradeço às chefias da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro com quem atuei nesta minha caminhada na educação pública estadual: na sede Profa. Claudia Raybolt, Profa. Carla Bertânia, Profa. Daniela Carvalho, Profa. Elizabeth de Lima Gil Vieira, Profa. Vanessa Fernandes, Profa. Cirlene Fernandes e equipe de servidores da Escola de Aperfeiçoamento da SEEDUC. Na Coordenadoria Regional Norte Fluminense: Profa. Vanessa Azevedo, Prof. Fábio Júnior Moura, Profa. Renata Arrigoni e todos os profissionais da Coordenação Regional Pedagógica e Coordenação de Regional de Gestão de Pessoas. Aos meus parceiros do Projeto de Reforço Escolar e do Programa de

Mediação de Leitura Normet Galdino Viana, Nirlene Soares, Mathias Lopes Monica, Fabiano Andrade, Marcos Coutinho Ladislau, Verônica de Fátima Caetano de Souza, com quem venho atuando em diferentes projetos e que proporcionaram uma melhor formação e aprofundamento na gestão educacional na esfera pública. Aos meus companheiros Alex Sanders Bogado de Lima e Elisângela Sueli Teixeira Rodrigues, parceiros de trabalho no NuTEF Macaé: A TODOS, MINHA GRATIDÃO!

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

Agradeço a cada instituição e seus representantes, que em diferentes momentos contribuíram com a minha formação, por meio da oferta de recursos para participação em conferências, cursos, eventos, ou oferecendo recursos materiais essenciais para o desenvolvimento de minha formação profissional e acadêmica. Agradeço à Profa. Dra. Elisa Larkin Nascimento e ao IPEAFRO; agradeço à Profa. Dra. Jurema Werneck e a Profa. Lúcia Xavier da Criola; agradeço à Maria Alice Santos do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN). Agradeço ao Pr Robson Botelho e a Pra. Luisiane Castro, da Faculdade Batista de Macaé (FABAMA). Agradeço à Profa. Dra. Fernanda Felisberto e à Heloísa Marcondes, da Kitabu Livraria, pela consultoria e fornecimento de literatura especializada, muito importantes para a minha formação intelectual. Agradeço à Renata Lazzarini Mônaco (Instituto Ayrton Senna – IAS), Marisa Vassimon (Fundação Roberto Marinho), Prof. Dr. Eduardo Quintana (Universidade Federal Fluminense (UFF), Profa. Dra. Rosane Marendino (Universidade Federal Fluminense (UFF), Prof. Dr. Rolf de Souza (Universidade Federal Fluminense (UFF), Prof. Dr. José Geraldo Rocha (Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO). Agradeço à Profa. Dra. Cristiane Brasileiro à Profa. Dra. Rívia Silveira Fonseca, e a toda a equipe da área de Língua Portuguesa com quem atuei em projetos de formação e tutoria, resultado da parceria da SEEDUC/RJ e a Fundação Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ) que enriqueceram a minha formação.

Agradeço à prof. Dra. Sônia Maria Santos, que me apresentou aos “Estudos Negros”, e me indicou possibilidades de crescimento na discussão da temática racial. Agradeço ao Prof. Dr. Júlio César de Tavares, coordenador e orientador de minha primeira especialização em Estudos Culturais e Históricos da Diáspora e Civilização Africana, realizada na FeMASS, e que depois me concedeu a oportunidade de fazer parte de sua equipe no LEECCC/UFF, espaço onde desenvolvi fortes laços de amizade e parcerias intelectuais (e onde também cursei a especialização em Antropologia e Desenvolvimento Cognitivo). MUITO OBRIGADO PELA PARCERIA E AMIZADE!

Agradeço à Profa. Dra. Iolanda Oliveira, da Faculdade de Educação e do PENESB/UFF, onde iniciei a minha atuação em tutoria de cursos de extensão e aperfeiçoamento na temática racial. Pela generosidade orientações que me foram fundamentais na minha caminhada na pesquisa na área de educação. Agradeço à Profa. Dra Tânia Mara Pedroso Muller, pela parceria profissional e acadêmica desde o início de minha atuação no PENESB/UFF sob sua supervisão, e posterior caminhada na pós-graduação. Suas orientações, bem como a supervisão exigente e profissional, nas oportunidades em que trabalhamos juntos em diferentes projetos, contribuíram para que eu pudesse entender mais sobre o funcionamento da esfera pública, após mais de duas décadas de atuação profissional na esfera privada. Pelo privilégio de tê-la em minha banca de qualificação e defesa da tese. **MUITO OBRIGADO PELA CONFIANÇA E APOIO!**

Agradeço aos parceiros da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), representados pela Prof. Dra. Dra. Zélia Amador de Deus, pelo Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso, pela Profa. Dra. Florentina da Silva Souza e pelo Prof. Dr. Roberto Carlos da Silva Borges, por terem oferecido a um pesquisador iniciante a possibilidade de participar da equipe de uma associação de natureza acadêmica de abrangência nacional. **MUITO OBRIGADO PELA OPORTUNIDADE DE APRENDIZADO!**

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

A minha jornada na academia só foi possível, também, pela construção de relações profissionais baseadas no respeito, confiança e solidariedade com colegas de trabalho, com quem venho atuando na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ). Como professor da rede pública estadual, tendo carga horária e dias de trabalho diversificados, em escolas localizadas em municípios diferentes (e até distantes), é difícil ter condições de buscar o aperfeiçoamento acadêmico. Entretanto, pude contar com verdadeiras sócias em meus projetos de formação, que de tudo fizeram para que eu pudesse realizar a minha formação acadêmica. Agradeço à Profa. Helena Maria Souza Barbosa, minha diretora na época do mestrado e início do doutorado, que sempre buscou atender as minhas necessidades sem prejuízo para a unidade escolar e os estudantes a quem atendemos. Agradeço à Profa. Cláudia Reis Guedes e Profa. Christiana Pinto, diretoras da unidade escolar na qual passei a atuar na parte final do doutorado (em um momento extremamente difícil, tanto no contexto político, como na minha vida pessoal), que com extrema generosidade, respeito e acima de tudo humanidade, contribuíram para que eu pudesse apesar das adversidades chegar até aqui. **UBUNTU! “EU SOU PORQUE NÓS SOMOS: UMA PESSOA É UMA PESSOA POR MEIO DE OUTRAS PESSOAS”!**

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

Agradeço à cidade de Rio das Ostras, que acolheu a mim e a minha família, sendo hoje meu lugar de refúgio. Agradeço à Prof. Mauriléa Rodrigues, com quem pude trabalhar no polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB), fruto do convênio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC) com a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) de Rio das Ostras, como bolsista do Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino da Universidade Federal Fluminense (LANTE/UFF), e do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira da Universidade Federal Fluminense (PENESB/UFF).

Agradeço à cidade de Macaé, que me acolheu profissionalmente e onde desenvolvo cotidianamente a minha prática profissional. Pela oportunidade de ter desenvolvido aqui relações amplas, firmes, generosas, e verdadeiras, com muitos profissionais, que tornaram-se amigos e verdadeiros “Malungos” (parceiros de travessia). Em diferentes momentos, fizeram parte de minha trajetória, contribuindo para a construção da história de minha vida. Agradeço ao parceiro, “irmão mais velho, e amigo mais chegado” Jorge Gonzaga Murtinho “Benzé”, companheiro de trabalho na Secretaria de Educação de Macaé, onde militamos na implementação da lei 10.639/2003 nas escolas da rede durante dois anos. A sua cumplicidade militante, amizade sincera, inquietação intelectual e criatividade são características que contribuíram em minha personalidade docente. Além de sua generosa preocupação comigo, seu apoio emocional e material foram fundamentais para que eu enfrentasse e superasse alguns momentos difíceis que enfrentei nesta caminhada: OBRIGADO PARCEIRO, VALEU BENZÉ! MUITO OBRIGADO! Agradeço ao Professor Dr. Luiz Fernandes de Oliveira e ao Professor Dr. Ricardo César Rocha da Costa, parceiros na implementação da discussão racial na área de educação no município de Macaé, que legaram-me grandes contribuições que frutificam até hoje, e que me beneficiaram pessoal e academicamente. OBRIGADO AMIGOS!

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

Agradeço a cada um dos depoentes, jornalistas que atuaram na revista Raça Brasil, e que contribuíram para a realização deste trabalho: Aroldo Macedo, Fernanda Alcântara, Flávio Carrança, Oswaldo Faustino e Sandra Almada. MUITO OBRIGADO!

Agradecimentos adicionais à Fernanda Alcântara (pelo fornecimento dos arquivos digitais de edições que faltavam e fariam parte da análise desta pesquisa) e a Flávio Carrança (pelo envio do exemplar fac-similar sobre a imprensa negra).

Agradeço à Profa. Dra. Maria Elena Viana Souza, minha orientadora do mestrado em Educação, pela contínua parceria intelectual e acadêmica que desenvolveu comigo, e por disponibilizar vários exemplares revista Raça Brasil que me faltavam para a pesquisa. Pela sua participação em minha banca de defesa e qualificação da tese.

Agradeço ao prof. Dr. Amauri Mendes Pereira, professor em uma das especializações cursadas por mim, referência intelectual e que além de estar presente no texto desta pesquisa, fez parte da banca de qualificação da tese; é também para mim exemplo de militância contra o racismo na área de educação.

Agradeço ao Prof. Dr. Diógenes Pinheiro, que além de ter participado do processo de seleção de ingresso ao mestrado, e atuado como docente de disciplinas ministradas durante o curso, também fez parte da banca de qualificação da tese.

Agradeço ao Prof. Dr. José Jairo Vieira, com quem tive a oportunidade de participar de eventos acadêmicos sob a sua coordenação, e também cursar disciplinas durante o doutorado. Tê-lo também em minha banca de qualificação da tese é motivo de gratidão.

Agradeço especialmente à minha orientadora do doutorado, profa. Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira, pela sua postura generosa e compreensiva comigo durante o período do doutorado, em especial na parte final, quando o contexto social, profissional e questões de ordem pessoal, dificultaram de modo extremo a minha caminhada no curso. A sua competência intelectual e indicações de referenciais teóricos necessários para o bom desenvolvimento da pesquisa, foram fundamentais para que conseguisse completar a caminhada iniciada há quatro anos e meio atrás. **MUITO OBRIGADO POR TUDO!**

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

Aos amigos que fomos adquirindo durante nossa caminhada, e que se tornaram parte de nós. Em cada etapa dessa jornada, fizeram-na mais rica, valorosa e acima de tudo relevante. Seja na esfera educacional, profissional ou pessoal, tenham certeza que fizeram (e ainda fazem) toda a diferença. Da profa. Dra. Sônia Maria Santos, no início de tudo, até a Profa. Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira, (na etapa do doutorado), cada um/uma de vocês foi exemplo e referência que me constituíram no que sou. Fizeram a caminhada antes, foram tornando o caminho menos árido e permitiram que pudéssemos chegar até aqui (com condições de, agora, poder e dever fazer o mesmo por outros). A cada um de vocês, **MINHA GRATIDÃO, MEU RESPEITO E MEU RECONHECIMENTO!**

Agradeço a cada colega de trabalho, com quem convivi em cada um dos espaços pelos quais passei nesta década de atuação profissional e a quem externo a minha **GRATIDÃO!**

Agradeço a cada estudante, dos diferentes cursos e níveis nos quais atuei, e que dispensaram atenção aos conhecimentos que pude compartilhar, e estimularam a minha busca pelo conhecimento por meio de suas dúvidas: MUITO OBRIGADO!

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

Agradeço à Deus pela família espiritual que me concedeu, quando de minha chegada à Região dos Lagos: inicialmente a Primeira Igreja Batista em Barra de São João, onde no momento mais difícil de minha vida (quando eu e meu filho Matheus fomos vitimados gravemente em um acidente automobilístico em 2005), acolheu a mim e a minha família de forma plena e generosa, demonstrando a compaixão e a misericórdia referenciadas no verdadeiro Evangelho. Agradeço ao Pr. Zedequias da Costa e família, ao irmão Paulo Freitas e família, bem como aos demais membros da referida igreja, que demonstraram na prática o amor cristão genuíno, nos deram todo o sustento espiritual, emocional e material que precisávamos, e permitiram a mim e a minha família superar este episódio trágico de nossa história. **DEUS RESPLANDEÇA A SUA GRAÇA SOBRE ESTA IGREJA RICA E ABUNDANTEMENTE!**

Agradeço, em especial, à família Barros Guimarães: Aldir (in Memoriam), Celita, Marcelo, Leonardo e Glorialice, que nos adotaram como parte de sua família, tornaram-se pai, mãe e irmãos do coração, e até hoje fazem parte de nossa vida, nas horas boas e ruins, nos momentos de alegria e tristeza, na saúde e na doença, compartilhando o verdadeiro amor de Deus. **DEUS OS ABENÇOE ABUNDANTEMENTE!**

Agradeço à Deus pela Primeira Igreja Batista em Jardim Marilea, onde estamos desde 2012. Agradeço ao Pr. Fábio Marinho Martins e família, e aos demais ministros e lideranças da igreja. Deus tem nos abençoado entre os irmãos, que no seu cuidado conosco, demonstram seu verdadeiro compromisso de servir ao Senhor, servem uns aos outros em amor. Agradecemos a generosidade, respeito e apoio que dispensam a mim e a minha família, em todo tempo. **QUE VOCÊS RECEBAM A ABUNDANTE GRAÇA DE DEUS CONTINUAMENTE!** Agradeço às irmãs Marcia e Odelina, bem como aos participantes do ministério de intercessão da igreja, que dispensaram tempo para buscar à Deus em meu favor, nos momentos finais desta jornada: **DEUS ABENÇOE A VOCÊS!** Agradeço, em especial, ao Pr. José Franco e à Fabrícia, sua esposa, pelo inestimável apoio, sustento (material e espiritual), a parceria e o cuidado demonstrados por mim, nos últimos tempos, e que fizeram toda a diferença. **GRAÇAS DOU A DEUS PELA VIDA DE VOCÊS, E QUE ELE ABUNDANTEMENTE OS ABENÇOE!**

GRATIDÃO E PRIVILÉGIO!

Agradeço à Deus pelos meus familiares (tios/as, primos/as, sobrinhos/as, sogro, cunhados/as) com quem podemos contar sempre, e que nos momentos mais difíceis cuidaram de mim e dos meus, lutando conosco e nos fortalecendo e sustentando até o fim. Finalmente, agradeço à Deus pela minha família: minha esposa Izabel, Matheus e Rachel (meus filhos) e Jacqueline (minha nora). Agradeço pelo amor, compreensão, respeito, apoio e cuidado. Agradeço pela parceria, confiança, e acima de tudo, pela generosidade. Pela comunhão em todos os sentidos, pela renúncia amorosa e consciente, que tornaram possível essa minha caminhada dos últimos dez anos. Agradeço por abrirem mão de suas possibilidades, desejos e até mesmo necessidades: para permitir que eu pudesse avançar, em alguns momentos vocês recuaram....

Agradeço especial e eternamente a você, Izabel, por ser em todo tempo, “a mulher sábia que edifica a sua casa”: esposa, amiga mãe, parceira para tudo, em todo o tempo! Desde a sua entrada na minha vida, construímos juntos esta história, que apesar de tudo, tem valido a pena. Agradeço pelo amor, amizade, respeito, cuidado. Agradeço por não ter desistido de mim, e por não ter deixado (muitas vezes), que eu desistisse. Esteve ao meu lado até mesmo quando voltei a caminhar, e me acompanhava por toda parte, contando até quantos degraus eu teria de subir para chegar à sala de aula, lembra? Cada degrau superado e galgado até aqui é fruto de seu amor e sua parceria. Agradeço por me apoiar em todo tempo, e tenha certeza, sem a sua presença e ação, nada teria sido possível. O que posso dizer? Simplesmente: OBRIGADO POR TUDO, TE AMO!

FINALMENTE, agradeço “àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós, a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre! Amém!” (Efésios 3:20,21)

EBENÉZER: ATÉ AQUI NOS AJUDOU O SENHOR! (1 Samuel 7:12)

Epígrafe

(...) nós que estamos no presente somos todos, em potencial, mães e pais daqueles que virão depois. Reverenciar os ancestrais significa, realmente, reverenciar a vida, sua continuidade e mudança. Somos os filhos daqueles que aqui estiveram antes de nós, mas não somos seus gêmeos idênticos, assim como não engendramos seres idênticos a nós mesmos. (...) desse modo, o passado torna-se nossa fonte de inspiração; o presente, uma arena de respiração; e o futuro, nossa aspiração coletiva.

Ngugi wa Thiong'o (1997, p.139).

RESUMO

A revista “Raça Brasil”, lançada em setembro de 1996, tornou-se sucesso editorial como publicação voltada ao público negro brasileiro. Durante os vinte e um anos de sua existência, constituiu-se em um produto editorial voltado para o entretenimento, que buscava a quebra da invisibilidade da população negra na mídia, e também atuou na luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil.

Na construção de sua trajetória editorial, a publicação quebrou paradigmas em relação a presença e atuação de profissionais negros em suas equipes de colaboradores e em cargos de direção e chefia (normalmente em minoria nas grandes empresas e espaços da área de comunicação social brasileira). Nos conteúdos veiculados em suas edições, buscou promover o resgate da história negra, a valorização da negritude, e da cultura africana e afro-brasileira.

A revista Raça Brasil, para além de entretenimento e valorização estética, tornou-se um instrumento de ação política, e também um agente de (re)enquadramento positivo da memória do/sobre o negro na sociedade brasileira. Destacar a contribuição da revista Raça Brasil na construção de uma memória comunicativa da negritude em diáspora, por meio da análise dos conteúdos veiculados nas seções da publicação e dos depoimentos dos profissionais que participaram de sua equipe editorial é a proposta desta pesquisa.

Palavras-chave: Memória Social; Revista Raça Brasil; Imprensa Negra; Negritude; Reconhecimento.

ABSTRACT

The magazine "Brazil Race", released in September 1996, became editorial success as publication aimed at black audiences. During the twenty-one years of your existence, in an editorial product dedicated to entertainment, that sought to break the invisibility of the black population in the media, and also served in the fight against prejudice and racial discrimination in Brazil.

In building your editorial trajectory, the publication broke paradigms regarding the presence and activity of black professionals in its staff and teams in positions of leadership and direction (usually in the minority on big business and social communication spaces brazilian). Content provided on your edits, sought to promote the recovery of black history, the valuation of blackness, and African and Afro-Brazilian culture.

The Brazil Race magazine, in addition to entertainment and aesthetic appreciation, has become an instrument of political action, and also a (re) positive memory/framework on the negro in brazilian society. Highlight the contribution of the magazine Race Brazil in building a communicative memory of blackness in diaspora, through the analysis of the contents provided in the sections of the publication and the testimonials of the professionals who participated in your editorial team is the proposal of this research.

Keywords: Social Memory; Magazine Brazil Race; Black Press; Blackness; Recognition.

RÉSUMÉ

Le magazine « Brésil Race », sorti en septembre 1996, est devenu le succès éditorial comme publication destinée à un public noir. Au cours des vingt et une années de votre existence, en un produit éditorial dédié au divertissement, qui cherchait à briser l'invisibilité de la population noire dans les médias et également servi dans la lutte contre les préjugés et la discrimination raciale au Brésil.

Dans la construction de votre trajectoire de rédaction, la publication a battu paradigmes concernant la présence et l'activité des professionnels noirs dans son équipe et les équipes dans des positions de leadership et direction (habituellement dans la minorité sur les grandes entreprises et des espaces de communication sociale brésilien). Contenu fourni sur vos modifications, a cherché à promouvoir le rétablissement de l'histoire des noirs, la valorisation de la noirceur et de la culture africaine et afro-brésilienne.

Le magazine de la course du Brésil, en plus de divertissement et de l'appréciation esthétique, est devenu un instrument d'action politique et aussi une (re) mémoire/cadre positif sur le nègre dans la société brésilienne. Souligner la contribution du Brésil course magazine dans la construction d'une mémoire communicative de noirceur dans la diaspora, par le biais de l'analyse du contenu fournis dans les sections de la publication et les témoignages des professionnels qui ont participé à votre équipe éditoriale est la proposition du présent recherche.

Mots-clés : Mémoire Sociale ; Magazine Brésil course ; Presse de noir ; Noirceur ; Reconnaissance.

LISTA DE ABREVIATURAS

SIGLA	DESCRIÇÃO	PG.
ALERJ	Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro	169
ASWAD	Association for the Study of the Worldwide African Diaspora	201
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	45
CECIERJ	Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro	45
COJIRA	Comissão dos Jornalistas pela Igualdade Racial	188
EBC	Empresa Brasil de Comunicação	55
FUNAI	Fundação Nacional do Índio	30
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas	108
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	59
LANTE	Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino	45
LEECCC	Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição	201
MEC	Ministério da Educação	45
MNU	Movimento Negro Unificado	108
MNUCDR	Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial	90
OPNI	Objetos Pixadores Não Identificados	141
PENESB	Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira	45
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios	62
SEEDUC/RJ	Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro	45
UFF	Universidade Federal Fluminense	45
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura	083
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas	121
USP	Universidade de São Paulo	44

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - CABEÇALHO DO PASQUIM O HOMEM DE CÔR	74
FIGURA 2 - CABEÇALHO DO JORNAL O BALUARTE, NÚMERO 3, 1904	77
FIGURA 3 - TRECHO DA CAPA DO JORNAL O BALUARTE, NÚMERO 3, 1904.....	78
FIGURA 4 - CAPA DO JORNAL O BANDEIRANTE, NÚMERO 2, 1918.....	79
FIGURA 5 - CAPA DO JORNAL O BANDEIRANTE, NÚMERO 4, 1919.....	79
FIGURA 6 - CAPA DO JORNAL TRIBUNA NEGRA, NÚMERO 1, 1935.....	80
FIGURA 7 - CAPA DA REVISTA SENZALA, 1946	81
FIGURA 8 - CAPA E CONTRA-CAPA DO JORNAL “QUILOMBO: VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO”	82
FIGURA 9 - CAPA DO JORNAL HÍFEN, NÚMERO 14, DEZEMBRO DE 1960.....	85
FIGURA 10 - EXPOSIÇÃO IMPRENSA NEGRA USP	90
FIGURA 11 - JORNAL ÁRVORE DAS PALAVRAS (1974)	94
FIGURA 12 - VERSUS E O INÍCIO DA PUBLICAÇÃO DA SEÇÃO AFRO LATINO- AMÉRICA	97
FIGURA 13 - 1ª. EDIÇÃO AFRO-LATINO-AMÉRICA	98
FIGURA 14 - HOMENAGEM A HAMILTON CARDOSO	99
FIGURA 15 - JORNEGRO (CAPA ED. 1, ANO 1, 1978).....	100
FIGURA 16 - JORNEGRO (ED. 1, ANO 1, 1978, P.2).....	100
FIGURA 17 - JORNEGRO (CAPA ED. 6, ANO 2, 1979)	101
FIGURA 18 - JORNEGRO (ED. 6, ANO 2, 1979, P.1)	101
FIGURA 19 - JORNEGRO (CAPA ED. 8, ANO 3, 1980).....	102
FIGURA 20 - JORNEGRO (ED. 8, ANO 3, 1980, P.2).....	102
FIGURA 21 - REVISTA TIÇÃO No. 1 – 1978.....	104
FIGURA 22 - REVISTA TIÇÃO No. 1 – 1979	104
FIGURA 23 - JORNAL TIÇÃO No. 1 - 1980	104
FIGURA 24 - JORNAL SINBA No. 2 – 1979	105
FIGURA 25 - DESTAQUE CAPA.....	105
FIGURA 26 - JORNAL NÊGO No. 14, 1988	106
FIGURA 27 - JORNAL NÊGO No. 14 , P.2.....	106
FIGURA 28 - CAPA ED. 17, SET/OUT/NOV.1989	107
FIGURA 29 - DESTAQUE ED. 17, SET/OUT/NOV.1989, P.2	107
FIGURA 30 - ED. 17, SET/OUT/NOV.1989, P.3	108
FIGURA 31 - ED. 17, SET/OUT/NOV.1989, P.7	109
FIGURA 32 - CAPA ED. 19, MAI/JUN/JUL.1991	110
FIGURA 33 - ED. 19, MAI/JUN/JUL.1991, P.8.....	110
FIGURA 34 - ED. 19, MAI/JUN/JUL.1991, P.9.....	110
FIGURA 35 - ED. 19, MAI/JUN/JUL.1991, P. 7	110
FIGURA 36 - REVISTAS DÉCADA DE 1990.....	112
FIGURA 37 - PLANETA HIP HOP (2000).....	113
FIGURA 38- CAPAS REVISTA RAÇA BRASIL (2013-2015).....	131
FIGURA 39 - PERSONALIDADES DAS CAPAS DA REVISTA RAÇA BRASIL	132
FIGURA 40 - MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA DO NEGRO NO BRASIL.....	229
FIGURA 41 - LIVROS MAURÍCIO PESTANA (1)	230
FIGURA 42 - LIVROS COLEÇÃO MÃE ÁFRICA MAURÍCIO PESTANA	232
FIGURA 43 - REVISTA RAÇA BRASIL EDIÇÃO 197.....	234

FIGURA 44 - SITE REVISTA RAÇA BRASIL (1).....	237
FIGURA 45 - SITE REVISTA RAÇA BRASIL (2).....	237
FIGURA 46 - SITE REVISTA RAÇA BRASIL (CONTATO).....	238
FIGURA 47 - CONTATOS/MENSAGENS RAÇA BRASIL	238
FIGURA 48 - REVISTA RAÇA NO FACEBOOK	240

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - TEMAS DAS MATÉRIAS DE CAPA DA REVISTA RAÇA BRASIL ...	126
TABELA 2 - EDITORIAS DA RAÇA BRASIL (EDIÇÕES 175-194)	136
TABELA 3 - TEMAS COLUNA OPINIÃO DE RAÇA	138
TABELA 4 - ENTREVISTADOS COLUNA PÁGINAS PRETAS.....	150
TABELA 5 - DIFERENÇAS ENTRE MEMÓRIAS (ASSMANN).....	165
TABELA 6 - COLUNAS/SEÇÕES X CONCEITOS.....	166
TABELA 7 - AUTORES/CONCEITOS PRESENTES NOS CONTEÚDOS.....	167
TABELA 8 - MATERIAS DE CAPA E ESPECIAIS RAÇA BRASIL.....	176

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
1. Os impactos do preconceito e da discriminação na sociedade brasileira.	27
2. De invisível a negro: desconstruindo o sortilégio da cor.	34
3. Conhecendo e confrontando o racismo.	38
4. O que significa “ser negro no Brasil”?	47
5. O empoderamento da identidade negra: erguendo quilombos na mídia do Brasil.....	52
6. Contextualizando a pesquisa: refletindo sobre os conteúdos da “Raça Brasil”. .	58
CAPÍTULO 1 - IMPRENSA NEGRA E MEMÓRIA SOCIAL	67
1.1. A comunicação social e a imprensa no Brasil.	67
1.2. Imprensa negra: definições e cores de um tema.....	70
1.3. Imprensa negra e memória: entre lembranças e esquecimentos.	86
1.4. A imprensa alternativa: alternativa para a imprensa negra.	92
CAPITULO 2 - IDENTIDADE NEGRA, NEGRITUDE E RECONHECIMENTO NOS CONTEÚDOS DA RAÇA	115
2.1. Raça Brasil quebrando paradigmas no mercado editorial brasileiro.	115
2.2. Raça Brasil quebrando paradigmas: de produto midiático a objeto de pesquisa acadêmica.	121
2.3. Raça Brasil quebrando paradigmas: conteúdos afirmativos e reflexivos sobre a negritude no Brasil e na Diáspora.	124
2.3.1. Panorama dos conteúdos das versões impressas de Raça Brasil.....	127
2.3.1.1. Capas da Raça	131
2.3.1.2. Sumários da Raça	133
2.3.1.3. Editoriais da Raça.....	134
2.3.1.4. Opiniões de Raça.....	136
2.3.1.5. Coluna Interativa / Espaço do Leitor.....	139
2.3.1.6. Coluna Na Pegada	139
2.3.1.7. Coluna Estilo	139
2.3.1.8. Coluna Perfil	141
2.3.1.9. Coluna Quadro Negro	141
2.3.1.10. Coluna Raízes.....	144
2.3.1.11. Coluna Receitas da Terra Mãe	145
2.3.1.12. Coluna Painel	145
2.3.1.13. Coluna Festas e Eventos.....	147
2.3.1.14. Coluna Negros em Movimento	147

2.3.1.15. Coluna Humor	147
2.3.1.16. Página Onde Achar.....	147
2.3.1.17. Coluna Páginas Pretas	147
2.3.1.18. Matérias de Capa.....	151
2.3.1.19. Especiais.....	151
2.3.1.20. Entrevistas	151
2.3.1.21. Informes diversos/publicitários	151
2.3.1.22. Colunistas	152
2.3.1.23. Coluna Margareth Menezes	152
2.3.1.24. Coluna Moisés da Rocha.....	154
2.3.1.25. Coluna Fábio Rogério	155
2.3.1.26. Coluna Bianca Santana	157
CAPITULO 3 - MEMÓRIAS DA RAÇA: VOZES DA IMPRENSA NEGRA DO SÉCULO XXI.	160
3.3. Resgatando memórias: histórias de quem fez e faz a Raça Brasil.	160
3.4. Raça Brasil quebrando paradigmas: vozes negras refletindo sobre a questão racial.....	173
3.4.1. Aroldo Macedo.....	178
3.4.2. Fernanda Alcântara.	184
3.4.3. Flávio Carrança.	188
3.4.4. Oswaldo Faustino.....	193
3.4.5. Sandra Almada	199
3.4.6. Maurício Pestana.	208
3.5. Imprensa e literatura aliadas no combate ao racismo.....	215
3.5.1. Aroldo Macedo.....	218
3.5.2. Flávio Carrança.	220
3.5.3. Oswaldo Faustino.....	221
3.5.4. Sandra Almada.	227
3.5.5. Maurício Pestana.	228
3.6. Raça Brasil do impresso para o digital: a virtualização da mídia negra.	234
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	245
A revista Raça Brasil e o discurso sobre o negro na imprensa contemporânea. ...	245
REFERÊNCIAS:	248
ANEXOS	279
ANEXO 1 - JORNALISMO BRASILEIRO: QUEM PRODUZ OPINIÃO?.....	280
ANEXO 2 - COLUNA INTERATIVA/ESPAÇO DO LEITOR	281

ANEXO 3 - IMAGENS COLUNA “NA PEGADA”	281
ANEXO 4 - IMAGENS COLUNA “ESTILO”	282
ANEXO 5 - IMAGENS COLUNA “ESTILO”	282
ANEXO 6 - IMAGENS COLUNA “PERFIL”	283
ANEXO 7 - IMAGENS COLUNA “QUADRO NEGRO” (1).....	283
ANEXO 8 - IMAGENS COLUNA “QUADRO NEGRO” (2).....	283
ANEXO 9 - TRABALHO DO GRUPO O.P.N.I.	284
ANEXO 10 - IMAGENS COLUNA “RAÍZES”	284
ANEXO 11 - COLUNA RAÍZES	285
ANEXO 12 - COLUNA RECEITAS DA TERRA MÃE	285
ANEXO 13 - IMAGENS COLUNA “PAINEL”	286
ANEXO 14 - IMAGENS COLUNA “FESTAS E EVENTOS”	287
ANEXO 15- IMAGENS COLUNA “NEGROS EM MOVIMENTO”	287
ANEXO 17 - Página Onde Achar	289
ANEXO 18 - COLUNA PÁGINAS PRETAS	290
ANEXO 19 - LIVRO RACISMO: COTAS E AÇÕES AFIRMATIVAS	290
ANEXO 20 - COLUNA PÁGINAS PRETAS	291
ANEXO 21 - COLUNA PÁGINAS PRETAS	292
ANEXO 22 - MATÉRIAS DE CAPA RAÇA BRASIL	293
ANEXO 23 - IMAGENS “ESPECIAIS DA RAÇA BRASIL”	294
ANEXO 24 - COLUNA ENTREVISTA, RUTH DE SOUZA	295
ANEXO 25 - MATÉRIAS DIVERSAS/PUBLICITÁRIAS	295
ANEXO 26 - COLUNA MARGARETH MENEZES	296
ANEXO 27 - COLUNA MOISÉS DA ROCHA.....	296
ANEXO 28 - COLUNA FÁBIO ROGÉRIO	296
ANEXO 29 - COLUNA BIANCA SANTANA.....	296
ANEXO 30 - EQUIPE EDITORIAL RAÇA BRASIL (1996)	297
ANEXO 31 - QUEM É QUEM NA RAÇA (1998-1).....	297
ANEXO 32 - QUEM É QUEM NA RAÇA	297
ANEXO 33 - QUEM É QUEM NA RAÇA	298
ANEXO 34 - TALENTOS DA REDAÇÃO	298
ANEXO 35 - DIRETORES/AS - EDITORES/AS NEGROS DA RAÇA BRASIL	
299	
ANEXO 36 - EQUIPE EDITORIAL 2013	299
ANEXO 37- EQUIPE EDITORIAL 2014	299

ANEXO 38- PROFISSIONAIS DA EQUIPE EDITORIAL DA RAÇA BRASIL (2013/2015)	300
ANEXO 39 - REPORTAGEM "E AS COTAS VENCERAM!"	301
ANEXO 40 - REPORTAGENS ESPECIAS.....	301
ANEXO 41 - RAÇA BRASIL NO FACEBOOK	301
ANEXO 42 - REPORTAGEM "PONHA A CARA NA MÍDIA	302
ANEXO 43 - REPORTAGEM JORNAIS BRASILEIROS SEPARAM VIOLÊNCIA E RACISMO.....	302
ANEXO 44 - REPORTAGEM "QUAL O REMÉDIO DOUTOR?"	302
ANEXO 45 - REPORTAGENS SOBRE JUVENTUDE NEGRA	303
ANEXO 46 - REPORTAGENS SOBRE FAMÍLIAS NEGRAS	303
ANEXO 47 - REPORTAGENS COLUNA MEMÓRIA SANDRA ALMADA (1) 303	
ANEXO 48 - REPORTAGENS COLUNA MEMÓRIA SANDRA ALMADA (2) 304	
ANEXO 49 - ENTREVISTA COM LÁZARO RAMOS SANDRA ALMADA	304
ANEXO 50 - ENTREVISTA CULTNE SANDRA ALMADA	305
ANEXO 51 - MAURÍCIO PESTANA NA REVISTA ISTO É DINHEIRO	305
ANEXO 52 - LIVROS AROLDO MACEDO/ OSWALDO FAUSTINO	306
ANEXO 53 - REVISTAS LUANA.....	306
ANEXO 54 - CAPA LIVRO "ESPELHO INFIEL: O NEGRO NO JORNALISMO BRASILEIRO / CAPA LIVRO "IMPrensa NEGRA"	306
ANEXO 55 - LIVROS SANDRA ALMADA	307
ANEXO 56 - DISSERTAÇÃO SANDRA ALMADA	307

ENSINAMENTOS - Esmeralda Ribeiro¹

Ser invisível quando não se quer ser
é ser mágico nato.

Não se ensina, não se pratica, mas se aprende.
no primeiro dia de aula aprende-se
que é uma ciência exata.

O invisível exercita o ser “zero à esquerda”
o invisível não exercita a cidadania.
As aulas de emprego, casa e comida
são excluídas do currículo da vida.

Ser invisível quando não se quer ser
é ser um fantasma que não assusta ninguém.
Quando se é invisível sem querer
ninguém conta até dez
ninguém tapa ou fecha os olhos
a brincadeira agora é outra
os outros brincam de não nos ver.

Saiba que nos tornamos invisíveis
sem truques, sem mágicas.
Ser invisível é uma ciência exata.
Mas o invisível é visto no mundo financeiro
é visto para apanhar da polícia
é visto na época das eleições
é visto para acertar as contas com o Leão
para pagar prestações e mais prestações.

É tanto zero à esquerda que o invisível
na levada da vida soma-se
a outros tantos zero à esquerda
para assim construir-se humano.

¹ RIBEIRO, Esmeralda. Ensinamentos. Disponível em:
<https://kukalesa.wordpress.com/2013/05/19/dilogos-com-a-negritude-nas-poesias-dos-cadernos-negros/>

INTRODUÇÃO

1. Os impactos do preconceito e da discriminação na sociedade brasileira.

A existência e impactos da discriminação e do preconceito no Brasil são questões que precisam ser problematizadas de modo profundo, em virtude de em pleno século XXI serem as causas de diferentes formas de exclusão, violência e de promoção e manutenção de desigualdades de diferentes naturezas.

Na perspectiva racial, ainda vigora no imaginário social a existência de uma democracia racial e da inexistência de racismo na sociedade brasileira. De acordo com Domingues (2005, p.116) “*democracia racial, a rigor, significa um sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação*”. A democracia racial de acordo com Nascimento (1978, p.41) :

refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas.

A realidade cotidiana do Brasil nega qualquer das duas conceituações: o racismo está institucionalizado na estrutura da sociedade brasileira, o preconceito e a discriminação racial são constantes e tampouco há harmonia entre as diferentes etnias que compõem a pirâmide social. A desigualdade racial é flagrante: os piores indicadores sociais são da população negra, que está exposta a uma situação de exclusão e marginalidade social. Esta situação é histórica, e ocorrências de discriminação contra negros e indígenas fazem parte da sociedade brasileira, que as trata com certa naturalidade. Theodoro (2013, p2) observa que:

Sob a ideologia racista, a existência da pobreza e da miséria e, mais grave, sua persistência, não se impõe como um problema social. Ao contrário, apresenta-se normalizada, parte da paisagem social. Afinal, em uma sociedade de indivíduos intrinsecamente distintos, o racismo opera, legítima e engessa uma hierarquia social, operando uma escala de valores onde se torna aceitável e mesmo justificável que os elementos tidos como superiores devessem alçar posições sociais privilegiadas enquanto que aos demais, reafirmados ou naturalizados em sua condição de inferioridade, restariam os lugares subalternos.

O racismo estabelece fronteiras. O racismo segrega, exclui, desigual. O racismo promove hierarquizações e fundamenta a construção de inferioridades inexistentes. No discurso, entre o dizível e o indizível, que se manifestam de diferentes formas. Na esfera

do dizível, exercita-se o “dizer sem dizer”: usam-se de expressões que esvaziam o sentido negativo, pejorativo, degradante. A utilização de eufemismos é uma das estratégias do racismo discurso presente na sociedade brasileira. Na esfera do indizível, simplesmente utiliza-se do recurso da invisibilidade. Não dizer, não mostrar, negar a existência a partir de um lugar de hegemonia e poder. Theodoro (2013, p.1) destaca que:

A sociedade brasileira convive histórica e estruturalmente com o racismo, que perpassa as relações sociais e inscreve no país uma forma particular de convivência entre desiguais. Como ideologia que diferencia e hierarquiza os indivíduos em função de sua aparência, o racismo molda uma sociedade que se assenta na existência e naturalização da desigualdade e dela faz uma base específica de apoio e funcionamento.

Theodoro (2013, p.2) afirma ainda que “*o racismo transforma diversidade em desigualdade. E ao longo dos séculos, a sociedade brasileira se estruturou a partir da desigualdade. Nossa modernidade se galga, em grande parte, na presença de desigualdades extremas, sociais e raciais*”. Podemos considerar que desde a chegada do colonizador europeu, a visão de povos considerados “diferentes” acabou por estruturar a promoção de discursos que desconsideravam a sua humanidade, e fundamentou a visão de inferioridade dos povos “diferentes”, que foram desde então considerados bárbaros e selvagens.

O que devemos fazer, então, para lidar com a questão da(s) diferença(s)? Mbembe (apud Ruckteschell-Katte, 2016), refletindo sobre a diferença observa:

A questão é: O que queremos dizer com a palavra diferença? Por que ela está tão naturalizada? E o que devemos fazer com a diferença? A premissa aqui é de que a diferença tem que ser reconhecida, aceita e ao mesmo tempo transcendida. Pois a suposição – não apenas no mundo em que vivemos hoje, mas também em períodos anteriores da história humana – é de que a diferença é um problema com o qual se precisa lidar. Então o primeiro movimento que poderíamos desejar fazer é questionar tal suposição. Por que é que achamos que a diferença é um problema? Por que ela não é simplesmente um fato da realidade? A diferença é um problema apenas se acreditarmos que a uniformidade é o estado normal das coisas. A diferença se tornou um problema político e cultural no momento em que o contato violento entre povos, por meio da conquista, do colonialismo e do racismo, levou alguns a acreditarem que eram melhores que outros. No momento em que começamos a fazer classificações, institucionalizar hierarquias em nome da diferença, como se as diferenças fossem naturais e não construídas, acreditando que são imutáveis e portanto legítimas, aí sim estamos em apuros.

A desumanização, e a posterior coisificação dos diferentes (indígenas e negros) acabam por estruturar as desigualdades existentes ainda hoje na sociedade brasileira. Por meio de documentos promulgados por autoridades religiosas, como as bulas papais (como

a *Dum Diversas*, por exemplo)² os povos alcançados pelas expedições europeias poderiam ser reduzidos à servidão. Os índios obtiveram o reconhecimento de sua humanidade e livramento da servidão na *Bula Sublimus Dei* e na encíclica *Veritas Ipsa*.³ Dzidzienyo (1997, p. 187), acerca da maneira como foi desenvolvida a dinâmica das relações raciais no Brasil, também observa a influência da hierarquização dos indivíduos por meio dos “estatutos de pureza de sangue” vigentes no período colonial como um dos fundamentos do preconceito racial existente em nossa sociedade:

Embora haja muitas permutações de mistura racial no Brasil, geralmente se afirma que o Brasil evitou as armadilhas da América do Norte, onde a ideologia e a prática de dividir a população nos grupos negro e branco, sem o reconhecimento de categorias intermediárias, resultou na condenação de todos os que não pudessem ser considerados brancos “puros” a uma indesejável negritude. (Essa observação de fato não ignora a obsessão com a pureza de sangue que caracterizou a América Latina no período colonial; resíduos dessa preocupação com pureza aparecem na atual obsessão com a cor da pele.) Não obstante, na escala de preferência, a brancura está no topo e a negritude, na base, regra geral que se aplica às Américas como um todo, bem como ao Caribe.

De acordo com dados da FUNAI⁴ “*desde 1500 até a década de 1970 a população indígena brasileira decresceu acentuadamente e muitos povos foram extintos*”. O gráfico com os dados demográficos existente no site, a população indígena total estimada em 1500 era de 3 milhões de indivíduos, e em 2010 esta população seria estimada em aproximadamente 818 mil pessoas. Percentualmente, a população indígena que representava 100% da população em 1500 passa a representar em 2010 apenas 0,26% da população atual. Segundo a análise da FUNAI, expressa em seu site, “*o desaparecimento*

² Bula papal *Dum diversas* é uma bula papal emitida a 18 de Junho de 1452 pelo papa Nicolau Ve dirigida ao rei Afonso V de Portugal acompanhada pelo breve apostólico *Divino amore communiti*. Por aquela bula os portugueses eram autorizados a conquistar territórios não cristianizados e consignar a escravatura perpétua os sarracenos e pagãos que capturassem, razão pela qual é considerada frequentemente como o advento do comércio e tráfico europeu de escravos na África Ocidental. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dum_diversas

³ Bula *Veritas Ipsa* Em 1537, o papa Paulo III (1534-1549), através da bula *Sublimus Dei* (23 de maio) e da encíclica *Veritas ipsa* (9 de Junho), lembrou, aos cristãos, que os índios "das partes ocidentais, e os do meio-dia, e demais gentes", eram seres livres por natureza. Nunca, no entanto, a escravatura foi proibida até ao século XIX, e sempre os papas se dirigiram a casos pontuais. Tanto que, por várias bulas, Portugal tinha privilégio do comércio de escravos, mas não de fazer escravos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abolicionismo>

⁴ FUNAI - A Fundação Nacional do Índio é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>

dos povos indígenas passou a ser visto como uma contingência histórica, algo a ser lamentado, porém inevitável”.

A população indígena de majoritária passa a representar apenas 0,26% da população brasileira. O decréscimo da população indígena (considerado “inevitável” pelo órgão governamental responsável pela promoção de políticas de defesa desta população) demonstra o quão falacioso é o mito da democracia racial, e quanto é forte a naturalização e banalização da violência racial, considerada “lamentável” pela FUNAI.

A população negra é inserida no país por meio do tráfico atlântico de escravos, provenientes da África. Segundo matéria do site Geledés “*a tese mais aceita é a de que em 1538, Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros escravos africanos*”. Silva Jr. (2012, p. 181) afirma que “entre 1526 e 1867, quase cinco milhões de africanos aqui desembarcaram”. Dados disponíveis no site “Slave Voyages”⁵ estimam um número de 5.848.265 de africanos escravizados embarcados para o Brasil (de um total de 12.521.337) do século XVI até o século XIX.

Deste total de embarcados (5.848.265), estima-se que 5.099.815 (87,20%) desembarcaram com vida nos portos brasileiros, ou seja, 748.450 africanos escravizados não suportaram a travessia e morreram durante a viagem - número de pessoas próximo a população atual de grandes municípios brasileiros, como Santo André (S.P.) e Nova Iguaçu R.J.)⁶. Estes números demonstram a dimensão do quão violento e degradante foi o tráfico. De acordo com texto publicado no site, a respeito dos principais portos de embarque de escravos entre os séculos XVI e XIX, o Brasil foi o principal porto por onde circularam os africanos escravizados (mais da metade do total de embarcados):

O Brasil foi o centro do tráfico de escravos realizado sob a bandeira portuguesa, tanto antes quanto depois da independência brasileira, em 1822, e Portugal foi de longe a maior nação transportadora. O Brasil dominou o tráfico de escravos na medida em que partiram do Rio de Janeiro e da Bahia mais viagens negreiras do que de qualquer porto europeu, sem dúvida muito mais do que de Lisboa.

Por quase três séculos – de 1560 a 1850 – o Brasil foi sempre o maior destino de escravos nas Américas. Quase todos os cativos transportados para o Brasil vieram de apenas duas regiões costeiras da África: o golfo do Benim e a África Centro-Occidental.

⁵ **Site Slave Voyages** - O Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico é o resultado de várias décadas de pesquisas independentes e colaborativas, com base em dados encontrados em bibliotecas e arquivos de todo o mundo atlântico. Disponível em: <http://www.slavevoyages.org/>

⁶ Lista de municípios brasileiros com mais de mil habitantes. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_do_Brasil_por_popula%C3%A7%C3%A3o

Cabe destacar ter sido o Brasil o último país a abolir a escravidão, que só foi oficialmente decretada por meio da Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888:

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comercio e Obras Publicas e interino dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67º da Independência e do Império.

Princesa Imperial Regente.

RODRIGO AUGUSTO DA SILVA

Moore (2007, p. 38) afirma que *“racismo é um fenômeno eminentemente histórico ligado a conflitos reais ocorridos na história dos povos”*. Em consonância com Moore, Ianni (2001, p. 21) também observa que *“vista assim, em perspectiva ampla, a história do mundo moderno é também a história da questão racial, um dos dilemas da modernidade. A mudança temporal e histórica não se mostra suficiente para mudar a forma como estão construídas as relações entre os diferentes participantes dos espaços e contextos territoriais, e sua presença nas estruturas sociais. Ianni (2004, p.1) destaca ainda que:*

A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de algo que existe desde há muito tempo. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente. Esse é o enigma com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

A hierarquia racial construída historicamente no Brasil estabeleceu uma condição de superioridade dos brancos em relação aos não-brancos; estes estariam na base da pirâmide, enquanto aqueles se estariam no topo. Fernandes (1972, p. 14) observa que *“o Brasil que resultou da longa elaboração da sociedade colonial não é um produto nem da atividade isolada nem da vontade exclusiva do branco privilegiado e dominante. O fato,*

porém, é que a sociedade colonial foi montada para esse branco”. Moura (1990, p.215), declara a este respeito que:

No caso particular do Brasil, esse etnocentrismo do branco em relação ao negro e ao não-branco em geral teve e tem como função exatamente estabelecer fronteiras hierárquicas do ponto de vista étnico para que essas etnias consideradas inferiores não possam transpô-las através da mobilidade social vertical individual ou massiva. Fecha-se, assim, o leque de oportunidades para os membros considerados inferiores. Isto aconteceu desde o Brasil colônia, e durante todo o período imperial, prosseguindo, com modificações “modernizadoras”, até os nossos dias.

O Brasil, nação multirracial, teve o aporte de imigrantes de diferentes nacionalidades, quando do início da formação do Estado Brasileiro, em seus diferentes momentos históricos, como assinala Gomes (2005, p. 9,10):

Ao longo do século XIX, são vários os episódios – apesar das poucas narrativas da historiografia – em que a questão racial envolvendo libertos, africanos e “homens de cor” foi colocada em pauta. É possível recompor expectativas e projetos políticos tanto de escravos como de setores de homens pardos e negros letrados, mesmo na Independência e no período regencial. (...) Mesmo sob silêncios estridentes. Ou no alarde de sua negação. Não aparecem necessariamente em movimentos coletivos, mas também individualmente ou, de forma invertida, nos projetos de políticas públicas de setores das elites. (...) Essa é uma história que ainda não foi escrita. A desigualdade não foi necessariamente inaugurada com a abolição. Ganhou contornos, marcas e argumentos econômicos e científicos.

A História do Brasil a partir da Abolição (no que se refere aos negros) e da proclamação da República (no tocante à construção social, econômica e política do país) ainda encobre fatos, personagens, que estão sendo (re)descobertos, resgatados por meio de estudos e pesquisas. A construção do mito da democracia racial, a partir do início do século XX, acabou invisibilizando os impactos do racismo na estrutura social do país. A tese do branqueamento, difundida durante décadas, acabou por solidificar no Brasil uma situação de mascaramento da presença do racismo na sociedade brasileira. Skidmore (1976, p.219) observa que *“a tese do branqueamento deve sua formulação mais sistemática na década de 20 a Oliveira Viana – o advogado e historiador que se tornou um dos mais lidos intérpretes da realidade brasileira na fase entre as duas guerras”*. Segundo Skidmore (1976, p. 81):

a tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes pelo uso dos eufemismos raças “mais adiantadas” e “menos adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças, e a desorganização social.

Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o *gene* branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas.

Carneiro (1997, p. 222) observa que na construção da identidade nacional brasileira, estava implícito o objetivo de apagar a presença negra; eram “*os negros, o elemento que supostamente deveria ser diluído – na química da miscigenação na representação feliz de uma identidade nacional brasileira. Ser nacional, ser brasileiro, significa não ser negro ou afrodescendente*”. E completa: “*é impossível deixar de mencionar que o discurso sobre a identidade nacional brasileira foi construído sob a perspectiva de, um dia, não ser preciso notar explicitamente a presença africana no Brasil*”. Buscava-se criar uma identidade nacional (mestiça), onde as contribuições negras e indígenas, são unidas numa identidade brasileira, o que demonstraria uma harmonia racial, onde as contribuições das três raças que participam da construção da nação estão presentes e igualmente prestigiadas. Inicialmente, considerando o momento histórico, seria uma proposta de mudança positiva para a inclusão do negro, uma ideologia que permitiria transformar a realidade dos negros na sociedade brasileira: seria de acordo com Nascimento (1978, p.42), “*o maior motivo de orgulho nacional*”. Na realidade, o que se desenvolveu sob essa falsa ideologia de pretensa harmonia racial, foi sintetizada por Nascimento (1978, p.92) da seguinte maneira:

No entanto, devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país”.

Andrews (1997, p.95) afirma que “*originalmente, a democracia racial foi concebida como parte de uma campanha ideológica maior para justificar o domínio autoritarista e oligárquico no Brasil*”. A manutenção de uma estrutura de poder que permitisse o controle econômico e político de uma elite privilegiada, sobre a maioria da população. Guimarães (2001, p.157) observa que:

Ora, a democracia racial que se implantara no país nos anos 1930, seja como ideal de relações não-discriminatórias e não-segregacionistas, seja como pacto político de participação das massas urbanas, seja como integração simbólica dos negros à nação, pressupunha o papel subordinado de práticas religiosas de origem africana e o caráter sincrético da contribuição dos negros à cultura nacional: não havia lugar para direitos a identidade ou singularidade.

As desigualdades entre brancos e negros permanecem, situações cotidianas de preconceito e discriminação racial desmentem a falsa harmonia racial, e o mito torna-se uma falácia, denunciada e confirmada a cada dia. E a situação constatada a partir da década de 1950, é realidade ainda hoje. Guimarães (2001, p. 162) bem resume qual é a percepção atual sobre a democracia racial: *“morta a democracia racial, ela continua viva enquanto mito, seja como falsa ideologia, seja como ideal que orienta a ação concreta dos atores sociais, seja como chave interpretativa da cultura”*.

Fernandes (1972, p. 14) declara que *“o negro foi exposto a um mundo social que se organizou para os segmentos privilegiados da raça dominante. Ele não foi inerte a esse mundo. Doutro lado, esse mundo também não ficou imune ao negro”*. E Fernandes (1972, p.15) conclui: *“para participar desse mundo, o negro e o mulato se viram compelidos a se identificar com o branqueamento psico-social e moral. Tiveram de sair de sua pele, simulando a condição humana-padrão do mundo dos brancos”*.

Um mundo que procurou estruturar-se historicamente a partir de uma lógica de privilégios e status para os brancos, e subalternidade e exclusão para os negros. Um mundo desigual, hierarquizado em categorias sociais que condicionam uma situação de desvantagem contínua e persistente para os não-brancos, e que os submete de permanente marginalidade e exclusão. Um mundo estruturado na lógica colonial, que determina uma condição alienante para o negro.

A presença e influência do racismo no cotidiano de pessoas negras confirma a observação de Theodoro (2013, p.4): *“a sociedade racista desenvolve mecanismos diversos - uns mais sutis, outros nem tanto, de, restrição, limitação e exclusão social. Sujeita o indivíduo negro a barreiras que limitam ou bloqueiam suas condições de mobilidade social”*. Theodoro (2013, p. 9) destaca ainda, a respeito do racismo no Brasil: *“o país da desigualdade extrema tem no racismo - e em seus principais desdobramentos, a discriminação e o preconceito -, uma espécie de modus vivendi”*. E conclui: *“a sociedade brasileira convive secularmente com a desigualdade que está largamente assentada na existência do racismo”*.

2. De invisível a negro: desconstruindo o sortilégio da cor.

A certidão diz que sou *“pardo”*.

Mas, afinal de contas, o que é ser pardo? Qual as implicações que esta palavra pode ter, que consequências pode provocar? Nos dicionários em geral, *“pardo”* pode ser um substantivo masculino, que designa *“pessoa que é filha de mãe negra e de pai branco ou*

vice-versa, mulato". Também pode ser um adjetivo que designa "*a cor de uma pessoa: entre o branco e o preto; pessoa de cor escura. Pessoa cuja cor varia entre tons de amarelo ou de marrom escuro*". O termo pardo historicamente surge no primeiro texto redigido, no momento do descobrimento do Brasil, a Carta de Pero Vaz de Caminha:

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos, bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. ... traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrês, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.

Referindo-se à aparência dos índios, o termo pardo procura demarcar a existência de uma diferença entre os europeus e os nativos, uma diferença de cor e raça, bem como de costumes. Estabelece uma hierarquia, entre selvagens e civilizados, colonizadores e colonizados, dominadores e dominados. Apesar de atualmente as diferenças parecerem sutis, no passado representavam um marco diferencial importante, que poderia provocar rejeição ou aceitação social. A cor ou raça era uma maneira de ser reconhecido e tratado nas diferentes hierarquias sociais existentes, em determinada sociedade e tempo históricos. Poderia significar servidão ou liberdade, facilitar a ascensão ou determinar a imobilidade social. Schwarcz (2012, p.98) observa que "*pardo é, pois, um termo paradoxal e de difícil tradução. Na linguagem oficial representa uma incógnita, já na popular tem cor definida e é silencioso, à semelhança do racismo vigente em nosso país*".

Martins (2006, p. 92) a respeito dos modos pelos quais o imaginário a respeito dos negros foi construído, e como influenciam na forma de tratamento dispensado a estes afirma:

No processo de formação da nacionalidade brasileira, as imagens de negros não apenas configuram o ponto de vista de classes privilegiadas, mas também inscrevem o indivíduo numa semiologia que legitima o olhar discriminatório lançado sobre ele (Martins, 1995). Nesse processo, a cor da pele incentiva a produção de um tipo de discurso maleável sobre o indivíduo, através do qual ele é reconhecido, identificado e silenciado.

A cor de um indivíduo, pode ter influência na sua história de vida, em suas relações dentro de determinado espaço social e determinar acesso ou impedimento a determinadas posições de poder e status. A cor teve influência na minha história.

No final dos anos 1980, eu iniciava minha trajetória profissional, e após muito esforço e méritos, conseguia alcançar cargos de comando na hierarquia das empresas nas quais atuava. Não percebia que estava em um espaço onde poucos iguais a mim conseguiam acessar. Eu era uma exceção, mas na minha visão (ou falta dela) a reduzida presença de “*pardos*” nestes espaços estava condicionada ao esforço e ao mérito – quem os demonstrasse alcançaria.

Na verdade, eu nem dava atenção à questão da cor!

A cor, até então, é apenas um detalhe que no percurso trilhado até então por mim, passava despercebida. Acostumado a caminhar entre iguais – cidadãos brasileiros na esfera social em espaços diversos: família, escola, trabalho - as diferenças não faziam tanta diferença; eram consequência de condições sociais, que podiam ser mudadas a partir da ação de cada um em busca de melhoria. Nascimento (2003, p.19,20) declara:

Àquela época (1988), entretanto, estávamos ainda em fase de desvelamento de uma realidade mantida oculta por gerações que se dedicaram à construção de uma imagem rósea das relações étnicas e raciais no seio da sociedade brasileira. Sustento que a construção dessa imagem de “democracia racial” se deu por meio do que chamarei se *sortilégio da cor*, característica que fundou e demarcou as relações raciais no Brasil.

Eu era vítima do sortilégio⁷ da cor; acreditava que a identidade nacional (brasileira) seria um fator de igualdade e que, portanto, homogeneizaria as diferenças. E a respeito da construção desta identidade nacional, Munanga (2003, p. 13) afirma que:

Objeto de manipulação político-ideológica, a identidade no discurso da elite no poder e do intelectual ideológico a serviço da classe dominante constitui, pelo contrário, um instrumento de dominação política e sujeição cultural. Por meio dela é negado o reconhecimento da especificidade e, conseqüentemente, ela se torna um obstáculo à implementação das políticas compensatórias em benefício dos que por vários séculos foram vítimas do racismo e da discriminação racial. A identidade nacional no pensamento e na retórica dessa elite é forjada com base na unidade racial e cultural, respectivamente traduzidos hoje na linguagem de raça brasileira “mestiça” e de cultura brasileira ou identidade brasileira “mestiça”. Esse discurso veicula certamente a ideologia de embranquecimento e a aniquilação do processo de construção da identidade negra.

O Brasil, em minha opinião, era uma democracia racial e “*negros, mulatos e brancos viviam sob condições de igualdade jurídica e, em grande medida, social*” como observado por Andrews (1997, p.95). A minha experiência pessoal nos espaços

⁷ **Sortilégio** (Etm. do latim: *sortilegium*): Conspiração, conluio ou cabala; trama ou maquinação construída com o objetivo de concretizar um desejo ou de alcançar alguma coisa. Dicionário de Português Online. Extraído: <https://www.lexico.pt/sortilegio/>

profissionais, em funções hierárquicas de comando, fortalecia esta impressão: as oportunidades e relações são iguais para todos.

A medida que ascendia profissionalmente, e conseqüentemente acessava espaços de elevado status, comecei a perceber que a questão racial era de algum modo um fator de restrição para os que fossem iguais a mim (pardos). E esta condição (de cor), começava a causar eventuais constrangimentos, tendo em vista que alguns parceiros comerciais com quem tinha que tratar, sentiam-se “*desconfortáveis*” de ter de lidar comigo. Estranhavam o fato de um executivo de empresa de grande porte não ser branco, e em algumas (poucas) situações ocorreram resistências no desenvolvimento de relações comerciais, exigindo a intervenção de superiores hierárquicos (brancos) para resolver algum impasse que viesse a ocorrer (negativa em tratar e definir as negociações diretamente comigo).

A minha alienação identitária só foi abalada fortemente em 2002, quando estava prester a assumir um cargo de direção em uma empresa multinacional, uma das maiores do segmento de varejo no Brasil. Fui preterido ao cargo, que considerando a minha formação à época (nível superior) e o “*mérito*” deveria ser meu (desempenho individual e resultado financeiro realizado em minha unidade de responsabilidade). O fato causou estranhamento em toda a equipe, que não entendeu o motivo de ter sido promovido outro colega que não era “*o da fila*”.

Tentando receber uma explicação para o fato, dirigi-me até o meu superior hierárquico, um executivo estrangeiro responsável pela operação do setor no qual atuava, e questionei o que havia acontecido para que eu não fosse promovido. Desconcertado pela minha insistência, e sem ter como justificar por meio do desempenho e do mérito insuficientes, ele secamente arremata:

- “*Jorge, você é negro, e em nossa companhia negro não é diretor!*”.
- *Eu, negro? Perguntei;*
- *Como assim, e os resultados? E a minha trajetória? Negro, eu, como não pode? Por que?*
- *Não tem problema, Jorge. Continua onde você está, não tem problema nenhum continuar onde você está. Já está bom para você, tem boa colocação, não tem porque reclamar.....*

Agora, eu já não era mais pardo, eu era negro. Faltou chão, faltou ar, faltou equilíbrio.... Não consegui continuar ali, e acabei, meses depois pedindo demissão. Ali não era lugar para negro, não era um lugar para mim. Tinha que descobrir o que era ser negro e encontrar, então, o meu lugar.

3. Conhecendo e confrontando o racismo.

A busca por um lugar somava-se a necessidade de adquirir conhecimento. Aprender o que ainda era desconhecido, e a partir do saber, construir um nova trajetória. Nascimento (2003, p. 17) afirma que:

O exercício humano de aprender a nossa inserção no mundo implica o desafio de tentar compreendê-lo ao passo que o vivemos. Transformações e dinâmicas sociais deslocam idéias formadas; aspectos subjacentes emergem para modificar as concepções; fatos revelados ou desvelados interferem na noção consolidada.

Assim, a realidade apreendida reconfigura-se a partir da intervenção de fatores que já existiam, porém passavam despercebidos ou estavam ocultos.

A minha necessidade de aprender a respeito do que era afinal “*ser negro*” e encontrar um lugar para continuar minha trajetória profissional me conduziu ao interior do Rio de Janeiro, após ter ficado dois anos tentando superar o que considerava uma injustiça que fora cometida contra mim. Durante este tempo, atuei como autônomo, trabalhando com vendas e tentando retomar a minha carreira como executivo de uma empresa na área de varejo.

No final do ano de 2003, consegui uma colocação em uma empresa do mesmo segmento, em função de gerência operacional. Uma posição hierárquica inferior a que tinha, com uma remuneração pouco menor, mas que me permitiria recomeçar a minha carreira. Tentaria recomeçar em um ambiente onde a questão “*da cor*” não fosse um problema, e somente a competência, a experiência, e o mérito fossem consideradas. Entretanto, alguns meses depois de estar trabalhando nesta nova empresa, ao propor uma mudança na estrutura hierarquica da unidade da qual era responsável, ouvi do diretor a quem estava subordinado “*que não era adequado promover um determinado colaborador a uma posição de chefia porque ele era negro*”. Alguém, como eu fora dois anos antes, estava sendo impedido de ascender profissionalmente (a despeito de sua competência e méritos), porque era “*negro*”. Negro, negro, negro....

Deparava-me novamente com a mesma questão: o que é ser negro? Por que negro não pode ir mais longe? Qual a diferença entre “*os negros*” e “*os outros*”? A resposta não foi satisfatória, muito pelo contrário. Demonstrava um desrespeito a mim e promovia uma injustiça que considerava inaceitável. Costa (1983, p.2) observa, a respeito da violência sofrida pelos negros que:

Neste sentido, o estudo sobre as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social levou-nos, incoercivelmente, a refletir sobre a violência. A violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do

problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.

Externei de forma incisiva a minha insatisfação, e não tendo sido atendido no meu pleito (aceitação da mudança proposta e promoção do colaborador), mais uma vez, pedi demissão e busquei outra empresa para trabalhar.

Entre os anos de 2004 e 2005, atuei ainda no interior do Rio de Janeiro em mais duas empresas do ramo, em função de gerência. Novamente, era uma exceção em meio aos demais gerentes (quando não era o único, era um dos poucos). Repetem-se as barreiras invisíveis que limitam a ascensão por motivos fenotípicos: a cor (parda ou preta) está restrita aos níveis inferiores e a subalternidade. Não conseguia mais disfarçar o incômodo, tampouco a vontade de mudar esta situação, mas como?

Em junho de 2005, resolvo me estabelecer definitivamente no interior do Rio de Janeiro, e trazer minha família que até então estava ainda morando na capital. Ao retornar do Rio de Janeiro acompanhado de meu filho, trazendo parte da mudança, sofro um acidente automobilístico que quase me tira a vida. Um motorista embriagado perde a direção e nos atinge em alta velocidade. Somos socorridos e depois de meses em estado grave, tendo sofrido fraturas múltiplas (de fêmur e mandíbula), e realizado cirurgias de implantação de próteses, deixo o hospital e começo a etapa de recuperação .

O processo de recuperação se estende por dois anos; no primeiro ano reaprendo a realizar ações básicas (como andar e comer, por exemplo). Sou orientado a buscar uma readaptação funcional, pois não teria mais condições de trabalhar em minha antiga atividade. Retomo os estudos, em 2006, e busco realizar atualização pedagógica na área de formação acadêmica na qual nunca havia atuado anteriormente, como professor de língua portuguesa e literatura. A busca por um lugar, e pelo saber, agora saem do campo da prática profissional cotidiana para o campo da reflexão acadêmica. Reflexão não mais solitária, mas coletiva, com aportes de teóricos e teorias que pudessem auxiliar-me na compreensão da minha realidade. Compreensão que me capacitaria a promover uma transformação da realidade na qual estava inserido. Nascimento (2003, p.17) destaca que:

Realidades amplamente conhecidas podem ser encobertas para mais tarde emergir com novas implicações, processo que adquire uma dimensão política quando introduzimos a possibilidade de manipular o saber para transformar a realidade. A dinâmica da busca, da constituição e da supressão de conhecimentos, o movimento de desvelar novas dimensões ou revelar as que foram ocultadas e a intervenção de quem se propõe operar transformações constituem o terreno ético em

que se desenvolve o saber da coletividade humana. Como tudo que é humano, essa dinâmica envolve uma dimensão de poder, gerando tensão entre os detentores do conhecimento e os que procuram dele se apoderar para nele intervir e transformá-lo.

Ao adentrar novamente no espaço acadêmico, sou apresentado aos estudos negros, e começo a me aproximar das respostas para as perguntas que me acompanhavam há anos: qual a influência da cor nas relações cotidianas? O que é ser branco? O que é ser pardo? o que é ser negro? Compreendi que precisava buscar mais aprofundamento para elaborar as respostas que me afligiam. Aprender e apreender conhecimentos que me ajudassem superar as barreiras da cor.

Percebi que as cores e os significados a elas atribuídos acabavam por influenciar nas percepções (e relações) entre os indivíduos por elas identificados. Os atributos valorativos e positivos do “branco”, a “*humanização dos indivíduos brancos*” (sem mácula; inocente, puro, cândido, ingênuo); a depreciação dos “*pardos*” (branco sujo, duvidoso) e “*negros*” (maldito, sinistro, perverso, escravo). Entender o que é possuir uma identidade negra, que de acordo com Lopes (2004, p.334):

Identidade (negra), em termos psicossociais, é a convicção que um indivíduo tem de pertencer a um determinado grupo social, convicção essa adquirida a partir de afinidades culturais, históricas, linguísticas, etc. Uma das mais árduas tarefas dos movimentos negros na Diáspora, em todos os tempos, tem sido a busca de uma coesão entre as populações negras para o encaminhamento de suas questões.

Descobri que a barreira que impedia o acesso e ascensão a determinados espaços tinha um nome, até então desconhecido para mim: racismo. O racismo, que em suas múltiplas definições, está presente no cotidiano da sociedade brasileira. Bento (1998, p.25) observa que “*a ideologia racista é um conjunto de idéias utilizado para explicar determinada realidade, no caso, as desvantagens dos negros em relação aos brancos*”. Munanga (apud Brandão, 2000, p.9), a respeito do racismo na atualidade destaca que:

a superação da noção biológica de raça não impediu que ainda hoje a ordem social seja pensada racialmente. (...) o racismo como ideologia que essencializa e hierarquiza os indivíduos em grupos comportamentais redutíveis a suas “características fenotípicas” permanece.

Diversos pesquisadores analisam e conceituam o racismo. De acordo com Borges, Medeiros e D’Adesky (2002, p.48,49) o racismo “*designa um comportamento de hostilidade e menosprezo em relação a pessoas ou grupos humanos cujas características intelectuais ou morais consideradas inferiores, estariam diretamente relacionadas a suas características raciais, isto é, físicas ou biológicas*”. Para Trindade (2010, p. 12) “O

racismo é uma construção sócio-histórica tecida ao longo dos séculos, na perspectiva da exclusão, da dominação, na justificativa da aparação e hierarquização humana. O racismo não é natural, não é intrínseco ao ser humano, às pessoas". O racismo, em suas múltiplas formas, impacta de modo significativo a realidade cotidiana da população negra brasileira. E eu vivenciava na prática, no meu espaço profissional, um destes impactos, que confirma a afirmação de Rodrigues (1998, p. 44):

Mesmo para os negros que conseguem colocação no mercado de trabalho, as dificuldades são maiores. Por causa do racismo cordial, muitas vezes invisível, eles enfrentam o que os norte-americanos batizaram com a metáfora "glass ceiling" (telhado de vidro). Uma pessoa esbarra nesse obstáculo transparente quando atinge um nível médio em sua carreira: continua a enxergar um horizonte melhor acima, mas nunca consegue prosseguir subindo na escada social. A posição melhor está ali à frente, visível – mas sempre inacessível.

Eu havia chegado no teto, e a partir dali não passaria. A barreira invisível estava posta, e não permitiria que eu avançasse para além daquele limite. Compreendi a necessidade de aprofundar e ampliar o meu conhecimento teórico sobre raça e racismo, e suas implicações sociais; entender as suas diferentes manifestações, e descobrir meios e estratégias para realizar um enfrentamento eficaz. Conhecer o adversário, para poder vencê-lo. Senkevics, Machado e Oliveira (2016, p.11) destacam que:

Raça é, antes de tudo, um artifício teórico. Reconhecer seu estatuto como construção social significa, primeiramente, entender que a noção de raça foi historicamente adotada como ferramenta de exclusão e hierarquização de povos e culturas, tendo sido mobilizada por setores da elite para legitimar ações escravistas, eugênicas e colonialistas. Depois, com a emergência dos movimentos sociais, raça foi retomada como instrumento de luta política – uma bandeira pelo reconhecimento de direitos e de redistribuição de recursos. Hoje, falar de raça não significa evocar sua histórica e infeliz definição, muito menos fazer apologia de seus maus usos, e sim reconhecer sua importância como conceito analítico para iluminar desigualdades, valorizar identidades, enfrentar o racismo e promover transformações na sociedade.

No meu retorno as atividades acadêmicas (2006-2007), desenvolvi uma pesquisa, na área de literatura, (Negros, pardos e mulatos: presença e influência de afrodescendentes na literatura brasileira) sobre escritores negros e suas influências na construção de uma literatura brasileira. As presenças e ausências causadas pelo racismo,

⁸ **População negra.** A Lei nº.12.288/10, art 1º, inciso IV, que institui o "Estatuto da Igualdade Racial", define como população negra "o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga". Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112288.htm

as diferentes formas de exclusão decorrentes da discriminação racial, dentre as quais, as presentes nos discursos literários, e nas linguagens. A literatura (e a imprensa) como espaços de construção social, identitária, mas também de discriminação racial.

A respeito da constituição e reconhecimento de uma literatura negra no Brasil, Proença (2004, p. 161) afirma que “*a presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade*”. Proença (2004, p. 185,186) destaca ainda que, a respeito da designação “*negra*”, aplicada a literatura:

Ao assumir compromissadamente a literatura como espaço de afirmação consciente de singularização e de afirmação cultural, ao assumir-se como sujeito do discurso literário, o negro enfrenta novas e sutis armadilhas marginalizantes.

Nesses espaços de sutileza, mesmo uma designação aparentemente valorizadora, como *literatura negra*, de presença tranqüila na área dos estudos literários desde os anos de 1970, traz, segundo entendo, o sério risco de fazer o jogo do preconceito velado.

O sintagma admite, desde logo, duas acepções:

Em sentido restrito, considera-se *negra* uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural.

Lato sensu, será *negra* a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros.

A designação, tal como vem sendo utilizado no Brasil e em outros países da América, vincula-se ao significado restrito e emerge no bojo de uma situação histórica dada, configuradora da reivindicação pelos negros de determinados valores caracterizadores de uma identidade própria. Essa identidade e sua presença forjadora e aglutinadora da comunidade em que o grupo étnico se situa seriam elementos decisivos na luta pela eliminação das discriminações e pela conquista do lugar que lhes pertence de direito e que o grupo dominante insiste em negar, das mais variadas maneiras, ostensiva ou disfarçadamente. A luta é um procedimento que surge forte no âmbito da crise da modernidade, ligada à fragmentação social.

O exercício da literatura associa-se, assim, também em sentido amplo, aos movimentos de afirmação do negro, a partir de uma tomada de consciência de sua situação social, seja no espaço dos povos da África, seja no domínio da afrodiáspora e conduz, entre outros aspectos, à preocupação com a singularização cultural mencionada.

Tal preocupação ganha pertinência quando ultrapassa as dimensões epidérmicas e o corporativismo, e traz para a representatividade literária a afirmação de elementos que vão dos espaços míticos (resgate da memória coletiva) aos sócio-históricos (resgate dos elementos que fazem a história do negro enquanto grupo étnico).

Percebo a complexidade da empreitada que tinha por empreender, e da necessidade de mais estudo e aprofundamento acadêmico. Procurei, também, encontrar oportunidades de desenvolver atividades de prática docente, que permitiriam vivenciar efetivamente uma nova realidade profissional – agora na área da educação.

Nos anos de 2009 e 2010, desenvolvo na prefeitura da cidade de Macaé, na Secretaria de Educação, uma atuação como contratado, para ministrar oficinas sobre africanidade nas unidades escolares. Após ter cursado pós-graduação (2007-2009) em Estudos Culturais e Históricos da Diáspora e Civilização Africana, a partir da teoria elaboro uma prática, e vivencio os desafios, dificuldades e oportunidades no tratamento da questão racial na esfera da educação básica e EJA. Realizo oficinas com alunos e palestras para professores e gestores, buscando implementar a lei 10.639/2003 na rede municipal. A referida lei determina:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

A prática educativa mostrava-me que era preciso ampliar ainda mais meus conhecimentos teóricos, para desenvolver práticas adequadas na luta antirracista. No final de 2009, após ser aprovado em concurso público (realizado em 2008) para professor docente de língua portuguesa e literatura, sou convocado e assumo a primeira matrícula na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (presto novo concurso em 2011 e após ser aprovado e convocado, assumo a segunda matrícula em 2014), e passo a lecionar para turmas de ensino fundamental e médio, na região norte fluminense (Macaé e Casimiro de Abreu). A atuação cotidiana em espaços educativos permitiu-me constatar que era fundamental acessar e dominar conhecimentos em campos interdisciplinares, de modo que a minha prática fosse adequada e relevante. Diferentes formas de preconceito e discriminação se entrecruzam e fazem parte da realidade cotidiana da população negra. As pós-graduações que se sucedem (2009-2012: Psicopedagogia e Orientação

Educacional, Gênero e Sexualidade, Gestão em Administração Pública e Antropologia e Desenvolvimento Cognitivo) ajudam-me a compreender os impactos do racismo e as diferentes formas de discriminação racial existentes nas experiências vivenciadas pela população negra (de diferentes gêneros, níveis de escolaridade, renda e faixas etárias).

Prossigo na minha busca por conhecimento, e sou aprovado no Programa de Pós-graduação em Educação na UNIRIO, e no mestrado (2011-2013), analiso a minha experiência na área de educação em Macaé, atuando na implementação na rede da lei 10.639/2003. Na pesquisa, constato que apesar da secretaria oferecer em sua estrutura meios e condições de implementação da lei, na prática cotidiana dos espaços escolares, isto não se efetivava. Verifico que a ausência de uma consciência da importância da discussão racial nos conteúdos e práticas escolares mostra-se também nos espaços educativos. Muitos educadores (assim como eu no passado), apresentam um desconhecimento a respeito de sua identidade, e reproduzem em suas práticas o racismo, que se dissemina em outros espaços sociais.

Nesta trajetória de dez anos (completos em 2017) em espaços educativos e na área acadêmica, atuando não apenas em sala de aula como docente da educação básica, mas também em outros níveis e modalidades de ensino, constato a reduzida presença de negros em posição de destaque, bem como um tratamento reduzido (ou até mesmo inexistente) da questão racial nos conteúdos e práticas curriculares. O epistemicídio ao qual Sueli Carneiro se refere, em entrevista à Sandra Almada no Programa Espelho, em 2007:

Eu sou uma primeira vítima do próprio epistemicídio (...). O racismo foi uma ideologia produzida por elites intelectuais e foi consenso entre elites intelectuais. (...) Nós experimentamos desvantagens em todas as dimensões da vida social motivadas por obstrução de natureza racial.

Ainda sobre o epistemicídio, Sueli Carneiro em artigo no site Gelédes afirma:

Assim, contrato racial, biopoder e epistemicídio, por exemplo, são conceitos que se prestam como contribuição ao entendimento da perversidade do racismo. São marcos conceituais que balizaram a tese de doutorado que defendemos junto à USP em agosto passado sob o título “A construção do outro” como não-ser como fundamento do ser. Nela procuramos demonstrar a existência no Brasil de um contrato racial que sela um acordo de exclusão e/ou subalternização dos negros, no qual o epistemicídio cumpre função estratégica em conexão com a tecnologia do biopoder. (...)

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano

escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio (Carneiro, 2005).

Minha prática docente em projetos e programas de formação continuada da SEEDUC (programa de reforço escolar em língua portuguesa, mediação de leitura), fundação CECIERJ (formação continuada para professores de língua portuguesa), MEC/UFF/SEEDUC (formador do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio) e CAPES/UAB (tutoria presencial e à distância em cursos de aperfeiçoamento do PENESB/UFF e tutoria presencial na pós-graduação em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação à Distância do LANTE/UFF) descortinou para mim a intensa e marcante presença do racismo na estrutura da sociedade brasileira, e a importância de se buscar construir alternativas para o enfrentamento desta situação. Pude perceber, que os discursos (dentre os quais os escolares) e a comunicação (a mídia em geral), são ferramentas poderosas na promoção e manutenção do racismo bem como da alienação e/ou insensibilidade a respeito da questão racial e seu impacto na sociedade brasileira. A este respeito, Moore (2007, p. 23) declara:

A insensibilidade é produto do racismo. Um mesmo indivíduo, ou coletividade, cuidadoso com sua família e com os outros fenotipicamente parecidos, pode angustiar-se diante da doença de seus cachorros, mas não desenvolver qualquer sentimento de comoção perante o terrível quadro de opressão racial. Em toda sua dimensão destrutiva, esta opressão se constitui em variados tipos de discriminação contra negros. Não há sensibilidade diante da falta de acesso, de modo majoritário, da população negra aos direitos sociais mais elementares como educação, habitação e saúde. (...) o racismo retira a sensibilidade dos seres humanos para perceber o sofrimento alheio, conduzindo-os inevitavelmente à sua trivialização e banalização.

Discursos e imagens veiculados cotidianamente por diversos veículos midiáticos, promovem uma exclusão por meio da estereotipia ou da invisibilidade da identidade negra. Não refletem adequadamente o que é ser negro, e dificultam a assunção de uma negritude afirmativa. E portanto, torna-se fundamental desenvolver novos conteúdos e disseminá-los em espaços específicos (dentre os quais o espaço escolar e a mídia), destinados a população negra brasileira. Demonstrar que o “*ser negro*” é mais do que apenas apresentar um traço fenotípico. Neste sentido, Silva e Silva (2009, p. 311, 312), a respeito do termo “*negro*” observam:

Apesar de usualmente não receber tal tratamento, o termo negro também é um conceito, uma construção discursiva com significados bem específicos em nossa sociedade. Essa palavra, que designa originalmente cor, tem no mundo ocidental uma conotação social ao se referir aos africanos e seus descendentes na América e na Europa. No Ocidente, tal conotação possui caráter pejorativo e preconceituoso, mas não deixa de ser uma construção histórica, oriunda da cristandade medieval e do Iluminismo. Porém, os afrodescendentes, ao se assumirem como negros, estão construindo uma visão positiva de si mesmos, reelaborando sua identidade, em uma atitude de resistência cultural, diferente do sentido pejorativo que possa ter sido construído pelo branco etnocêntrico.

O termo negro, enquanto um conceito construído historicamente, consolidou uma memória social negativa, e legitimou práticas discriminatórias que precisam ser entendidas, analisadas e desconstruídas contemporaneamente. Silva e Silva (2009, p. 313) destacam que:

A noção de negro no Brasil foi construída, assim, não apenas a partir da escravidão, mas também a partir das ideias discriminatórias das teorias que se consideravam científicas na passagem do século XIX para o XX. Quando falamos em negro, como conceito que engloba genericamente todos os afrodescendentes de pele escura, estamos usando um conceito recente, que não existia durante o período escravista do Brasil. Com a abolição, negro passou a ser um conceito que classificava pela cor, diferente do período escravista, em que se classificava pela origem ou condição jurídica. Caíram as diferenças étnicas, linguísticas e culturais, e todos os descendentes de africanos passaram a ser, então, genericamente considerados negros, e a cor da pele se tornou um distintivo social inferiorizante.

Há a necessidade de promover a ressignificação deste conceito, buscando torná-lo afirmativo e aceitável para a população negra. Atualizá-lo para o novo momento da sociedade brasileira, onde ocorre um aumento da auto-identificação da população, que assume-se majoritariamente negra (preta e parda), identifica-se com a cultura negra e valoriza suas raízes africanas. Silva e Silva (2009, p.314), em relação a esta mudança social, observam que contemporaneamente *“a identidade negra termina por pertencer àqueles afrodescendentes de todas as cores que se afirmam negros. E, dessa forma, ser negro no Brasil passa, então, por uma das duas coisas: ser designado como tal pela sociedade ou se auto-identificar como tal”*.

O racismo, que tornou-se estrutural da sociedade brasileira, está presente em diferentes espaços e níveis sociais, é enfrentado, combatido, de diferentes maneiras pelos negros, que sempre empreenderam ações de resistência. Dentre as diversas alternativas de luta empreendida (individuais e coletivas, por meio de agremiações, entidades filantrópicas, religiosas), desde o século XIX, estão a literatura e a imprensa. Literatos e

jornalistas negros, apesar das tentativas de silenciamento e invisibilidade de suas produções, desenvolveram um enfrentamento à discriminação racial, hoje resgatadas por meio da memória escrita.

Percebi ser importante estudar a produção discursiva (da literatura e da imprensa negras) para melhor entender a sociedade na qual vivemos. Possibilitar condições de resgatar, entender, ressignificar e produzir novas interpretações da sociedade brasileira a partir da produção negra. A este respeito, Elliott e Aquino (2011, p. 330, 331) afirmam que:

A imprensa negra ocupa um lugar importante porque pode proporcionar a construção dos sentidos, demandando o desenvolvimento de mais estudos que possam melhor explicitar a questão de como os grupos negros tentavam perceber, interpretar e absorver a sociedade no século XX. A partir desse entendimento, a escolha do tema desta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreendermos o papel da imprensa negra no contexto de sua produção, vez que essa forma de comunicação tornou-se uma fonte privilegiada para o estudo do pensamento social, político e histórico do negro brasileiro e representação das ideias e desejos de lideranças do contingente populacional no Brasil.

O estudo da imprensa negra pode promover uma melhor compreensão das dinâmicas e papéis sociais desempenhados por negros, nas diferentes esferas da vida social, na história da construção da sociedade brasileira. Conhecer fatos e personagens invisibilizados pelos registros e memórias oficiais e/ou hegemônicos. Promover, como destacam Borges e Pinto (2017) *“o reconhecimento dos feitos extraordinários de mulheres e homens negros, para além do que é permitido contar, é fruto de um trabalho de escavação que traz à superfície o que foi perversamente soterrado”*.

4. O que significa “ser negro no Brasil”?

(...) o negro é um personagem ativo, vivo, que construiu uma história, uma memória. (...) O negro como ator fundamental da história brasileira, que tem legitimidade suficiente para reivindicar que a história do Brasil inteira seja relida. (Emanoel Araújo)

Os registros históricos difundidos socialmente sobre a contribuição dos negros no desenvolvimento do país, desde a sua introdução no espaço nacional até o momento presente, referiam-se em sua grande maioria a “memória da escravidão” ou a “memória do tráfico Atlântico”. O imaginário a respeito deste fato, violento, degradante, fortalecido por discursos e imagens que (re)tratavam os negros em situação de submissão, fez com que estes tentassem “esquecer” desta “chaga”, das experiências dolorosas, degradantes, vergonhosas as quais foram submetidos. A construção da memória deveria ser, então, o

resultado de um processo de elaboração resultante da combinação entre lembrança e esquecimento. Gondar (2000, p. 38) observa que:

(...) a própria sociedade deseja ocultar tudo aquilo que pode revelar seus paradoxos, suas falhas, enfim, tudo aquilo que poderia comprometer a imagem – a ficção – que ela pretende fornecer sobre si mesma. Assim, ela não apenas se “esquece” destes elementos capazes de revelar sua alteridade consigo própria, como também se esquece deste esquecimento, e dos meios que utilizou ou utiliza para efetivá-lo. Em outras palavras; não esquecemos apenas os elementos segregados, mas o próprio fato de que houve uma segregação, e as maneiras pelas quais segregamos. (...) Desnaturalizar o esquecimento é, portanto, uma tarefa essencial para pensarmos a constituição da memória.

Jelin (2002, p.6) afirma que “*el espacio de la memoria es un espacio de lucha política*”. Os indivíduos são atores que no seu fazer/viver cotidianos, na sua ação social, lutam para construir uma memória de acordo com os seus objetivos políticos, adequados à sua luta. E nesta luta política, “o lembrar” e “o esquecer” têm, cada um, importância fundamental. Os negros, desde a sua retirada violenta da África em direção ao Brasil, eram submetidos a um processo de “esquecimento”. Entretanto, apesar da dolorosa situação na qual se encontravam, os negros desenvolveram uma estratégia de manter “lembranças” que seriam vitais para a manutenção de sua identidade, conforme afirma Araújo:

(...) ao passar pela árvore do esquecimento, o escravo era posto no navio amarrado (...) havia também uma coisa interessante: que as pessoas da mesma etnia, elas repetiam demoradamente a sua origem, o seu nome, o nome da vila, do seu pai, o nome da sua mãe, para não esquecer.

Podemos perceber como, de diferentes modos, “o lembrar” e “o esquecer” estão sendo utilizados por diferentes atores, em diferentes situações e com diferentes intenções. Para uns, constituir a memória que será utilizada como instrumento de poder; para outros, a memória que permitirá a sobrevivência. Neste sentido, Jelin (2002, p.20) destaca que:

“En todo esto, el olvido y el silencio ocupan un lugar central. Toda narrativa del pasado implica una selección. La memoria es selectiva; la memoria total es imposible. Esto implica un primer tipo de olvido necesario para la sobrevivencia y el funcionamiento del sujeto individual y de los grupos y comunidades. Pero no hay un único tipo de olvido, sino una multiplicidad de situaciones en las cuales se manifiestan olvidos y silencios, con diversos “usos y sentidos”.

Os negros, considerando que traziam em seus corpos (e mentes) as marcas das ações violentas e degradantes sofridas, necessitavam elaborar aquilo que superava a sua capacidade de tentar esquecer, para poder seguir vivendo. Não havia como negar as situações que transbordavam o que era racional e individualmente suportável, e que

portanto, exigiam outros modos de elaboração. A busca da solidariedade coletiva e a tentativa de produção de diferentes modos de fortalecimento identitário se faziam necessários. Farias e Pinto (2016, p.177), observam que:

À medida que a experiência traumática somente acontece no contexto da violência então é preciso produzir narrativas para, em primeiro lugar, construir uma forma para o conteúdo que excede os limites de suportabilidade e compreensão na ação violenta. Em segundo lugar, os rastros, vestígios e outras modalidades de produções de memória são legados a serem transmitidos na cultura e com isso, haver a possibilidade do estabelecimento de laços de solidariedade pelo reconhecimento.

A produção de cultura (em diferentes espaços, modos e linguagens), como espaço de memória, passa a ser uma alternativa que permitirá a superação dos traumas, garantirá a sobrevivência individual e coletiva e promoverá o fortalecimento identitário, conforme apontado por Ferreira (2005, p.109):

Se considerarmos que é na linguagem que são construídas as culturas humanas, precisamos admitir que é também a linguagem que pode propiciar o acesso à melhor compreensão dos mecanismos e recursos que utilizamos para construir a memória e as configurações identitárias a ela relacionadas. (...) construímos as referências que constituirão a memória e as construções coletivas mais estabilizadas, como as crenças e tradições, nas interações cotidianas, nas práticas discursivas em que nos engajamos, nas narrativas que permeiam os diálogos que mantemos com nossos interlocutores, nos textos que lemos e escrevemos, nas imagens com que interagimos. Da mesma forma, nessas situações podemos também desestabilizar as referências construídas e produzir mudanças.

Os negros buscaram continuamente promover a coesão, a solidariedade grupal e a preservação de sua identidade, por meio de diferentes práticas culturais, dentre as quais as de caráter celebrativo. Deste modo, o transbordamento de suas lembranças originais, permitem o resgate e a manutenção de suas tradições diáspóricas. A comemoração (rememoração) permite a inscrição do grupo (e do acontecimento comemorado) na história social; permite a valorização da comunidade no espaço-tempo no qual se dá a comemoração, sendo deste modo, também um elemento que permite a construção de laços de solidariedade e coesão comunitária e social. A cultura é utilizada como meio de elaboração do trauma de acordo com a afirmação de Farias e Pinto (2016, p.178):

(...) Por um lado, dar um destino, quando possível, a essas impressões pelo relato, narrativa, escritas, produções artísticas como temos a literatura testemunhal e a produção fílmica. Por outro, propiciar mecanismos de resistência contra o esquecimento, principalmente quando é uma estratégia de grupos sociais e nações. Sabe-se que em épocas de regimes totalitários uma prática comum consiste na destruição de arquivos, documentos, monumentos, prédios e de

vestígios que possam retratar horrores dos acontecimentos de natureza traumática. Esse o cerne de nossa reflexão sobre a memória social em situação traumática: pensar a possibilidade de construção de memória, na situação paradoxal, na qual, de um lado, parece haver o triunfo do esquecimento recobrando com um véu de obscuridade nuances das ações humanas, e do outro, o surgimento de mobilizações combatentes no sentido de produzir uma escritura, qualquer que seja, da situação vivida.

Além das comemorações, a presença das contribuições dos negros podem ser encontradas em outros espaços e tempos da sociedade brasileira; neste sentido, a patrimonialização destas presenças em produções diversas permitem a visibilização e o conseqüente reconhecimento da participação negra para além da escravidão. Como bem assevera Araújo (2004, p. 243), *“não podemos nos dar ao luxo de esquecer, perder de vista a nossa memória, por mais pequenina ou insignificante que seja, pois nossa memória será sempre uma forma de costurar nossa história”*. Os vestígios desta presença, como bem registra Glissant (2005, p. 19, 20), a respeito do “migrante nu”:

O que acontece com esse migrante? Ele recompõe, através de *rastros/resíduos*, uma língua e manifestações artísticas, que poderíamos dizer válidas para todos. (...) ora, o africano deportado não teve a possibilidade de manter, de conservar essa espécie de heranças pontuais. Mas criou algo imprevisível a partir unicamente dos poderes da memória, isto é, somente a partir dos pensamentos do rastro/resíduo que lhe restavam (...)

Os vestígios da presença negra estão impregnados na cultura brasileira, frutos das produções decorrentes da utilização das “memórias das práticas originais”, as quais hoje são patrimonializadas em diferentes espaços de memória e linguagens. A herança africana está presente e viva nas esferas da religiosidade, das artes, do mundo do trabalho, dentre outras. Demonstrem a contínua resistência negra e a luta dos negros para conseguirem a (re)existência em tempos e espaços muitas vezes adversos, desumanos, extremamente violentos.

Manter no corpo (e na memória) por meio da lembrança e do esquecimento, o que era possível e necessário para manterem sua identidade e valores, como bem observam Oliveira e Orrico (2005, p. 73): *“mas se o instante é efêmero, as lembranças nos salvam trazendo aquilo que precisamos manter e continuar, e o esquecimento nos ajuda a deixar para trás o que não queremos ou não precisamos”*. Algumas destas presenças permanecem invisíveis, veladas, sendo necessário o resgate de fatos e personagens protagonizados por negros, e legaram importantes contribuições na construção do país, visando torná-las perceptíveis. Para transformar a realidade é necessário, então, promover

a interação entre lembrança e esquecimento, na produção de cultura e construção de memória(s).

A identidade negra é considerada uma marca corporal, um defeito, que estabelece fronteiras, estigmatiza indivíduos e restringe direitos. Episódios de discriminação contra negros e negras ocorrem cotidianamente, e de tão arraigados na cultura e no imaginário social, são considerados normais e banalizados, o que demonstra a necessidade de se discutir as consequências do racismo presente e atuante na sociedade brasileira. Tais fatos também nos desafiam a analisá-los criticamente e buscar entender de que modo foi construído historicamente no imaginário social brasileiro uma cultura do preconceito contra os negros. Nas mais diversas esferas e espaços sociais, o sujeito negro é considerado um elemento suspeito e, como definido no dicionário Aurélio, violento, perigoso. Tal imaginário é base da manutenção e fortalecimento de estereótipos que acabam por provocar a discriminação dos portadores da identidade negra, e a sua conseqüente marginalização. Colocam-nos em situações de desigualdade na sociedade brasileira, como assinala Rodrigues (1979, p. 46):

Classificamos as pessoas quanto à aparência, habilitando-as ou não a determinados empregos, e nos surpreendemos quando uma pessoa “bem apresentada” é identificada como transgressora das normas sociais e considerada criminosa. Nunca esperamos ser atendidos por um médico negro e normalmente não nos ligamos ao fato de apenas raríssimas vezes sermos atendidos nos restaurantes por garçons de pele preta.

O corpo negro, e a sua representação na sociedade brasileira, têm sido culturalmente visto e percebido como coisa, peça, objeto, e desta forma a sua interação nas relações cotidianas é ainda de certo modo negativa. Há na sociedade atual, apesar das diversas maneiras pelas quais alguns segmentos procuram ressignificar a identidade negra de modo positivo, uma verdadeira disputa ideológica, sobre o que é ser negro no Brasil”. Os negros, ainda são em alguns aspectos, considerados inferiores, incapazes. Em virtude do imaginário construído e difundido socialmente sobre a sua identidade, com uma dimensão desumanizada e com representações negativas, o sujeito negro passa Rodrigues (1979, p. 44,45) declara:

(...) sabe-se que cada sociedade elege um certo número de atributos que moral, quanto do ponto de vista físico; (...) cada cultura à sua maneira, inibe ou exalta esses impulsos, selecionando dentre todos, quais serão inibidos, quais serão os exaltados e quais serão os considerados sem importância, e portanto tenderão a permanecer desconhecidos. Ao realizar este trabalho, a Cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a

se conformar, até o ponto de estes padrões se lhes apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol.

Apesar de consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, o direito à igualdade entre as pessoas sem qualquer distinção não é uma realidade universal. Ainda hoje a discriminação racial é presente em muitas sociedades globais, e de modo particular no Brasil. Essa discriminação provoca profundas e intensas consequências nos sujeitos discriminados. A identidade negra é em determinadas situações uma marca, um defeito, que estabelece fronteiras, estigmatiza indivíduos e restringe direitos.

5. O empoderamento da identidade negra: erguendo quilombos na mídia do Brasil

A emergência no cenário mundial globalizado de novas identidades (étnicas, de gênero, políticas) tem provocado à assunção de movimentos que buscam resgatar, ressignificar e empoderar estas novas identidades, que se inserem em diferentes e variados contextos econômicos, sociais, políticos, culturais, religiosos, etc. Vieira e Gomes (2016, p. 263) destacam que *“em períodos de contemporaneidade, chamados por alguns de pós-modernidade, a questão da identidade se torna componente fundamental para os processos de reivindicação política e promoção social”*. No Brasil, de modo particular, a identidade negra, agora majoritária demograficamente, busca uma afirmação de suas referências, nas mais diversas esferas da sociedade. Hall (2006, p.51) observa que:

as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (...) a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”.

A identidade negra é considerada uma marca corporal, um defeito, que estabelece fronteiras, estigmatiza indivíduos e restringe direitos. Ocorrências de natureza racial contra negros e negras tornaram-se cotidianas, e são consideradas normais, banais. A sociedade contemporânea, mesmo com a luta de diferentes movimentos por ressignificação da identidade negra, observa uma disputa ideológica, que busca a positivação do ser negro no Brasil. O imaginário sobre o negro ainda é marcado por estereótipos de inferioridade, incapacidade, perigo, e a maneira como são (des)tratados em virtude de sua corporeidade revela um preconceito intenso, que promove uma

condição de exclusão e marginalidade aos portadores do que é considerado um defeito de cor.

Os veículos de mídia, por sua importância e influência na sociedade global (e na brasileira em particular), deveriam atuar sem preconceitos na produção e veiculação de conteúdos referentes à população negra. Os modos pelos quais são enunciados os discursos, os espaços destinados a temas de interesse da população negra ou a invisibilidade ou reduzido acesso de profissionais negros nas empresas de mídia, só contribuem para a manutenção de desigualdade e exclusão da população negra. Como bem observam Tavares e Freitas (2010, p. 215, 216):

“(…) Tal fato ilustra o modo como com que representações de raça e etnia determinam práticas configuradas com base nas representações veiculadas pela mídia, que contribuem para a reprodução daquela estrutura sutil de injustiça social, tão presente nos modos de ver, classificar, hierarquizar e conceituar a realidade.

De um modo geral, a mídia dominante não promove a crítica afirmativa. Simplesmente executa o mecanismo cognitivo que reitera grande parte da visão de mundo operante e dominante. Por vezes, em nome da necessária facilidade de constituir ampla audiência, simplifica o conteúdo para torná-lo palatável, assimilável e mais facilmente digerido. A simplificação não implica condensação, mas “descontextualização”. (...) Com isso, os veículos de comunicação reafirmam o senso comum, cristalizando no pensamento popular o que se apresenta muitas vezes incoerente, fragmentário e desarticulado, resultado da história de colonialismo, escravidão e intolerância étnica e cultural, que foram fundamentais para a criação do estado eurocêntrico brasileiro e que, ainda hoje, sustentam o preconceito, a discriminação e o racismo”.

Borges (2012, p. 188), referindo-se aos discursos veiculados na mídia brasileira a respeito dos negros, destaca que “olhando de soslaio para a paisagem midiática brasileira podemos observar um trajeto, pontilhado por estigmas e estereótipos, que parecem se repetir indefinidamente”. A invisibilidade produz uma blindagem cognitiva que provoca uma visão distorcida da realidade social. A mídia é um instrumento de grande importância na manutenção do racismo, em virtude de sua intensa e massiva influência nas opiniões e comportamentos sociais. Porém, percebe-se que é possível, como adequado domínio da gramática da mídia, resistir e superar as consequências do racismo, devendo os grupos desfavorecidos apropriarem-se dos recursos oferecidos por ela, transformando-a assim em instrumento de luta e resistência. Neste sentido Ramos (2002, p.9) assevera:

Nenhum processo cultural de superação do racismo, de combate aos estereótipos e de luta contra a discriminação será realizado sem os jornais, a televisão, as artes, a música. Por essa centralidade – e a despeito de ter sido até recentemente pouco explorada pela militância anti-racista - a mídia tende a ter cada vez mais, na sociedade brasileira,

um papel vital na construção de saídas capazes de reduzir a exclusão racial.

No caso do Brasil, em particular, a mídia, de acordo com Borges e Borges (2012, p.36) “*tem sido um território interdito às populações negras e, também, um espaço de constante criação de estereótipos*”. As mídias na sociedade contemporânea globalizada exercem um poder nada desprezível, que influencia as diferentes formas de relacionamento, promovendo aceitação e exclusão por meio das imagens e discursos que difunde. Discurso que, segundo van Dijk (2008, p.8) “*favorece a difusão de preconceitos e ideologias, que circulam socialmente e promovem uma aprendizagem comunicativa racista*”. E Foucault (2008, p. 8,9), com relação ao discurso observa que:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Silva e Rosemberg (2008, p.74) afirmam que “*o Brasil é uma sociedade racista*”. Destacam que “*a mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira, uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros*”. Tal fato concorda com a afirmação de van Dijk (2008, p. 15):

A maior parte do que os grupos dominantes brancos “sabem” ou acredita sobre a etnia dos Outros foi, portanto, formulada mais ou menos explicitamente, em inúmeras conversações, histórias, reportagens de jornais, livros didáticos e discurso político. É também sobre essa base que as pessoas formam suas próprias opiniões e atitudes, e, a menos que haja boas razões para desviar do consenso do grupo, a maior parte dos membros reproduzirá o *status quo* étnico e adquirirá as ideologias dominantes que os legitime.

As diferentes opiniões formuladas a respeito da identidade negra acabam por influenciar os modos de produção/veiculação de conteúdos midiáticos e como um poderoso instrumento de representação da alteridade, é (no caso do Brasil) racista em relação à presença e conteúdos relativos aos negros. São recorrentes as representações imagéticas que (re)tratam o negro preconceituosa e negativamente. Neste sentido Wieviorka (2007, p. 129) destaca que:

As representações da alteridade, tais como são propostas pelas mídias, foram por muito tempo dominadas por imagens totalmente despidas de sutileza. Desqualificando suas vítimas, elas insistiam sobre o que o grupo tratado de maneira racista e seus membros apresentavam de inferior, de sujo, de abjeto, ou de desprezível; o Outro não podia, pois,

ser senão um ladrão, um violador, um criminoso nato, ou ainda, ser ignorante, inculto, retardado.

A desvalorização, invisibilidade, estereotípias, e presença em situações/posições subalternas são históricas e frequentes na mídia brasileira, criando uma memória imagética e discursiva negativa sobre a identidade e estéticas negras. Reis (2014) constata esta estratégia preconceituosa de promoção da exclusão midiática do negro, por meio da invisibilidade. *“A pedido da BBC Brasil, a estudante de jornalismo Isabela Reis analisou o conteúdo de três revistas voltadas para o público adolescente em busca de exemplos concretos da falta de representatividade de meninas negras na mídia”*:

As redações sabem da composição do público. Quatro das cinco imagens foram enviadas por leitoras negras. Elas compram, leem, se interessam, interagem, participam, colaboram. Elas estão presentes e são ignoradas. Não havia um editorial de moda com modelos negras, uma seção de penteados para cabelos cacheados e crespos ou uma dica de maquiagem para pele negra. As revistas abordam bullying, sexo, masturbação, compulsões, vícios, sempre com personagens brancas, como se as questões não afetassem ou não interessassem as negras.

A invisibilidade, que parece querer promover e manter a exclusão de negros e negras, a partir da negação de sua presença. E negando a sua presença, nega-lhes também o reconhecimento de seus direitos. A jornalista da EBC Luciana Barreto, em entrevista à Cristiane Sampaio sobre a importância da presença negra na mídia destaca que há

(...) a necessidade de se respeitar a identidade negra na produção audiovisual jornalística. No início, não foi fácil e eu tinha que falar contratualmente que não queria mexer no meu cabelo. Um dia desses recebi uma mensagem de uma estudante de Jornalismo que disse que um professor da faculdade tinha dito que jamais uma black power poderia ser âncora porque o cabelo chama muita atenção e o jornalista tem que ser discreto. É impressionante como na universidade ainda se reproduz o racismo. Quando eu digo que uma black power não pode ser âncora, eu digo que uma negra não pode ser âncora, a não ser que ela viole sua própria identidade. Os meios de comunicação tradicionais fazem isso a todo momento e massacram a nossa identidade negra (...)

De acordo com Luciana Barreto *“todo lugar onde o nosso povo está é nosso lugar também; é lugar de estarmos discutindo os nossos direitos. A comunicação empodera qualquer um, por isso precisamos nos apropriar disso e fazer com que ela seja nossa também”*. E Luciana observa ainda que *“ela (a comunicação) tem ferramentas que podem ser usadas para potencializar nossas lutas”*.

A posição de poder e controle da mídia, e produção e veiculação de discursos racistas pela elite branca no Brasil, confirma o que observa Elias (2000, p. 23):

Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se prevalecer. O desprezo absoluto e a estigmatização unilateral e irremediável dos outsiders, tal como a estigmatização dos intocáveis pelas castas superiores da Índia ou a dos escravos africanos ou seus descendentes na América, apontam para um equilíbrio de poder muito instável. Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo.

Há uma necessidade e importância de se utilizar de ferramentas comunicacionais e buscar a ocupação de espaços na esfera midiática; é fundamental para que se possa desconstruir a influência do racismo na comunicação social brasileira. Promover discursos de natureza antirracista, buscando desconstruir o imaginário preconceituoso sobre a população negra. Resgatar uma memória sobre a estética e corporeidade negras, muitas vezes interdita, não verbalizada, mas presente nas práticas sociais e culturais da sociedade brasileira. Memória que necessita ser resgatada, ressignificada, reconhecida, valorizada, e difundida discursiva e imageticamente, contrapondo-se aos discursos hegemônicos, excludentes e racistas ainda vigentes. Pereira e Gomes (2001, p. 179) destacam:

No contexto contemporâneo, onde mil vozes se cruzam em diferentes processos de afirmação de identidade, a questão sobre a identidade dos negros brasileiros parece não se resolver mais com uma receita pronta. Antes, ela se impõe como horizontes que desafiam a capacidade de organização dos grupos sociais, bem como a perspicácia daqueles que assumem a tarefa de veicular os discursos de afirmação da identidade. Em função disso, a realidade das relações étnicas – com suas implicações políticas, econômicas e ideológicas – se apresenta também numa dimensão comunicacional, indicando que é pertinente investigar as interferências da mídia nos processos de elaboração de identidades individuais e coletivas.

A cultura da mídia⁹ é extremamente presente e potente na contemporaneidade. De acordo com Kellner (2001, p. 9):

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam a sua identidade. O rádio, a

⁹ **Cultura da mídia.** Kellner utiliza o termo “cultura da mídia”, para descrever o “estudo cultural” que abranja todo o espectro da mídia e da cultura (2006, p. 52), diferenciando-o dos termos “cultura popular” e “cultura de massa” – grifos meus. O uso do termo busca “designar tanto a natureza quanto a forma das produções da indústria cultural (ou seja, a cultura) e seu modo de produção e distribuição (ou seja, tecnologias e indústrias da mídia).

televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global.

Kellner (2001, p.10) afirma que *“a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual os grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia”*. O espaço virtual, canal quase onipresente da sociedade contemporânea, torna-se também cotidianamente um espaço de violências e agressões. As redes sociais têm sido também utilizadas para a disseminação de discursos discriminatórios e diferentes formas de violência, muitas de cunho racista. Um verdadeiro pelourinho digital contemporâneo que os expõe de modo negativo, como se fossem criminosos, culpados, e que devem ser punidos. Diferentes formas de atitudes racistas dirigida a negros e negras, no espaço virtual, procuram desqualificar sua aparência física e corporeidade. Fonseca (2006, p. 92) observa que

Muitos dos traços que continuam a legitimar preconceitos existentes na sociedade brasileira, ligados à cor da pele, às feições do rosto, ao tipo de cabelo e a uma gama infindável de elementos que qualificam ou desmerecem o indivíduo, têm sua origem num processo configurado pela mercantilização da escravidão, que transforma o africano em coisa, objeto de escambo ou de troca monetária.

Esta situação implica em determinar um lugar subalterno para aqueles/as que sendo identificados pelo fenótipo negro e que devem por isso submeter-se a condições de inferioridade e menos valia. A discriminação esta justificada pela lógica racista. E a lógica racista fundamenta a situação de exclusão e marginalidade da população negra brasileira.

6. Contextualizando a pesquisa: refletindo sobre os conteúdos da “Raça Brasil”.

(...) a gente não deve tentar transformar uma revista numa tese de mestrado, e nem uma tese de mestrado uma revista, é óbvio. A gente fica aqui discutindo, cobrando de nossos pobres amigos jornalistas que eles façam teses sociológicas. Eles não estão fazendo isso, eles estão fazendo uma revista. (Mariza Corrêa)¹⁰

A população negra, como historicamente sempre fez, resiste e luta pela ocupação da mídia, e pela possibilidade de também se fazer presente nos conteúdos comunicativos e veículos de comunicação. Por meio de estratégias ousadas e persistentes, busca difundir discursos e imagens que afirmem, incluam e disseminem as suas demandas, e tem logrado sucesso em algumas de suas empreitadas. A necessidade de se inserir num espaço ainda reduzido, o da comunicação de massa, acaba por incentivar o surgimento de publicações direcionadas a um público que se pretende ver cada vez mais incluído e presente socialmente.

A revista “Raça Brasil”, lançada em setembro de 1996, já na capa de sua edição número um, auto-intitula-se “a revista dos negros brasileiros”, e propunha no primeiro editorial (1996, p.4) que “Raça Brasil nasceu para dar a você, leitor, o orgulho de ser negro”. E acrescenta:

Todo cidadão precisa dessa dose diária de auto-estima: ver-se bonito, a quatro cores, fazendo sucesso, dançando, cantando, consumindo, vivendo a vida feliz.

Todos os meses, Raça Brasil vai falar de nossos problemas e apresentar soluções. Vai ajudá-lo a se cuidar melhor, a viver com mais alegria e segurança. Vai também discutir nossa identidade, resgatar nossa herança cultural e mostrar que a negritude é alegre, rica, linda. Estaremos atentos para negar o preconceito, mas acima de tudo, queremos afirmar nossas qualidades.

Pereira e Gomes (2001, p.253) já haviam vislumbrado esta situação, quando afirmaram:

O que se observa é a formação de um nicho de publicações voltadas para as questões étnicas, demonstrando a abertura de espaços para a difusão de diferentes discursos. (...) Esse quadro revela mudanças no tratamento das questões étnicas demonstrando que a imprensa negra dialoga com as injunções sociais de seu tempo.

A revista é bem recebida pelo público e mostra-se um sucesso editorial. Tal fato acaba sendo objeto de discussão no espaço acadêmico, e apenas dois meses após seu lançamento acontece um debate no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da

¹⁰ **Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil. In, Cadernos Pagu 6/7, Raça e Gênero, 1996, p. 294.**

Universidade Estadual de Campinas (IFCH Unicamp) com os editores da revista e comunidade acadêmica¹¹. No debate, várias análises e questões a respeito da publicação foram desenvolvidas, e já demonstravam a importância da publicação no mercado editorial (em particular), e na mídia brasileira em geral. Principalmente por estar tratando de um tema que é considerado um tabu no Brasil: a questão racial.

No debate realizado na Unicamp, o diretor editorial da editora Símbolo, Roberto Melo, destaca que a decisão de lançar a revista derrubou três dogmas; que negros não tem poder aquisitivo para comprar produtos supérfluos, que negros em capas de revista não vendem revista e que os negros têm vergonha de ser negros. O editor empreendeu uma consulta às pesquisas do IBGE, do Datafolha (1995) e a partir dos indicadores analisados verificou que há uma contradição nos indicadores: para o IBGE, o país é branco, e para o Datafolha, o país é de maioria negra (59% da população). A partir desta constatação, e considerando o critério de renda, Roberto Melo constatou que havia um número considerável de negros em situação de ascensão social. E ele declara¹²:

Houve um fato objetivo que foi um movimento silencioso de ascensão social dos negros nesse país. E foi silencioso por que? Foi silencioso porque uma das vertentes, uma das facetas do racismo do povo brasileiro, desse racismo cordial, foi excluir os negros de nosso campo de visão. Então toda a mídia brasileira, durante todo esse tempo, desde que a tal mídia brasileira existe, sempre nos ensinou que os negros são pobres, e que o Brasil está dividido entre brancos ricos, negros pobres, e por isto os negros nunca apareceram em comerciais, nunca apareceram nas novelas, com raríssima exceção da novela *A próxima vítima*, que tinha uma família negra. Nunca apareceram em situações em que eles tinham poder de consumo.

Roberto Melo percebe a invisibilidade a que está submetida a população negra na sociedade brasileira, e observa¹³: “*onde estavam estes negros que eu não via? Eu não via porque minha memória era racista, ou seja, minha memória era condicionada pelo que eu aprendi. Então não conseguia me lembrar*”. Esta situação, com relação ao

¹¹ O debate ocorreu no IFCH, Unicamp, no dia 05 de novembro de 1996, promovido pelo Departamento de Antropologia e seu Programa de Pós-graduação. Este debate foi organizado, coordenado e apresentado pela professora Suely Kofes. Fizeram parte da mesa Aroldo Macedo, Editor chefe da revista *Raça*, Roberto Melo, Diretor Editorial da Editora símbolo, Valter Silvério, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, Mariza Corrêa e Octavio Ianni, professores da Unicamp. O público participante incluiu professores, alunos de Graduação e Pós-graduação e funcionários do IFCH, bem como alguns alunos de outras universidades.

¹² **Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista *Raça* Brasil.** In, *Cadernos Pagu* 6/7, *Raça e Gênero*, 1996, p. 245.

¹³ **Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista *Raça* Brasil.** In, *Cadernos Pagu* 6/7, *Raça e Gênero*, 1996, p. 245, 246.

condicionamento da memória, confirma a afirmação de Pollack (1992, p.203), de que “a memória é seletiva”. Pollack (1992, p.204) destaca que:

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.

A proposta da revista Raça Brasil, conforme o editorial da edição de número dois, informando que a edição número um esgotou-se rapidamente, reflete uma mudança:

A resposta imediata e entusiasmada dos negros brasileiros ao lançamento da Raça Brasil mostrou que estamos diante de algo muito maior do que o sucesso de uma revista. Você – que foi às bancas, que mostrou as revistas aos amigos e parentes, que a exibiu como um troféu merecido e conquistado após tanto tempo – deu início a uma mudança de verdade na consciência de todos os negros. (...) depois daquele 2 de setembro, o país nunca mais será o mesmo. Ali, naquela tarde fria fria da avenida Paulista – e nas bancas do Rio, de Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador ... -, o Brasil limpou o espelho para ver o próprio rosto. E descobriu que era negro, e que era lindo!

Aroldo Macedo, no editorial da edição número três (1996, p.4), destaca a importância da revista em um novo momento da história da população negra do Brasil. “Tempos de mudança, com novas posturas – mas os mesmos anseios”. E destaca:

Que mudança é essa? Sem alarde, sem aviso, os negros trataram de ocupar espaço e conquistar, na prática, o que o movimento negro sempre almejou: ver os negros em movimento. Vencendo o preconceito no cotidiano. Conquistando cargos. Tendo acesso a bens, serviços e posições que nos eram negados. (...)

Raça Brasil quer ser mais um símbolo desta consciência. (...)

Não há mais um único Zumbi. Há, isso sim, um Zumbi em cada um de nós, formando esse novo momento: o dos negros em movimento.

Esta afirmação concorda com Pereira e Gomes (2001, p. 178) a respeito da veiculação de um “novo discurso sobre o negro”:

(...) o discurso da nova imagem se configura como elaboração ideológica que se propõe a romper a hegemonia de reificação dos negros brasileiros. Apesar de sua intenção transformadora, o discurso do novo se ergue a partir das linhas de pensamento que discriminaram os negros, evidenciando, com isso uma série de contradições. Mas a complexidades dessas contradições tem sido minimizada na medida em que o conteúdo utópico do discurso do novo sugere aos indivíduos uma reserva de expectativas favoráveis no futuro. Assim, interessa ao público saber o que ele pode vir-a-ser, num esquema de apelo que faz do passado uma mola de impulsão em direção ao futuro.

Octavio Ianni¹⁴, em sua participação no debate realizado na Unicamp, demonstra perceber a importância da revista na construção de um “novo momento para o movimento negro no Brasil”. Ele destaca que:

Raça é uma publicação fundamental, que abre novos horizontes, novos espaços, expressa algo que tem a ver com a realidade sócio-cultural no Brasil, tudo bem. Mas ela não é inocente, ela se insere nitidamente no movimento negro, ela opta por uma diretriz, por uma política, e aqui eu tomo a palavra do Valter, ela dá a impressão que está despolitizando a questão racial, mas Raça é uma proposta política para o encaminhamento do movimento negro no Brasil.

A revista realiza uma articulação com a população negra, interagindo, dialogando, recebendo diferentes contribuições, e vocalizando, visibilizando, promovendo uma discussão que possibilita a ressignificação da identidade negra, a situação do negro na sociedade brasileira e seu papel e o da cultura africana na construção do Brasil. E Octavio Ianni declara, em sua última participação no debate da Unicamp (p. 289, 290) que “a revista nos dá uma oportunidade excepcional para discutirmos a questão racial”. E prossegue afirmando que:

Discutirmos a questão racial é discutirmos uma questão muito incômoda, muito perturbadora e quando a gente discute a questão racial e levanta hipóteses ou teses fica mais desagradável ainda, é claro. Porque nós todos estamos metidos num jogo de ideologias raciais que constituem nosso modo de ser. Isto está incrustado na nossa cultura, na nossa sensibilidade, na nossa percepção da vida social, dos outros. Então, realmente é uma coisa complicada discutir a questão racial, vamos dizer, é uma penosa psicanálise coletiva, e isto ficou evidente aqui. Agora eu acho que a gente não deve estranhar porque isto é a realidade, a questão racial é muito grave.

Durante os vinte e um anos de sua publicação no formato impresso, a revista Raça Brasil permaneceu como uma referência na mídia brasileira, como publicação voltada ao público negro, e além de um produto midiático, tornou-se objeto de pesquisa acadêmica, que vocaliza as demandas, visibiliza as produções culturais, promove o reconhecimento e valorização da cultura africana e afro-brasileira bem como reivindica a construção de políticas que transformem a realidade da população negra em busca da equidade, conforme expresso por Almada (2000, p.6), a respeito do modelo de identidade da “Raça”: “*o de constituir-se, a um só tempo, num produto editorial voltado para o entretenimento, e abraçar, como causa pública/política, a luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil*”.

¹⁴ Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil. In, Cadernos Pagu 6/7, Raça e Gênero, 1996, p. 267.

A publicação foi durante a maior parte dos anos 2000, a única publicação impressa, destinada ao público negro, presente em bancas. Observando a exposição de revistas em bancas de jornais em diferentes pontos da cidade do Rio de Janeiro (capital e interior), em pontos de grande circulação de pessoas (como a livraria existente no terminal rodoviário novo Rio), pudemos perceber que a publicação era a única destinada ao público negro. Constatamos também ser a única com a imagem de uma mulher negra na capa; as demais publicações expostas nas bancas não apresentavam qualquer imagem ou referência negra. As imagens e temas são todos referenciados por imagens brancas, que só confirmam a invisibilidade e/ou a presença minoritária de imagens, temas e discursos destinados à população negra brasileira. Na livraria do terminal rodoviário Novo Rio, até mesmo a quantidade de exemplares disponíveis era extremamente inferior, se comparado as quantidades existentes das demais publicações expostas.

Não apenas na mídia impressa, mas também em outros veículos de comunicação esta situação é recorrente historicamente. Hasenbalg (1982, p.105) afirma que “*no registro que o Brasil tem de si mesmo o negro tende à condição de invisibilidade*”. E analisando a maneira como a publicidade retrata o negro (1982, p.108), verifica que “*em um total de 203 anúncios publicitários de revistas e televisão o negro está presente em apenas nove, sendo que em três deles aparecem em propagandas do governo, de caráter não comercial*”. Uma das conclusões de Hasenbalg é que:

A publicidade não é alheia à dinâmica simbólica que rege as relações raciais no Brasil. Por ação e omissão, ela é instrumento eficaz de perpetuação de uma estética branca carregada de implicações racistas. Nela o negro aparece subrepresentado e diminuído como consumidor e como segmento da população do país, reforçando-se assim a tendência de fazer ele um ser invisível, “retirado da cena”.

Cabe ressaltar que Hasenbalg (1982, p.108) utilizou dados da PNAD de 1976, na qual a população brasileira contava com 41% de pretos e pardos, uma parcela populacional significativa. Segundo Hasenbalg (1982, p. 113) além da invisibilidade, há a manutenção de um imaginário negativo sobre o negro, pois “*a publicidade reproduz os estereótipos culturais sobre o negro, assim contribuindo para delimitar, no plano ideológico, “seus lugares apropriados*”. Estes lugares esgotam-se na polaridade trabalho desqualificado/”enterteiner”, “objeto de consumo”. Tal situação confirma o que declaram Iraci e Sanematsu (2007, p. 122), a respeito do poder e efeitos da mídia na população negra:

Como principal espaço de construção simbólica, a mídia chega a ter uma relevância social e um poder de influência sem precedentes,

chegando inclusive a determinar uma nova forma de exclusão social que afeta diferentes segmentos sociais como negros, mulheres, indígenas, através ou da veiculação de imagens estereotipadas, folclorizadas, como também deturpadas em seus conteúdos, ou da sua invisibilização. Sem dúvida as mídias têm seu efeito sobre comportamentos e idéias, não tanto porque cada exposição isolada seja poderosa, mas, principalmente, pelo seu caráter repetitivo.

Há situações, entretanto, em que a mídia se abstém, deixando de tratar assuntos relevantes e polêmicos, para que caiam no esquecimento das pessoas. Mais, uma vez, manipula-se a informação econômica e politicamente para o caminho mais interessante.

Esta pesquisa, pretende desenvolver uma análise da publicação no período compreendido entre fevereiro de 2013 e junho de 2017. Neste período, a publicação sofre uma mudança na sua condução editorial, quando Maurício Pestana assume toda a produção editorial, comercial e marketing, imprimindo mudanças nos conteúdos da publicação. A publicação agora é disponibilizada apenas no formato digital, pelo *site* e nas redes sociais. Em fevereiro de 2017 o *site* é retirado do ar e passa por reformulações, voltando a funcionar em abril de 2017, com uma nova estrutura e proposta editorial. Agora, Raça Brasil é uma “*newsletter*”¹⁵, e pode ser acessada a pela internet. A partir do registro no site, pode-se acessar os conteúdos da antiga publicação impressa, e também receber notícias via *e-mail*.

A presente pesquisa possui dois objetivos principais: primeiramente, desenvolver uma análise dos conteúdos presentes nas versões impressas da revista, no período compreendido entre fevereiro de 2013 (edição 175) até janeiro de 2015 (edição 194). Analisar na estrutura da revista, e nos seus conteúdos, de que maneira são tratados temas como racismo, identidade negra, reconhecimento, ações afirmativas dentre outros assuntos de interesse da população negra brasileira, e que possam contribuir para a melhoria de sua condição social. Inferir quais seriam as possíveis intencionalidades comunicativas da publicação em relação ao seu público leitor.

Conforme proposto por Bardin (2011, p.36) “*a análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo*”. (...) a técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento (...). Nos valemos desta afirmação de Bardin, reinventando

¹⁵ **Newsletter**. Boletim informativo, geralmente em formato eletrônico, de distribuição regular para os seus assinantes. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/newsletter>.

a utilização do método, em diferentes momentos do trabalho de pesquisa, em virtude de tratarmos de textos de diferentes gêneros, e disponíveis em diferentes fontes.

A definição de análise de conteúdo de acordo com Berelson (apud Bardin, 2011, p.42) é que ela consiste em *“uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”*.

O segundo objetivo é analisar na perspectiva da memória social, a maneira como a revista Raça Brasil, em especial neste período compreendido entre 2013 e 2017, foi um espaço de produção e circulação de memórias sobre o negro. Serão realizadas, para o alcance deste fim, a revisão bibliográfica de edições anteriores da publicação, textos acadêmicos e pesquisas realizadas que tiveram como tema a revista Raça Brasil, textos e livros das áreas de história, comunicação, memória social e outras áreas afins. Serão também realizadas entrevistas com os profissionais que atuaram na publicação desde seu lançamento, com o objetivo de conhecer o contexto de produção da publicação, bem como a atuação e posicionamento pessoal de cada um em relação a mesma. De que maneira a publicação contribuiu para a mudança da realidade da população negra do Brasil.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos. Na introdução, procuramos definir as motivações e questões que impulsionaram e orientaram a escolha de nosso objeto de análise, bem como orientaram a estrutura da presente pesquisa.

No capítulo 1, pretendemos refletir sobre a comunicação social e a imprensa no Brasil, e suas influências na sociedade brasileira. Analisar a importância histórica da imprensa negra como um espaço de resistência e de construção e preservação de uma memória social negra. Destacar a importância da imprensa negra na luta antirracista no Brasil.

No capítulo 2, vislumbramos a partir da análise dos conteúdos da revista, refletir sobre a importância da produção de conteúdos midiáticos afirmativos, que (re)signifiquem a memória sobre o negro, promovendo a eliminação de estereótipos e preconceitos, bem como o fortalecimento identitário; analisar como as diferentes concepções de memória estão presentes nos conteúdos produzidos e veiculados, e de que modo impactam na transformação da realidade social; destacar a importância da revista Raça Brasil como lugar de memória, que contribui para a preservação do patrimônio cultural africano e afrobrasileiro;

No capítulo 3, desenvolver a partir de entrevistas e análise da biografia de alguns de seus colaboradores, uma reflexão sobre a importância de profissionais negros atuarem

na produção de discursos dirigidos à população negra, (na esfera da comunicação social – especificamente por meio do jornalismo e da literatura). Destacar a contribuição destes profissionais que, por meio de suas histórias de vida, tornaram-se referências para a promoção de reconhecimento afirmativo bem como da valorização da negritude. Visibilizar as memórias da revista Raça Brasil por meio de quem produziu memórias na revista Raça Brasil;

Nas considerações finais, buscamos demonstrar a necessidade e importância da transformação da comunicação social brasileira, com a inclusão da presença negra nos espaços, veículos e conteúdos midiáticos, bem como do adequado tratamento de suas questões e demandas por meio da comunicação social. Deste modo, poder-se-á proporcionar a (re)construção do imaginário e da memória sobre o negro, construindo uma “memória comunicativa da negritude em diáspora”, na esfera da comunicação social brasileira. Demonstrar que a revista Raça Brasil, para além de entretenimento e valorização estética, revestiu-se nestes vinte e um anos, em ferramenta de ação política, como também um agente de (re)enquadramento positivo da memória do/sobre o negro, dando visibilidade, voz, valor e vez para a população negra na mídia do Brasil.

PETARDO

Cristiane Sobral¹⁶

Escrevi aquela história escura sim.
Soltei meu grito crioulo sem medo
pra você saber:
Faço questão de ser negra nessa cidade descolorida,
doa a quem doer.
Faço questão de empinar meu cabelo cheio de
poder.
Encresperei sempre,
em meio a esta noite embriagada de trejeitos
brancos e fúteis.

Escrevi aquele conto negro bem sóbria,
pra você perceber de uma vez por todas
que entre a minha pele e o papel que embrulha
os seus cadernos,
não há comparação parda cabível,
há um oceano,
o mesmo mar cemitério que abriga os meus
antepassados assassinados,
por essa mesma escravidão que ainda nos
oprime.

Escrevi
Escrevo
Escreverei
Com letras garrafais vermelho-vivo,
pra você lembrar que jorrou muito sangue.

¹⁶ SOBRAL, Cristiane. **Petardo**. In, SANTOS, Luiz Carlos dos. **Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos**. São Paulo: Moderna, 2005.

CAPÍTULO 1 - IMPRENSA NEGRA E MEMÓRIA SOCIAL

1.1. A comunicação social e a imprensa no Brasil.

(...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (Michel Foucault, 2008, p.10)

O ato de comunicar é “*transmitir informação, dar conhecimento de; fazer saber, participar*”. É também, “tornar comum. Pôr em contato ou relação; ligar, unir. Estabelecer comunicação, entendimento, convívio”. Os meios de comunicação de massa (mass media) ocupam extrema importância nas sociedades contemporâneas. A linguagem oral e escrita, facilitadora da comunicação entre as pessoas desenvolve-se e amplia-se incrivelmente, e por meio de aparatos tecnológicos e sistemas computadorizados, desdobra-se em outras linguagens (imagens, sons) e impregna de sentidos as mensagens. A rede global de internet permite que se possa estar instantaneamente em qualquer lugar do planeta, desde que se disponha de um artefato tecnológico e uma conexão em rede. A comunicação reveste-se de extrema importância no cotidiano das pessoas e na construção de relações:

(...) A comunicação como parte do comportamento humano é de grande relevância, é a essência do Homem, o templo onde habita a linguagem e sociabilidade. Comunicar é pôr em comum, é aproximar distâncias. Por esse motivo, a comunicação social assume uma elevada importância, já que estuda a comunicação humana e a interação entre pessoas dentro da sociedade.

A comunicação social, enquanto ciência social aplicada, desenvolve

o estudo das causas, funcionamento e conseqüências da relação entre a sociedade e os meios de comunicação de massa – rádio, revista, jornal, televisão, teatro, cinema, propaganda, internet. Engloba os processos de informar, persuadir e entreter as pessoas. Encontra-se presente em praticamente todos os aspectos do mundo contemporâneo, evoluindo aceleradamente, registra e divulga a história e influencia a rotina diária, as relações pessoais e de trabalho.

Considerando as definições de comunicação social apresentadas, podemos perceber que ela é uma ciência ampla, e também está a serviço da formação e conservação do grupo social. No caso do Brasil, em particular, a mídia¹⁷ de acordo com Borges e Borges (2012, p.36)

(...) tem sido um “território interdito às populações negras e, também, um espaço de constante criação de estereótipos. Se levamos em

¹⁷ **Mídia:** Qualquer suporte de difusão de informações (rádio, televisão, imprensa escrita, livro, computador, videocassete, satélite de comunicações etc.) que constitua simultaneamente um meio de expressão e um intermediário capaz de transmitir uma mensagem a um grupo; meios de comunicação, comunicação de massa. Disponível em: http://www.dicio.com.br/midia_2/ . Acesso em: 28/06/2014.

consideração que as mídias formam/produzem opiniões, e não somente informam/reproduzem (sobre) fatos, podemos inferir que a imagem dos negros e negras que se quer inculcada ou ratificada no imaginário social ainda tem sido, com grande frequência, a daquele(a) que ocupa o “lugar a menos”.

Esta situação talvez possa justificar a reduzida presença de negros/as nos diferentes conteúdos produzidos, bem como a invisibilidade, ausência e exclusão a que são submetidos nos diversos veículos midiáticos da sociedade brasileira. Sodré (1998, p. 23), já observava que o controle dos meios de comunicação está sob o controle de uma elite, que segundo ele são “*os grupos e as instituições com acesso diferenciado a mecanismos geradores de poder, tais como renda, emprego, educação, e força repressiva. E estas elites controlam e moldam o discurso da mídia*”, conclui Sodré. Também neste sentido, Almada (2012, p.26), destaca:

Embora sejam concessões públicas, os meios de comunicação no Brasil são administrados como bens patrimoniais de natureza familiar. São gerenciados por elites descendentes dos grupos sociais que, no passado histórico do país, sempre gozaram de privilégios (inclusive o de formular e legitimar enunciados sobre o Outro e de difundi-los nos espaços de afirmação dos discursos sociais, a literatura científica e ficcional, entre eles) e que perpetuam, agora através de aparatos tecnológicos cada vez mais sofisticados, mitos e estereótipos ainda fortemente presentes no imaginário coletivo. É deste imaginário que são absorvidas, reelaboradas e retransmitidas pelos *mass media*, representações carregadas de juízos de valor negativos sobre parcelas da sociedade do país.

O discurso racista está presente nas sociedades colonizadas (como a brasileira), e parece ter objetivo pedagógico, visto que o racismo não é inato; aprende-se (de diferentes formas) a ser racista. De acordo com van Dijk (2008, p. 15) “*as pessoas aprendem a serem racistas com seus pais, seus pares (que também aprendem com seus pais), na escola, com a comunicação de massa, do mesmo modo que com a observação diária e a interação nas sociedades multiétnicas*”. E van Dijk (2008, p.15) prossegue afirmando que:

Esse processo de aprendizagem é amplamente discursivo, isto é, baseado na conversação e no contar de histórias diárias, nos livros, na literatura, no cinema, nos artigos de jornal, nos programas de TV, nos estudos científicos, entre outros. Muitas práticas de racismo cotidiano, tais como as formas de discriminação, podem até certo ponto ser aprendidas pela observação e imitação, mas até mesmo estas precisam ser explicadas, legitimadas ou sustentadas discursivamente de outro modo. Em outras palavras, a maioria dos membros dos grupos dominantes aprende a ser racista devido às formas de texto e de fala numa ampla variedade de eventos comunicativos.

A difusão de discursos racistas em escala global, por meio de diferentes produtos midiáticos difundidos em diferentes veículos de comunicação, acaba por promover uma pedagogia racista que fundamenta a ocorrência de práticas racistas. Estas práticas são naturalizadas, e se apresentam massivamente nas sociedades, influenciando (e sustentando) as relações entre os diferentes sujeitos sociais (no caso brasileiro, as relações entre brancos e negros, de modo particular). Silva e Rosemberg (2008, p.74) observam que *“o Brasil é uma sociedade racista”*. E afirmam que *“a mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira, uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros”*. As diferentes opiniões formuladas a respeito da identidade negra acabam por influenciar os modos de produção/veiculação de conteúdos midiáticos. A desvalorização dos traços corpóreos, estética, práticas culturais e valores africanos e afro-brasileiros fortemente presente na sociedade brasileira, acaba por orientar/sustentar as práticas racistas que cotidianamente são difundidas na mídia nacional. Invisibilidade, estereotípias, marginalização, são traços recorrentes dos conteúdos veiculados sobre negros/as.

A mídia é um poderoso instrumento de representação da alteridade, e mostra-se particularmente racista em relação aos negros, no Brasil. Podemos verificar isso analisando as representações imagéticas que retratam o negro preconceituosa e negativamente. Neste sentido Wieviorka (2007, p. 129) destaca que:

As representações da alteridade, tais como são propostas pelas mídias, foram por muito tempo dominadas por imagens totalmente despidas de sutileza. desqualificando suas vítimas, elas insistiam sobre o que o grupo tratado de maneira racista e seus membros apresentavam de inferior, de sujo, de abjeto, ou de desprezível; o Outro não podia, pois, ser senão um ladrão, um violador, um criminoso nato, ou ainda, ser ignorante, inculto, retardado.

A invisibilidade de negros em conteúdos midiáticos também é outra ferramenta de manutenção do paradigma racista da mídia brasileira. A exclusão de negros parece querer sugerir que eles devem estar situados em determinados lugares e condições, que não possuem recursos ou possibilidades de ocuparem/possuírem determinados bens/produtos/serviços. A mídia invisibiliza e subalterniza/inferioriza os negros, de modo sutil, mas poderoso, e exige que se faça uma leitura crítica profunda deste conteúdo racista veiculado. Kellner (2001, p.123) observa que:

Os produtos da cultura da mídia, portanto, não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e a ações políticas. Em vista de seu significado político e de seus efeitos políticos, é importante aprender a interpretar a cultura da mídia politicamente a fim de descodificar suas mensagens e efeitos ideológicos. (...) interpretar politicamente a cultura da mídia exige que se amplie a crítica ideológica para abranger a intersecção de sexo, sexualidade, raça e classe, e ver que a ideologia é apresentada na forma de imagens, figuras, códigos genéricos, mitos e aparato técnico de cinema, televisão, música e outros meios, bem como por intermédio de idéias ou posições teóricas.

É necessário realizar uma leitura crítica das diferentes produções midiáticas de modo que possamos entender o mundo e posicionar-se nele. Produzir contra-discursos que transformem a paisagem midiática por meio de signos e imagens que permitam a construção de novos paradigmas e ações políticas que promovam a afirmação, valorização e reconhecimento de grupos que foram invisibilizados e fundamentam a manutenção de situações de subalternidade e exclusão social. Estabelecer estratégias que operem transformações nas realidades materiais, principalmente nos estatutos, regras, estruturas e permitam a construção de relações de reconhecimento identitário, respeito e coesão social.

1.2. Imprensa negra: definições e cores de um tema..

(...) os bens materiais e simbólicos, os comportamentos e as elaborações discursivas contribuem para visualizar as concepções de mundo que os indivíduos e os grupos tornam relevantes para tecerem as representações de si mesmos e do outro. (Pereira e Gomes, 2001, p.13)

Qual a definição mais adequada para “imprensa negra”? Seria possível uma definição única, se considerarmos que ela está presente na sociedade brasileira há quase dois séculos? Haveria uma mudança na definição com o passar do tempo? Os objetivos desta imprensa negra permanecem os mesmos, a despeito das mudanças sociais?

A imprensa inicia-se no país a partir de 1808, com a implantação da Imprensa Régia, sendo até esta data proibida a circulação de qualquer atividade de imprensa no Brasil. Desde seu início, entretanto, a atividade jornalística era desenvolvida apenas pelo governo, sendo proibida a abertura de qualquer outro empreendimento, e tudo o que era publicado passava por uma censura prévia, de modo a garantir a difusão apenas do que era interesse do governo. Esta situação só veio a mudar a partir de 1821, com a extinção da censura prévia.

A população percebe que é importante que se inicie uma produção de discursos feitos por negros e sobre negros por meio da imprensa, já nos primórdios da atividade jornalística no Brasil. Sodré (1999, XII) em *“História da Imprensa no Brasil”* afirma que *“a dominação se exerce, dispensando o uso da força, pelo exercício da propaganda, do convencimento”*. E observa ainda (1999, XIII), a importância da imprensa como um instrumento de poder:

Na expansão colonialista, cujo auge ocorreu nos séculos XVIII e XIX, os meios de comunicação então existentes convenceram os povos colonizados de que isso ocorria por razões diversas. Eles eram compelidos, por convencimento mais do que pela coação, de que não tinham outra saída: eram colonizados por uma espécie de fatalidade. Daí, nessa fase histórica, preconceitos de duração secular: o preconceito de raça demonstrava aos africanos que eles estavam predestinados, como raça “inferior”, no caso dos negros, a trabalhar para os senhores (...)

Sodré (1999, XIII) registra em uma frase o que parece ser um retrato da época: *“sempre os dominadores asseguravam a todos os que sofriam o domínio de que deveriam aceitar tranquilamente esse amargo destino, por inelutável”*. E utilizar-se de discursos para atingir o objetivo de dominação é uma das estratégias do grupo dominante. Após a independência, quando os negros lutam por sua emancipação, a imprensa é utilizada como um instrumento de inculcação de uma subordinação passiva do negro em relação ao branco. A importância desta imprensa, na sua intenção de resistência contra o racismo, bem como da promoção de unidade, de integração e fortalecimento da identidade e valores negros é também destacada por diversos autores. Cintra (2007, p. 26, 27) destaca que:

Segundo Joselina da Silva (2003, p. 235), a imprensa negra é fonte privilegiada para o estudo do pensamento social e político do negro brasileiro, uma vez que os jornais foram publicados em várias partes do país e representaram as idéias e aspirações das principais lideranças daquele expressivo contingente populacional.

Já Marinalda Garcia (1997, p. 95) considera a imprensa negra do período como o conjunto dos jornais que foram publicados, a partir do século XIX, com a intenção de criar meios de comunicação, educação e protesto para os leitores aos quais se dirigia. (...) Ao perseguirem as datas festivas de aniversários, casamentos, batizados, festas e bailes, além dos anúncios de morte e doenças, artigos assinados e reportagens, revelaram um quadro aproximado dos comportamentos, anseios, esperanças e reivindicações daquelas pessoas. O protesto contra o preconceito racial e a marginalização social, a poesia, o teatro, a música, os conselhos e as fofocas que tinham o objetivo de ditar regras morais e de comportamento, bem como juízos afirmativos de uma identidade negra, tudo isso e muito mais se pode vislumbrar nessa imprensa.

Historicamente, desde o início da introdução da imprensa no país, no século XIX, os negros também lutam por produzir seu próprio discurso. Um discurso que busca confrontar o que se difunde a seu respeito, depreciando sua identidade, seus valores, e que tencionava deslegitimar seus direitos e sua adequada inclusão na sociedade que se organiza a partir de então, e do país que inicia a sua construção. Pinto, (2005, p.72) destaca a importância da “*existência e da atuação de jornais negros no século XIX brasileiro*”, e observa nesta imprensa (2005, p.74) uma “*variedade dos recursos argumentativos utilizados pelos publicistas nas práticas de combate ao racismo, inscrita nesses momentos iniciais do jornalismo negro brasileiro*”:

os textos datados de 1833 trazerem à baila denúncias de discriminação de ordem racial, apresentadas por publicistas que evidenciavam sua ascendência africana – por meio de termos da época como “pardo”, “mulato”, “de cor”. Dirigidas aos cidadãos negros da Corte, seu público, aquelas palavras se colocavam a serviço da afirmação dos talentos e das virtudes dos membros desse grupo sociorracial, a fim de estabelecer contrapontos aos prejuízos a que eram expostos.

A utilização de meios de comunicação, por uma elite negra, para realizar a luta por uma melhoria da condição social da população de cor também é destacada por Pinto (2005, p.76) quando afirma que “*certas investidas, como o envolvimento duradouro na edição de jornais, ficaram mais restritas à parcela livre e liberta, ainda que mantidos os laços com os escravizados*”. Podemos destacar na existência destes periódicos da imprensa negra uma forma inicial da organização de um movimento de resistência à discriminação racial e de mobilização em prol da população de cor nos oitocentos. Um movimento de negros em luta por cidadania e igualdade antes mesmo da Abolição. Pinto (2005, p.73) em sua pesquisa sobre a imprensa negra no século XIX afirma:

Daquela admiração aos dias atuais, encontrei – ou fui encontrada por – outros periódicos com características muito próximas, contudo, publicados por pessoas diferentes, em épocas e locais igualmente distintos. No fim das contas, foram reunidos oito títulos, que, apesar dos intervalos, compreendem um período que vai de setembro de 1833 – ano do surgimento de O Homem de Côr, primeiro periódico encontrado – a agosto de 1899 – quando foi publicado O Progresso –, aparecendo em várias localidades do país. (...) Todos esses jornais remetiam a contextos onde estavam reunidos autores e leitores negros unidos pelo interesse da circulação de informações de interesse do grupo sociorracial.

A luta por igualdade desenvolvida pela população de cor, por meio dos veículos de imprensa negra é contínua. Além da manifestação de suas aspirações por uma adequada inserção social, esta imprensa também serve de espaço de denúncia da existência de um

tratamento discriminatório destinado à população negra, conforme descreve Pinto (2005, p.77):

Sob a vigência ou não do regime escravista, nos tempos da Monarquia ou da República, a Nação brasileira nunca apareceu nas páginas desses jornais oitocentistas como espaço acolhedor para os descendentes de africanos. Em vez disso, entre 1833 e 1899, emergem representações cada vez melhor ajambradas que atestam o acirramento das mazelas dirigidas ao grupo sociorracial negro.

Como exemplo, Pinto (2005, p.81,82) registra uma publicação de *O Homem*, periódico pernambucano datado de 1876:

Há tempo de calar e há tempo de falar. O tempo de calar passou, começou o tempo de falar. A classe dos homens de cor, sem dúvida nenhuma, a mais numerosa e a mais industriosa do Brasil, parece atualmente voltada ao ostracismo pelos homens que nos governam, contra toda a justiça, contra a própria lei fundamental do país. Embora os particulares tratem-nos com as atenções merecidas, embora muitos dentre eles se achem ligados conosco pelos laços da mais sincera amizade, todavia os fatos denunciam que o partido que há tempos predomina na província parece manter o propósito desleal de ir apartando dos empregos públicos aqueles nossos que para eles haviam sido nomeados por consideração de seus talentos e virtudes, conforme preceitua a Constituição do Império.

Há uma consciência da importância da “classe dos homens de cor” que é destacada pelo articulista, bem como a sua numerosa e qualificada contribuição para o país, que todavia, não é reconhecida e valorizada. Já denunciam práticas ilegais, de natureza política e contrárias à Constituição. Pinto (2005, p.81) observa que “*os publicistas articularam um repertório intelectual para desbancar as teorias raciais que postulavam a superioridade das raças sem cor e a inferioridade das raças de cor, termos encontrados no jornal*”. A ampliação da discriminação contra a população de cor, por meio de restrições diversas, é intensamente criticada por meio de publicações nos jornais. Pinto (2005, p. 84), destaca uma outra publicação do Jornal O Homem¹⁸ :

Queremos a efetiva realização da igualdade constitucional para todos os brasileiros, qualquer que seja a classe a que pertençam; queremos como um direito que nos é outorgado pela própria natureza e reconhecido pela lei fundamental do país aquilo a que a uns tem sido até hoje absolutamente recusado, e a outros dado somente a modo de favor ou antes de esmola; queremos que os indivíduos que têm cor mais escura não sejam, somente por isso, considerados como inferiores aos que têm a cor mais clara, como se a cor, qualquer que ela seja, por si pudesse dar ou tirar merecimento a alguém; queremos a extinção total

¹⁸ O Homem – Realidade Constitucional ou Dissolução Social. Recife, Typographia do Correio do Recife, n. 4, 3 de fevereiro de 1876, p. 2.

da escravidão no Brasil, único país do mundo em que tão reprovada instituição ainda desgraçadamente existe.

Entende-se, portanto, a importância e necessidade do desenvolvimento de um contra-discurso, pelos negros, ao que era apresentado sobre si pela imprensa branca, extremamente negativo. A luta para desconstruir uma representação excludente, que contribuísse para a sua adequada integração social. Buscava visibilizar a sua presença e também suas realizações e participação social. Bonfigli (2002, p.31) ressalta que “a imprensa ligada às elites naturalmente nunca mostrou preocupação com essa necessidade”.

A imprensa negra dos anos 30 do século XIX recebeu algumas definições. Segundo Azevedo (2005, p.302) “a historiografia tem se referido à emergência de um novo tipo de imprensa – a “imprensa mulata” – nos primeiros anos da década de 1830, destacando seus intuítos nativistas em defesa da população negra e mestiça livre”. E Azevedo prossegue afirmando estar esta imprensa “voltada para a denúncia do preconceito racial e para a defesa da cidadania universal dos homens livres, o que significava lutar pelos direitos civis e políticos em parte já contemplados na Constituição de 1824”. Moura (2004, p.19) define imprensa mulata como “grupo de jornais de reivindicação étnica dos mulatos (pardos) livres que circulavam no Rio de Janeiro durante o século XIX”. E Moura observa que “os jornais foram o elemento que serviu de veículo à discussão dos problemas da população de cor, durante a Menoridade”.

Figura 1 - CABEÇALHO DO PASQUIM O HOMEM DE CÔR DE CÔR



Fonte: Extraído, Pinto (2006, p.18)

Podemos perceber a presença no cabeçalho da lei que garante uma “igualdade de tratamento”, ressaltando que as únicas diferenças a serem admitidas para o exercício da cidadania são “os talentos e virtudes”. Rosa (2014, p. 556), destaca que a publicação

“inseriu-se, assim, num campo de debates de ideias e conflitos raciais antes mesmo do início das produções jornalísticas da imprensa abolicionista, imbuídas da causa da libertação de africanos e seus descendentes escravizados” (...). Rosa (2014, p. 557) observa ainda que “desde 1833, os jornais negros frisavam os direitos constitucionais dos cidadãos brasileiros para ilustrar o grau de exclusão e discriminação que atingia os descendentes de africanos”.

Em sua análise sobre os jornais de época, do final do século XIX em São Paulo, Schwarcz (1988, p. 15) observa que *“os jornais são aqui entendidos, primeiramente, enquanto “produto social”, isto é, como resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como objeto de expectativas, posições e representações específicas”.* E demonstra como o discurso produzido por brancos sobre os negros buscava demarcar posições, e de alguma forma, garantir privilégios para uns e exclusão para outros, em um momento de transição importante da sociedade brasileira. Schwarcz (1988, p.15) destaca que:

Sem buscar portanto um conceito único, amplo e definidor, a nossa intenção é antes registrar e interpretar a própria diversidade de concepções, reconstituindo não a condição negra em si mas, antes, os modos *como brancos falavam* sobre o negro e o representavam num momento de mudanças e transformação nos atributos que formalmente definiam esses elementos.

Na busca de entender as representações dos brancos desse período sobre os negros, tanto a cidade de São Paulo como seus jornais foram-se mostrando essenciais, na medida em que passavam por um momento de grande transformação e redefinição em suas funções e papéis; São Paulo, como veremos, transformava-se, aos poucos, de pequena aldeia desimportante no grande centro nacional do café, para onde convergiam interesses políticos e econômicos que sem dúvida se farão presentes nos discursos e debates da imprensa.

As expectativas dos negros deveriam, portanto, também serem apresentadas pelos jornais, de modo a promover uma articulação, conscientização e mobilização do meio negro na luta por inclusão na sociedade, bem como para denunciar e confrontar situações desfavoráveis e discriminatórias sofridas. Como afirma Santos (2011, p. 150)

A ideia central que definiu a imprensa negra foi a capacidade dos redatores em tornar os periódicos os principais meios de comunicação e protesto em defesa dos negros. A definição contemporânea de imprensa negra deixa de fora aqueles aspectos que são fundamentais para o entendimento dos jornais publicados nos séculos XIX e XX, que eram voltados para questões centrais naqueles períodos.

Neste sentido, Santos (2011) dialoga com o que é destacado por Schwarcz (1988, p. 95), a respeito da representação do negro na imprensa branca da época:

Antes de passarmos para uma análise das representações sobre o negro, presentes nesses jornais, seria importante que caracterizássemos as diferentes seções que compunham os periódicos da época. Nelas, o negro aparece com grande frequência e podemos encontrá-lo envolvido em vários e diferentes espaços que vão como que definindo e redefinindo a figura e a condição negra e escrava: existe o negro das “ocorrências policiais”, o negro violento que se evadiu, o negro que é centro de notícias escandalosas, o negro dependente e serviçal que é oferecido enquanto “peça de bom funcionamento”, ou mesmo o negro “objeto” de discurso dos editoriais científicos.

Entende-se, portanto, a importância e necessidade do desenvolvimento de um contra-discurso, pelos negros, ao que era apresentado sobre si pela imprensa branca, extremamente negativo e estigmatizante. A luta para desconstruir uma representação excludente, permitindo a sua adequada integração social. A este respeito, Santos (2011, p.157) assevera:

Os periódicos que compõem o que entendo como imprensa negra, até as primeiras décadas do século XX, davam destaque para as questões educativas do meio negro e tinham viés moralizador nos seus artigos. O uso de bebidas alcoólicas em exagero, as “irresponsabilidades” na educação dos filhos, as brigas e ofensas pessoais, a vida errante e sem trabalho, enfim, toda postura que destoasse das prescrições do que a sociedade entendia como “bom comportamento” era severamente criticada pelos articulistas. Aqueles periódicos tornaram-se uma imprensa alternativa aos jornais de grande circulação, uma vez que os negros não se viam representados nas suas páginas. Eles faziam uso das suas próprias folhas para divulgar as festas, casamentos, aniversários, batizados, nascimentos, mortes, situações de discriminação e preconceito, assuntos políticos e sociais de interesse do público a que eram dirigidos. Os jornais eram produzidos por uma minoria de negros alfabetizados, geralmente mais bem posicionados na hierarquia social, mas que expressavam os desejos e as aspirações daquela parcela da população que diziam representar.

No século XX, Bastide (1951, p.51) define como características principais da imprensa negra a proposta de “*agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso da solidariedade, encaminhá-los, educa-los a lutar contra o complexo de inferioridade*”, e também por ter atuado como “*um órgão de protesto*”. Ferrara (apud Domingues, 2008, p.21) destaca que

A imprensa negra era responsável pela formação da ideologia de um grupo específico. E foi por intermédio dessa imprensa que o afro-brasileiro desenvolveu “uma consciência e solidariedade étnicas”, que o “grupo negro” se organizou para “preservar ou manter suas características frente à discriminação social, política e econômica”.

Domingues (2008, p. 21) observa que “os jornais da “*classe dos homens de cor*” serviam de veículo denunciatório do regime de “*segregação*” racial que incidia na

cidade de São Paulo no pós-Abolição”(…). E conclui: *”as páginas daqueles jornais tornaram-se uma tribuna privilegiada para pensar em soluções para o problema do racismo na sociedade brasileira”*. Ao vislumbrarmos as capas de alguns periódicos da imprensa negra do início do século XX, podemos perceber esta preocupação de valorização e afirmação da identidade negra, presentes na maioria deles. A apresentação de cada veículo, de modo específico já no cabeçalho, deixava bem explícito a sua intenção, e o público para o qual se dirigia.

Figura 2 - CABEÇALHO DO JORNAL O BALUARTE, número 3, 1904

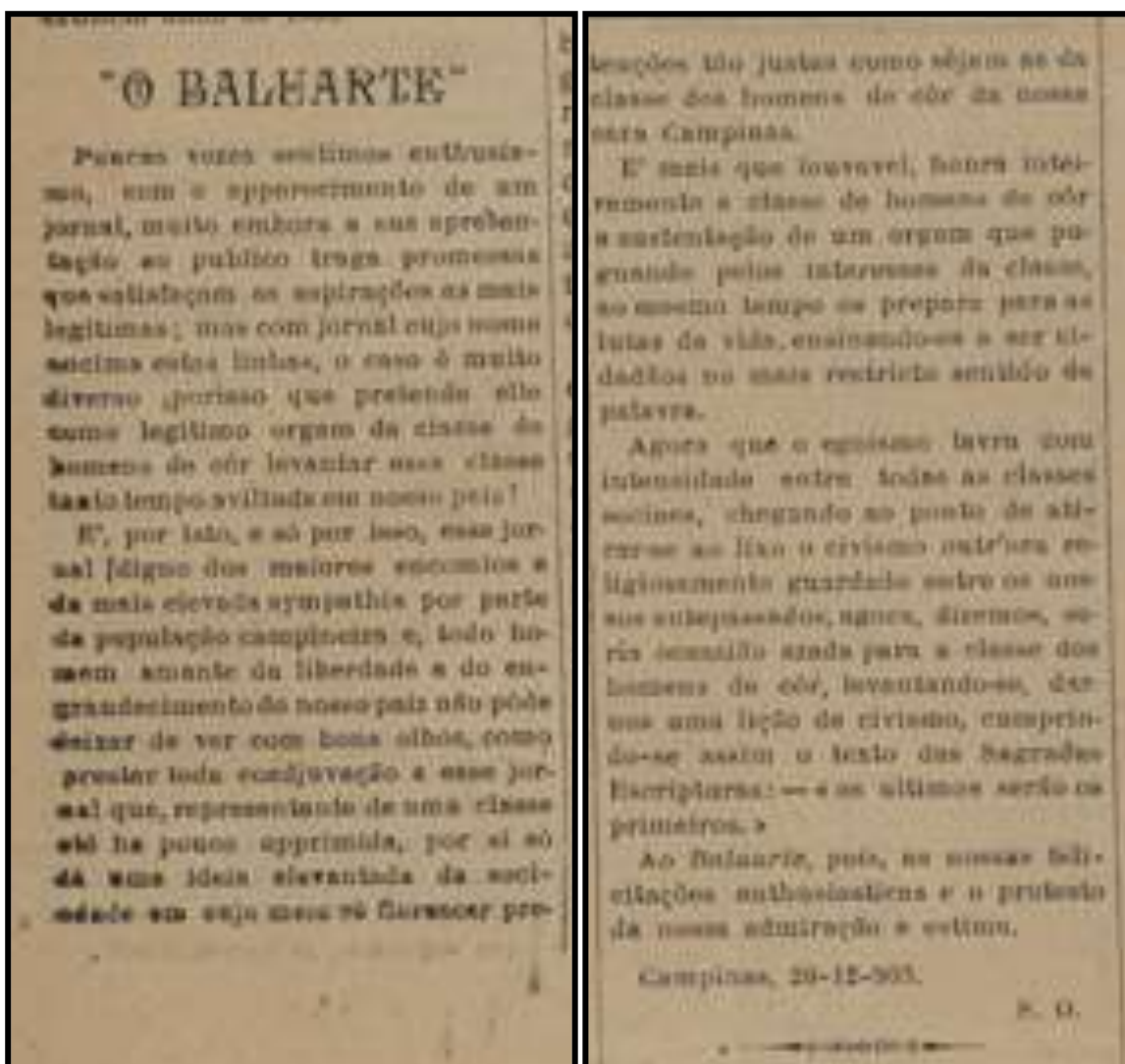


Fonte: Jornal “O Baluarte”, 1904, Número 3 – Disponível em:
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/periodicos/jornais/BA19040115.pdf>

Já no cabeçalho a publicação destaca ser “orgam official do “Centro Litterario dos Homens de Côr”, e expressava a sua intenção: “dedicado a defeza da classe”. A publicação era bem aceita pelos leitores, conforme trecho destacado da matéria reproduzida na imagem abaixo:

todo homem amante da liberdade e do engrandecimento do nosso paiz não pode deixar de ver com bons olhos, como prestar toda coadjuvação a esse jornal que, representante de uma classe até há pouco opprimida, por si só da uma idéia elevantada da sociedade em cujo meio vê florescer pretenções tão justas como sêjam as da classe dos homens de côr da nossa cara Campinas.

Figura 3 - TRECHO DA CAPA DO JORNAL O BALUARTE, número 3, 1904



Fonte: Jornal "O Baluarte", 1904, Número 3 – Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/periodicos/jornais/BA19040115.pdf>

No trecho destacado acima, percebem-se duas intenções discursivas: a de incentivar a manutenção da publicação, elogiando aos leitores que demonstrariam sua honra com a ação, bem como denunciar as discriminações sofridas, conclamando os leitores para manterem-se unidos na luta pela cidadania devida à "classe dos homens de côr":

E mais que louvável, honra inteiramente a classe de homens de côr a sustentação de um organo que pugna pelos interesses da classe, ao mesmo tempo os prepara para as lutas da vida, ensinando-os a ser cidadãos no mais restricto sentido da palavra (...) agora, dizemos, seria ocasião azada para a classe dos homens de côr, levantando-se, dar-nos uma lição de civismo, cumprindo-se assim o texto das Sagradas Escripturas:- "os últimos serão os primeiros".

Figura 4 - CAPA DO JORNAL O BANDEIRANTE, número 2, 1918



Fonte: FIGURA 4 – Jornal “O Bandeirante”, 1918, Número 2 – Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/periodicos/jornais/BH19180800.pdf>

Figura 5 - CAPA DO JORNAL O BANDEIRANTE, número 4, 1919



Fonte: Jornal “O Bandeirante”, 1919, Número 4 – Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/periodicos/jornais/BH19190400.pdf>

Os cabeçalhos do jornal “O Bandeirante”, destacados acima, demonstram a adequação das publicações as situações da realidade social na qual estão inseridas; conforme descrito por Moura (2002, p. 6) “evidentemente que há variações de ideologia ou de posição em face da sociedade global”. No cabeçalho do jornal, datado de agosto de 1918, a publicação declara ser “*organ mensal de defesa da classe dos homens de cor*”. Já no cabeçalho datado de abril de 1919, declara-se “*organ de combate em prol do reerguimento geral da classe dos homens de cor*”. Conforme bem observou Moura (2002, p.6) “*o núcleo básico do pensamento é o mesmo: a posição do negro diante do mundo do branco. Algumas vezes eles assumem um caráter reivindicativo, outras vezes, um conteúdo pedagógico, mas sempre procurando a integração do negro*”.

A capa do jornal “Tribuna Negra”, de 1935, já denota uma mudança na transcrição de seu objetivo; não mais se fala em “defesa da classe dos homens de cor”, mas sim pela “união social e política dos descendentes da raça negra”. Da busca pela integração na sociedade, os negros passam a desenvolver uma “valorização e reconhecimento identitário”. Resignificam a “raça”, de modo a produzir uma revalorização simbólica, exaltação positiva, contrapondo-se a sociedade que discrimina e repele o “ser negro”. A

exaltação a negritude passa a ser uma característica desta imprensa negra. A este respeito, Moura (2002, p.11) destaca: “a imprensa negra reflete como os negros articulam este conceito em relação a si mesmos. Oprimidos e discriminados, estigmatizados pela sua marca étnica, os negros concentram nesta marca seu potencial da revalorização simbólica de sua personalidade”.

Figura 6 - CAPA DO JORNAL TRIBUNA NEGRA, número 1, 1935



Fonte: Jornal “Tribuna Negra”, 1935, Número 1 – Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/periodicos/jornais/TK19350900.pdf>

A transição da “defesa da classe” para “união social e política dos descendentes da raça negra” demonstra como cada fase da imprensa negra reflete o momento histórico, social e político na qual está inserida. O aguçamento da luta de classes, e a exclusão do negro dos espaços sociais de status e melhor remuneração por motivação racial acabam por influenciar estas mudanças.

Figura 7 - CAPA DA REVISTA SENZALA, 1946



Fonte: Capa da Revista Senzala. Ano1, No.1 Jan./1946. Extraído em MOURA, Clóvis; FERRARA, Miriam Nicolau. **Imprensa negra: Edição Fac-Similar.** São Paulo: IMESP/Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2002, p. 15

A Revista Senzala, publicada em 1946, difundia acontecimentos culturais das comunidades negras. Desta forma, realizavam a cobertura de uma série de acontecimentos que não conseguiam espaço algum nos meios de comunicação tradicionais. Teve grande influência na comunidade negra, buscando criar uma integração dos negros por uma causa comum. Moura e Ferrara (2002, p.15), em nota de rodapé a respeito da revista destacam: “a partir de uma revisão da Convenção Nacional do Negro de 1945, apresentou novas propostas reivindicando, principalmente, a participação do negro na sociedade brasileira”.

Figura 8 - CAPA e CONTRA-CAPA DO JORNAL “Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro”



Fonte: “**Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro**”. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 09 dezembro de 1948. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/>

O jornal “*Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*”, editado por Abdias Nascimento, de circulação mensal e publicado entre 1948 e 1950, lutava pela igualdade racial no país. Almada (2009) observa que “*Quilombo* abria espaços para intelectuais negros e brancos”. Ainda de acordo com Almada (2009), citando o professor Antonio Sérgio Alfredo Guimarães:

Quilombo expressa o modo como o Teatro Experimental do negro transformou-se numa ampla mobilização política, cultural, educacional e eleitoral para dar ao negro um lugar autônomo na emergente democracia brasileira. Lembra ainda que Quilombo foi, por vários motivos, bastante diferentes de seus antecessores da imprensa negra: “Mas talvez o mais importante deles tenha sido justamente a sua inserção e a sintonia com o mundo cultural brasileiro e internacional”.

O blog “JORNAL QUILOMBO, cultura e memória do negro na década de 1940”¹⁹, a respeito da publicação e suas características destaca:

Este jornal mantinha colunas permanentes onde se criava espaço para os debates mais variados referente a luta negra no Brasil. Para essa primeira edição o editor chefe do jornal Abdias Nascimento escreve

¹⁹ “JORNAL QUILOMBO”, cultura e memória do negro na década de 1940. Blog elaborado para a disciplina experiências memoriais e ação educativa do curso de especialização em história e patrimônio da Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://jornalquilombo.blogspot.com.br/>

uma matéria intitulada "nós", e posteriormente ele sempre apresentava uma matéria para o jornal.

Um dos diferenciais deste jornal era o espaço aberto para todos que estivessem interessados em debater e acrescentar sobre as questões raciais no Brasil.

Uma importante coluna presente neste jornal era a coluna "democracia racial", onde o espaço debatia a questão da democracia racial no Brasil, outras colunas importantes eram as colunas, "arquivo", "fala mulher", "livros", "cinema", "música" e tantas outras.

Este jornal teve um diferencial com referência aos outros jornais que defendiam a população negra, pois ele se manteve um espaço livre para todos que procuravam trabalhar e agregar o debate.

Quilombo, é parte de um projeto que buscava a integração do negro na sociedade brasileira, que iniciava um novo momento. Cunha (2013, p.3154) observa que *“com o fim do período Vargas em 1945, a recuperação da liberdade de imprensa e o início de uma fase de recuperação das liberdades democráticas novos ventos começaram a soprar”*. E cita Domingues (2008, p.262), a respeito do sentimento de Abdias Nascimento à época: *“Abdias do Nascimento não ocultava seu otimismo quanto à fase democrática que o país atravessava. Acreditava que a consolidação dos dispositivos democráticos beneficiaria a inserção da população negra no projeto de desenvolvimento nacional”*. E Cunha (2013, p.3157) destaca que *“este jornal enfrentou o questionamento do mito da democracia racial”*.

Quilombo, antes das pesquisas do Projeto UNESCO em 1950, já demonstrava que na realidade, o mito da democracia racial não era uma verdade; as relações raciais entre brancos e negros nada tinham de harmoniosas. O Brasil não era um paraíso racial. Cunha (2013, p. 3159) exemplifica esta questão, por meio de dois textos publicados em Quilombo. O primeiro, de dezembro de 1948, escrito por Rachel de Queiroz, no qual a autora questiona a ausência de preconceito racial no Brasil, em diferentes espaços sociais:

Será que por ausência de preconceito que quase nenhuma das ordens religiosas existentes no Brasil recebe pessoas de cor no seu seio – salvos como leigos, que dizer, como criados? E que os colégios grã-finos não aceitam alunos ou alunas de cor? E que a Light (e o governo fecha os olhos ante isso) não admite telefonistas de cor? E que nenhuma loja das ditas elegantes daqui do Rio, de São Paulo e de outras capitais, emprega vendedores de cor? Já viu manicuras e cabeleireiras de cor nos salões de beleza de luxo? Leu no livro de Mário filho o que foi a batalha para se introduzirem jogadores negros nos clubes de futebol carioca? Sabe que nenhum bar da área atlântica, em Copacabana, permite que se sente às suas mesas algum freguês de cor? E que a restrição era feita no cassino – e ainda é feita em certas “boites” ou cabarés de alta sociedade? E que tanto o hotel Serrador como outras hospedarias de alto bordo adotam como linha de conduta não tolerar hóspedes de cor... [...] Se isso não é discriminação racial – e, mais grave ainda, discriminação admitida e amparada pelo governo – que nome lhe daremos?

Outro texto, de Orígenes Lessa, sobre o tema da democracia racial, publicado no jornal *Quilombo* em junho de 1949, é também citado por Cunha (2013, p. 3158, 3159):

Fala-se, com muito ufanismo, em nossa democracia racial. Haverá mesmo? Desconhecemos o preconceito de cor? Negros, mulatos, semi-brancos, têm no Brasil, os mesmos direitos na prática, entram em toda parte, vivem como gente? Há quem diga que sim. Há quem nos inveje essa imaginária ausência de preconceitos. Porque é imaginária. No fundo, temos prejuízos semelhantes aos dos americanos do norte, apenas atenuados em virtude do compromisso geral com o sangue negro. (...) Na realidade, para o negro, e seus descendentes, poucas portas além dos serviços humildes, do rádio e de outras carreiras, estão francamente abertas. Só muito talento e acidentes de formatura dão ao negro e ao mulato no Brasil o direito de entrar num salão elegante não para servir, mas para ser servido também.

E a prova mais evidente de que existe entre nós o preconceito de cor está em nossa pitoresca fuga para a brancura.

Sobre a importância da publicação, e alguns dos temas tratados nela de modo inovador para a época e que são discutidos na atualidade (como a questão das ações afirmativas, políticas de cotas e ensino de cultura africana e afro-brasileira nos currículos e estabelecimentos escolares, por exemplo), Abdias do Nascimento destaca²⁰:

Se não zelasse por seu exercício de agência histórica, certamente *Quilombo* teria se contentado em denunciar e exigir a coibição dos incidentes de discriminação racial. Não foi esse o caso. Numa época em que não existia a noção de “ação afirmativa” ou de políticas públicas especificamente voltadas ao atendimento das necessidades da população afro-descendente, *Quilombo* trazia uma série de demandas nesse sentido, como a de bolsas para alunos negros nas escolas secundárias e nas universidades, inclusão nas listas dos partidos políticos de número significativo de candidatos negros a cargos eletivos, a valorização e o ensino da matriz cultural de origem africana.

A luta por uma cidadania completa e efetiva, já na primeira metade do século XX, a inclusão de negros em espaços de decisão, a valorização e o ensino da cultura africana (que ainda hoje são exigidos, e ainda não plenamente atendidos), já estavam sendo apresentados como necessários, para verdadeiramente transformar a realidade da população negra. A constatação da necessidade de desenvolver ações de natureza política, para promover a mudança da condição e status social dos negros brasileiros.

²⁰ **Leia o texto de Abdias do Nascimento sobre o jornal Quilombo.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/920231-leia-texto-de-abdias-do-nascimento-sobre-o-jornal-quilombo.shtml>

Figura 9 - CAPA DO JORNAL HÍFEN, número 14, dezembro de 1960



Fonte: **Jornal Hífen**, Ano II, No. 14, Dez./1960. Extraído em MOURA, Clóvis; FERRARA, Miriam Nicolau. **Imprensa negra: Edição Fac-Similar**. São Paulo: IMESP/Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2002, p. 14.

O jornal promove uma difusão dos fatos referentes aos movimentos pró-independência em desenvolvimento no continente africano. O periódico também realiza a denúncia de atos de preconceito contra trabalhadores negros, conforme apontado por Hofbauer (2006, p. 344), que destaca a recusa de empresas em contratarem negros: “ainda em 1960, o jornal *Hífen* acusa a indústria de tecidos Pluma, que “desde a sua formação não aceita pessoas de cor””.

1.3. Imprensa negra e memória: entre lembranças e esquecimentos.

“Na vida Humana e no curso da história operam muitas memórias: uma memória individual, engramática, que grava engramas, conteúdos de percepções; uma memória coletiva, cultural, que aciona possibilidades comunitárias e convoca experiências de participação; uma memória histórica, monumental, que celebra a continuidade das transformações, e as consagra para o futuro”. (Emmanuel Carneiro Leão, 2003, p.11)

A imprensa negra é objeto de pesquisa acadêmica já no início do século XX, sendo parte da dissertação de mestrado intitulada *Estudo de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo*, defendida em 1945 por Virgínia Leone Bicudo, que segundo observa Gomes (2013, p.49) “foi a única mulher a obter o bacharelado em Ciências Políticas e Sociais em 1938, na recém fundada Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), onde ingressou em 1936”. E Gomes (2013, p.16) ainda destaca que “em 1945, Virgínia Leone Bicudo torna-se uma das primeiras mestres em sociologia no Brasil pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP)”. E continua:

(...) Ainda em 1945, após o término do mestrado, Virgínia começa a lecionar na ELSP, sendo uma das primeiras professoras universitárias negras do país e nesta condição é convidada a participar, junto com Florestan Fernandes e Roger Bastide do Projeto Unesco-Anhembi em São Paulo, onde redige o artigo *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor de seus colegas*, publicado em 1953, pela *Revista Anhembi* e, em 1955, num compêndio com os demais relatórios de pesquisa.

Conforme descrito por Maio (2010, p.23), a pesquisa de Bicudo foi uma “investigação pioneira sobre as relações raciais em um grande centro urbano, sob a orientação do sociólogo Donald Pierson”. Maio (2010, p.23) afirma ainda que “a pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 1941 e 1944, e a dissertação defendida no ano seguinte”. Bicudo desenvolve sua pesquisa tendo como objeto uma organização negra: “tendo por base estudos de caso, entrevistas, exame de documentação da Frente Negra Brasileira (1931-1937) e do jornal *Voz da Raça*, Virgínia Bicudo traça um amplo painel das relações sociais na cidade de São Paulo” (Maio, 2010, p.23). A respeito da análise realizada a partir do jornal, Bicudo (2010, p. 138) afirma:

Nossas observações quanto às atitudes do negro por meio daquele mensário referem-se aos dois últimos anos de publicação, começando com a 50ª. Edição, de 31 de dezembro de 1935, e terminando com a 70ª., editada em novembro de 1937.

Os artigos de colaboradores negros e mulatos contidos nos 19 exemplares sugeriram-nos a sua distribuição em artigos que se destinaram a; 1) promover a solidariedade dos negros, despertando-lhe a consciência de grupo, a fim de reunidos se constituírem em força para a luta competitiva entre outros grupos; 2) enaltecer o negro, com o fim

de eliminar seu sentimento de inferioridade; 3) difundir a instrução e a educação moral, para colocar o negro em melhores condições culturais na competição com grupos não negros.

Os resultados da análise, realizada por Bicudo, só reforçam a utilização do jornal para o atingimento dos objetivos acima elencados. Em um dos artigos estudados, Bicudo (2010, p. 141) afirma que “tornando-os conscientes do sofrimento dos antepassados e de quanto sofrem atualmente os descendentes, tentavam mobilizar a energia para a coesão do grupo, ao mesmo tempo em que faziam esforços para desenvolver objetivos comuns, apresentando ideais como os de reivindicações”. Entenderem a importância de romper com uma história extremamente dolorosa, e que não seria alterada por outros: eles mesmos deveriam mobilizar-se e articular recursos para transformação de suas necessidades e anseios.

Domingues (2008, p.22) registra que *A imprensa negra do Estado de São Paulo*, artigo escrito por Roger Bastide em 1951, trata da questão racial a partir de jornais da imprensa negra. E Domingues, a respeito das conclusões do trabalho de Bastide afirma:

Traçando o perfil dos jornais, Bastide (1951, p. 51) ressaltou que a imprensa negra se caracterizou, em primeiro lugar, por pretender “agrupar os homens de cor, dar-lhes senso da solidariedade, encaminhá-los, educa-los a lutar contra o complexo de inferioridade”. Em segundo lugar, foi “um órgão de protesto”.

Percebe-se que Bastide chega as mesmas conclusões de Bicudo, em seu trabalho desenvolvido seis anos antes. Entretanto, o trabalho de Bicudo “ficou esquecido”, e deste modo outros trabalhos desenvolvidos depois acabaram sendo considerados referência. O de Roger Bastide, principalmente, durante muito tempo considerava que os primeiros jornais da imprensa negra surgiram no século XX. Pinto (2006, p. XI) a este respeito já afirmava que:

Tanto a atuação organizada de grupos e indivíduos afro-brasileiros contra a discriminação racial, de forma ampla, quanto o estabelecimento de veículos de imprensa negra, em particular, têm sido fenômenos comumente localizados no século XX. Uma rápida observação é capaz de indicar que considerável parcela dos estudos desenvolvidos no e sobre o Brasil tem realçado as iniciativas levadas a cabo a partir do Novecentos em detrimento de outras antecedentes.

Sobre o início da imprensa negra ter ocorrido no século XIX, Camargo (1987, p. 41) já registrava que a publicação do primeiro jornal da imprensa negra era:

O Homem de Cor (Rio de Janeiro, ‘Tipografia Fluminense & Cia, 1833), com o título alterado a partir do 3º. Número para *O Mulato* ou *Homem de Cor*, e que circulou de 14 de setembro a 4 de novembro de 1833, altera a data do início da Imprensa Negra, que teria seus

primórdios nos fins do século passado. Foi – refere Eunice Ribeiro Godim, biógrafa de Paula Brito – ‘o primeiro jornal brasileiro dedicado à luta contra os preconceitos de raça’.

Há, em virtude de novos registros, uma ampliação do olhar sobre a imprensa negra. Pinto (2006, p. VIII) apresenta outros veículos de imprensa negra do século XIX, espalhados por todo o país:

Ao reconhecer a existência da imprensa negra brasileira do século XIX e sistematizar um conjunto de oito jornais, este trabalho se inscreve nos estudos sobre os processos de construção identitária de pessoas negras livres em meio à vigência do sistema escravista e seus desdobramentos. A amostra é composta dos seguintes títulos: *O Homem de Cor ou O Mulato, Brasileiro Pardo, O Cabrito e O Lafuente*, do Rio de Janeiro (RJ) em 1833; *O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social*, de Recife (PE), em 1876; *A Pátria – Orgam dos Homens de Côr*, de São Paulo (SP), em 1889; *O Exemplo*, de Porto Alegre (RS), de 1892; e *O Progresso – Orgam dos Homens de Côr*, também de São Paulo (SP) em 1899.

Elabora-se uma nova memória sobre a imprensa negra, e abre-se a oportunidade de se realizarem novas pesquisas a partir destes novos registros. A necessidade de resgatar as memórias subterrâneas, existentes de diferentes maneiras e em diferentes espaços é uma tarefa muitas vezes árdua para aqueles que buscam recuperar registros do passado que possam direcionar, fortalecer e produzir mudanças no presente (e futuro). Um desafio que deve ser enfrentado para desvelar o que foi invisibilizado, trazer à lembrança o que foi escondido. Produzir a (re)escrita de uma nova memória social negra.

Santos (2003, p. 25) afirma que “*a memória está presente em tudo e em todos. Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente*”. E a construção da memória da imprensa negra, desde o século XIX aos dias de hoje, vem sendo realizada por meio das diferentes formas de lembrar. Gondar e Dodebei (2005, p. 17) observam que:

Uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuaram a viver, chegando até a nossa. Essa montagem é intencional e se destina ao porvir. Se levamos isso em conta ao interrogar as lembranças/documentos, a questão essencial será: sob que circunstâncias e a partir de que vontades eles puderam chegar até nós?

As pesquisas tendo a imprensa negra como tema ou servindo-se dela como categoria que permitiria a análise são diversas, e a partir dos estudos desenvolvidos por

Roger Bastide, *A imprensa negra do Estado de São Paulo* (1951) e Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes* (1978) multiplicam-se. Domingues (2008, p. 22-27) relaciona diversas pesquisas realizadas, cronologicamente: *A imprensa negra paulista (1915-1963)*, de Miriam Nicolau Ferrara, em 1981; *Os Sub urbanos e a outra face da cidade – Negros em São Paulo (1900-1930): cotidiano, lazer e cidadania*, de José Carlos Gomes da Silva, em 1990; *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*, de Regina Pahim Pinto, de 1993; a dissertação de mestrado *A luta contra a apatia – Estudo sobre a instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931)* de Paulino de Jesus Francisco, em 1993; a dissertação de mestrado *Os arcanos da cidadania – a imprensa negra paulistana nos primórdios do século XX*, de Marinalda Garcia, em 1999; A dissertação de mestrado *O ressurgir das cinzas – Negros paulistas no pós-abolição: identidade e alteridade na imprensa negra paulistana*, de Marina Pereira Mello, em 1999; e a pesquisa *Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana (1920-1940)*, de Maria Aparecida de Oliveira Lopes, em 2001. Mais recentemente, podemos incluir a dissertação de mestrado *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*, de Ana Flávia Magalhães Pinto, em 2006; a dissertação de mestrado *Jornal Ìrohin: Estudo de caso sobre a relevância educativa do papel da imprensa negra no combate ao racismo (1996-2006)*, de Ariovaldo Lima Junior, em 2009; *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*, de Gilmar Luiz de Carvalho, em 2010; a tese de doutorado *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*, de Mario Augusto Medeiros da Silva, 2011; e finalmente a tese de doutorado *Fortes laços em linhas rotas : literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*, de Ana Flávia Magalhães Pinto, 2014. Mais bibliografia sobre o tema também pode ser consultada no portal *Imprensa negra paulista*, desenvolvido pela USP. O portal:

foi concebido como dispositivo para ampla divulgação das edições dos periódicos da *Imprensa Negra* no Estado de São Paulo , que circularam na primeira metade do século XX. O interesse que move a criação do site é a facilitação do acesso público aos periódicos da imprensa negra, importantes fontes documentais para a elaboração de pesquisas sobre o tema das relações raciais no Brasil.

A preservação da memória da imprensa negra também foi realizada por meio de eventos, como a exposição de *Publicações da Imprensa Negra*, realizada em 1977 na Pinacoteca do Estado de São Paulo, e organizada pelo professor Eduardo de Oliveira e

Oliveira, ou a exposição *Imprensa Negra Paulista*, realizada no Centro de Preservação Cultural (CPC) da USP, em 2015.

Figura 10 - EXPOSIÇÃO IMPRENSA
NEGRA USP



Fonte: Cecília Bastos²¹

Acervos sobre a imprensa negra tem sido descobertos, resgatados, patrimonializados e demonstram a existência de uma imprensa negra atuante em todos os períodos da vida nacional. Apesar das lacunas existentes, e que registram sua existência até os anos de 1960. E depois desta fase, não existe imprensa negra? Como a questão racial é tratada por meio da imprensa? Rosa (2014, p.562) registra o ressurgimento da imprensa negra no final dos anos 1970 como consequência da reorganização do movimento negro na luta contra a discriminação racial (como a fundação do MNUCDR Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, em 1978). Rosa (2014, p. 563) cita a afirmação do jornalista negro Jorge Roberto Freitas, de que “os anos de 1970 representam o ressurgimento das publicações da imprensa negra circulantes até meados de 1960”. Confirma esta situação o conteúdo do documentário “O Negro da Senzala ao Soul”, que contém depoimentos de importantes intelectuais e ativistas do movimento negro da década de 1970, como Beatriz Nascimento, Eduardo Oliveira e Oliveira, e Hamilton Bernardes Cardoso. No referido documentário, fica também reafirmada a importância da imprensa negra neste movimento de retomada da luta da população negra por melhor inserção social e na luta contra a discriminação racial, por meio da utilização de jornais negros na denúncia da situação de desigualdade do negro. Há o registro de imagens da exposição da imprensa negra realizada em 1977, na “Quinzena do Negro”,

²¹ FOTO: Exposição ‘Imprensa Negra Paulista’ retrata ativismo de negros após a abolição. Disponível em: <http://www5.usp.br/97339/imprensa-negra-paulista-retrata-ativismo-depois-da-abolicao/> Acesso em: 10/09/2015.

em que reproduções de páginas de diversos jornais negros e o depoimento de José Correia Leite (um dos maiores ativistas da imprensa negra, e também um dos fundadores da Frente Negra Brasileira). O documentário constrói um lugar de memória importante para a história da imprensa negra brasileira. É um registro importante de um momento de mobilização de diferentes coletivos negros na luta antirracista, e que revela a existência de um protagonismo negro, em diferentes espaços e que tem nome, gênero, raça, identidade.

Moraes (2005, p.92) afirma que “a memória social é um vigoroso, complexo e tenso campo de disputa de sentidos em que a mobilização e a circulação dos discursos e representações são utilizadas com intensidades e possibilidades diferentes”. E prossegue observando que (op. Cit.):

Pensar a memória como um campo social é enfatizar seu empenho em orientar e influenciar as disputas, as formas de dominação que permitem transitar por refigurações de fronteiras sociais e simbólicas que reforçam diferentes tempos, espaços, interações e dimensões reguladoras da produção de memórias. A memória se constitui como estratégia e negociação de sentidos.

De acordo com Moraes (2005, p.97)

“a memória é um esforço organizado de intervenção na própria conjuntura, implicando intencionalidade sobre o modo de constituição simbólica, relacional e discursiva de realidades por meio do Estado, de movimentos sociais, de saberes, institucionais ou não, e de interesses socioeconômicos”.

Nos períodos da história do país, onde as restrições políticas foram severas e de algum modo provocaram dificuldades na luta contra a discriminação racial, diferentes coletivos negros se mobilizavam na luta antirracista e na denúncia da democracia racial. Dentre alguns, a imprensa negra desempenhou um importante papel de mobilização, articulação e também de formação de militantes em diferentes esferas (educacionais, políticas e profissionais). Ativistas e veículos de imprensa negra realizaram intervenções importantes na realidade social, em busca de transformação na realidade da população negra.

Acessar registros e resgatar personagens e fatos em que negros estão envolvidos com protagonismo e que podem servir de referência positiva de identidade e reconhecimento é um desafio a ser enfrentado e superado por pesquisadores que trabalham com a temática racial no país. A ausência ou insuficiência de recursos (materiais, humanos, financeiros), um certo desinteresse institucional (ou simplesmente

desconhecimento), que legam ao esquecimento aquilo que não interessa ou não deve ser lembrado é um deles.

1.4. A imprensa alternativa: alternativa para a imprensa negra.

A partir dos anos 1960, as mudanças políticas ocorridas no país acabam por interferir na atuação dos órgãos de imprensa de um modo geral (e na imprensa negra em particular). A ditadura militar, instaurada pelos militares no período de 1964-1985, (e que caracterizou-se pela ruptura democrática), promoveu a repressão aos opositores do regime, perseguição política, supressão de direitos constitucionais e censura aos meios de comunicação. Neste cenário, surge a denominada “*imprensa alternativa*”, que “*foi um espaço importante de crítica ao regime militar, de divulgação de denúncias, e de debate das organizações de esquerda*”.

A “imprensa alternativa” recebeu diferentes conceituações. Segundo Maringoni (2006):

A designação de “imprensa alternativa” foi dada, no final dos anos 1960, aos meios de comunicação não dependentes dos esquemas de financiamento tradicionais, como grandes anunciantes privados ou estatais. A categoria abrange jornais, revistas, almanaques, emissoras de rádio e televisão e, mais recentemente, sites, blogs e boletins via internet. A temática tampouco é uniforme, existindo meios alternativos voltados para política, cultura, comportamento e públicos específicos (mulheres, negros, homossexuais etc.).

Mendes (2011, p.24) afirma que a “imprensa alternativa” ou “imprensa nanica” esteve presente “durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1984)”. E destaca que ela foi “*um veículo de comunicação que se destacou entre os demais justamente por ser uma espécie de mídia que, de certa forma, “atacou” o governo brasileiro mostrando em suas matérias alguns males cometidos por esta forma de governo*”.

As produções desta imprensa, eram uma reação ao contexto e “deu-se pelo humor, a sátira e o deboche. Era como se fosse necessário sacudir o torpor de uma derrota sem luta. A reorganização das forças de oposição e a breve retomada das lutas estudantis e operárias entre 1966 e 1968 estimulou o combate frontal”. Para Araújo (2000) apud Mendes (2011, p. 35) “a imprensa alternativa não representava apenas um fenômeno jornalístico, mas sim um fenômeno político, já que se constituía num instrumento de luta política durante aquele período”. Mendes (2011, p.40) considera que, de modo geral:

A imprensa alternativa foi, em outras palavras, uma força midiática que lutou por mudanças, sejam elas no campo político, no campo cultural ou no campo comportamental; foi um discurso contra-hegemônico,

antigovernista, um espaço alternativo onde jornalistas e intelectuais tiveram chance de escrever o que quisessem, tiveram chance de expor suas ideias, suas concepções de mundo, suas reivindicações, enfim, foi um espaço onde muitos tiveram a oportunidade de “vislumbrar” um pouco de liberdade num tempo em que a ditadura e seus aparelhos de repressão lutavam pelo seu fim.

Chinem (1995, p.7,8), com relação a existência de periódicos da imprensa alternativa afirma que “*entre 1964 a 1980 nasceram e morreram cerca de 300 periódicos que se caracterizavam pela oposição intransigente ao regime militar. Esses jornais ficaram conhecidos como imprensa alternativa, de leitor, independente e underground*”.

A respeito dos segmentos atuantes na imprensa alternativa, Mendes (2011, p. 36) destaca que “formaram este tipo de imprensa as feministas, os negros, os estudantes, os homossexuais, dentre outros. (...) Da imprensa negra mereceram destaque o *Tição* (RS); *Sinba* (RJ); *Koisa de Crioulo* (RJ) e o *Nêgo* (BA)”. A respeito da importância deste tipo de imprensa, Mendes (2011, p. 36) observa que:

A imprensa alternativa não foi apenas instrumento político das esquerdas, representou muito mais do que isso, ela foi uma peça fundamental para os vários sujeitos sociais que ficaram à margem da sociedade, sujeitos que queriam ser vistos, conhecidos, ou melhor, reconhecidos; sujeitos que, além do reconhecimento, queriam ter seus direitos respeitados. Por conta disso, a imprensa alternativa também foi muito significativa para os grupos de minorias numéricas e políticas, como os negros, os homossexuais e as mulheres.

Araújo (1999, p. 167) define como “imprensa alternativa negra” os jornais “ligados às diferentes correntes do movimento negro” e que “começaram a ser editados na segunda metade da década de 70 e durante os anos 80”. Pereira (2010, p. 166,167), a respeito das condições do período para a atividade de imprensa em geral (e a negra em particular) informa:

Vale ressaltar que no contexto sócio-histórico no qual se constituiu o movimento negro contemporâneo, além de ser proibido qualquer evento ou publicação relacionado à questão racial – que poderia ser visto pelo regime como algo que pudesse “incitar ao ódio ou à discriminação racial” e, segundo o Decreto-Lei no. 510, de 20 de março de 1969 em seu artigo 33º., poderia levar à pena de detenção de 1 a 3 anos, como se viu acima – havia também o acompanhamento de perto realizado pelos órgãos de informação do regime militar, então vigente no Brasil. Paulina Laura Alberto, em pesquisa realizada para a sua tese de doutorado em História, encontrou no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro vários documentos da Direção Geral de Investigações Especiais (DGIE) que demonstram que os organismos de repressão estavam atentos ao que era produzido pelas organizações do movimento negro durante aquele período. A pesquisadora descobriu nos arquivos, por exemplo, que o Ministério do Exército alertou o DGIE sobre o *Boletim* do IPCN, particularmente o artigo sobre Zumbi, escrito por

Beatriz Nascimento, que eles diziam que estava “pregando a luta racial”. Ela diz ainda que, o Ministério da Marinha também alertou o DGIE, através de uma comunicação confidencial, a respeito da organização chamada SINBA e seu jornal, que segundo o Ministério “fomenta a desagregação racial. Eles incluíram uma cópia do primeiro número do jornal *SINBA*, e no documento dizia: “O mesmo é vendido, oferecido gratuitamente ou até mesmo compulsoriamente aos indiferentes ao assunto”.

Apesar do contexto político desfavorável, ocorre a elaboração de resistência negra por meio da imprensa. Nabor Jr.²² (2015) observa, a respeito das publicações da imprensa negra paulista no período da ditadura:

Mesmo com a asfixia imposta pela Ditadura, que inviabilizou toda e qualquer tipo de manifestação que incomodasse o regime militar e que ainda transformou o mito da democracia racial em peça-chave da sua propaganda oficial, os primeiros anos da década de 70 também registraram a valente e necessária manifestação dos negros de São Paulo através de uma imprensa própria. Alguns dos periódicos desta fase foram os jornais *Árvore das Palavras* (1974), *O Quadro* (1974) e *Biluga* (1974).

Figura 11 - JORNAL ÁRVORE DAS PALAVRAS (1974)



Fonte: http://omenelick2ato.com/files/gimgs/462_site-jornal-arvore-das-palavras.jpg

²² Nabor Jr. **O Menelick 100 anos (1915 - 2015): revisitando a trajetória da imprensa negra em São Paulo**. Disponível em: <http://omenelick2ato.com/memoria/O-MENELICK-100-ANOS-IMPrensa-NEGRA-SP/>

A publicação faz a denúncia de episódios de racismo em sua capa, a partir de trechos retirados de jornais da imprensa tradicional. É importante ressaltar a frase no rodapé da página da publicação: “LEIA. NÃO JOGUE FORA. NÃO GUARDE. PASSE AO IRMÃO MAIS PRÓXIMO”.

As publicações do período, em virtude das condições limitadas para a sua produção, apresentam uma estética artesanal, utilizando-se de recursos básicos para o seu desenvolvimento. Perceba-se a aparência de recorte e colagem do exemplar.

Podemos também destacar deste período o *Versus, jornal de cultura, política e aventura*, que de acordo com Silva (2011, p.297) “desde a sua segunda edição, esse jornal publicou temas relacionados ao universo negro brasileiro e africano; no tocante a isto, copiava-se matérias de organismos internacionais ou se angariavam colaboradores/ correspondentes”. Esta publicação circulou de 1975 até 1979. A respeito do jornal *Versus*, e sua proposta editorial, Bucchioni (2006, p. 6,7) observa:

Versus apresentava-se inovador tanto no plano temático, como na efetivação do mesmo, pois abole a estrutura de notícia da grande imprensa, baseada na novidade em detrimento à busca de nossas raízes, fazendo com que a História obtivesse a mesma importância “das novidades”. O passado, muitas vezes, servia de metáfora ao presente, dialogava com a realidade e ajudava a driblar a censura.

Bucchioni e Ogassawara (2009, p. 94) informam que “*Versus* nasceu em 1975, no auge da imprensa alternativa brasileira (1975-1977), uma experiência jornalística efervescente durante a asfixia da ditadura militar (1964-1985)”. A respeito da trajetória da publicação, Bucchioni e Ogassawara (2009, p. 97) observam:

A trajetória do jornal é marcada por três fases: inicialmente, a linha editorial se voltava para o passado, propondo “a cultura como forma de ação política” (da 1ª à 12ª edição); passa depois por uma fase de transição, dando mais ênfase à situação presente (12ª à 24ª edição), época em que publica o caderno dedicado à questão negra, “Afro-Latino-América”, que se tornou um espaço de aglutinação de militantes do movimento negro; finalmente, após claramente assumir o discurso politizado, o jornal passa a discutir a política nacional (24ª à 34ª edição).

Kucinski (2001, p.258) apud Silva (2011, p. 299) afirma que: “a política real penetra em *Versus*, através de um caderno dedicado à questão negra, Afro-Latino-América, que se torna um espaço de aglutinação de militantes do movimento negro, o primeiro jornal negro dentro de um outro jornal”. Kucinski (2001, p.135) observa que “eram quatro páginas feitas por poetas e intelectuais negros, entre os quais o jornalista Hamilton Cardoso. Ali se formou uma geração de ativistas do Movimento Negro e o Movimento Negro Unificado”. E Silva (2011, p. 299, 300) a respeito da importância da

publicação para a veiculação de discursos a respeito da questão racial (no Brasil e na diáspora), bem como de espaço de formação de quadros que teriam importância na luta antirracista do futuro declara:

(...) de maneira excepcional, uma imprensa negra, com seus temas e debates, foi capaz de começar a sobrepujar sua marginalidade histórica e alçar um público mais diversificado, inserindo numa certa faixa de leitores as discussões empreendidas na seção Afro-Latino-América. Sua equipe inicial, composta além de Oswaldo de Camargo pela jornalista Neusa Maria Pereira, Hamilton Bernardes Cardoso [Zulu Nguxi] e Jamu Minka (ambos jornalistas formados pela USP, viriam a ser colaboradores frequentes de Cadernos Negros, especialmente o segundo, que se torna membro do Quilombhoje nos anos 1980), além de outros jornalistas e ativistas que, de eventuais, se tornam articulistas permanentes. Eles trouxeram à baila, entre seu número inaugural e até a última edição (coincidindo com o último número de Versus), em outubro de 1979, matérias sobre a história da imprensa e Literatura negra no Brasil; entrevistas com personalidades artísticas e políticas (Grande Otelo [ator], Adalberto Camargo [político], Dilce Pires [política], Thereza Santos [ativista política e cultural], Francisco Lucrecio [membro da Frente Negra]); história de antigas associações negras (Frente Negra, ACN, Vai-Vai) e novas, surgidas naquela década (Sociedade de Intercâmbio BrasilÁfrica [Sinba], Centro de Cultura e Arte Negra [Cecan], Festival Comunitário Negro Zumbi [Feconezu], Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira [Acacab]); espaço para difusão de ideias sobre a organização política negra em países africanos e nos EUA, notadamente através dos antigos exilados Abdias do Nascimento e Thereza Santos; ou, ainda, as notícias sobre a vida negra no Brasil, angulada pela discriminação, pela revisão histórica de eventos, a questão da mulher negra ou a participação na cultura e política. Ou seja, não apenas sobre o lamento da escravidão, mas sobre a discriminação no século XX e também indo além no repertório de temas e problemas. Documenta e se torna ferramenta de veiculação das discussões em torno do Movimento Negro contemporâneo e das primeiras ideias do MNUCDR (Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial), uma vez que vários, se não todos os membros da equipe se engajam nele ou cedem espaço a seus militantes não ligados a Versus para que escrevam em suas páginas (como Rafael Pinto e Milton Barbosa).

A respeito de Afro-Latino-América, publicada em Versus no período de 1977 a 1979, Flávio Jorge Rodrigues da Silva e Gevanilda Santos, na apresentação da edição fac-similar (publicada em 2014, p.7) declaram ser a publicação “*a memória da imprensa negra e socialista na segunda metade do século passado*”. E sobre Versus destacam:

O jornal *Versus*, fundado em outubro de 1975, editado em São Pulo pelo jornalista Marcos Faerman, foi uma publicação bimestral de circulação nacional famoso por sua linguagem e estilo alternativo de resistência e contestação política. Em sua décima segunda edição, lançou-se a seção *Afro-Latino-América*, com o ativismo crítico dos estudantes e jornalistas negros. Parte desses eram ativistas do Núcleo Negro Socialista, um grupo de orientação de esquerda que reunia lideranças negras de vários estados brasileiros com ação e pensamento crítico capaz de romper o silêncio diante dos casos de preconceito e discriminação no trabalho, na escola, e na sociedade, principalmente os episódios de repressão e todo tipo de violência contra o trabalhador e a trabalhadora negra.

Figura 12 - VERSUS E O INÍCIO DA PUBLICAÇÃO DA SEÇÃO AFRO LATINO-AMÉRICA



Fonte: SILVA, Mario Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**, 2011 p..300.

A seção Afro-Latino-América, segundo Flávio Jorge Rodrigues da Silva e Gevanilda Santos (2014, p.7), “foi editada por uma geração de jornalistas, estudantes e ativistas antirracistas que àquela época resistiu à ditadura militar empunhando a bandeira do combate ao racismo para desmistificar a ideologia oficial do mito da democracia racial no Brasil”. Flávio Jorge Rodrigues da Silva e Gevanilda Santos (2014, p.8), destacam que a publicação trazia “notícias internacionais da luta anticolonização do negro na África e nas Américas”. E ainda observam que:

As notícias nacionais acerca da realidade do negro e da negra estão estampadas nas páginas do fac-simile e nos apresenta características dos ideais revolucionários da época que aproximaram o jornalismo negro do socialismo e demarcaram a construção de um modelo de ação

política chamado “antirracismo da esquerda brasileira”, que desde então se preocupava com o universo da poesia, música, teatro, literatura, história e sociologia que por si só já evidenciava a resistência histórica dos personagens e da cultura negra.

Denunciava-se sob os olhos da censura o limiar entre o mito e a realidade do homem negro e da mulher negra nesse período. A questão da terra de quilombos, do voto negro e do voto do analfabeto no contexto da reforma do pluripartidarismo, e a escandalosa situação de extermínio das crianças e adolescentes negros.

Todas as notícias são um conjunto de artigos e reportagens que nos recordam as lutas e os contextos dos principais temas e bandeiras do Movimento Negro Brasileiro e retratam especialmente as novas gerações de ativistas antirracistas que cresceram durante a ditadura, o quão difícil foi lutar contra o regime militar, combater o racismo e desmistificar a democracia racial brasileira.

Na edição fac-símile (2014, p.13) a respeito da escolha do nome, já na primeira edição é explicitada a intenção de marcar, por meio da publicação a valorização da identidade africana: “*Afro-Latino-América, e não apenas América Latina, porque define melhor a importância da presença africana nesta parte do mundo*”. E destaca que “*uma das fontes de inspiração de Afro-Latino-América é a imprensa negra que por seis décadas viveu na sociedade brasileira*” (...).

Figura 13 - 1ª. EDIÇÃO AFRO-LATINO-AMÉRICA



Fonte: **Afro-Latino-América: Edição fac-símilar 2015**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p.13. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/1142258-Afro-Latino-America>

A edição também cita a realização da “Quinzena do Negro, que marcou o ano 89 da Abolição”. A “Quinzena do Negro” foi realizada de 22 de maio a 8 de junho de 1977,

uma promoção da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, realizada na USP. Organizada pelo sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira, o evento teve importância por desenvolver no espaço da academia a discussão racial durante a ditadura militar.

A edição fac-simile além de um resgate da memória da imprensa negra, também recupera a história de personagens que lutaram contra o racismo por meio da imprensa em um período de intensa mudança, e de violenta repressão promovida pelo governo militar. De modo especial, faz uma homenagem a Hamilton Cardoso, importante personagem da luta antirracista deste período.

Figura 14 - HOMENAGEM A HAMILTON CARDOSO

Um tributo a Zulu Nguxi, o Pantera Negra Hamilton Car

Em um certo dia tumultuado do inverno de 1977, um pantera negra de nome Hamilton Bernardes Cardoso entrou pela primeira vez no velho sobrado que servia como sede do jornal *Versus*, na Rua Capote Valente, no bairro de Pinheiros, em São Paulo. O fato logo deixaria consequências inarredáveis nas trajetórias de cada um de nós, intelectuais brancos, pouco familiarizados com a presença de um jornalista negro na redação. Sigo marcado por ele ainda hoje, quando busco relembrar os momentos que compartilhamos no jornalismo, na militância política ou nas poucas horas em que podíamos simplesmente conversar sobre qualquer assunto que nos levasse para longe de nossas pequenas verdades, que imaginávamos grandes.

Nossa sorte mudou a partir de Hamilton, sempre com uma palavra crítica para cada deslize racista daquela parcela da "elite branca" de esquerda que se reunia em *Versus*, e ali trabalhava e conspirava sem qualquer disciplina e regra. Ele sorria quando lhe pedia para repetir seu nome africano de guerra. Era quase como um cerimonial entre nós dois:

– Hamilton, qual é o seu nome africano?

– Vou dizer mais uma vez para que você não esqueça: Zulu Nguxi...

Com Hamilton, outros chegaram. Os rumos de *Versus* foram lentamente se transformando, alterados, em



Hamilton Bernardes Cardoso (1953-1999)

Fonte: **Afro-Latino-América: Edição fac-similar 2015**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p.9. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/1142258-Afro-Latino-America>

Nabor Jr. (2015) considera que o ressurgimento da imprensa negra neste período como uma consequência da reorganização das entidades negras, dentre as quais o MNU:

Concomitantemente à reorganização das entidades negras que retomavam seus trabalhos impondo uma nova agenda democrática ao país, e guiados pelos ideais que nortearam o nascimento, em 1978, do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNU), a Imprensa Negra Paulista ressurgiu. Desta vez, apresentando uma maior diversidade ideológica dos temas abordados, espelhando em seus cadernos as múltiplas facetas do negro brasileiro moderno. Fazem parte deste período publicações como *Jornegro* (1977), publicado pelo Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN) e editado, entre outros, pelo jornalista Odacir de Matos e por Isidório Telles;

Figura 15 - JORNEGRO (CAPA Ed. 1, Ano 1, 1978)



Figura 16 - JORNEGRO (Ed. 1, Ano 1, 1978, p.2)



Fonte: SITE DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA VERGUEIRO.
Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORNSP031978001.pdf>

Jornegro, no editorial do número 1, de março de 1978, declara o objetivo da publicação:

Este é um jornal da comunidade; é nosso portanto. Suas páginas estão abertas a todos os leitores para críticas, sugestões, participação nos debates propostos, enfim, para qualquer tipo de colaboração. Este jornal nasceu da necessidade de termos um órgão que divulgue nossos assuntos e onde possamos debater nossos problemas a partir do nosso ponto de vista e do interesse da comunidade afro-brasileira. Não mais podemos ficar à mercê da indústria da cultura, que nos transformou em objeto, folclorizou nossa cultura, fazendo-a um simples produto de consumo.

Figura 17 - JORNEGRO (CAPA Ed. 6, Ano 2, 1979)



Figura 18 - JORNEGRO (Ed. 6, Ano 2, 1979, p.1)



Fonte: SITE DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA VERGUEIRO.
Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORNSPXX197906.pdf>

Na coluna “Ao leitor” na edição número 6, Ano 2, de 1979 é apresentada a motivação para a mudança do jornal:

AO LEITOR

A partir deste número você passará a receber o seu JORNEGRO com grande modificação na roupagem. Isto, porém, não afetará o seu conteúdo, que como sempre, enfocará assuntos de interesse da comunidade.

Nesse sentido, as mudanças serão em busca de tornar o JORNEGRO cada vez mais próximo de você, dos Interesses e problemas da comunidade. Tais mudanças na fisionomia, contudo, foram absolutamente necessárias para a sobrevivência do jornal, inclusive com maior regularidade em sua publicação. Sabemos todos, e já dissemos muitas vezes através Destas páginas, das dificuldades que sofre um jornal com as características do Jornegro. Isto é, uma imprensa não comercial mas voltada para uma comunidade. Não foram poucos os jornais que surgiram e tiveram vida efêmera na imprensa negra. Todas as iniciativas fracassadas tiveram como causa principal do insucesso a falta de recursos financeiros.

A questão financeira, mais uma vez, é um entrave a ser superado, na manutenção de veículos de imprensa negra.

Figura 19 - JORNEGRO (CAPA Ed. 8, Ano 3, 1980)



Figura 20 - JORNEGRO (Ed. 8, Ano 3, 1980, p.2)



Fonte: SITE DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA VERGUEIRO.
Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORNSPXX198908.pdf>

Na coluna “Ao leitor” na edição número 8, Ano 3, de 1980 são explicadas as dificuldades que impactam na manutenção da regularidade de produção da publicação:

Amigo leitor, você já deve estar pensando que desistimos. Não, estamos aí. Não desistimos com facilidade, acredite! É que o nosso ritmo é outro. É o ritmo de quem faz tudo. Não esquecemos nem tampouco negligenciamos nosso compromisso. Fazer esse jornal não é para nós "mania" ou brincadeira. É algo muito sério e você merece todo o nosso respeito. Se publicamos apenas dois números no ano que passou foi porque a coisa não tá pra peixe. A regularidade na publicação é algo que consideramos muito importante, mas não podemos resolvê-la de forma isolada, como já tentamos. Juntamente com a regularidade temos que resolver a questão, igualmente importante, da distribuição, isto é, da venda do jornal. A distribuição do JORNEGRO foi sempre um fracasso. Já tentamos de tudo. Além dos encalhes temos tomado muitos "canos", Isso tem não só impossibilitado a publicação do jornal, como tem desencorajado muitos de nossos companheiros. Sabemos que esse é um problema geral. É o que faz com que muitas publicações não passem do 2º. Ou 3º. número. Para ficar entre nós, os jornais "Capoeira" e "Abertura" são os exemplos mais recentes. Mas a hora não é de lamentações, o negócio é bola pra frente. Estamos com força para continuar a luta e vencer os obstáculos.

Como você verá estamos preparando algumas modificações para o nosso jornal, dentre elas está a OPINIÃO DO LEITOR, uma seção que deverá ser escrita pelo leitor. Essa seção é sua. É um espaço reservado para a sua opinião.

ESCREVA-NOS.
CONTAMOS COM VOCÊ
ABRAÇO FRATERNAL

Araújo (1999, p.167) também observa que “*os principais jornais que começaram a ser editados na segunda metade da década de 70 e durante os anos 80 representaram um renascer do movimento negro no Brasil (após a repressão indiscriminada dos primeiros anos de regime militar)*”. Araújo destaca entre os principais deste período os jornais TIÇÃO, SINBA, KOISA DE CRIOULO²³ E NÊGO. Araújo (idem, ibidem) observa ainda que “*embora vinculados a diferentes grupos, com diferentes visões da luta anti-racista no Brasil, os jornais da imprensa negra procuravam, todos eles, valorizar a história e a presença do negro no país*”.

As Revistas Tição são editadas nos anos de 1978 e 1979, e também foi publicada uma única edição do jornal Tição em 1980. Conforme descrito em seu blog²⁴ “*nos pampas a resistência afro-brasileira sempre presente, fortalece a necessidade de criação de uma Imprensa Alternativa Negra. Nesse compromisso emerge a Revista Tição como um veículo de resistência no combate ao racismo. Este se torna um instrumento de luta e cidadania para a comunidade afro-brasileira*”. Segundo Araújo (1999, p. 167) “*TIÇÃO era um jornal de Porto Alegre (RS). Seu primeiro número foi lançado em 1978. Redação: Edilson Canabarro, Emílio Chagas, Jeanice Viola, Jorge Freitas, Nazaré Almeida*”. As publicações apresentam uma característica marcante da imprensa negra da década de 1980, que desconstruir o mito da democracia racial e desenvolver estratégias na luta antirracista.

²³ KOISA DE CRIOULO foi lançado em fevereiro de 1981, também vinculado à Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (RJ) e reunindo muitos dos nomes que já tinham participado da experiência anterior. O Conselho editorial era composto por Adalton Pereira, Amauri Mendes Pereira, Bárbara Margarida, Yedo Ferreira, Togo Yoruba, Lourival Madeira. (Extraído Araújo, 1999, p.167)

²⁴ **Revista Tição**: Disponível em: <http://revistaticao.blogspot.com.br/2009/04/revista-ticao.html>

Figura 21 - REVISTA TIÇÃO No. 1
- 1978

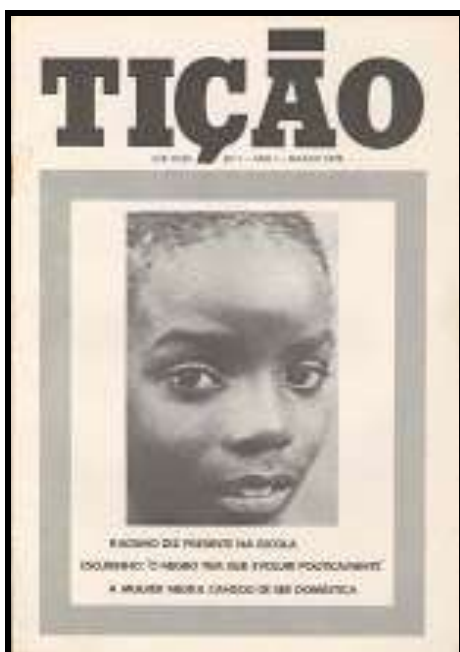


Figura 22 - REVISTA TIÇÃO No. 1
- 1979



Fonte: Disponível em: <http://revistaticao.blogspot.com.br/2009/04/revista-ticao.html>

Figura 23 - JORNAL TIÇÃO No. 1 - 1980



Fonte: Disponível em: <http://revistaticao.blogspot.com.br/2009/04/revista-ticao.html>

Rosa (2014, p. 563) observa que *Tiçã* se destaca pela contundente cobertura da temática negra e pela denúncia do racismo”. E que “a revista *Tiçã* teve grande receptividade local e influenciou ao surgimento de novas publicações em outras localidades do país”.



Fonte: **Jornal SINBA**: Ano II, número 2, abril de 1979. Extraído em CAMARGO, Oswaldo. **O que representa esta reedição de fac-símiles da Imprensa Negra**. In, MOURA, Clóvis; FERRARA, Miriam Nicolau. **Imprensa negra: Edição Fac-Similar**. São Paulo: IMESP/Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2002, p. 2.

A respeito de SINBA, Araújo (1999, p. 167) informa: “publicado no Rio de Janeiro, era órgão da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África. Diretor: Carlos Silveira. Redatores: Amauri Mendes Pereira, Célio de Oliveira, Yedo Ferreira, Togo Yoruba. Foi lançado em 1977. Após dois anos de ausência voltou a circular entre 1979/81”. Cabe destacar a chamada central na capa do jornal, intitulada “A volta”, onde a publicação expressa: “os dois anos de ausência do jornal SINBA se devem em parte a fatores alheios à nossa vontade, como carência de recursos financeiros para publicação regular do jornal e também uma sede, onde pudéssemos fixar as nossas atividades”. E no trecho em destaque da capa, a publicação faz um comunicado referente a demora na liberação de registro da revista *TIÇÃO*, de Porto Alegre. Em depoimento a Alberti e Pereira (2007, p. 128), Amauri Mendes Pereira, um dos redatores do SINBA, relata o contexto de produção e difusão da publicação:

Em julho de 1977 saiu o primeiro jornal SINBA. Era ditadura militar: “Como é que a gente faz para distribuir esse jornal?” Era proibido. Era e não era. Tudo era meio assim: pode e não pode. Diziam que era proibido. Aí a gente saía com um monte de jornais e botava num taxi, saltava em outro lugar e pegava outro táxi. Tudo paranoia. Mas alguém disse que viu alguém atrás. O cara da gráfica disse que tinham ido perguntar pelo jornal, porque eles iam sempre – nas gráficas pequenas eles realmente iam. Tinha um serviço regular do SNI, do CIEEx, parece, que fazia visitas nas gráficas para ver as provas, e que estranhou aquilo. Aí, o Branquinho, que era o nosso paginador, escondeu nosso material e falou para a gente: “Mas vocês levam isso daqui rápido, porque, se o cara passar de novo aqui, a gente tá lascado. Se isso parar nas mãos deles, vocês estão fritos e nós também”.

Podemos constatar que o ambiente não era favorável para as atividades ligadas a imprensa, em virtude da repressão política e da censura.

Figura 26 - JORNAL NÊGO No. 14, 1988



Figura 27 - JORNAL NÊGO No. 14 , p.2



Fonte: FIGURAS 15 e 16: Jornal NÊGO, número 14, abril de 1988. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PNEGOBA041988014.pdf>

Araújo (1999, p.167) sobre o Jornal NÊGO observa: “*órgão do Movimento Negro Unificado (MNU), circulou nos anos 80, primeiro como boletim e depois como jornal. O primeiro número foi lançado em julho de 1981 na Bahia. Os últimos números saíram no final de 1986*”. E Araújo (1999, p.167) ainda destaca que “*de todos os jornais da imprensa negra foi o que teve vida mais longa*”. O Jornal NÊGO, no seu número 14 de

abril de 1988, em sua página 2 na coluna opinião no texto intitulado “MNU- 10 anos de luta!” destaca:

Em 1937 fecharam a Frente Negra Brasileira. De lá prá cá, uns e outros valorosos irmãos tentaram mobilizar os negros para a luta contra o Racismo. Protestaram isolados. Sem falar das comunidades negras, que a partir da organização da cultura negra resistiram e mantiveram acesa a chama libertária. Depois de 40 anos, surge o MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO rompendo o silêncio político na luta contra o racismo e pela dignidade do nosso povo. Esta luta tem de ser nossa e é coletiva.

Cabe ressaltar no texto a elaboração discursiva que tem a intenção de mobilizar, congrega e atuar de modo coletivo na luta contra o racismo e “pela dignidade de nosso povo”. Tais objetivos possuem estreita relação com a atuação da Frente Negra Brasileira, citada no início do texto e demonstra a “retomada da luta outrora iniciada”, quarenta anos depois.

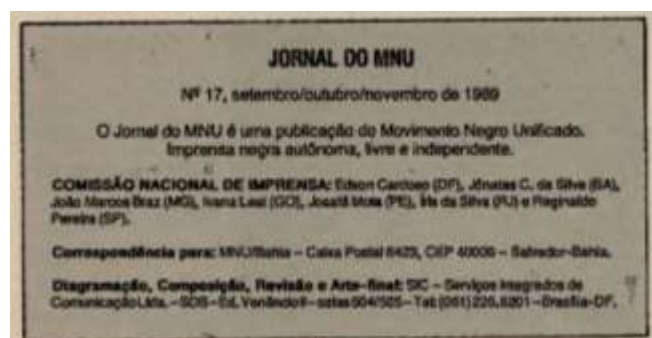
O Jornal do MNU, em seu expediente, declara ser “uma publicação do Movimento Negro Unificado. Imprensa negra, autônoma, livre e independente”.

JORNAL DO MNU

Figura 28 - CAPA Ed. 17, set/out/nov.1989



Figura 29 - Destaque Ed. 17, set/out/nov.1989, p.2



Fonte: SITE DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA VERGUEIRO.
Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJMNUBA091989017.pdf>

Na edição número 17, de setembro/outubro/novembro de 1989, é destaque a chamada “Reaja à violência racial”. Também podemos destacar a existência de uma COMISSÃO NACIONAL DE IMPRENSA, com representantes no Distrito Federal,

Bahia, Minas Gerais, Goiás, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, que demonstra uma abrangência considerável no território nacional.

Figura 30 - Ed. 17, set/out/nov.1989, p.3



Fonte: SITE DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA VERGUEIRO.

Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJMNUBA091989017.pdf>

Na página 3 da edição número 17, sob o título “*Construir um Brasil negro depende de você*”, são apresentados “*alguns pontos do programa mínimo que o MNU está propondo para que toda a comunidade negra discuta com o seu candidato a presidente da República. Dê outras sugestões. Amplie estas idéias*”. As áreas que onde são apresentadas propostas são: Educação e Saúde, Terra e Habitação, Justiça e Segurança e Relações Internacionais.

Ainda na mesma edição número 17, na página 7, a matéria intitulada “Violência policial em São Paulo”, apresenta uma tabela “O extermínio racista” com dados referentes a “Distribuição dos casos de morte violenta de crianças e adolescentes por cor, segundo os estados da Federação -1984 a 1989”, publicada pelo IBASE. A análise da tabela feita pelo IBASE destaca que:

O IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Económicas divulgou uma versão preliminar de um dossiê sobre Mortes violentas de crianças e adolescentes no Brasil - 1984/1989. Como mostra o quadro acima, "mesmo com 36% dos casos de morte violenta sem informação sobre a cor da vítima, a incidência de negros e mulatos chega a 52% do total de casos. Contabilizando apenas os dados com informações sobre a cor da vítima, isto é, 889 casos, a incidência de negros e mulatos sobe para 82% do total de casos de morte violenta. Por esta comparação, a incidência de morte violenta de crianças e adolescentes negros e mulatos é 4,5 vezes maior que a dos brancos."

Figura 31 - Ed. 17, set/out/nov.1989, p.7

Violência policial em S. Paulo

Milton Barbosa

Em 27 de setembro, Carlos Alberto Monteiro Veralde (Bilinha), de 19 anos, após abocadagem policial no ponto de ônibus em frente ao endereço 174 da Rua Maria Milla, foi morto dentro de uma casa abandonada na Rua Batistina Campagna, 574, Casa Verde, Zona Norte da cidade de São Paulo.

A vítima, 18.372, com o sargento Bezerra e os soldados Sivali e Vieira, chegou "com as portas abertas e os policiais passaram com armas em punho, cercando atrás de Bilinha, que fugiu dali, como todos", contou Magno Meirel, 21 anos, Edson Fernandes de Barros, 18 anos, que estavam com Bilinha no ponto de ônibus quando foram abordados. "Ele vestia uma camiseta amarela e não estava armado".

Os PMs ficaram atrás de lado de fora da casa, entraram em seguida com 20 soldados disparando suas armas, tendo a rua sido cercada e formados afastados todos que por ali passavam. Bilinha foi atirado de casa cercada, estrangulado. Seus amigos foram perseguidos, detidos e levados ao DP, onde um feito um boletim de ocorrência, de porte de droga, mas foi cancelado pelo exame do Instituto Médico Legal - IML, que a substância encontrada com eles, na versão dos PMs, não era cocaína ou qualquer outro tipo de entorpecente.

A mãe de Bilinha, Anelma, contou que soube apenas no dia seguinte que seu filho estava no distrito. Lá recebeu informação de que ele havia morrido sem morrer com a polícia. "Meu filho tem ótica ruim, trabalhava como vendedor e não usava drogas. Eu vou até o fim nisso, quero justiça porque o delegado disse que não tinha marcas de pólvora na mão de meu filho. Por que esta polícia não corre atrás de bandidos, em vez de matar gente decente?".

Segundo o sargento Walter Fernandes, da 3ª Cia. do 18º BPM, "será aberto um IPM como é feito sempre em casos semelhantes".

Mais um

Sábado, 14 de outubro, Enéias da Silva, 16 anos, foi morto na Pavista Divina, em São Mateus, cidade de São Paulo, às 22:00 horas.

Enéias, como Bilinha, não tinha passagem pela polícia e era trabalhador. Foi abordado pela polícia, e, por estar com uma revista pornográfica, ele e seus amigos correram. Enéias foi perseguido por dois policiais, que o faziam com três tiros à queima-fogo, apesar de a violência se manifestar dizendo que ele não era bandido.

procedo, tendo sido atirado no seu interior. Enquanto um dos PMs puxava o corpo para a parte de cima, o outro o chutava, dizendo que Enéias era marginal e que todos na favela são marginais.

Seu corpo foi colocado no caminhão, não permitindo os PMs que o corpo ficasse com os moradores, que tinham reivindicado a saída do corpo de Enéias. Uma senhora, que dizia que o rapaz era trabalhador e que viu a situação cometeu, foi ameaçada de morte pelos policiais.

Os moradores do local, suspeitam que os policiais haviam sido completamente sedados por drogas, pois, segundo eles, os PMs que mataram Enéias eram de uma propriedade sem fim.

Como a polícia trata o negro

Não jogo entre Santos e São Paulo, no Estádio Municipal do Pacaembu, um advogado negro e outros advogados brancos demonstram-se com um policial de serviço, que irritou com o advogado negro e levou todos para a Delegacia.

Na Delegacia, um policial militar passou a zelar na frente do advogado negro, dizendo: "eu quero que você saia para se dar 4 dias, e voltar como a gente trata negro".

Foi aberto um processo contra o policial, que está em andamento na Justiça PM.

Números da violência policial em São Paulo

O Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra levantou alguns números sobre a violência policial em São Paulo. Segundo dados oficiais da própria PM, de 5 de janeiro a 30 de junho, classe até de 1989, 557 pessoas foram mortas pela PM em "diálogo entre polícia e bandido", 100 eram "negros, mulatos e pardos", 20% não tinham passagem pela polícia.

Levantamento feito por membros da Frente Negra Nacional, Movimento Negro Independente e Conselho do Negro do Estado de São Paulo, nas cidades de Campinas, Santos, Ribeirão Preto e São Paulo, referentes a 1.233 abordagens da PM de firma violenta e constrangedora, mostra que 70% dessas abordagens são feitas a negros, evidenciando bem o caráter discriminador da ação desavioada pela PM no estado de São Paulo.

Os membros destas entidades visitaram os delegados do Conselho da PM e Polícia Civil 114 vezes, mas infelizmente em nada se alteraram as atitudes de violência e arbitrio da polícia em relação aos negros.

O extermínio racista

Distribuição dos tipos de morte violenta de crianças e adolescentes por cor, segundo os dados de Paduação - 1984 a 1989 (1)

Cor	Branco	Negro e Mulato	Branco	Total
D. Federal				
abs.	54	108	67	329
%	24	47	28	100
R. do Estado				
abs.	3	12	253	268
%	1	4	95	100
Alagoas				
abs.	24	88	3	115
%	21	77	3	100
Amazonas				
abs.	-	-	41	41
%	-	-	100	100
Paraná				
abs.	38	463	3	504
%	8	92	0,2	100
Piauí				
abs.	2	23	1	26
%	7	79	4	100
R. Grande				
abs.	10	3	-	13
%	77	23	-	100
S. Paulo				
abs.	-	-	118	118
%	-	-	100	100
S. Catarina				
abs.	-	-	18	18
%	-	-	100	100
S. Goiás				
abs.	-	-	-	-
%	-	-	-	-
Total				
abs.	182	727	306	1215
%	15	60	25	100

Fonte: IBASE

IBASE - Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Econômicos elaborou este estudo preliminar de acordo com os dados sobre mortes violentas de crianças e adolescentes no Brasil - 1984/1989. Como sempre o IBASE alerta, "somente com 30% dos casos de morte violenta em adolescentes sobre a cor da vítima, o percentual de racismo e violência chega a 32% do total de casos. Contudo devemos apontar ao leitor, com informações sobre a cor da vítima, 120 e 699 casos, o percentual de negros e mulatos sobre 42% do total de mortes de jovens brasileiros. Por esse motivo, a violência de morte violenta de crianças e adolescentes negros e mulatos é 4,5 vezes maior que a dos brancos".

Fonte: SITE DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA VERGUEIRO. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJMNUBA091989017.pdf>

Questões importantes para a melhoria da situação da população negra são tratadas nas matérias da publicação. Provoca a comunidade negra a refletir e exigir de seus representantes políticos soluções para temas como saúde, educação, moradia, justiça e segurança. Desenvolver uma mobilização para o tratamento das desigualdades nestas áreas, que afetam a população negra majoritariamente. Apresenta a situação de violência a que está submetida: a elevada taxa de mortalidade de jovens e adolescentes negros, se comparado a taxa de mortalidade de jovens e adolescentes brancos (4,5 vezes maior). Uma realidade que há muito afeta a juventude negra, e que permanece ainda hoje.

Figura 32 - CAPA Ed. 19,
mai/jun/jul.1991



Figura 33 - Ed. 19,
mai/jun/jul.1991, p.8

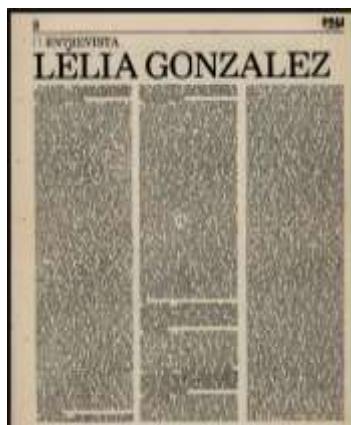


Figura 34 - Ed. 19,
mai/jun/jul.1991, p.9



Fonte: SITE DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA VERGUEIRO.
Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJMNUBA051991019.pdf>

A edição 19, nas páginas 8 e 9, publica uma importante entrevista com Lélia Gonzalez, onde se diz: “Lélia Gonzalez é uma militante, pesquisadora, professora, antropóloga, de méritos excepcionais. Entre muitos outros trabalhos publicou “Festas Populares no Brasil” (Index, 1987). Esta entrevista foi realizada, em Salvador, por Jônatas Conceição da Silva e editada por Edson Cardoso”.

Figura 35 - Ed. 19, mai/jun/jul.1991, p. 7



Fonte: SITE DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA VERGUEIRO.
Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJMNUBA051991019.pdf>

Luís Alberto Silva assina o texto publicado na edição 19, página 7, “Brasil, demagogia racial”, no qual critica a condição de desigualdade em que se encontra a população negra:

O que se coloca na ordem do dia é a contradição entre a ideologia da "democracia racial" e a prática autoritária, que culmina na violência racial.

Como bem demonstra Clóvis Moura em seu livro "BRASIL: As Raízes do Protesto Negro", o discurso liberal, por incrível que pareça, é o suporte da política discriminatória, racista, violentamente preconceituosa que caracteriza a sociedade brasileira. Quando se afirma que somos uma democracia racial, joga-se ao mesmo tempo, sobre o segmento negro explorado e discriminado, a culpa da sua situação atual no sistema de estratificação de classe. Porque se há iguais oportunidades para todos, o negro não se encontra no cume da pirâmide porque não quer (...)

As publicações da imprensa negra, do período compreendido entre os anos 1980 e anos 1990, apresentam uma melhor organização, se comparadas as publicações da década anterior. Além de apresentarem um melhor apuro na estética, conseguiam uma maior penetração. As publicações também ampliam o seu repertório temático, e passam a tratar de temas variados, além dos de caráter político e reivindicatório. Com relações a estas mudanças, Nabor Jr. (2015):

Entre o final dos anos 1980 e início dos 90, com a chegada e posterior ascensão do movimento hip hop no país e sua influência nos hábitos e costumes de relativa parcela de jovens negros brasileiros - especialmente os negros que já não se viam plenamente representados pelas agendas impostas pelos setores mais conservadores do movimento negro - a Imprensa Negra Paulista ganha suas primeiras grandes segmentações. No lugar do "ultrapassado" formato do jornal convencional, passam a ser editadas revistas (de preferência bem coloridas e chamativas). Também saem de cena o protagonismo dos textos puramente políticos e reivindicatórios, e passam a integrar a pauta desta imprensa o entretenimento, o comportamento e a música como ferramentas de inserção social e auto-afirmação. As revistas *Pode Crê!* (1993), *Agito Geral* (1995), *Rap Brasil* (1999), *Planeta Hip Hop* (2000) e *Elementos* (2007), são algumas representantes desta fase.

A influência de novos padrões estéticos e culturais (principalmente norte-americanos) amplia a oferta de publicações para a população negra, que segmentam-se e promovem a valorização estética (corpo, pele, cabelos), moda (vestimenta), cultural (música, dança) e até mesmo esportiva. Nabor Jr. (2015) constata que:

Também embaladas pelos conceitos que internacionalizaram as ações do movimento negro norte-americano *Black is Beautiful*, que exaltava a beleza física do negro, outras publicações surgem em São Paulo como

as revistas *Black People* (1996), *Negro Cem por cento* (1998) e *Visual Cabelos Crespos* (1997).

Figura 36 - REVISTAS DÉCADA DE 1990

REVISTA PODE CRÊ (1993)



Fonte: Extraído:

<http://omenelick2ato.com/memoria/O-MENELICK-100-ANOS-IMPrensa-NEGRA-SP/>

REVISTA AGITO GERAL 1995



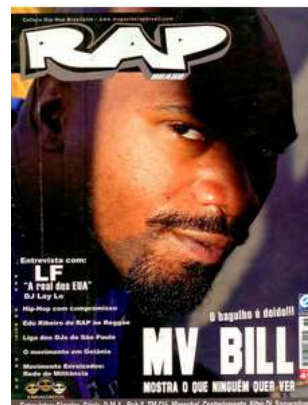
Fonte: Extraído:

<http://omenelick2ato.com/memoria/O-MENELICK-100-ANOS-IMPrensa-NEGRA-SP/>

REVISTA BLACK PEOPLE
(1996)



REVISTA RAP BRASIL
(1999)



Fonte: Extraído:

<http://omenelick2ato.com/memoria/O-MENELICK-100-ANOS-IMPrensa-NEGRA-SP/>

Figura 37 - PLANETA HIP HOP (2000)



Fonte: Extraído:

<http://omenelick2ato.com/memoria/O-MENELICK-100-ANOS-IMPrensa-NEGRA-SP/>

As publicações que surgem no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 ampliam seu público alvo: agora estão direcionando seu foco para o atendimento de grupos específicos da comunidade negra, como músicos, por exemplo. O discurso político dá espaço agora ao discurso do entretenimento e do consumo, temas de interesse da população mais jovem, para qual se direcionam. A estratégia de fortalecimento da identidade negra utiliza-se da via estética, promovendo a desconstrução de estereótipos e preconceitos por meio da criação de performances específicas (gestual, sonora, estéticas) que buscam promover a coesão e valorização coletiva. Criar um espaço onde possam estar representados de modo respeitoso e afirmativo. Pereira (2001, p. 46) destaca que no Brasil:

A nossa mídia impressa tem-se constituído como espaço de ambivalência para a representação dos negros, na medida em que não os toma como agentes sociais – daí a ausência de negros em muitas das páginas editadas – ou os apresenta segundo um recorte estigmatizado – veja-se a reiteração de estereótipos de negros atletas, artistas ou marginais. Isso decorre do processo histórico-social brasileiro que configurou, desde as suas origens, vários esquemas de exclusão de grupos menos favorecidos, destacando entre eles os negros e seus descendentes.

De modo geral, podemos perceber que com o passar do tempo, e de acordo com as condições sócio-políticas, esta imprensa de temática negra vai estar sempre presente e atuante na luta contra o racismo, na denúncia do preconceito racial e na busca da mobilização, integração e conscientização da população negra.

SOU DO GUETO

Márcio Barbosa²⁵

Sou rebelde
Ressentido
Retraído
Sou do gueto

Sou do canto
Obscuro
Sou escuro
Sou do gueto

Tenho mano
Em todo bairro
Tenho mina
Sou do gueto

Ando armado
De esperanças
Sou amado
Sou do gueto

Sou ousado
E sou tímido
Abusado
Sou do gueto

Faço a grana
Tento a sorte
Tenho ginga
Sou do gueto

Tenho fibra
Tenho raça
Sou de briga
Sou do gueto

E sou forte
E sou preto
Sou do mundo
Sou do gueto

²⁵ BARBOSA, Márcio. **SOU DO GUETO**. In, SANTOS, Luiz Carlos dos. **Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos**. São Paulo: Moderna, 2005.

CAPITULO 2 - IDENTIDADE NEGRA, NEGRITUDE E RECONHECIMENTO

NOS CONTEÚDOS DA RAÇA

“O negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir” (Fanon, 2008, p 95).

2.1. Raça Brasil quebrando paradigmas no mercado editorial brasileiro.

Lançada em setembro de 1996, a revista Raça Brasil tornou-se um sucesso editorial. A estrutura de produção, distribuição, a qualidade estética e a linguagem utilizada pela publicação, faz dela desde de seu lançamento uma referência no mercado editorial brasileiro. Nicollini, (2007, p. 22) destaca texto do site da Editora Símbolo, sobre o lançamento da Revista Raça Brasil:

Em 1996, em outro lançamento totalmente ousado e inovador, chega ao mercado a Revista Raça Brasil, que veio com a missão de afirmar o orgulho de milhões de negros brasileiros. E seu resultado foi de abrangência ainda maior, esta foi uma daquelas raras vezes em que uma revista influenciou a opinião pública a ponto de mudar a maneira como a mídia retrata seu público. Depois de Raça Brasil não há, em nosso País, uma única ação da mídia que não leve em consideração a verdadeira cor e alma do povo brasileiro.

As transformações sociais ocorridas na década de 90, acabaram por favorecer a publicação, direcionada a um público até então menosprezado pela mídia. Santos (2012 p. 143) registra que, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, surgem diversos veículos de imprensa voltados para a população negra:

Contudo, foi no fim dos anos de 1990, que surge uma das publicações mais comentadas nos últimos tempos - a revista Raça Brasil. Com o slogan “A revista do negro brasileiro”, Raça mexeu com o mercado editorial ao ser lançada em 1996. (...) Nesse mesmo período surgiram Agito Geral e o Jornal Irohín, com distribuição gratuita para todo país, ambos em 1997. Em 1998 foi a vez da revista Negro 100 Por Cento. Conexão Negra, publicação do Centro Ecumênico de Cultura Negra de Porto Alegre começa a circular em 2003.

A influência da cultura de massa nos anos 90 na sociedade brasileira teve um grande impacto na forma como a juventude, por exemplo, começou a incorporar valores étnicos via consumo de produtos culturais. Sansone (2000, p. 103) a respeito da mercantilização da cultura negra e seu impacto na produção de uma identidade positiva via consumo, destaca que:

(...) foi apenas em 1994 que os negros (jovens) passaram a ter um meio de comunicação próprio. Naquele ano foram lançadas várias revistas dirigidas especificamente aos negros a mais popular é a publicação mensal *Raça Brasil*, que diz vender até 200 mil exemplares, uma grande

conquista para os padrões brasileiros. Agora (jovens) negros têm uma revista com informação produzida internamente e com anúncios de produtos "negros", como cortes e produtos para cabelo, cosméticos, moda, formas de saudação em público (ou seja, "gestos negros"), ornamentos e tecidos africanos etc.

Raça Brasil vem atender a uma parcela considerável da sociedade, a população negra, que não era visível para a publicidade e para os segmentos industriais e comerciais como um potencial consumidor. A publicação acaba por impactar e promover uma mudança na forma como o negro era (re)tratado na publicidade. Castro (2007, p.28) destaca:

A revista Raça Brasil, exerce uma grande influência e contribui para as mudanças que tem ocorrido no mercado da publicidade, trazendo um novo conceito do negro. Atua na restauração da auto-estima negra que ao longo dos séculos foi sendo destruída pelo padrão branco, pois enquanto esse era referencial de beleza, sucesso, inteligência, elegância entre outros aspectos positivos, o negro era estereotipado como padrão de pobreza, miséria, malandragem, ou seja, inadequado para representar de forma positiva qualquer produto, sendo esse um grande fator para a escassez da imagem negra na mídia brasileira, contribuindo assim para o sentimento de auto-negação do negro, e conseqüentemente a necessidade do branqueamento do negro ao longo da história brasileira.

A publicação desenvolve uma tentativa de quebra da invisibilidade social, bem como uma estratégia de inclusão do negro na sociedade de consumo, a partir da oferta de produtos e serviços específicos para este público. A partir do consumo, o negro pode ver-se legitimado como cidadão. Vieira (2014, p.26) a respeito da questão da invisibilidade considera que *“a Raça Brasil, pode sim atuar como espaço de visibilidade e legitimação do povo negro, e também como um lugar onde esse povo pode de fato se assumir e se reconhecer, vendo na revista sua história representada e reconhecida”*. Vieira (2014, p. 48) ainda afirma que *“como componente da mídia comercial voltada ao segmento negro, Raça Brasil quebra a falsa convenção de democracia racial brasileira quando cria um espaço de visibilidade negra que é negado na mídia tradicional”*.

Assim como as publicações da imprensa negra do passado, a Revista Raça Brasil mostra-se como um veículo em busca da igualdade, inclusão e ascensão do negro na sociedade brasileira, nos diferentes espaços e níveis da vida nacional, como portador de direitos, sendo valorizado, reconhecido e respeitado em sua diversidade. Entretanto, esta é uma das polêmicas que envolvem a revista, pois muitos não a consideram ser imprensa negra em virtude de seu posicionamento editorial comercial. Silva e Klein (2012, p. 12) concordam que a revista Raça Brasil pode ser considerada como veículo de imprensa negra:

O primeiro argumento para tal proposição, ou seja, a existência de um veículo pertencente à imprensa negra, como a revista *Raça Brasil*, passa pelo critério básico da discussão e, principalmente, da criticidade jornalística presente constantemente nos discursos veiculados.

Ainda a respeito da revista *Raça Brasil* ser um veículo representativo da imprensa negra na contemporaneidade, Silva e Klein (2012, p. 12-14) apresentam as considerações de diversos pesquisadores que confirmam ser a revista *raça Brasil* uma publicação desta categoria, como Sodré, 1998; Freitas, 2009; Pinheiro e Magalhães, 2006; Downing, 2002. Silva e Klein, (2012, p. 14), destacam ainda outras características tais como, a presença de negros em posições de destaque na produção da publicação, a discussão de temas que dizem respeito a população negra, a apresentação do negro de modo ativo e afirmativo, como outros argumentos que confirmam esta condição e consideram ser a publicação um “*espaço contemporâneo de representação da negritude brasileira e de seus pontos de vista*”.

A revista se constitui em uma referência na mídia brasileira, como publicação voltada especificamente para o público negro, e que de acordo com Souza (2007, p. 62):

Na verdade a *Raça* foi considerada um marco na história dos meios de comunicação de massa brasileiro, onde não havia espaço para o afro-descendente. Matérias sobre racismo eram recorrentes. Denúncias a respeito de preconceito racial sofrido por leitores ocupava boa parte da Revista. O espaço da Revista era dedicado quase que exclusivamente ao afro-descendente, tanto na publicidade quanto nos editoriais de moda.

A revista *Raça Brasil* é, na contemporaneidade, uma nova tentativa de se fazer ouvir a voz negra na mídia, inspirada nos exemplos da imprensa negra do passado. Nicolini (2007, p. 13) observa que “*Aroldo Macedo, que foi um dos fundadores da revista Raça Brasil e seu primeiro editor, antes do lançamento da mesma, pesquisou sobre a imprensa negra do início do século XX*”. A estratégia da revista é promover um discurso de afirmação identitária, a (re)construção da auto-estima e exaltação da negritude. Kofes (1996, p.299) analisando a revista, e a utilização da palavra “*raça*” no seu título, destaca que:

(...) a revista mostra, o que eu aliás comentei na apresentação da revista, o potencial semântico, e político, da noção de *raça*. Seja lá qual for o referente, *raça* permite, para o bem e para o mal, uma chamada identitária. *Raça Brasil* lida com isto: atribui qualidades à *raça* e põe em alta circulação uma redefinição dos valores atribuídos aos negros no Brasil.

E Kofes (1996, p. 300) prossegue a sua análise:

Deste ponto de vista, igualitária, a Revista Raça Brasil não “branqueia” os negros. Em um primeiro nível, reclama os valores capitalistas modernos: os bens de consumo são de acesso universal, isto é, acessíveis ao indivíduo, neutros no que se refere à raça, credo, cor. É o que permite que a revista esbarre na clássica crítica deste valor, que aliás permeia a fala de Octávio Ianni no debate e os comentários de Angela Gilliam: os limites sócio-econômicos desta “democracia”.

Portanto, a revista diz que o “mercado” não é branco. Mas, há outro nível. O próprio lugar que a revista ocupa neste mercado, que ela afirma igualitário, dos cidadãos, precisa passar pela diferença: os cidadãos negros. Para isto é preciso, construir identidades. A seção “Olho Vivo”, aponta para a cidadania diferenciada, com as denúncias e o preconceito e discriminação; a seção “Memória”, recupera da história personagens negras; a seção “Culinária” e “Horóscopo”, indicam um universo cultural afro-brasileiro.

Negros em diáspora, mas também “identidade nacional”. O Brasil pode ser negro, nos editoriais, e multiracial na propaganda do Boticário. Sintetizando a igualdade, e a diferença da seção. “Nossa Gente”, “os negros que chegaram lá”. Mas, nesta diversidade de sentidos, Raça Brasil usa e abusa do verbo ser para fixar a negritude, e atribuir características absolutas – estéticas, culturais e psicológicas – à fronteira racial.

Esta multiplicidade de sentidos da revista – uma alternativa de mídia étnica, que trabalha a questão da afirmação da identidade negra, e ao mesmo tempo promove valores da mídia considerada hegemônica – parece contraditória. Downing (2002, p.130) afirma que *“o mundo da mídia de minoria étnica, que se expande e alastra cada vez mais – a bem dizer, a maior parte da mídia é étnica -, oferece uma gama de exemplos tão diversos quanto a mídia convencional”*. E dentre os exemplos citados por Downing desta mídia que tem sentido étnico a, segundo ele, está a *“especiosa revista afro-brasileira Raça”*. A revista Raça Brasil apresentava em seu conteúdo diferentes tipos de sentido: um sentido contra-hegemônico quando segundo Downing (2002, p.130), *“num contexto em que a afirmação da africanidade havia sido oficialmente desdenhada e mesmo ativamente reprimida (...) a revista oferecia um endosso, há muito devido, a uma identidade e um status afro-brasileiros”*. Tavares (2010) destaca que *“a revista Raça surge com o papel de trabalhar a auto-estima dos negros e negras, valorizando a cor da sua pele, o seu cabelo, as suas feições, trabalhando uma identidade positiva”*.

Entretanto, a revista também permanecia atrelada à hegemonia vigente, pois ainda de acordo com Downing (2002, p.130), *“sua fotografia e suas políticas de anúncios eram semelhantes às da Ebony’s, retratando modelos de pele clara e promovendo produtos para alisamento de cabelos e clareamento da pele”*. Além da questão identitária, a revista promove uma crítica a situação desigual na qual se encontra a população negra, e coloca-

se como uma voz que atua na luta por direitos e meios de promoção da igualdade, como bem destaca Piscitelli (1996, p.306)

A Revista reconhece a desigualdade - à qual dedica uma seção fixa - em que os negros são colocados socialmente no Brasil e, na procura de uma superação propõe a construção de uma identidade negra, positiva e não vitimizada. Entretanto, ela se realiza - e nisto reside o paradoxo - afirmando as essencializações que, perpassadas pelo gênero, participam na sua própria construção. Em outras palavras, a Revista tenta abrir caminhos para alcançar a "igualdade" entre brancos e negros através da exaltação de atributos naturalizados que, pensados como derivados da "raça", inferiorizam e subordinam seus portadores, os homens e mulheres negros aos quais Raça Brasil está supostamente destinada.

Além de pretender ser um veículo que atuaria na quebra da invisibilidade social da população negra, a revista Raça Brasil também teve um outro papel: o de se tornar referência para outras publicações voltadas para a população negra. Oliveira (2002, p.39) declara a importância da revista Raça Brasil como referência para outras iniciativas na área da comunicação voltadas para o público negro, como a Revista online Afirma:

É importante lembrar que a existência e o sucesso da Afirma devem-se, em grande parte, ao fato de que, em 1996, um grupo de pessoas teve a coragem de lançar uma revista chamada Raça Brasil.

É um marco importante para tudo o que está acontecendo no Brasil nos últimos cinco anos. Penso que muitas das transformações que já estamos enxergando hoje, ainda que ocorram com uma certa lentidão, são fruto do espanto ou da surpresa que setores da sociedade brasileira sentiram ao perceber que era possível vender no Brasil 200 mil exemplares de uma revista que dizia ser para negros. Então foi preciso repensar a velha ideia dos publicitários de que o consumidor no Brasil não quer comprar um produto anunciado por um negro.

Após vinte e um anos de seu lançamento, a revista Raça Brasil permanece como referência no mercado editorial brasileiro, como publicação voltada ao público negro. E ainda percebe-se a sua importância como veículo de mídia voltado para a população negra, que não é adequadamente (re)tratada nos meios de comunicação. Souza (2007, p.1) considera que a mídia brasileira promove um apartheid midiático na forma como apresenta o negro brasileiro:

A imprensa brasileira tem contribuído com uma espécie de apartheid midiático, tendo em vista que o negro brasileiro ainda não se vê representado na maioria das publicações impressas e na mídia em geral. Os grandes veículos de comunicação ajudam a cultivar o "apartheid" social brasileiro dando mais espaço ao negro criminoso e marginalizado e não identificando como negro, seus representantes intelectuais e culturais. Apesar das declaradas miscigenação e tolerância racial brasileira, o país ainda está longe de ser uma nação de grande diversidade étnica. Os meios de comunicação, em pleno século XXI, pouco fazem referência a grande população de afrodescendentes existente no Brasil.

Ao fazer uma consulta ao *site* “revistas.com”, podemos perceber como é real e intenso este apartheid midiático. No site é afirmado que:

Mesmo em plena era digital com o surgimento crescente de sites e blogs dos mais variados assuntos, a revista continua sendo um meio de comunicação muito utilizado pelos brasileiros como fonte de informação ou entretenimento. Segundo uma estimativa da **Anatec**, Associação Nacional de Editores de Publicações, há em média 2500 títulos de revistas no Brasil, com tiragem de 1 bilhão e 400 milhões de exemplares ao ano.

O *site* destaca a existência de 2.500 títulos de revistas no Brasil, porém apresenta apenas a revista Raça Brasil como publicação destinada à população negra. A revista Raça Brasil permanece como espaço de veiculação de uma identidade negra afirmativa, bem como veículo de promoção da cultura e história africana e afro-brasileira. Em suas edições, promove o resgate da contribuição negra na construção da sociedade brasileira, e também desenvolve a reflexão sobre a necessidade da mobilização da sociedade na luta contra o racismo e os diferentes preconceitos que atingem a população negra brasileira. A questão racial, tratada de modo naturalizado, banalizado, superficial, pelos diferentes veículos de mídia tradicionais, não contribuem para o enfrentamento das violências e superação das desigualdades de natureza racial existentes na sociedade brasileira. Neste sentido, Ferreira (2006, p.90), a respeito do posicionamento dos veículos de mídia no tratamento de informações sobre a população negra, observa:

Os conflitos étnicos e de comportamento cultural que têm eclodido na contemporaneidade se constituem em grande desafio de abordagem jornalística. No caso específico do Brasil, os veículos jornalísticos de comunicação têm trazido à tona as desigualdades de oportunidades a partir da etnia. No entanto, marcados por contradições, esses veículos deixam transparecer, em notícias publicadas, estereótipos e um discurso conservador ao mesmo tempo em que são importantes canais de denúncia de discriminação, chamando a atenção das autoridades e da população para diversos problemas.

A atenção aos problemas, a reflexão sobre as possibilidades de mudança, e também a preocupação com a visibilização, valorização e fortalecimento identitário, permanecem como características da revista Raça Brasil, que além de seu compromisso editorial, não deixa de contribuir para a superação de desafios para que a população negra brasileira conquiste a sua cidadania plena, com respeito aos seus direitos e valores.

Como disse Maurício Pestana, no editorial da edição 190, (de maio de 2014, p. 9) dentre os muitos desafios que os negros enfrentaram na sua história desde a sua chegada ao Brasil “desafio de preservar e levar adiante a cultura brasileira, sem a qual não

seríamos o que somos como nação, mas com olhos abertos para entender e enfrentar as novas formas de racismo”. Novas formas de racismo, presentes em novos espaços (inclusive os midiáticos), e que tentam manter a subalternidade dos negros, mesmo quando estão em situações de status elevado. E quando a assunção da negritude, pela hoje majoritária parcela da sociedade brasileira, ao invés de ser um motivo de orgulho, passa a ser justificativa para agressão, o que resta é buscar conhecimento, e mobilizar as forças que podem ajudar a construir a resistência e a luta contra a discriminação racial, também com a utilização da mídia.

2.2. Raça Brasil quebrando paradigmas: de produto midiático a objeto de pesquisa acadêmica.

(...) a gente não deve tentar transformar uma revista numa tese de mestrado, e nem uma tese de mestrado uma revista, é óbvio. A gente fica aqui discutindo, cobrando de nossos pobres amigos jornalistas que eles façam teses sociológicas. Eles não estão fazendo isso, eles estão fazendo uma revista. (Mariza Corrêa)²⁶

A equipe editorial da revista Raça Brasil, sessenta dias após o lançamento, foi convidada para participar de um debate na UNICAMP²⁷, onde o editor chefe da revista Roberto Melo declara (p. 241, 242):

Roberto Melo: bom dia. Eu queria primeiro agradecer o convite que foi feito pela Unicamp, pelo Departamento de Antropologia. Para nós, de uma redação de uma revista, é uma honra enorme ser chamado a contribuir de alguma forma para o debate acadêmico. Eu queria, já de cara, colocar que a respeito da enorme desproporção intelectual desta mesa, entre dois jornalistas e pensadores deste calibre, acho que apesar disto nós temos alguns fatos saborosos, interessantes, importantes, que podem revelar uma mudança muito maior que o simples sucesso de uma revista, e que foram identificados no lançamento da Revista Raça Brasil. De fato, são importantes, e eu espero que possam ser, no final, objeto de investigação por parte de todos vocês. Nós precisamos de vocês porque jornalistas não têm tempo de pensar, só tem tempo de fazer. E eu costumo dizer que jornalismo se escreve com a mão e não com o cérebro, e, como nós não temos tempo de pensar, espero que a universidade faça isto por nós.

²⁶ **Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil.** In, *Cadernos Pagu* 6/7, **Raça e Gênero**, 1996, p. 294. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=51133&opt=1>

²⁷ O debate ocorreu no IFCH, Unicamp, no dia 05 de novembro de 1996, promovido pelo Departamento de Antropologia e seu Programa de Mestrado, pelo Doutorado em Ciências Sociais e pelo Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu; com a organização da Secretaria de Eventos do IFCH. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=51133&opt=1>

Roberto Melo destaca a importância da academia na produção de uma reflexão mais aprofundada sobre o sucesso da publicação, para além da questão puramente comercial. A revista revelava a ocorrência de mudanças, que deveriam ser analisadas, e para tanto a contribuição acadêmica era fundamental. E Mariza Corrêa, em sua participação no debate (p. 261) neste sentido destaca:

Acho que a academia é um dos espaços que nós não estamos explorando para analisar, acho que a universidade é um espaço que nós devemos ocupar para analisá-la. E acho que quando uma revista negra aparece, ela não deve sofrer as críticas que nós quase nunca fazemos para as brancas.

Mariza Corrêa (p. 256, 257) ressalta a invisibilidade de tratamento da questão racial, inclusive nos círculos acadêmicos, e afirma a sua surpresa por ter a oportunidade de participar de um debate sobre uma revista destinada ao público negro, recém lançada:

Mariza Corrêa: Eu queria dizer que estou um pouco emocionada com essa mesa e também muito orgulhosa. Eu acho que nós estamos diante de um fenômeno, não só um fenômeno jornalístico, porque sem dúvida é um fenômeno editorial. Essa revista é um sucesso, basta notar os números que acabaram de ser mencionados aqui. Mas, eu acho que nós estamos diante de um fenômeno sociológico. E eu fico orgulhosa de que na Unicamp, particularmente no Departamento de Antropologia, nós estejamos um pouco atentos a este fenômeno. Acho que graças à rapidez da Suely em juntar o feliz surgimento desta revista com o número que nós estamos preparando no Núcleo de estudos de Gênero a respeito de Raça e Gênero, um número dos Cadernos Pagu. Eu sou professora nesta casa há vinte anos, e eu acho que algumas das coisas que o Roberto falou são verdades para nós mesmos: nós tornamos os nossos trabalhos a respeito de raça invisíveis. A Suely tem uma tese bastante conhecida nos meios acadêmicos a respeito da questão racial, que não está publicada. Eu tenho uma tese bastante conhecida nos meios acadêmicos a respeito do maior intelectual racista no Brasil, que também não está publicada. O professor Robert Slenes, aqui presente, é um dos maiores especialistas na questão do trabalho escravo, da família escrava no Brasil, e nós não fazemos quase nada com este nosso saber. Quer dizer, muito raramente nós temos cursos a respeito da questão racial aqui no Instituto.

Após vinte e um anos de seu lançamento, a revista Raça Brasil parece ter atendido o que Roberto Melo e Mariza Corrêa destacaram: levou a discussão da questão racial na comunicação para o espaço acadêmico, e conseguiu vencer a resistência e invisibilidade neste tema, sendo objeto de análise de diferentes trabalhos, nos diversos níveis (artigos, monografias, dissertações e teses), em diferentes áreas de conhecimento (História, Letras, Comunicação, Sociologia, dentre outras) tornando-se um objeto de pesquisa relevante. A publicação foi citada em diferentes livros, como um exemplo de promoção da luta antirracista por meio da mídia, bem como exemplo de estratégia de promoção da

visibilidade da população negra, valorização de sua identidade, resgate e difusão da cultura afro-brasileira e também como um espaço de memória sobre fatos e personagens importantes e muitas vezes encobertos na historiografia oficial sobre as contribuições da população afrodescendente no Brasil e na diáspora.

Encontramos dezenas de trabalhos²⁸ acadêmicos que tendo a revista *Raça Brasil* como tema, conseguiram romper a resistência acadêmica a respeito do tratamento da questão racial nos espaços acadêmicos. Em virtude dos trabalhos desenvolvidos a revista obtém a legitimação de sua relevância como objeto de pesquisa, e onde categorias conceituais tais como identidade negra, reconhecimento, imprensa negra, políticas de ação afirmativa, auto-estima, valorização, cultura negra, cultura afro-brasileira, racismo, discriminação racial, preconceito, luta antirracista, visibilidade negra, intolerância religiosa, cidadania, religiosidade, beleza, moda, foram analisados.

Observamos, a partir da análise dos conteúdos veiculados na revista, a presença de muitas destas categorias, tematizadas e relacionadas as diferentes maneiras em que estão presentes no cotidiano da população negra brasileira e, portanto, tornam-se de interesse desta população. Conteúdos que demonstram a importância da revista *Raça Brasil* na veiculação de assuntos que normalmente não estão contemplados na mídia tradicional. A revista, como objeto de pesquisa, acaba por promover a reflexão sobre a temática racial no espaço acadêmico.

Analisando os conteúdos presentes na revista *Raça Brasil*, Ramos (2010, p. 96) constatou que diferentemente do que normalmente é afirmado (que a revista trata fundamentalmente de estética e beleza), ao mapear os temas presentes com maior frequência na publicação (foram encontrados 42) o segundo mais frequente, depois de “personalidade” é “discriminação racial”. Ramos destaca que os grupos temáticos

²⁸ **Artigos:** BRAGA, Larissa Adams; MAGALHÃES, Magna Lima, 2015; FERREIRA, Filipe Mantovani, 2014; FILHO, Antonio Jonas Dias, 1996; GILLIAM, Angela Gilliam; GILLIAM, Onik'a, 1996; KOFESa, Suely, 1996; KOFESb, Suely, 1996; PACHECO, Hellen de Paula, 2001; PIRES, Denise, 2011; PISCITELLI, Adriana, 1996; SANTOS, João Batista Nascimento, 2007; SILVA, Anderson Lopes da; KLEIN, Fernando, 2012; TAVARES, Suzana, 2010; VICENTINI, Sabrina Gabriela; CARMO, Cláudio Márcio, 2010.

Monografias: BONFIGLI, Eliana Melhado, 2002; CASTRO, Patrícia Cristina Campos de, 2007; SOUZA, Ana Paula da Silva e, 2007; VIEIRA, Ramíla Moura Mendes, 2014;

Dissertações:

ALMADA, Sandra de Souza, 2000; BRAGA, Amanda Batista, 2008; BRASILEIRO, Yara Brito, 2003; FERREIRA, Filipe Mantovani, 2012; LIRIO, José, 2002; MENDES, Mírian Lúcia Brandão, 2011; NICOLINI, Veridiana Kunzler, 2007; OLIVEIRA, Lindomar Alves de, 2007; PINHEIRO, Viviane Seabra, 2007; RAMOS, Daniele Gross, 2010; SANTOS, João Batista Nascimento dos, 2004.

cidadania (11), negritude (9), e cultura (6) são as que agrupam a maior quantidade de temas.

A revista *Raça Brasil*, analisada academicamente, demonstra a multiplicidade de temas abordados em suas edições, que buscam contemplar a diversidade de interesses da população negra brasileira. As pesquisas promovem a reflexão, em diferentes áreas de conhecimento, sobre o impacto da publicação na (re)construção de uma imagem positiva do negro, de sua corporeidade, cultura, e também contribui na desconstrução de estereótipos e discursos racistas veiculados socialmente contra a população negra.

A publicação promove a reflexão sobre a necessidade da assunção da negritude, da valorização da cultura negra e da necessidade de por meio da mídia, desenvolver a luta antirracista. Produzir um discurso negro, em contraponto à hegemonia discursiva que valoriza a branquitude ou invisibiliza ou deprecia o ser negro. Neste sentido, Caetano (2007, p.4) observa que:

Sendo a mídia impressa um espaço de grande influência na formação ética e política de seus/suas leitores(as), exercendo o seu poder simbólico (THOMPSON, 1998), há que se expandir as possibilidades de análise e de interpretação de seu funcionamento como forma de empoderamento e cidadania (...)

E a revista *Raça Brasil*, na mídia ou na academia, procura na sua trajetória, contribuir para a cidadania e o empoderamento da população negra brasileira.

2.3. Raça Brasil quebrando paradigmas: conteúdos afirmativos e reflexivos sobre a negritude no Brasil e na Diáspora.

Já dizia um velho ditado: *“não se pode julgar um livro pela capa”*. E assim como este, há também um outro ditado que diz: *“as aparências enganam”*.

Analisar os conteúdos de uma revista como *Raça Brasil* não é uma tarefa fácil. Apesar de ser a única revista voltada ao público negro até 2015, sua trajetória de 21 anos possui um acervo considerável de conteúdo a ser analisado. Como disse Fernanda Alcântara no editorial da edição 193, publicada em outubro/novembro de 2014, intitulado *“a Raça é mil revistas em uma”*.

Ramos (2010), na sua dissertação de mestrado intitulada *“Raça em Revista: identidade e discurso na mídia negra”* constatou que a revista produz e veicula conteúdos que são importantes para a população negra, diferentemente do que normalmente se afirma. *“Raça Brasil adquire um papel importante enquanto meio de comunicação, uma vez que incentiva a quebra da invisibilidade social de um grupo étnico, ainda percebido*

como minoria, apesar de já representar o maior contingente populacional brasileiro”, declara Ramos (2010, p.7). Pesquisa os sites de seis revistas do mesmo segmento de Raça Brasil, Ramos (2010, p.197) constatou que em um total de 149 capas analisadas, apenas uma publicação trouxe a mesma pessoa negra na capa duas vezes: a atriz Taís Araújo. Percebe-se como é elevada a invisibilidade a que o negro brasileiro é submetido no espaço midiático. Neste caso específico, em que foram analisadas revistas voltadas para o público feminino, não ocorre nas publicações produzidas uma presença em quantidade minimamente proporcional à sua participação demográfica na população total,. É como se não houvessem mulheres diferentes do padrão estético hegemônico: o padrão branco. A mídia promove uma exclusão das mulheres negras nos espaços midiáticos, como se elas não fizessem parte da realidade cotidiana. E, quando aparecem, são representadas por referências que não contemplam a maioria das mulheres negras brasileiras – tampouco as diversidades corporais e estéticas presentes neste grupo. Ou seja, além de presença insuficiente, a representação não reflete a realidade da população feminina negra.

As capas da revista Raça Brasil são, principalmente, um diferencial em relação as demais revistas em circulação no país. Vieira (2014, p.6) afirma que “com a veiculação em suas capas de personalidades negras conhecidas midiaticamente, a revista promove a visibilidade dessa raça”. Esta visibilidade, afirmativa, contrasta com as imagens de negros/as que são apresentadas pela mídia em geral. Vieira (2014, p. 10) observa:

A impressão que a maioria dos veículos midiáticos causa é que vivemos em um país de caucasianos. Aos negros reservam-se as manchetes dos noticiários policiais, as séries cujo cenário é a favela e os papéis subalternizados nas novelas. As revistas não fogem do padrão racista da mídia e raramente veiculam pessoas negras em suas capas.

A utilização de personalidades famosas em capas de revista é uma estratégia das editoras para chamar atenção dos leitores para a publicações, na exposição realizada nas bancas de jornais. A revista Raça Brasil, assim como as demais, se utilize da mesma estratégia, mas ao contrário das demais publicações, veicula em suas capas personalidades negras famosas, que normalmente não estariam presentes em capas de outras revistas.

A partir das matérias das capas, em média de seis em cada edição (totalizando 120 matérias no período da análise), dividimos os temas presentes em nove grandes grupos temáticos, de modo a poder mensurar a presença destes grandes grupos na publicação. Os grandes grupos definidos foram: cotidiano, memória, matérias especiais, artistas,

personalidades, moda, ação afirmativa, cultura e diáspora. Definimos que o grupo artistas englobaria pessoas famosas, já amplamente conhecidas. O grupo personalidade englobaria as pessoas que não possuem grande visibilidade na mídia, mas foram registradas pela publicação. No grupo diáspora agrupamos matérias referentes a temas em que o continente africano foi referenciado. O resultado deste agrupamento em grandes grupos teve o resultado conforme demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 1 - TEMAS DAS MATÉRIAS DE CAPA DA REVISTA RAÇA BRASIL

REVISTA RAÇA BRASIL - TEMAS DAS MATÉRIAS DAS CAPAS							
CAPA	PERÍODO	TEMA	TEMA	TEMA	TEMA	TEMA	PERSONALIDADE DA CAPA
175	FEV 2013	MODA AFRO	VIOLÊNCIA E RACISMO	ORIGEM NOS CINEMAS	ESCRATIDÃO NEGRO	PERSONALIDADES AFRO	LEITÃO MARIN
176	MAI 2013	JUÍZIA MARÇAL	ARTE AFRO-AMERICANA	DIRA TELMA	GRUPO DE TAMBOR TAMBOR	SABALINA MARIA DE JESUS	ELI LEM ELIEM
177	ABR 2013	MOVIMENTO NEGRO	CLASSE C NA PERIFERIA	JOSÉTONY MARIN GRUPO	RELIGIÃO DO COTIDIANO	MULHERES AFRICANAS	THALES VIEIRA
178	MAI 2013	MÚSICA AFRO BRASILEIRA	ESPECIAL AFRICA	S.P. FASHION WEEK	ADRIANA FERREIRA	JANELÃO	DEMO DEMO GARCIA
179	JUN 2013	MUSICAL NO LÉÃO	MARTINDO DA SILVA	S.P. FASHION WEEK	BRAGAÇÃO	PÁGINAS PRETAS	FABRÍCIO SOUZA
180	JUL 2013	AMIGOS TEMPODE	ORGANIZAMENTO FEDERAL	DANIEL FASHION WEEK	30 ANOS 1980 AFRO	PÁGINAS PRETAS	ADY ARAUJO
181	AGO 2013	MOVIMENTO NEGRO	NELSON MANEIRA	EDINETTA	CAPIXOTA	PÁGINAS PRETAS	BARBARA LINDA
182	SET 2013	SAMBA NA VELA	ESPECIAL NEGRO COTIDIANO	ANIS ESPADE NEGRA	BOBACINHA	PÁGINAS PRETAS	DE PINCE
183	OUT 2013	OLIVE E SERRA DO TAMBORE	GIACZI ROSAS	GEFFE CRUCIOLA	DANCE BLAKE	PÁGINAS PRETAS	CAROLINNE MOURA
184	NOV 2013	PRECONCEITO RACIAL	MODA NEGRA EM PARIS	WALDIR JOSETONY MARIN	DANÇAS AFRO	PÁGINAS PRETAS	CACAU FREITAS
185	DEZ 2013	DAVID MARCONDES	HOMENS DO PASSADO	S.P. FASHION WEEK	DEVALDO DO ARAUJO	PÁGINAS PRETAS	OSWALDO
186	JAN 2014	NA MANSÃO DO JORGE	ESPECIAL SAMBA	ESTRELA MÔNICA ANJOS	OBSESSÃO INFANTE	PÁGINAS PRETAS	PRISCILA COPPER
187	FEV 2014	CINEMAS AFRICANA	ESPECIAL DE VERÃO	DAMA DO SAMBA	30 ANOS DO S.E. AFRO	PÁGINAS PRETAS	PIRETA SA
188	MAR 2014	PISTA DEDICADO	ESPECIAL SAMBA	ESPO NOVAS	ARTISTAS NEGRO BRASILEIRO	CAROLINA MARIA DE JESUS	MARTA
189	ABR 2014	LABORATORIO DE BELEZA	ESPECIAL COPA	ARDO DO NASCIMENTO	ALAY BELLOSO	ROTH DE JORGE	EDUARDO ZA
190	MAI 2014	DEBATEDOSAMBA	ESPECIAL COPA	PROFESSOR NEGRO COTIDIANO	RAPPER AFRO X	PÁGINAS PRETAS	DANTE
191	JUN 2014	MESTRE RACHÃO	MORTE DOS TAMBORES	JOVENS E DEMOCRACIA	CURTA DÍAS DE JERUSA	MUSICAL ELI	RODRIGO ALVES E DENISE
192	AGO SET 2014	CLÁUDIO TONI	ESPECIAL ORGANIZADO	MARACONTO AFRO	MOVIMENTO AFROBRASIL	ÁFRICA DO SUL	LUIZA RIBEIRO
193	OUT NOV 2014	AFRILATINHADES	ESPECIAL NEGRO NA ECONOMIA	ARTES DO COTIDIANO	DEBATEDOS AFRO	PÁGINAS PRETAS	MARILYN MONÉ
194	DEZ 2014/JAN 2015	SEXO E AS NEGAS	ESPECIAL RACISMO NA MÍDIA	NETELA VINCEK	DEBATEDOS AFRO	DANIELA DO CARO	ADRIANA LINDA

Fonte: Arquivo pessoal

GRUPOS:

- COTIDIANO – 11
- MEMÓRIA – 11
- ESPECIAIS – 15
- ARTISTAS – 28
- PERSONALIDADES – 15
- MODA – 6
- AÇÃO AFIRMATIVA – 13
- CULTURA – 9
- DIÁSPORA – 11

Podemos constatar que os grupos que tratam de temas presentes no cotidiano da população negra possuem grande participação (cotidiano, especiais, e ação afirmativa – 39 matérias); os grupos artistas, personalidades e memória (que tratam de fatos e personagens da história do Brasil e da diáspora), também apresentaram presença expressiva (54 matérias). Ação afirmativa (13 matérias), Diáspora (11 matérias) e moda (6 matérias) complementam o total dentro das matérias analisadas.

O resultado da análise demonstra que a publicação promove uma quebra da invisibilidade da população negra, pois promove a discussão de temas que são relevantes para este segmento populacional. Temas referentes a estética e moda estão presentes nas edições, porém, não são conteúdos com maior representatividade, como se afirmava, acusando a revista de ser apenas focada nestes temas. Cabe destacar que entre os assuntos mais presentes nas edições estão os que referem-se a mulheres (7 matérias) preconceito/discriminação (5 matérias), racismo/violência (3 matérias), juventude (93 matérias) e movimento negro (2 matérias). Para além do que aparentemente está expresso nas capas, os conteúdos presentes nas edições da revista *Raça Brasil* contemplam um grande espectro de temas de interesse da população negra, e que não teriam espaço e visibilidade em outras publicações da imprensa tradicional. Neste sentido, Ramos (2010, p.187) afirma em sua pesquisa algo semelhante:

Entretanto, se em suas capas a publicação se vende como uma revista que tem seu cerne na visibilidade das personalidades – aqui, mais uma vez com grande destaque a Taís Araújo -, bem como nas questões da estética, em suas páginas internas, a publicação trabalha temas pertinentes à questão do negro em nossa sociedade, tanto como cidadão quanto na sua cultura.

A análise que pretendemos desenvolver refere-se aos temas que estão presentes nos conteúdos veiculados na publicação, e compreendem o período de 2013 a 2017, quando ocorre o final da publicação no formato impresso e o início da mesma em formato digital. Nas edições que fazem parte do corpus da pesquisa pretendemos analisar quais os temas estão presentes, e de que forma são tratados. De que maneira os conteúdos produzidos e veiculados demonstram ter uma relação com a realidade cotidiana dos leitores, de que modo o tratamento dado a estes temas pela publicação atendem às expectativas dos leitores, e quais os impactos promovidos neles. Verificar como as mudanças de contextos (social e editorial) influenciaram a linha editorial da publicação, reconhecida como um espaço de debate das questões de interesse da população negra, e fundamentada na temática racial e temas a ela correlatos.

2.3.1. Panorama dos conteúdos das versões impressas de *Raça Brasil*

A importância dos meios de comunicação na sociedade contemporânea cresce a cada dia. McLuhan (1974, p. 17) já afirmava que “a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas”. As diferentes formas de interações humanas se dão

contemporaneamente, cada vez mais, mediadas pelos veículos e artefatos comunicativos. E McLuhan, (1974, p. 26) citando discurso do Papa Pio XII em 1950, demonstra que há muito tempo, existe uma preocupação com a importância da comunicação nas sociedades modernas:

Não é um exagero dizer-se que o futuro da sociedade moderna, bem como da estabilidade de sua vida interior, dependem em grande parte da manutenção de um equilíbrio entre a força das técnicas de comunicação e a capacidade de reação do indivíduo.

Considerando-se esta observação do Papa Pio XII sobre a importância da comunicação, e o seu impacto na construção humana individual e coletiva, podemos verificar a sua atualidade, a partir do que Santos (2009, p.2,3) afirma:

O desenvolvimento dos meios de comunicação da mídia impactou profundamente o processo de formação da consciência coletiva e individual. Se antes os materiais simbólicos empregados na construção do “eu” eram adquiridos em contextos de interação face a face, agora eles são cada vez mais dependentes do acesso às formas mediadas de comunicação.

Analisando-se a história da imprensa brasileira, e a forma como foi construída uma imagem negativa dos negros por meios desta imprensa, percebe-se a importância (e necessidade) da existência de uma imprensa negra que produzisse um contra-discurso do que majoritariamente era veiculado. A necessidade de lutar pela desconstrução de estigmas e estereótipos que buscavam criar uma situação de exclusão, marginalidade e submissão dos negros nas esferas individuais e coletivas da sociedade.

Feres Júnior (2006, p. 14) afirma que:

(...) o negro é representado em nossa sociedade de maneira inferior, ou ainda, não é representado. Isto é, a desvalorização dos atributos físicos africanos limita em muito a possibilidade de um indivíduo que os possui conseguir se constituir em objeto de afeição mútua, como igual, por parte de outros indivíduos dessa mesma sociedade, sejam eles brancos ou negros.

É prioritário e inadiável a compreensão da necessidade de desenvolvimento de diferentes modos de valorização deste corpo (negro), objetificado, agredido, violentado, desumanizado. (Re)humanizar este corpo em toda a sua potência, singularidade, beleza e estética. Promover a ressignificação de uma corporeidade que é negatizada e invisibilizada, por uma corporeidade positiva e que possa ser assumida em sua totalidade (corpo, pele, cabelos); corporeidade que permita a afirmação e valorização da identidade negra. Como destaca Gomes (2012, p. 3)

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos.

A negatização da identidade negra promoveu uma percepção desfavorável na sociedade em relação aos seus portadores, e mesmo entre estes. Depestre (1980, apud Fonseca, 2006, p. 89) a respeito das imagens construídas sobre o negro, declara:

(...) quando se analisa o mito semiológico que hierarquizou e regulamentou o valor dos homens, a partir da cor da pele, a classificação epidérmica dos indivíduos marcou tão profundamente as experiências históricas da população da América, que, ainda hoje, o corpo humano veicula um tipo de código moral e estético determinado, sobretudo, por seus traços externos. Faz parte desse código o conjunto de considerações depreciativas ligadas ao negro, aos seus valores, às suas crenças, à sua relação com o trabalho, bem como a configuração de imagens que sustentam as experiências singulares de sua vitalidade sócio-cultural.

Martins, (2006, p. 92), corroborando a afirmação de Depestre afirma que *“as imagens de negro e negra continuam a ser modeladas por uma gama imensa de preconceitos que podem ser percebidos em diferentes lugares sociais ainda que, muitas vezes, encobertos por eufemismos”*. E ainda neste sentido, d’Adesky (2006, p. 19) observa que *“as identidades, quando são mal percebidas ou mal interpretadas, podem se tornar imagens estereotipadas”*. E completa: *“podem também ser deformadas com o objetivo de fomentar uma imagem depreciativa de certos grupos ou indivíduos pertencentes a minorias étnicas ou comunidades religiosas”*.

A beleza considerada padrão é a beleza branca; o modelo de beleza difundido midiaticamente e que constrói os imaginários do que seja desejável ou repulsivo é o padrão da branquitude, que deve ser seguido, adotado, valorizado socialmente. Com relação à beleza, d’Adesky (2006, p. 94) destaca:

Constata-se que os brancos detêm simbolicamente um capital de beleza superior ao dos negros e dos indígenas. Uma mulher considerada bela é antes de tudo branca de cabelos lisos. Esses padrões não são frutos do acaso. São reflexos das normas culturais hegemônicas que definem o que é belo e feio por meio do romance, da poesia, das artes plásticas, da publicidade, televisão e cinema.

Não é muito bom constatar que uma das fontes de discriminação racial reside hoje em dia precisamente na utilização desses padrões. Certo, nós amamos e admiramos as pessoas independentemente do físico, da cor e do sexo. No jogo social, contudo, a beleza é um critério levado em conta no recrutamento de candidatos. Se nos detivermos, por exemplo, nas telenovelas, poderemos observar o pequeno número de atrizes e

atores negros em comparação com os brancos. As oportunidades de conseguir papéis de protagonistas são raras para eles. Geralmente, lhes são atribuídos papéis de segundo plano, à exceção de enredos sobre a escravatura e colonização. E se certas jovens atrizes negras conseguem hoje papéis de importância na televisão, a condição é de que não tenham a pele muito escura, os cabelos muito crespos ou um tipo físico muito próximo do “africano”.

A revista *Raça Brasil* procura, desde seu lançamento por meio dos conteúdos veiculados tratar da auto-estima, promover a valorização da negritude, e colaborar para a conscientização individual e coletiva da população negra a respeito de sua identidade e corporeidade. A renovação, na contemporaneidade do “black is beautiful”, contribuindo para a ampliação do reconhecimento identitário da população negra brasileira.

As versões impressas analisadas no corpus desta pesquisa (edições 175 a edição 194) possuem uma estrutura de conteúdos distribuída em colunas temáticas, onde os temas das matérias são organizados. Apresentamos a seguir um panorama sobre a estrutura e os conteúdos da revista, a partir das capas.

2.3.1.1. Capas da Raça

Figura 38- CAPAS REVISTA RAÇA BRASIL (2013-2015)



Fonte: Revista Raça Brasil

Considerando-se o seu conteúdo, a revista Raça Brasil é voltada para o público feminino, conforme observado por Ramos (2009, p. 4,5) :

Apesar de não ser denominada pela editora como uma publicação feminina, observa-se que boa parte de seu conteúdo é constituída por editoriais de moda, de cabelo – estes presentes em todas as edições –, além dos de maquiagem, pele, e algumas vezes, bijuterias e acessórios diversos. Poderíamos, assim, afirmar que Raça tem na categoria estética (cabelos, maquiagem, pele, beleza), somada a moda e comportamento, o cerne de sua publicação. Perfil bem similar aos das femininas.

De acordo com Ramos (2009, p.6) “objeto de atração do leitor, é a capa que vende uma publicação. Principal chamamento das revistas nas bancas, é ela que garante a sobrevivência das segmentadas e/ou das de menor tiragem, vislumbrando, inclusive, suas

possibilidades de crescimento”. A capa dá uma idéia sobre o conteúdo da revista, e deste modo, pode despertar interesse e identificação no leitor, levando-o a adquiri-la e conseqüentemente, tornando-se um consumidor fiel.

Ao observarmos as capas da publicação, cabe destacar que das vinte capas das edições analisadas, oito são estampadas por homens, dez apresentam mulheres, uma apresenta um casal inter-racial e uma apresenta uma imagem de várias personalidades. Pode-se perceber um equilíbrio de gênero nas capas. Outro ponto que merece destaque é a diversidade de referências corporais: as personalidades que estampam a capa não são todas com uma estética corporal padronizada, e refletem também a diversidade e a pluralidade étnica existente no país, o que favorece a identificação com o público leitor. Ellen Oléria (edição 176), Gaby Amarantos (edição 180), Cacau Protásio (edição 184), Marta (edição 188) e Arlindo Cruz (edição 194) não estariam estampando capas nas revistas tradicionalmente dirigidas para o público feminino. Apesar de serem pessoas famosas, fogem da estética padrão estabelecida e não seriam considerados adequados a estarem estampando uma capa de revista. Neste sentido, a observação de d’Adesky (2006, p.96) é importante e deve ser considerada:

Na vida privada, os padrões de beleza helênicos são também fatores de discriminação. Brancos e negros discriminam aqueles que não correspondem a esses padrões. Essa discriminação não é um sinal evidente de um racismo aberto, mas sobretudo resultado de um tipo de condicionamento induzido pelo ideal estético dominante. Porém, mais do que admitimos, e muito mais do que imaginamos, essas discriminações são ainda mais perversas por obrigarem os negros a julgarem a si mesmos e aos outros de acordo com os padrões de beleza dominantes que sabemos inadequados e não-universais para definir o belo e o feio, e portanto para julgar populações diversas. Nesse contexto, compreende-se que, até muito recentemente, os negros aspiravam inevitavelmente a serem parecidos com os brancos. Não era tanto por uma questão de gosto, mas, sobretudo pelo desejo de ser considerado e reconhecido como um ser humano, direito que lhe foi negado durante séculos.

Figura 39 - PERSONALIDADES DAS CAPAS DA REVISTA RAÇA BRASIL



Fonte: Revista Raça Brasil

Fran Oliveira, ex-editor da revista Raça Brasil, em entrevista concedida à Santos (2011, p. 66) declara que “a partir de Raça Brasil o negro passou a ser capa de várias revistas, pois antes não nos colocavam na capa, já que achavam que negro na capa não vendia”. A revista Raça Brasil permite ao seu leitor sentir-se integrado à uma comunidade que é majoritária, mas também invisibilizada na mídia. Como Santos (2011, p.27,28) declara:

A revista Raça Brasil cria uma comunidade imaginada porque o seu discurso constrói sentidos com o propósito de influenciar e organizar as ações e a concepção que os sujeitos têm de si mesmos. Assim, ao construir sentido à negrura da pele, por exemplo, a revista constrói identidades por meio da identificação. Estes sentidos estão inseridos nas histórias que são contadas sobre o grupo, cujo conteúdo simbólico também tenta conectar o seu presente a um passado determinado. Tal como acontece às histórias contadas sobre qualquer outra comunidade. As narrativas contadas em Raça Brasil, de certo modo, fornecem imagens, panoramas, cenários, eventos históricos e rituais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à negritude e à identidade negra.

A revista Raça Brasil realiza uma transformação na forma como o negro é retratado na mídia, impactando não só na forma do negro perceber-se e valorizar-se, mas também na maneira como a sociedade brasileira passou a ver a população negra na mídia. Almada (2002, p. 52) neste sentido destaca a contribuição da revista Raça Brasil, “não apenas em termos mercadológicos, mas também porque colaborou de forma importante para uma mudança na cultura de imagem, apresentando uma imagem do negro que, de certa forma, desmistifica as imagens tradicionais que nós víamos na mídia”.

2.3.1.2. Sumários da Raça

O sumário de uma publicação realiza a organização, hierarquização, estruturação onde os conteúdos estão organizados em tópicos; descreve os aspectos principais e mais relevantes a serem considerados. Os sumários da revista Raça Brasil no período analisado apresentam uma estrutura “fixa” de determinados assuntos (seções) e outros temas diversificados, que são as “matérias” principais de cada edição.

As matérias das edições analisadas abordam diferentes temas, que normalmente são relevantes para os leitores, e são inclusive sugeridos por eles, na seção destinada a este fim (coluna

Na organização do sumário, da revista Raça Brasil, as matérias são os maiores conteúdos da edição, e que recebem maior destaque. Além da matéria de capa,

normalmente são veiculados seis conteúdos por edição, que abordam temas diversificados. Em um box intitulado “seções” estão organizados os conteúdos das colunas fixas da revista.

2.3.1.3. Editoriais da Raça

Os editoriais da revista Raça Brasil, em geral, fazem a apresentação do tema principal da edição. Tem como objetivo descrever a motivação da abordagem, bem como descrever os conteúdos da edição. Explicitam de certo modo o posicionamento editorial da revista. Na edição 175, de fevereiro de 2013, e primeira edição analisada no corpus desta pesquisa, o editorial intitulado “Raça Brasil: mudando para crescer” é assinado pelo diretor editorial Sandro Aloísio. Ele afirma no texto:

Prestes a completar maioridade, a revista Raça Brasil segue em busca de novos rumos para continuar fazendo história no mercado editorial e a diferença na preservação da memória da população afrodescendente em nosso país. Dos mais de 100 anos de história da combativa imprensa negra no Brasil, com publicações memoráveis como *Clarim da Alvorada*, a Raça Brasil é a de vida mais longa. São 17 anos de circulação ininterrupta (a serem completados em setembro) e ser a maior publicação do segmento implica numa enorme responsabilidade com a história, mas, sobretudo com o presente e com o futuro, o que torna imprescindível o compromisso de mudar sempre que necessário para manter-se não só atual, mas principalmente, relevante.

Dentro desta perspectiva e acreditando que uma das saídas para a superação das desigualdades são ações efetivas para consolidar o poder, a identidade e o protagonismo econômico e político da população afrodescendente, alinhamos, a partir desta edição, as ações da revista, que passam a ser concentradas na atuação de Maurício Pestana, que há muito preside o Conselho Editorial e atua como diretor executivo da publicação. Pestana, como é popularmente conhecido, responde agora por toda a área de produção editorial, comercial e marketing, marcando, assim, o início de um novo tempo na relação da revista com o leitor, o mercado publicitário e as instituições.

Raça, cada vez mais você. Cada vez mais Brasil.

O texto apresenta os novos objetivos da publicação a partir da mudança: “superação das desigualdades, consolidação do poder, a identidade e o protagonismo econômico e político da população afrodescendente” serão o foco da publicação na sua relação com o leitor. Christiane Gomes, no editorial da edição 177 intitulado “E tudo se transforma”, aborda as transformações pelas quais o país passa, e destaca:

De uns anos para cá, o Brasil passa por algumas importantes mudanças que estão afetando, principalmente, as classes mais populares de sua sociedade. O nascimento da tão falada Classe C que é formada, em sua grande maioria, por afrodescendentes.

(...) A reportagem reduto de negros, favela é agora classe média mostra, por meio de palpáveis números, que este crescimento da classe média

negra no país não vem acompanhado apenas de mais renda e consumo, mas também de fortalecimento do espírito empreendedor do afrodescendente em suas comunidades.

(...) Mas tem uma coisa que nunca muda: a beleza, a força e o talento dos afrodescendentes brasileiros (...)

No editorial, é apresentado a mudança pela qual o país passa, mas abordando os impactos destas transformações na realidade da população negra. Como a mobilidade social ocorrida influencia o cotidiano de uma população antes excluída economicamente, e que pode agora experimentar uma inserção em novos espaços sociais.

Fernanda Alcântara, no editorial da edição 194 (última do corpus analisado nesta pesquisa), intitulado “Entre a esquerda e a direita, sou negra”, destaca:

Trazemos a feminidade e o amor de Bianca Santana, nossa amada colunista, amada e militante. Na capa, a alegria e o samba de Arlindo Cruz para um esquentar para 2015! Assuntos delicados e importantes socialmente também precisam ser discutidos, e neste sentido trazemos um especial sobre o racismo na infância, uma retrospectiva do Fórum São Paulo Diverso, destaques da Flink e o Páginas Pretas sobre as perspectivas da educação para o futuro.

Enfim, é a Raça que você conhece se tornando cada vez mais Raça, é o futuro do país em que queremos estar, mas com muito mais amor.

O posicionamento da colunista é além de uma denúncia, em virtude de restrições impostas à publicação e a sua postura de posicionamento político de apoio ao governo, não compartilhado pela maioria da mídia nacional.

Os editores procuram destacar em seus textos a importância dos temas escolhidos em cada edição. Refletir (visibilizar) os temas e promover a reflexão (análise) sobre os mesmos que de modo geral afetam o cotidiano da população negra, e nem sempre, merecem a atenção ou análise mais profunda da mídia tradicional. Como no editorial da edição 184, intitulado “História, cultura e raça”, assinado por Fernanda Alcântara:

Os números atuais dos homicídios contra a população negra são assustadores. Afinal, o que esperar de um país cuja mortalidade dos jovens não ganha as proporções e os alertas que deveria? A Raça deste mês traz uma reportagem completa sobre o que alguns estudiosos chamam de “genocídio da juventude negra”, apresentando dados e informações sobre um tema delicado e urgente: a crescente violência que vitima jovens afrodescendentes.

O tratamento de temas de interesse da população negra brasileira são continuamente abordados nas edições, e destacados nos editoriais, conforme descrito na tabela abaixo:

Tabela 2 - EDITORIAS DA RAÇA BRASIL (EDIÇÕES 175-194)

REVISTA RAÇA BRASIL - DESCRIÇÃO DE COLUNAS			
EDIÇÃO	MÊS	EDITORIAL	
		COLUNISTA	TEMA
175	fev/13	Sandro Aloísio	Mudanças na Raça Brasil
176	mar/13	Christiane Gomes	Mulheres negras
177	abr/13	Christiane Gomes	Classe média negra e mudanças sociais
178	mai/13	Redação	Mudanças na equipe editorial
179	jun/13	Roseli Machado	Esperança e resistência
180	jul/13	Roseli Machado	Representatividade negra
181	ago/13	Fernanda Alcântara	Especial Nelson Mandela no Brasil
182	set/13	Fernanda Alcântara	Especial Educação dos negros
183	out/13	Fernanda Alcântara	Negros e música
184	nov/13	Fernanda Alcântara	Violência contra jovens negros
185	dez/13	Fernanda Alcântara	Retrospectiva 2013
186	jan/14	Fernanda Alcântara	Especial samba
187	fev/14	Fernanda Alcântara	40 anos de Ilê Aiyê
188	mar/14	Fernanda Alcântara	Mulheres negras
189	abr/14	Fernanda Alcântara	Negros e a ditadura
190	mai/14	Fernanda Alcântara	Copa do mundo e racismo
191	jun/14	Fernanda Alcântara	Beleza negra e racismo
192	ago_set/14	Fernanda Alcântara	Especial cracolândia
193	out_nov/14	Fernanda Alcântara	Especial o negro na economia
194	dez_jan/15	Fernanda Alcântara	Entre esquerda e direita sou negra

Fonte: Arquivo pessoal.

A temática racial está presente nos temas dos conteúdos da revista, e demonstra a proposta da publicação em tratar de questões que estejam relacionadas ao cotidiano da população negra. A relação com a ancestralidade africana, beleza, identidade negra, representação negra na política, presença do negro na economia, a mulher negra na sociedade, educação dos negros, violência, bem como temas relativos à história e cultura negras estarão sendo discutidos nas matérias e colunas da publicação. Personalidades negras do Brasil e da diáspora, fatos e presença e influência da cultura negra na sociedade brasileira e mundial, religiosidade. Memória e atuação de instituições negras em diferentes áreas da vida nacional, artes, esportes, música. Tratar de temas atuais, alegres, mas também de temas polêmicos e muitas vezes ignorados pela grande mídia. Como escreveu Fernanda Alcântara, no editorial da edição 192 (agosto/setembro de 2014), “é um dos papéis da Raça tratar de assuntos que as grandes corporações midiáticas ignoram”. E conclui: “Foi assim que a Raça conseguiu crescer e se tornou a maior publicação impressa voltada para negros, e é por este caminho que continuará seguindo...”

2.3.1.4. Opiniões de Raça

A coluna “Opinião de Raça” é redigida por Maurício Pestana, diretor e colunista da revista. O colunista faz as análises de fatos e temas do cotidiano, que de modo geral são de interesse da população negra. Temas como políticas afirmativas, racismo, violência contra a juventude negra, situação da população negra no mercado de trabalho, políticas

públicas para mulheres negras, democracia racial, bem como análise do cenário político e econômico – e seus reflexos para a população negra – são recorrentes (como demonstrado na tabela abaixo).

A edição 175 (de fevereiro de 2013), e que tem como título “Novos parâmetros para uma velha história”, aborda os avanços conquistados pela população negra nos últimos anos. Maurício Pestana assinala que apesar dos avanços, a desigualdade de natureza racial persiste:

Do ponto de vista institucional, leis como as de cotas, obrigatoriedade do ensino da História da África e seus descendentes, a existência do Estatuto da Igualdade Racial e até a criminalização do racismo, descrito na Constituição Federal, têm auxiliado muito nos avanços rumo à igualdade racial, porém distantes de abalar as estruturas de exclusão que têm raízes históricas na forte concentração de renda nas mãos de poucos.

(...) A julgar pelos parâmetros tão alardeados a nosso respeito nessa segunda década do milênio, seremos lembrados, no futuro, como os grandes negros ... Consumidores de geladeiras, e outras quinquilharias do século 21, impulsionando maior concentração de renda nas mãos de poucos e mais exclusão social.

Reflexões sobre a necessidade do desenvolvimento de políticas que transformem a realidade da população negra brasileira, principalmente por parte do Estado, são questões apontadas pelo colunista, como na coluna da edição 179 (de junho de 2013), intitulada “a raiz do problema”, onde é comentada a aprovação da lei que estende aos empregados domésticos o mesmo direito dos demais trabalhadores:

Embora essas ações impactaram de forma positiva a maneira com que o Estado e a sociedade brasileira olhavam para os afrodescendentes, nenhuma medida tinha sido capaz de permear a raiz do problema, que é a cultura da discriminação por meio de estereótipos seculares de submissão aos quais os afrodescendentes estiveram expostos primeiro na condição de escravizados, depois como cidadão de segunda classe no pós escravidão. A primeira medida nessa direção aconteceu semanas atrás. \após 125 anos da abolição, é aprovada a lei que estende aos empregados domésticos – muitos em situação de verdadeiros cativos – os mesmos direitos que os demais trabalhadores brasileiros.

O colunista reflete sobre a necessidade de considerar que existem melhorias, mas que ainda são necessárias ações efetivas para a eliminação da desigualdade.

Tabela 3 - TEMAS COLUNA OPINIÃO DE RAÇA

REVISTA RAÇA BRASIL - DESCRIÇÃO DE COLUNAS			
EDIÇÃO	MÊS	OPINIÃO DE RAÇA	
		COLUNISTA	TEMA
175	fev/13	Maurício Pestana	Distribuição de renda
176	mar/13	Maurício Pestana	Mulheres negras
177	abr/13	Maurício Pestana	Negros e poder político
178	mai/13	Maurício Pestana	Direitos
179	jun/13	Maurício Pestana	Políticas afirmativas
180	jul/13	Maurício Pestana	Negros e política
181	ago/13	Maurício Pestana	Mobilização popular
182	set/13	Maurício Pestana	Políticas afirmativas
183	out/13	Maurício Pestana	Negros e poder
184	nov/13	Maurício Pestana	Democracia racial
185	dez/13	Maurício Pestana	Negros bem sucedidos
186	jan/14	Maurício Pestana	Negros e exclusão
187	fev/14	Maurício Pestana	Exclusão da juventude negra
188	mar/14	Maurício Pestana	Mulheres negras e afetividade
189	abr/14	Maurício Pestana	Morte de jovens negros
190	mai/14	Maurício Pestana	Igualdade racial
191	jun/14	Maurício Pestana	Mídia e racismo
192	ago set/14	Maurício Pestana	Educação e inclusão
193	out nov/14	Maurício Pestana	Cultura negra e apropriação cultural
194	dez jan/15	Maurício Pestana	Retrocesso político

Fonte: Arquivo pessoal.

Maurício Pestana faz a crítica construtiva, destaca as conquistas, mas não deixa de comentar e convidar à reflexão sobre os desafios que ainda persistem para a melhoria da condição de vida da população negra brasileira. E na coluna da edição 190 (de maio de 2014), intitulada “Desafios”, enumera alguns, tanto da sociedade, quanto da revista:

Desafio. Essa talvez seja a palavra mais correta para traduzir a história do negro no Brasil e no mundo nos últimos 500 anos. (...)

(...) Desafio de manter em pé a esperança, a ética, a alegria e o sonho, respondendo ao açoite e ao sofrimento com uma cultura de tolerância e de inclusão, contrapondo a exclusão histórica recaída sobre nós. Desafio de unir descendentes de nações, etnias, línguas e costumes diferentes de um continente tão diverso como o africano no firme propósito de combater o racismo de ontem e de hoje, que insiste em nos subjugar, como seres inferiores.

(...) Para a Raça, o desafio é manter a revista relevante e atrativa com o conteúdo sempre voltado ao nosso povo, alegre e batalhador por natureza. Não poderia deixar de dizer que, por aí afora, outros parceiros resistentes mantém faculdade, sites, escolas de samba, grupos de capoeira, quilombos e templos que celebram as religiões de matriz africana. E não esquecer os outros desafios como manter e educar um filho negro nessa sociedade excludente.

Desafios, que a Raça tenta contribuir na superação, por meio da mídia.

2.3.1.5. Coluna Interativa / Espaço do Leitor

A coluna “Interativa/Espaço do Leitor” (anexo 2) é o canal de comunicação da revista com o seu público. As sugestões, críticas, bem como possíveis erratas das publicações estão presentes neste espaço. As mensagens podem ser enviadas por meio das redes sociais, *e-mail* ou até mesmo carta, e são uma forma da revista medir a aceitação e também o interesse e recepção do público sobre os temas apresentados nas edições publicadas.

As matérias que recebem maior número de citações, em particular no período analisado no corpus desta pesquisa, são as matérias de capa, as matérias especiais, a coluna páginas pretas, além de comentários gerais sobre a própria revista. Este grupo de temas, que dialogam com a realidade cotidiana da população negra, e que muitas vezes não recebe tratamento adequado por outros veículos, são consideradas relevantes pelos leitores, que na maioria das vezes expressam mais elogios e sugestões do que críticas (poucas enviadas e presentes nas colunas no período analisado).

2.3.1.6. Coluna Na Pegada

A coluna “Na Pegada” (anexo 3) registra a ocorrência de acontecimentos e produções culturais (lançamento de cd’s, dvd’s, filmes, documentários, peças de teatro, shows, livros), e também matérias sobre música, literatura, teatro, dança e cinema, de interesse da comunidade negra. Na coluna os artistas, produtores, escritores podem ser apresentados ao público com um espaço que normalmente não recebem na mídia tradicional.

2.3.1.7. Coluna Estilo

A coluna “Estilo” (anexo 4) é subdividida nas categorias “Estilo Moda”, “Estilo Eu na Raça” e “Estilo Nosso Futuro” e registra imagens de eventos e produções de moda com a temática afro-diaspórica, com a imagem de modelos com corporeidade e estéticas negras, em contraponto à tradicional estética branca. Também é um espaço para a visibilização de imagens de leitores de diferentes faixas etárias, como representantes da negritude cotidiana - modelos da vida real.

A palavra “estilo”, que nomeia a coluna, tem significados amplos e diversos:

O conceito de estilo tem origem no termo latim *stilus* que, por sua vez, deriva do idioma grego. A palavra pode ser utilizada em diversos âmbitos; por exemplo, faz referência ao desenho, à forma ou ao aspecto

de algo. Outro uso habitual diz respeito ao gosto, à elegância ou à distinção de uma pessoa ou coisa. (...)

No universo da moda, o estilo é a forma de expressão predominante numa determinada época. Desta forma, o conceito está associado ao de tendência.

A palavra “estilo” possui sinônimos em pelo menos cinco categorias diferentes, dentre as quais:

1- Maneira: caráter, modo, forma, feição, espécie, índole, feitio, tipo, maneira, gênero, tendência, jeito, natureza, atitude, procedimento.

2 - Costume: praxe, uso, prática, hábito, costume.

3 - Elegância: educação, pose, elegância, classe, charme, refinamento, requinte, distinção.

4 - Tom: direção, sentido, cunho, linguagem, tom, teor, registro.

5 – Pejorativamente: rebuscamento: afetação, pernosticismo, retórica, simulação, rebuscamento.

Estilo, pode ser uma referência a modos, tendências, procedimentos. Pode referir-se a requinte, distinção, demonstração de educação. Registra linguagens. Está associado a comportamentos que fazem parte de nossas vidas, individual e coletivamente. E são os estilos de vida que organizam e sustentam as relações entre diferentes grupos. Estruturam padrões de aceitabilidade ou rejeição. Influência os padrões, interferindo nos valores que definem, por exemplo, o que é belo e o que é feio.

No que se refere à beleza, os padrões que circulam socialmente são hegemonicamente ocidentais, e o estilo de vida considerado aceitável, desejável, remete à padrões eurocêntricos. A beleza, especificamente, impõe uma estética particular, que de acordo com Almada, em texto publicado na revista Raça Brasil, edição 141, intitulado “Estética: a revolução política dos negros” afirma:

Hoje, no senso comum, estética é uma palavra ligada à beleza, e muito frequentemente, àquela que se alcança com os cuidados do corpo. Entretanto, nos meios acadêmicos e entre os filósofos que há séculos estudam o tema, estética é vista como algo mais amplo. Trata-se da “Filosofia do belo”, da “ciência do belo”, do “estudo do gosto”, que começa na Grécia antiga e está intimamente ligada à história da arte.

No texto de Sandra Almada, há o depoimento de Júlio César Tavares, doutor em Antropologia, que a respeito de padrões estéticos, observa que “a apreciação e o gosto estéticos são construídos socialmente, por isso podemos ter noções distintas do que é ou não belo”. A estética hegemônica, que é eurocêntrica, não é a única e tampouco pode representar as diferentes formas de ser e estar no mundo. Diferentes sociedades e grupos

possuem diferentes gostos, modos, hábitos, práticas, enfim, estilos que em um país como o Brasil, pluriétnico e multicultural, é diverso. Entretanto, esta diversidade não é representada e tampouco visibilizada pela mídia. Diferentes estilos e estéticas circulam cotidianamente, e não são contemplados nas produções e espaços midiáticos. Há uma estética afro-diaspórica (anexo 5), que de acordo com Mattos (2015, p.38) :

é o movimento em que homens, mulheres, homossexuais, transexuais, gays e também as crianças negras adotam variações para os seus corpos e cabelos criando e recriando penteados de matriz africana, usando e abusando do tamanho dos fios, formas e cores, assumindo sua corporeidade nesse contexto de mudanças sociais, lutas históricas e hibridismo estético.

Hibridismo estético que promove uma diversidade estética, que de certo modo é representado nas páginas da revista Raça Brasil, na coluna estilo: imagens de homens, mulheres, crianças e suas diferentes corporeidades. Seus modos, formas de tratar sua pele, cabelos, em padrões singulares e diversos da estética hegemônica e eurocêntrica. Estilos afro-brasileiros, que contemplam a diversidade da população negra brasileira. Estilos que (re)elaboram novas performances, que de acordo com Martins (2006, p. 78):

No âmbito da performance, em seu aparato – cantos, danças, figurinos, adereços, objetos cerimoniais, cenários, cortejos e festejos – e em sua cosmovisão filosófica e religiosa, reorganizam-se os repertórios textuais, históricos, sensoriais, orgânicos e conceituais da longínqua África, as partituras de seus saberes e conhecimentos, o corpo alterno das identidades recriadas, as lembranças e as reminiscências, *o corpus*, enfim, da memória que cliva e atravessa os vazios e hiatos resultantes das diásporas. Os ritos cumprem, assim, uma função pedagógica paradigmática exemplar como modelo e índice de mudança e deslocamento.

2.3.1.8. Coluna Perfil

A coluna “Perfil” (anexo 7) publica matérias sobre pessoas negras de destaque, no Brasil e na diáspora, mas que nem sempre recebem a atenção da mídia tradicional .

2.3.1.9. Coluna Quadro Negro

A coluna “Quadro Negro” (anexo 7,8) registra as intervenções realizadas pelo Grupo OPNI²⁹:

Formado em 1997, inicialmente, o Grupo OPNI era composto por cerca de vinte jovens moradores do bairro de São Mateus, na periferia de São Paulo que se reuniram com um ideal em comum: expressar por meio de arte, a realidade do dia a dia que os tornava invisíveis, para oportunidades e alvo para compor estereótipos. Tal intenção é refletida na sigla que dá nome ao grupo, que já significou Objetos Pixadores Não

²⁹ Grupo OPNI. Disponível em: http://site.grupoopni.com.br/?page_id=1460

Identificados, Os Policiais Nos Incomodam e Os Prezados Nada Importantes. Atualmente, o nome do coletivo não pretere definições, significando um grito de guerra pessoal que representa a periferia.

O grupo desenvolve atividades diversas com a intenção de promover a inclusão através da arte. Dentre os projetos desenvolvidos, está o “Quadro Negro”, que dá nome a coluna na revista Raça Brasil:

Quadro Negro – possui como foco a disseminação de histórias a partir da reflexão sobre o universo da cultura negra e sua utilização como forma de resistência. A base de pesquisa são os temas atuais, ou mesmo assuntos tidos como dogmas, que em sua maioria, estão inseridos de forma velada na sociedade. Partindo deste ponto, o Grupo OPNI desenvolve intervenções artísticas de grande proporção (em média 40m²). Atualmente, o projeto conta com uma coluna mensal de nome homônimo, na revista Raça Brasil. O projeto também reúne homenagens para vários ícones da cultura, como, Grande Otelo, Luiz Gonzaga, Nelson Mandela, entre outros.

Resistência, memória, identidade negra, o grupo desenvolve sua intervenção social e recebendo reconhecimento internacional por suas produções, que inclusive já foram expostas em cidades fora de São Paulo, como Rio de Janeiro, Nova York e New Orleans, e que foi notícia na internet : “um grupo de grafiteiros da zona leste de São Paulo, que tem a periferia como principal fonte de inspiração, retrata a beleza da mulher negra, colocando em evidência os traços afro e cabelos crespos”. O foco das ações e temas estão de acordo com o que está descrito no site do grupo:

Tendo como inspiração a comunidade onde cresceram e a forte influência da cultura afro brasileira, os traços desenvolvidos pelo Grupo OPNI revelam um olhar periférico e “artista” que passeia por temas variados construindo uma poética visual igualmente bela e impactante.

O trabalho do Grupo OPNI, inclusive, já foi objeto da pesquisa de mestrado em psicologia social intitulada “Jovens na prática do grafite: trajetórias de invenções e inversões”, desenvolvida por Maria Helena dos Santos, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2009, e que no seu resumo destaca:

Uma breve recuperação do processo de ocupação da cidade e do surgimento da pichação e do grafite formam o pano de fundo da análise da trajetória do grupo de três grafiteiros (dois negros e um branco, com 23-24anos) moradores do bairro periférico de São Mateus. A análise da constituição do grupo e das táticas a que eles recorrem para enfrentar no cotidiano a discriminação espacial, racial e de classe social permitiu apontar os vários sentidos que atribuem à prática do grafite: pelo grafite adquirem visibilidade, constroem seus nomes, mantêm o grupo unido, sobrevivem; expressam-se, protestam, denunciam a desigualdade, o racismo, a violência policial, a corrupção de políticos. Suas manifestações consubstanciam-se na opção, pela via do grafite, por uma ação comunitária voltada aos mais jovens no bairro onde moram. O

acompanhamento de sua trajetória evidencia como constroem suas subjetividades entrelaçadas com a consolidação do grupo e a prática coletiva do grafite, em uma forma de sustentar a recusa constante do lugar de assujeitamento e submissão que lhes é comumente designado.

A busca por visibilidade (anexo 9), resistência, construção de subjetividade individual e coletiva, resgate da cultura, denúncia e protesto contra a discriminação racial. O Graffite como prática de luta e de mobilização social.

Santos (2009, p. 90) afirma que “Os jovens produzem arte com as próprias experiências. Com fragmentos do cotidiano, constroem histórias nos muros, explicitam suas vivências. A partir de um certo ponto também põem no grafite tensões com a ordem estabelecida”. Em seu texto, Santos (2009, p.90) destaca o momento da inclusão da temática racial nos trabalhos do grupo:

Em 2004, o o.p.n.i. começou a enfatizar, nos grafites, desenhos de personagens negros:

A questão racial veio com o amadurecimento. Conforme a gente foi saindo mais, conhecendo as ruas, aí eu percebi que tinha a ver com nossa humildade [origem humilde], com racismo. Já tomei muita bordoadas de polícia, mas não me ligava que era pela questão racial. Muita coisa acontecia por causa do nosso estilo, nossa cor, nosso bairro. Teve uma época que eu afrontava e perguntava pra policial: ‘Por que você está me enquadrando?’ E os caras diziam: ‘Porque você é negro suspeito’. E eu perguntava: ‘Por que sou negro suspeito?’ A gente pensava se a gente teria que mudar o nosso estilo...Minha família dizia: ‘Você já é negro e ainda vai andar de calça larga?’ (Toddy, DC, 07/01/2009)

Santos (2009, p.91) registra que o amadurecimento e a consciência da violência de cunho racial veio da percepção da negritude dos corpos dos integrantes do grupo, e destaca que “para Toddy, a consciência de ter um corpo negro “veio com o amadurecimento”. O racismo se fez explícito quando percebem que é por causa dos seus corpos”. O trabalho do grupo é o registro do viver cotidiano, a expressão das experiências nos espaços e nas relações sociais onde estão inseridos. Santos (2009, p. 92), neste sentido, afirma:

para os integrantes do o.p.n.i, o grafite seria a linguagem, o lugar e o espaço de “cura” da dor de ser negro morador de periferia. Tal como o rap, é o meio de sair do irrepresentável, fazendo passar “uma outra inteligibilidade sobre a violência sofrida” (Endo, 2005, p.96). As experiências vividas são transformadas em ação no espaço público da cidade na forma do grafite. O o.p.n.i. reafirma a importância de falar do vivido. O emudecimento não contribui para reelaboração subjetiva do vivido (ouvir o “dito” pelo rap ajudava” Toddy a nomear as experiências discriminatórias que vivia). Esses jovens nem sempre seguem trilhas de sujeição e do disciplinamento; ao contrário, têm muitas vezes movimentos de insubordinação (Adorno, 1993; Vicentin,

2005). A prática do grafite pode ser tomada como insubordinação – perante a vigilância da polícia, perante o preconceito, o desemprego e a humilhação.

A arte do Grupo O.P.N.I. nas páginas da revista *Raça Brasil* é mais uma expressão das visualidades negras invisíveis no cotidiano excludente das periferias das cidades brasileiras, um exemplo de resistência e luta que por meio da arte e beleza procura confrontar o racismo que violenta a juventude negra no país.

2.3.1.10. Coluna Raízes

A coluna “Raízes” (anexo 10) é um espaço de memória referente a personagens e fatos da história da África e da diáspora. Episódios importantes, personagens que em algum momento da história tiveram uma contribuição que merece (e precisa) ser resgatada. Uma oportunidade de voltar as raízes para entender o presente e até, quem sabe, melhorar o futuro.

Oswaldo Faustino busca resgatar nos textos da sua coluna as “lembranças de esquecimentos” existentes numa história que invisibiliza os fatos e personagens (negros e não-negros) que contribuíram na construção das sociedades globais, tanto na diáspora, como no Brasil. Martins (2003, p.64), a este respeito observa que “a textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de apreender e figurar o real, deixados à margem, não ecoaram em nossas letras escritas”. Como um “Griot contemporâneo”, que na sua função original é essencial para a preservação da memória de um povo, Oswaldo Faustino busca cumprir sua missão por meio da escrita, numa espécie de “oralitura da memória”³⁰, conforme conceituada por Martins (2003, p. 77). Natália da Luz destaca que “os *griots* se responsabilizam por transmitir mensagens em torno da vida contemporânea e não apenas da herança que seus ancestrais deixaram” (anexo 11). Natália da Luz (2013), a respeito da missão dos *griots*, afirma:

³⁰ **Oralitura da memória.** Segundo Martins (2003, p.77) “o significante oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como um estilete, esse traço cinético inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos. A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos vôlejos do corpo. Como já grifamos, em uma das línguas bantu do Congo, o mesmo verbo, *tanga*, designa os atos de escrever e de dançar, de cuja raiz deriva-se ainda o substantivo *ntangu*, uma das designações do tempo, uma correlação plurissignificativa, insinuando que a memória dos saberes inscreve-se, sem ilusórias hierarquias, tanto na letra caligrafada no papel, quanto no corpo em performance.

Eles são os porta-vozes da história e cultura de regiões onde as palavras contadas criam os valores e a identidade de um povo. Respeitados pelas sociedades africanas, os *griots* mantêm vivos os costumes de uma época onde as memórias auditiva e visual eram os únicos recursos de que dispunham para a transmissão do conhecimento. Apesar dos avanços da escrita e da tecnologia, o papel deles não ficou obsoleto, permanece vivo.

Oswaldo Faustino intenciona buscar nas “raízes”, nas origens, nos antecedentes históricos, as presenças, as marcas, os vestígios e os fundamentos que são constituintes das diferentes culturas globais contemporâneas, e que estão impregnados de uma africanidade invisível, mas latente.

2.3.1.11. Coluna Receitas da Terra Mãe

A partir da edição 189 (abril de 2014) é incluída a coluna “Receitas da Terra Mãe” (anexo 12), dedicada a resgatar a memória da culinária africana presente na culinária afro-brasileira. A coluna é escrita até a última edição (194).

Além das colunas fixas elencadas, a revista veicula as matérias de capa, com a participação da personalidade escolhida, as matérias especiais, entrevistas e também, eventualmente, um conteúdo informativo de caráter publicitário ou relativo a alguma organização (pública ou privada).

2.3.1.12. Coluna Painel

A coluna “Painel” (anexo 13) promove a difusão de trabalhos de profissionais das artes visuais, principalmente fotografia e vídeo, que tratam a questão da africanidade como tema de suas intervenções visuais e fílmicas. Cotidianos, personagens, patrimônios que possuam uma relação com a negritude.

Ao analisarmos as colunas e os conteúdos nelas veiculados, percebemos a ocorrência de uma produção textual, categorizada em diferentes temas, onde o conceito de performance, tal como proposto por Glissant (1981), está presente. Nas colunas, os textos referem-se, na maioria das vezes, aos diferentes usos e modos do corpo negro, suas estéticas diversas, as suas relações gestuais, visuais, as linguagens, e por meio destas práticas ritualizadas, reelabora uma relação onde tempo e espaço se ampliam, e conectam-se com o passado longínquo com a África ancestral. Martins (2006, p. 76) observa que a elaboração de atos rituais pelos sujeitos, em suas relações e práticas culturais, configura-se numa estratégia de recuperação de patrimônios ancestrais onde, por meio de representações simbólicas, apropriam-se e vivenciam sua identidade rizomática, categoria

formulada por Glissant (1981) como um “*conceito articulador da “poética da Relação” que postula “uma maneira de freqüentar o mundo, a diversidade do mundo”*” (Glissant, 1981, apud Ortiz). Ortiz, a respeito do conceito de identidade-rizoma elaborado por Glissant (1981) destaca:

Para pensar a identidade-rizoma, o escritor martiniquês parte das reflexões feitas pelos filósofos franceses Deleuze e Guattari que opõem à raiz única, que mata tudo o que está ao redor dela, o rizoma que se caracteriza por ser uma raiz múltipla e estender-se sem prejudicar as outras plantas. O pensamento hegemônico de Ocidente constrói-se segundo a idéia da identidade-raiz e do Mesmo que vê o Outro como o diferente perigoso que tem que ser assimilado na generalização do Mesmo ou ser aniquilado. A justificativa da identidade-raiz encontra-se na idéia de filiação, fonte de legitimação do conceito de propriedade assim como de toda conquista de terras e de homens. Oposta a esta concepção, Glissant propõe o conceito de identidade-rizoma que respeita o Diverso, as diferenças consentidas. Assim o pensamento do rizoma, da identidade múltipla, estaria na base da poética da Relação, que concebe a identidade como uma relação com o Outro. A identidade-raiz, ao submeter o Outro segundo o pensamento do Mesmo, apaga as diferenças, em proveito de um humanismo universal tranqüilizador. A identidade-rizoma vê o Outro como projeto de acordo, a partir da aceitação das diferenças.

De acordo com Martins (2006, p.76) “*através da representação simbólica, são estabelecidos canais de negociação entre arquivos culturais distintos, africanos e europeus, metonímias de “arkhés” também diversas*”. O ato ritual que “*cria uma sintaxe singular, a da performance, na qual a nova ordem se encena, é veiculada e rizomaticamente se dissemina*”. Dissemina-se livre e abertamente, a exemplo de um rizoma, conforme conceituado por Deleuze e Guattari (1995, p. 15, 16):

Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, lingüísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos (...)

As diferentes práticas e produções culturais de matriz africana, que reterritorializadas, em diferentes tempos e espaços, conectam-se, reconfiguram-se e originam novos produtos e práticas, que atualizadas no presente, promovem uma conexão com um passado ancestral e criam performances. E Martins (2006, p.77, 78) observa que “*pela performance, o negro apropria-se especialmente de territórios geográficos simbólicos, semantizando a cartografia brasileira com os significantes estéticos, religiosos, expressivos, filosóficos e cognitivos africanos*”.

2.3.1.13. Coluna Festas e Eventos

A coluna “Festas e Eventos” (anexo 14) realiza o registro de acontecimentos sociais de interesse da comunidade negra. Festas, encontros culturais, palestras, são veiculados na coluna, permitindo a divulgação das ações desenvolvidas.

2.3.1.14. Coluna Negros em Movimento

A coluna “Negros em Movimento” (anexo 15) registra fatos e eventos envolvendo personalidades negras de importância, no cenário nacional e internacional. Destaca acontecimentos de interesse da comunidade negra e que nem sempre recebem a atenção e espaço na mídia tradicional. Visibiliza iniciativas que contribuem para a luta contra o racismo e na promoção da equidade racial.

2.3.1.15. Coluna Humor

A coluna “Humor” (anexo 16) é onde a crítica social de Maurício Pestana se expressa. De modo objetivo, faz a denúncia em forma de charge das situações cotidianas onde o racismo e o preconceito se expressam de modo contínuo sobre a população negra.

2.3.1.16. Página Onde Achar

A página “Onde achar” (anexo 17) informa onde encontrar produtos e serviços veiculados nas matérias da revista. Destaque para os/as modelos, negros/as.

2.3.1.17. Coluna Páginas Pretas

A coluna “Páginas Pretas” (anexo 18) é um espaço onde personalidades nacionais e internacionais, negras e brancas, atuantes em áreas variadas refletem sobre a necessidade da adoção de políticas afirmativas como estratégia de enfrentamento ao racismo. O título “Páginas Pretas” é de certa forma um contraponto a seção de entrevistas da revista Veja, intitulada “Páginas Amarelas”, onde são entrevistadas personalidades que são consideradas formadores de opinião. As Páginas Amarelas da revista Veja possuem algumas características, que são apontadas por Jucá (2005, p.77)

Analisando-se a página de Entrevista, percebe-se que a seção está, progressivamente, deixando de fazer parte das primeiras folhas da revista. Propagandas publicitárias estão se antepondo, cada vez mais, às opiniões do entrevistado da semana. No ano de 84, este trecho do impresso começava logo nas primeiras páginas, geralmente, na de número cinco. As entrevistas de 94 passaram a ter início nas páginas

sete. Já no ano de 2004, as chamadas páginas amarelas ficam ainda mais para trás, agora elas chegam a se apresentar até mesmo na página 13.

As Páginas Pretas, na revista Raça Brasil, ao contrário do que acontece na revista Veja, foram migrando para o início das edições. Por exemplo, na edição 136, de setembro de 2009, ela ficava a partir da página 12; nas edições analisadas no corpus desta pesquisa, ela estava a partir da página 4, demonstrando a importância da coluna para a revista. Este também pode ser um dos motivos da coluna receber na coluna Interativa/Espaço do Leitor muitas citações. A penetração e influência dos entrevistados promove uma identificação com o leitor, que expressa (favoravelmente na maioria das vezes) a sua satisfação com as entrevistas publicadas.

De acordo com Maurício Pestana, em entrevista ao blog Correio Nagô, a respeito da intenção da coluna, que teve parte das entrevistas organizadas em um livro (anexo 19):

Pestana diz que o que motivou a obra é que ela traz à tona grandes reflexões sobre uma problemática importante, central e necessária para a promoção da igualdade racial. “Traduzir, a partir do ângulo de quem vive, sente ou de quem não sente propriamente na pele o racismo, mas o enxerga tentando compreender e construir estratégias de enfrentamento ao racismo é, sem dúvida, uma alternativa eficaz para melhor compreender o perfil das desigualdades”, afirma.

Sobre as entrevistas reunidas no livro, a matéria postada no blog Correio Nagô, destaca:

O que pensam sobre as relações étnico-raciais no Brasil personalidades como os presidentes Lula e José Sarney; o cantor e ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil; a jornalista Miriam Leitão; o rapper Rappin Hood; o líder do Movimento Nacional da População de Rua, Anderson Miranda e a yalorixá Mãe Estella de Oxóssi?

O jornalista e cartunista, Maurício Pestana, reuniu em um livro 46 das entrevistas exclusivas que fez com personalidades públicas e formadores de opinião. As matérias foram publicadas, entre 2007 e 2013, nas “Páginas Pretas” da Revista Raça Brasil, onde atuou como Editor e Diretor Executivo; e agora estão nas páginas do livro Racismo: Cotas e Ações Afirmativas (Editora Anita Garibaldi e Fundação Grubois), que será lançado com sessão de autógrafos, (...)

Todos os entrevistados, negros e brancos, entre eles personalidades estrangeiras, foram desafiados a fazer suas reflexões, além de contarem suas histórias e experiências pessoais com o racismo, com a polêmica da adoção das cotas raciais nas universidades e a aplicação de políticas de ações afirmativas num país que tem a segunda maior população negra do mundo. De acordo com o Censo do IBGE (2010), a população preta e parda corresponde a 50,7% da população brasileira, chegando a mais de 100 milhões de habitantes.

A respeito da forma como as entrevistas foram realizadas, Maurício Pestana observa que:

“Todos os personagens que estão no livro me receberam presencialmente. Foram conversas que duraram 40 minutos em média. Como jornalista me senti na responsabilidade, no sentido mais amoroso do termo, de intermediar esta comunicação entre personalidades tão importantes e marcantes da história do Brasil”.

As personalidades entrevistadas não são apenas negras, mas também brancas, o que demonstra que apesar da publicação pretender dar visibilidade as pessoas negras que não estão presentes nos veículos mais populares da mídia tradicional, a questão racial não é um problema apenas dos negros e que há pessoas brancas favoráveis à luta contra o racismo e que são favoráveis a adoção de políticas de ação afirmativas em favor da população negra, como estratégia para a eliminação da desigualdade racial existente no Brasil. Os entrevistados que foram incluídos no livro são os seguintes (anexo 20):

Segue a lista dos entrevistados, com cargos na época da entrevista, que estão no livro **Racismo: Cotas e Ações Afirmativas**:

Abdias Nascimento (artista e intelectual (1914-2011)); **Alberto Alves da Silva** (Seo Nenê, fundador da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde (1921-2010)); **Anderson Lopes Miranda** (líder do Movimento Nacional da População de Rua); **Benedita da Silva** (Vereadora, Deputada, Senadora, Governadora e Ministra); **Carlos Alberto Reis de Paula** (Juiz Ministro do STT); **Dennis Watlington** (cineasta e ator norte-americano); **Edison Dias** (Executivo financeiro); **Edson Santos** (ex- Ministro da SEPPIR); **Eloi Freitas** (ex-Ministro da SEPPIR); **Emanoel Araujo** (artista plástico, Diretor-Curador do Museu Afro Brasil); **Epsy Campbell** (Presidente do Partido Ação Cidadã); **Flavio Andrade** (Executivo hoteleiro); **Gilberto Gil** (cantor, compositor e Ex-Ministro da Cultura); **Ivete Sacramento** (Reitora Universidade da Bahia); **James Early** (Ativista, PhD em História da América Latina e Caribe); **João Jorge** (Mestre em Direito Público, fundador e presidente do Bloco Afro Olodum); **José Sarney** (Presidente do Brasil, entre 1985 e 1990); **Juca Ferreira** (ex-Ministro da Cultura); **Kabenguele Munanga** (Diretor do Centro de Estudos Africanos da USP); **Leci Brandão** (cantor, compositora e Deputada Estadual – SP); **Luislinda Valois** (Juíza Desembargadora - BA); **Luiz Inácio Lula da Silva** (Presidente do Brasil, de 2003 a 2011); **Luiza Bairros** (Secretaria da Promoção da Igualdade Racial – BA; atual Ministra da SEPPIR); **Mãe Estella de Oxóssi** (yalorixá do Ilê Axé Opó Afonjá – BA); **Major Airton Edno Ribeiro** (professor da PM e Mestre em Educação das Relações Raciais); **Margareth Menezes** (cantora e compositora); **Maria Laura** (Embaixadora do Brasil na ONU); **Matilde Ribeiro** (ex-Ministra SEPPIR); **Miriam Leitão** (jornalista); **Mirian Silva** (Coordenadora do Centro Cultural de Porto Seguro – BA); **Netinho de Paula** (artista e vereador SP); **Orlando Silva** (ex-Ministro dos Esportes); **Palmira Gonçalves** (angola, ativista do MPLA); **Paulo Paim** (Senador); **Petronilha Beatriz** (Titular do Ensino Aprendizagem Relações Étnico-Raciais da UFSCar); **Rappin Hood** (Rapper); **Regina Aparecida Pereira** (líder do Quilombo Cafundó – SP); **Reinaldo Bolivar** (Chanceler da Venezuela – Ministério da África); **Rilza Valentim** (ex-prefeita de São Francisco do Conde –BA (1963-2014)); **Roberto da Silva** (ex-presidiário, Mestre em Educação);

Theodosina Ribeiro (primeira vereadora e primeira Deputada negra de São Paulo); **Thomas A. Shannon** (Diplomata norte-americano); **Tia Eron** (presidente da Comissão de Direitos da Mulher da Câmara Municipal de Salvador – BA); **Timothy Mulholand** (Universidade de Brasília); **Valmir Assunção** (Líder do MST); **Wagner Gomes Bernal** (Arqueólogo).

A lista de entrevistados na coluna Páginas Pretas contempla a diversidade de gênero, classe, profissão, religiosidade, orientação sexual, que existe na sociedade brasileira e na diáspora. Afrodescendentes que em diferentes contextos sociais, políticos e econômicos, com a sua história de vida podem ser referências para os afro-brasileiros em sua luta por identificação, assunção de sua negritude, reconhecimento e conscientização da necessidade de lutar contra o racismo e suas consequências negativas que afetam a população negra brasileira.

Demonstrar a importância da adoção de políticas de ação afirmativa, para a eliminação das desigualdades, bem como para promover a construção de uma sociedade mais equânime e fraterna, onde as relações entre negros e brancos sejam verdadeiramente harmoniosas no cotidiano, e não apenas uma falácia como apregoado e ainda sustentado por parte da sociedade brasileira que ainda acredita na existência da democracia racial. Nas edições analisadas no corpus desta pesquisa, foram entrevistados por Maurício Pestana:

Tabela 4 - ENTREVISTADOS COLUNA PÁGINAS PRETAS

REVISTA RAÇA BRASIL - PÁGINAS PRETAS			
EDIÇÃO	PERÍODO	ENTREVISTADO/A	STATUS
175	FEV.2013	ABIMAEEL NUNES	SECRETÁRIO DE ESTADO DE PUBLICIDADE INSTITUCIONAL DO GDF (BRASÍLIA)
176	MAR.2013	CÉLIA SACRAMENTO	VICE-PREFEITA DE SALVADOR (BAHIA)
177	ABR.2013	HÉLIO SANTOS	DOCTOR EM ADMINISTRAÇÃO PELA USP (SÃO PAULO)
178	MAI.2013	USHA PITTS	CÔNSUL GERAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NO RECIFE
179	JUN.2013	RONALDO DOS SANTOS	SECRETÁRIO DE CULTURA DE PARATY (RIO DE JANEIRO).
180	JUL.2013	MÁRCIO CARLOS MARINHO	DEPUTADO FEDERAL (BAHIA)
181	AGO.2013	CREUZA MARIA OLIVEIRA	PRESIDENTE DA FED. NACIONAL DE TRABALHADORES DOMÉSTICOS (BAHIA)
182	SET.2013	ALISON ELIZABETH STONE ROOF	EMBAIXADORA DA JAMAICA NO BRASIL
183	OUT.2013	LUIZ ANTÔNIO LEITE DE MOURA	VEREADOR DE PIRACICABA (SÃO PAULO)
184	NOV.2013	DALZIRA MARIA APARECIDA	LÍDER RELIGIOSA (PARANÁ)
185	DEZ.2013	IVO MEIRELLES	CANTOR (RIO DE JANEIRO)
186	JAN.2014	LUIZ ALBERTO	DEPUTADO FEDERAL (BAHIA)
187	FEV.2014	ANTÔNIO CARLOS VOVÔ	FUNDADOR E PRESIDENTE DO ILÉ AIYÉ (BAHIA)
188	MAR.2014	LUCIANA SANTOS	DEPUTADA FEDERAL (PERNAMBUCO)
189	ABR.2014	EDUARDO SILVA	ATOR (SÃO PAULO)
190	MAI.2014	LILIAN THURAM	EX-JOGADOR FRANCÊS
191	JUN.2014	RONALDO BARROS	PRÓ-REITOR DE POL. AFIRMATIVAS E ASSUNTOS ESTUDANTIS DA UFRB (BAHIA)
192	AGO./SET.2014	JANETE PIETÁ	DEPUTADA FEDERAL (SÃO PAULO)
193	OUT./NOV.2014	MUHAMMAD KASIM REED	PREFEITO DE ATLANTA (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)
194	DEZ.2014/JAN.2015	DIVERSOS	DIVERSOS
ESTRANGEIROS			

Fonte: Arquivo pessoal

Os entrevistados na coluna nas edições do corpus desta pesquisa representam seis estados brasileiros: Bahia (seis entrevistados), São Paulo (quatro entrevistados), Rio de Janeiro (dois entrevistados) e Paraná, Pernambuco e Brasília com um entrevistado cada um. Países da diáspora também estão presentes: dois entrevistados são dos Estados

Unidos, uma entrevistada da Jamaica e um entrevistado da França. Majoritariamente, os entrevistados ocupam posições na esfera pública, em cargos políticos ou de representação em diferentes esferas de poder. Dentre os entrevistados (anexo 21) temos um ator, um cantor, um ex-jogador de futebol e uma líder religiosa.

Há uma intencionalidade de demonstrar a existência de personalidades negras em situações de status e reconhecimento social, e não apenas nas esferas de artes, esporte e entretenimento (espaços onde há uma maior presença de negros). Promover a visibilidade e também produzir referências que possam servir de espelho, estimular a busca por melhorias, registrando histórias de luta e sucesso de negros e negras em diferentes esferas da vida social no Brasil e na diáspora. Negros e negras que representam a diversidade que permeiam as sociedades globais, e que lutam pela eliminação do racismo e pela superação da discriminação racial, do sexismo, da homofobia e da intolerância religiosa.

2.3.1.18. Matérias de Capa

As matérias de capa (anexo 22) são o carro chefe de cada edição. De maneira geral ancoram o tema de cada edição e apresentam uma personalidade negra em destaque.

2.3.1.19. Especiais

Os “Especiais” (anexo 23) são um dos grandes conteúdos que compõem a revista. Depois da reportagem de capa, normalmente são as matérias que recebem mais comentários dos leitores, principalmente na coluna interativa, que é o espaço do leitor da revista.

2.3.1.20. Entrevistas

As entrevistas (anexo 24) estão presentes em algumas edições, e retratam algumas personalidades negras que são referência em sua área de atuação. Na edição 189, que trazia o ator Eduardo Silva na capa, a entrevistada foi a atriz Ruth de Souza, considerada a primeira dama negra da dramaturgia nacional.

2.3.1.21. Informes diversos/publicitários

Em algumas edições são apresentadas matérias de divulgação, publicidade ou de patrocinadores (anexo 25). Na edição 182, foi publicada matéria comemorativa dos 30 anos da CUT, e que abordava a presença da discussão racial na história da central sindical.

2.3.1.22. Colunistas

A partir da edição 178 (maio de 2013), a revista passa a ter três colunas dedicadas ao universo musical, assinadas pela cantora e compositora Margareth Menezes, o radialista Moisés da Rocha e o DJ e radialista Fábio Rogério. O universo da música, e os diferentes gêneros afro-brasileiros são contemplados na revista (samba, axé, “afropop”, hip hop e rap, especialmente). Margareth Menezes escreve até a edição 186 (janeiro de 2014), Fábio Rogério escreve até a edição 191 (junho de 2014) e Moisés da Rocha escreve até a edição 194 (dezembro de 2014/janeiro de 2015).

2.3.1.23. Coluna Margareth Menezes

A coluna de Margareth (anexo 26) acrescenta aos conteúdos veiculados na revista um outro olhar, mas permanece tratando dos temas que são recorrentes na publicação, e que resgatam, valorizam e afirmam a contribuição africana e visibiliza a negritude afro-brasileira.

Margareth Menezes foi capa da revista Raça Brasil na edição 141, de fevereiro de 2010. A chamada da revista era “Vem para o afropop: Margareth Menezes, garra, música e consciência social”. Na matéria de capa, assinada por Maurício Pestana ele escreve:

Força, ritmo, raça e emoção são algumas palavras chave para definir a obra de Margareth Menezes. Mas, ao nos aproximarmos da artista, ter contato com a sua história de vida e, principalmente, conhecendo os meandros que envolvem a cidade de Salvador e a complexidade racial da mais negra de todas as cidades brasileiras, percebemos que só uma palavra pode definir Margareth Menezes: superação, de tudo e de todos, a cada trabalho, a cada show.

Maurício Pestana, autor da matéria, acompanha a cantora em visita a uma atividade do projeto “Afropop”, e relata:

Dentro do projeto *Afropop* (que reúne o estilo musical, o bloco e o viés social) Margareth visita uma comunidade carente da cidade e bate um papo com pessoas que, normalmente, não têm condições de assisti-la. Assuntos como cidadania, direitos humanos e histórias de superação fazem parte da pauta. A comunidade da vez foi a do bairro Pau Miúdo, na periferia de Salvador. O tema? Sexualidade e gravidez na adolescência. Entre os convidados, Zulu Araújo, presidente da Fundação Cultural Palmares, uma sexóloga, uma radialista e uma atriz local, que desenvolveu uma performance. Uma aula de cidadania!

Pode-se entender o motivo do nome da coluna, que remete ao trabalho desenvolvido pela cantora em diferentes áreas, com fins de cidadania e inclusão social, temas que também vão permear os textos veiculados na coluna. Na edição 181 (de agosto de 2013) Margareth Menezes dá a sua explicação para a origem do termo “afropop”:

Vocês conhecem as origens do **pensamento AfroPop brasileiro**? Diante de sua vastidão, os registros que existem sobre essa ótica conceitual ainda são vagos. Para se ter uma ideia, não encontrei em minhas leituras um pesquisador sequer que tenha se aprofundado no assunto, estudando cada elemento e procurando respeitar a história e a colaboração de cada ponto de fusão que culmina nessa **identidade afro-urbana**, tão viva e atuante no país. Minha reflexão começa pela história nacional.

Conhecemos personalidades e ícones negros que foram defenestrados pela história oficial, sendo os seus feitos diminuídos diante da sociedade de maioria branca, que, durante anos, impôs sua visão como palavra final na construção de nossa identidade. Essa história, encoberta e manipulada pela ignorância e prepotência de alguns falsos historiadores, terminou por gerar uma deformação no processo social. Oculta-se, por exemplo, que o Brasil recebeu, durante o período da escravatura, visitas de negros livres vindos de países da África. Uns para alforriar seus pares, e outros, porque tinham negócios com a corte de Portugal. Oculta-se o aparecimento paulatino de professores negros das escolas primárias e universidades. Penso que, quando a história nega os valores das nossas ações - nos resumindo a coadjuvantes na construção da imagem social, cultural e acadêmica do Brasil - nega também nossa legitimidade de representação como cidadãos. Só para registrar, os irmãos baianos Antônio e André Rebouças - que nomeiam ruas e construções em todo o país, como a Avenida Rebouças, em São Paulo - eram engenheiros negros, formados pela escola militar, que ajudaram a construir belas obras arquitetônicas. Como eles, há muitos outros **afro-brasileiros** que formaram o Brasil moderno.

É preciso reconhecer também que não seríamos os mesmos sem a colonização portuguesa, sem os imigrantes e, sobretudo, sem nossos índios. Esta monumental mistura de culturas deu um molho diferenciado ao desenvolvimento da nossa gente e da nossa expressão criativa. Nesse contexto, o **AfroPop brasileiro** é contemporâneo, mas não se desliga de elementos ancestrais, de identidade forte. Assim, quando visto como comportamento musical contemporâneo, tem influências que vão da black music americana às guitarras do rock fundidas com tambores **afro-brasileiros** e indígenas, além dos trabalhos d'Os Tincoãs, Clementina de Jesus, Dorival Caymmi, Luiz Gonzaga, Moreira da Silva e outros que ajudaram a formar essa marcante identidade brasileira. Não é só uma questão de cor, e sim de amor a nossa maravilhosa força de expressão. O Brasil **AfroPop** está no samba-funk do Rio de Janeiro, nas fusões afro contemporâneas de Minas Gerais, nas batidas dos blocos afros da Bahia, na irreverência roqueira do manguebeat, no som de MC's afro-brasileiros como MV Bill, em nomes como Seu Jorge, Carlinhos Brown, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Novos Baianos, A Cor do Som, Jorge BenJor, Tim Maia, Djavan, Luiz Melodia, Tatau, Jau, Daniela Mercury, Tony Garrido, Sandra de Sá, Mart'nália, Paula Lima, Lenine, Zeca Baleiro, o meu e muitos outros. O **AfroPop** é uma identidade artística e de comportamento, não sendo, portanto, apenas um rótulo musical. Precisamos pensar o Brasil com mais pertencimento, mais propriedade. Nosso referencial nativo é necessário para construir um presente seguro.

A cultura que não se renova fica estática no tempo, endurece e envelhece dentro da sua rotunda. Nestes tempos de constante modernização, nós, afro-brasileiros, temos o direito e o dever de nos

posicionarmos. O **AfroPop brasileiro** aposta no Brasil real, no Brasil moderno e no Brasil igual!

Margareth Menezes não se limita a abordar a questão musical em suas colunas: Desenvolve reflexões sobre diferentes temas do universo afro-diaspórico e afro-brasileiro. O universo musical está presente em suas colunas. Na edição 178 aborda “a diferença entre o Axé e o AfroPop”, na edição 181 o tema é “afropop é identidade”, na edição 185, aborda “a história do samba-reggae, e na edição 186 o tema é “música e militância. Outros temas tratados por Margareth Menezes refletem sobre o cotidiano da população negra em diferentes áreas. Na edição 179 o tema é “democracia e fé (abordando a intolerância religiosa), na edição 180 aborda a questão da estética negra, com o tema “o estilo do cabelo afro”. O tema da edição 182 é “a genialidade afro”, “a história da África por ela mesma” é o tema na coluna da edição 183. Na edição 184, ela reflete “sobre as oportunidades do mercado voltado para a cultura afro-brasileira”. Margareth Menezes em seus textos é mais uma voz a fortalecer a intenção da revista: inclusão social, valorização da cultura, identidade e heranças africanas e afro-brasileiras, além da luta antirracista.

2.3.1.24. Coluna Moisés da Rocha

Moisés da Rocha (anexo 27) é um veterano produtor e apresentador musical. O programa apresentado por ele, “O samba pede passagem”, é “notabilizado por difundir o samba em suas diversas vertentes e intérpretes há quase quatro décadas”. Em entrevista ao repórter Diego Smirne, Moisés da Rocha relembra:

O programa “O Samba Pede Passagem” foi ao ar pela primeira vez em 1978, sempre apresentado por Moisés da Rocha. Foi o primeiro programa de rádio no Brasil a dedicar-se exclusivamente ao samba, e se consagrou não só pela preservação e divulgação da cultura popular brasileira, tarefa pela qual foi elogiado e premiado pela crítica, mas também pela revelação de novos talentos, alguns dos quais se tornaram divisores de águas no estilo. “‘O Samba Pede Passagem’ foi o programa que deu visibilidade ao grupo Fundo de Quintal, que ficou conhecido primeiro aqui em São Paulo e acabou dando origem a um novo estilo de samba, que chamaram de pagode”, conta Moisés.

Assim como Margareth Menezes, além de tratar de questões relativas ao universo da música, especificamente do samba e suas diversas vertentes, Moisés da Rocha aborda questões relativas à cultura negra, a história e memória (africana e afro-brasileira), bem como da necessidade de valorização da negritude.

O tratamento do universo da música está presente em diversas colunas: na edição 181, “A eternização do samba”, na edição 182, “Tributo ao samba paulista”, na edição 184, “Tem branco no samba? Tem sim senhor!”, na edição 185, “O “griot” santista e o dia nacional do samba”, na edição 186, “Um pouco da fantástica história do choro”, na edição 188, “A cidade de São Paulo e os antigos carnavais” e na edição 189, “O primeiro “Dragão do Mar””.

A memória negra, lutas, contribuições, e que necessitam ser resgatados valorizados e difundidos. Fatos e personagens da história negra, a luta contra o preconceito e a desigualdade, a luta antirracista. Na edição 178, o tema é “Nossa essência, nossa resistência”, na edição 179, “Trabalho doméstico; deveres, deveres e mais deveres”, na edição 180 “Igualdade de direitos para o povo negro”, na edição 183, “Onde estão nossos heróis negros?”, Na edição 187, “Os pracinhas: dos vinte aos setenta”, na edição 190, “Os resquícios da ditadura militar”, na edição 191, “Todos conectados”, na edição 192, “Importância do dia da consciência negra”, na edição 193, “Ainda sobre os legados da Copa”, e na edição 194, “A luta continua”, onde Moisés da Rocha afirma:

É de suma importância que não somente os jovens, mas todos nós sobreviventes negros no Brasil – e também aqueles que nos são solidários e respeitam a nossa cultura – busquemos informações e pesquisemos cada vez mais sobre a saga dos nossos antepassados., divulgando-a por todos os meios de comunicação, quer seja por meio da arte, quer seja em palestras, manifestações ou participações efetivas nos movimentos populares. Não podemos ter medo de mostrar a cara e não devemos nos esconder, buscando unicamente crescimento individual, e não da classe como um todo.

A história oficial sempre cumpriu a missão de omitir a nossa realidade no Brasil de várias maneiras, sendo que uma das mais perversas e astutas foi logo após a tão propalada abolição da escravatura. Houve a destruição de todo e qualquer vestígio documentado que viesse a comprometer uma nação que pretendia se mostrar europeia, leia-se, civilizada. E a história é assim, se não existe prova documentada, com o tempo vira lenda, (...)

A coluna de Moisés da Rocha é, na revista Raça Brasil, mais uma voz a buscar a valorização da identidade negra, o resgate da história negra e a transformação da sociedade brasileira de modo a promover a inclusão e equidade em favor da população negra.

2.3.1.25. Coluna Fábio Rogério

Fábio Rogério (anexo 28), segundo ele mesmo, é “envolvido com música desde sempre”:

(...) Como **Locutor**, fez parte das emissoras Cultura AM em Lavras, Minas Gerais, Objetiva Sat, Imprensa e desde 2004 é 105fm. Apresenta os conhecidos programas Espaço Rap, Festa da 105 (Samba, Pop, MPB e Sertanejo), além do Balanço Rap com Ice Blue e Kl Jay do Racionais Mcs.

(...) Participou de **projetos editoriais** consagrados como Revistas Rap Brasil, Ginga Capoeira, Rap News e Carnaval Brasileiro. Adora escrever e por isso foi um dos colunistas da Revista Raça Brasil ao lado do representativo Moises da Rocha (Idealizador do Samba pede passagem) e da cantora Margarete Menezes.

Fábio Rogério, assim como Margareth Menezes e Moisés da Rocha, aborda temas relativos ao universo musical em seus textos. Ele trata em suas colunas dos gêneros musicais mais populares entre a população negra e jovem: o hip hop e o rap. A música como identificadora de um grupo, potencializadora de valores, capaz de promover inclusão, empoderamento e orgulho étnico. Música como forma de denúncia, e também de resistência. Na edição 178, o texto tem como tema “A paz de Deus e um salve a todos!”, na edição 180, “Pensar união, isso sim, é grande”, na edição 181 o tema é “RAP para pensar fora da caixa”, na edição 183 trata do tema “O nosso dia das crianças”, na edição 184 “O dia dos amigos”. Fábio Rogério aborda a questão da música ter a capacidade de promover uma transformação social positiva, como instrumento de conscientização, na coluna da edição 186 (de janeiro de 2014):

O **rap** se tornou tão popular que até já ilustrou latas de refrigerantes, no passado e no presente. Quem não se lembra do rapper do Public Enemy, Flavor Flav, bebendo em excesso nosso brasileiro guaraná? Apesar disso, continua sendo o som que tem o foco de promover a conscientização.

A música e suas múltiplas possibilidades é tema da coluna da edição 187 “Notas do Fábio”, e também reflete sobre o mundo do hip hop na coluna da edição 191, “Fértil como terra preta”.

O “repórter das ruas”, nome da coluna, registra o cotidiano de quem luta, a cada dia, por respeito e valorização, como ele destaca na coluna da edição 179, “Vida – nosso grande empreendimento”, empreendedorismo, na edição 182 “Pensamentos: Tupak Shakur, empreendedorismo na música e preconceito com o hip hop”, a temática da desigualdade na edição 185 “Somos jingle black”, a luta por respeito e direitos, na edição 188 “Mulheres necessárias”, onde exemplifica citando as mulheres: “a mulher sofre com preconceitos antigos, mas continua a conquistar cada vez mais seu merecido espaço. Especialmente aquelas que transmitem confiança e não estão preocupadas apenas com a aparência”. A luta contra o preconceito. A luta por reconhecimento e valorização da

cultura negra, como destacado na coluna da edição 189 “Respeitáveis Jejés”: “arte negra que está presente em várias partes do mundo ganhava mais importância. O que me encanta na negritude ao longo de décadas é que, apesar das circunstâncias adversas, a produção artística sempre esteve presente”. Fábio Rogério destaca ser necessária a luta contra a violência sofrida pela juventude negra, e que é promovida inclusive pelo Estado e seu aparato policial, como observado na edição 190, “Fim da resistência”:

O tema do mês é o mesmo de quando o rap começou a engatinhar no Brasil, no fim dos anos 1980. Quando ouvi “Racistas otários”, do Racionais, refleti sobre a discriminação policial sofrida por integrantes da cultura hip hop. Infelizmente os racistas não nos deixam em paz, eles estão sempre por aí. Como diz uma frase que vi na internet, “faça o bem, pois o mundo vai mal”. Muito me entristece que piadas maldosas ainda façam parte de roda de conversas de pessoas com mentalidade escravocrata. O racismo existe porque muito se pensa em interesses próprios. A juventude negra continua sendo alvo da errônea afirmação: “parados somos suspeitos e correndo somos ladrões”. O genocídio continua. (...)

(...) A lei que está em trâmite no Congresso nada mais é do que um basta à impunidade. A justiça não pode ser brecada por patentes. Na verdade, o que queremos e buscamos são novas formas de relacionamento com quem vive às margens da sociedade. Creio que o fim da **violência policial** aconteça quando na grade curricular do ensino brasileiro a esquecida lei 10.639, que visa o entendimento da rica, louvável e inspiradora cultura africana, seja compreendida de fato. Ainda há quem não perceba, mas educação - sem omissões que privilegiam a classe branca - é a base para melhorarmos como sociedade.

Fábio Rogério destaca a importância da educação (citando a lei 10.639/2003 – que trata da inclusão nos currículos do ensino da História Africana e Afro-brasileira) como uma ferramenta capaz de frear a situação de genocídio que se abate sobre a juventude negra. A luta contra o racismo e suas terríveis consequências.

A coluna de Fábio Rogério traz, novamente, nos textos veiculados na revista, a temática racial, a violência, a desigualdade, o racismo. Mas também a possibilidade de mudança por meio da música, que promove a reflexão, a união, a superação de barreiras, e a resistência, contribuindo na luta antirracista.

2.3.1.26. Coluna Bianca Santana

A edição 194 (dezembro de 2014/janeiro de 2015), última edição analisada nesta pesquisa, é incluída a coluna “Ancestralidade, feminismo e outras magias”, escrita por Bianca Santana (anexo 29) e dedicada a refletir sobre beleza e política, na perspectiva das mulheres negras. Bianca Santana é “*Jornalista, escritora e doutoranda em Ciência da*

Informação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo". Em entrevista à repórter Cinthia Rodrigues, Bianca Santana revela:

Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez". A frase com que a jornalista Bianca Santana abre o livro *Quando me descobri negra* (Sesi-SP) explica em apenas nove palavras a tal Consciência Negra de que trata o feriado e que ainda é motivo de debate tão extenso.

Professora universitária, autora de livro didático e feminista, ela diz que, infelizmente, boa parte da população não nomeia o racismo e acaba sofrendo: "Quando você ainda não tem uma consciência negra, se pergunta: o que será que fiz de errado?".

Bianca Santana compartilha a sua experiência de descoberta da negritude, e os dilemas das mulheres negras com a sua corporeidade e com a sua estética. Até que, como ela mesmo diz no seu texto: "*me descobri negra e assumi minha identidade com orgulho*". E Bianca, citando Bell Hooks, afirma:

Em uma cultura de dominação e antiintimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração".

A coluna de estréia de Bianca Santana é mais uma voz, agora feminina e que se engaja (e convida) para a luta contra a dominação dos corpos e mentes negras vitimados pela cultura racista.

TRIBUTO A MARTIN LUTHER KING³¹

Ronaldo Bôscoli (Ronaldo Fernando Esquerdo e Bôscoli)

Wilson Simonal (Wilson Simonal de Castro)

Sim, sou um negro de cor
Meu irmão de minha cor
O que te peço é luta, sim
Luta mais, que a luta está no fim

Cada negro que for, mais um negro virá
Para lutar com sangue ou não
Com uma canção também se luta, irmão
Ouvir minha voz, oh yes, lutar por nós

Luta negra demais
É lutar pela paz
Luta negra demais
Para sermos iguais

Sim, sou um negro de cor
Meu irmão de minha cor
O que te peço é luta, sim
Luta mais, que a luta está no fim

Cada negro que for, mais um negro virá
Para lutar com sangue ou não
Com uma canção também se luta, irmão
Ouvir minha voz, oh yes, lutar por nós

Luta negra demais
É lutar pela paz
Luta negra demais
Para sermos iguais

³¹ **TRIBUTO A MARTIN LUTHER KING.** Disponível em:
http://www.beakauffmann.com/mpb_t/tributo-a-martin-luther-king.html

CAPITULO 3 - MEMÓRIAS DA RAÇA: VOZES DA IMPRENSA NEGRA DO SÉCULO XXI.

"Hoje falamos do passado sem nos lembrar
que nos espera um futuro. Os negros de
amanhã
falarão novamente em Patrocínio e Luíz
Gama.(...)
Devemos falar dos vultos do passado,
não para fazer frases bonitas,
mas para compreender o presente e preparar o
futuro"
Fernando Góes – Tribuna Negra nº1. 1935³²

3.3. Resgatando memórias: histórias de quem fez e faz a Raça Brasil.

A diversidade existente na sociedade brasileira está longe de ser representada nas produções midiáticas veiculadas na sociedade. Grupos minorizados não são devidamente contemplados, e tampouco estão presentes nos grupos atuantes na área de comunicação como profissionais, em particular negros/as e mulheres. Mosco (2016, p. 58) a respeito da diversidade nos ambientes jornalísticos de maneira global, e em particular nos Estados Unidos, observa:

No ocidente, continua a haver questões raciais significativas e persistentes no ambiente de trabalho no jornalismo, apesar dos apelos para a diversidade. A ausência de rostos negros nas redações nos Estados Unidos ajuda a explicar os desequilíbrios na cobertura de comunidades afro-americanas cujos residentes são tipicamente associados com a atividade criminal. Divisões raciais e raça são os componentes principais das várias hierarquias da economia política³³ global contemporânea, pois ambos, categoria e relação social, ajudam a explicar o acesso aos recursos nacionais e globais, incluindo a comunicação, a mídia e as tecnologias da informação (Wilson, Gutierrez e Chao, 2012).

Esta situação não é diferente no Brasil, e Cândido e Feres Júnior (2014) constataram que “*a ausência de diversidade no jornalismo brasileiro tradicional não é novidade*”. Na pesquisa “Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país” eles apontam a extrema desigualdade na composição das equipes dos maiores jornais do país (infográfico no anexo 1). A pesquisa revela:

³² PEREIRA, Amauri Mendes. **Vale (também) o que está escrito: o Pensamento Negro Contemporâneo como parte do Pensamento Social no Brasil (1ª. parte)**. Revista Espaço Acadêmico, no. 120, maio de 2011, p.72. Disponível em:

<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/11539/6971>.

³³ **Economia política**. Mosco (2016, p. 43) conceitua economia política como “o estudo das relações sociais, em especial as relações de poder, que constituem mutuamente a produção, distribuição e consumo de recursos, incluindo os recursos de comunicação. (...) A economia política é, em uma definição mais geral e ambiciosa, o estudo do controle e da sobrevivência na vida social”.

O Infográfico – Jornalismo Brasileiro apresenta o perfil de gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais impressos do país – O Globo, Folha de São Paulo e Estadão. O gênero masculino é predominante nos três jornais e perfaz, respectivamente, 74%, 73% e 72% do total de colunistas em cada um. Em relação à cor/raça a desigualdade é ainda mais severa, com os dados de colunistas de cor branca atingindo 91% para o jornal O Globo, 96% para a Folha de São Paulo e 99% para o Estadão.

(...) Como outros estudos do GEMAA já mostraram, a interação entre gênero e cor/raça é fundamental para não invisibilizar a situação específica das mulheres negras (pretas e pardas). A Folha de São Paulo não possui sequer uma colunista negra. Já o jornal O Globo apresentou 4% de mulheres negras nessa função, enquanto o Estadão ficou com 1%.

A pesquisa revela um contexto majoritariamente masculino e branco nas equipes, e com relação a raça, a presença reduzida, quase inexistente, de mulheres negras. Cândido e Feres Júnior (2014) ainda destacam:

A concessão de lugar de fala em importantes meios de comunicação pressupõe um conhecimento que deve ser expresso e tomado como referência, seja para embasar reflexões críticas, ou para estimular a formação de gostos. A baixa participação de mulheres brancas e a quase exclusão de homens negros e, sobretudo, de mulheres negras demonstram a não democratização de um importante nicho de formação de opinião. Ademais, o perfil profissional dos colunistas que obtêm espaço nesses meios também sugere a ínfima abertura a um ponto de vista popular acerca dos problemas sociais e políticos do país.

Além da baixa presença, outra questão problemática no jornalismo brasileiro é a posição ocupada por jornalistas negros/as. O Coletivo Intervezes (2014) destaca que:

Levantamento da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) mostrou que, embora a maioria dos jornalistas seja mulheres, brancas e jovens (64%), elas ocupam posições hierárquicas mais baixas e recebem salários menores que os homens. Já os negros e negras jornalistas somam 23% desses profissionais, o que não corresponde nem de perto ao percentual de 50,74% de pretos e pardos (negros) na sociedade brasileira, segundo o IBGE.

Estes dados demonstram como a mídia brasileira está estruturada de modo excludente, nas perspectivas racial e de gênero. Negros/as estão são minoria e estão em posições subalternas; mulheres em geral estão em situação desigual em relação aos homens na produção de conteúdo. Esta situação já era apontada por Basthi (2011, p.14), que afirma:

A mídia brasileira tem sido palco privilegiado para a reprodução de estereótipos de gênero, raça e etnia e invisibilização das populações historicamente discriminadas. Como resultado, atua como um dos principais agentes para a manutenção de crenças, valores, hábitos, comportamentos e atitudes sexistas, racistas e etnocêntricas,

promotores de sofrimento e de profundas desigualdades na sociedade brasileira. A combinação do sexismo, do racismo e do etnocentrismo na mídia constitui uma violação dos direitos humanos à comunicação e contribui para a manutenção de um Brasil com alto índice de desigualdades e produtor de estereótipos, preconceitos e estigmas sobre as mulheres e, em especial, sobre mulheres negras e indígenas.

Muito já se falou e escreveu sobre a revista *Raça Brasil*, em sua trajetória de vinte e um anos de existência. Diferentes escritos, de diferentes gêneros, em diferentes níveis, por uma diversidade de autores, foram produzidos neste período. A revista *Raça Brasil* já tem seu espaço na história da comunicação social brasileira, como referência de publicação destinada à população negra brasileira. Entretanto, pouco se escreveu sobre a trajetória de alguns dos personagens que de alguma forma participaram na construção desta história, desde a criação da revista. A revista *Raça Brasil* é considerada um fenômeno editorial em virtude de, na época de seu lançamento, ter esgotada a tiragem de mais de duzentos e setenta mil exemplares postos em circulação, um recorde no mercado revisteiro brasileiro (desconstruindo assim o mito de que publicações voltadas à população negra não venderiam). O seu lançamento foi tema de reportagens em diversos veículos de imprensa, nacionais e internacionais (como a *Folha de São Paulo*, e o *The New York Times*).

Apesar de sua trajetória editorial, sendo uma das mais longevas publicações de seu segmento na imprensa brasileira, muitos dos profissionais que contribuíram com a sua atuação na construção da história da publicação são pouco conhecidos pela maioria do seu público leitor. As contribuições destes profissionais na revista constituem, também, parte de suas histórias de vida, de seu compromisso e atuação profissional por meio da literatura e da imprensa. Atuantes na luta antirracista, fizeram parte de um grupo que organizado na estrutura editorial da publicação, ajudaram a (re)escrever a história da população negra brasileira, resgatando fatos, personagens, promovendo por meio da revista uma consciência sobre a temática racial; fazendo denúncias, promovendo a valorização estética, cultural e religiosa do patrimônio cultural afro-brasileiro. Macedo, (2009, p. 1) afirma:

A história emerge dos “seus” sujeitos: em experiências, discursos e perspectivas. Toda memória-história é produzida a partir dessa “localização”, o que permite afirmar a existência de diferentes histórias e memórias. Os grupos e os indivíduos produzem memórias e conhecimentos por meio dos significados e pelas representações que dão sentido às suas experiências e àquilo que são. Os discursos e os sistemas de representação sobre a memória constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e falam.

Conhecer a história destes sujeitos, acessar suas trajetórias e memórias, compreender seus posicionamentos e experiências de vida pode ajudar a entender a trajetória da revista Raça Brasil. A memória, as vozes de quem fez e faz a revista Raça Brasil, é também parte da história e da memória da publicação, que deve ser reconhecida e valorizada. Segundo Assmann (2016, p. 117) “no nível social, a memória é uma matéria de comunicação e interação social” (...) A memória nos capacita a viver em grupos e comunidades e viver em grupos e comunidades nos capacita a construir uma memória”. Assmann (2016, p. 117) declara que “a maior conquista do sociólogo francês Maurice Halbwachs foi mostrar que nossa memória depende, como a consciência em geral, de socialização e comunicação, e que a memória pode ser analisada como uma função de nossa vida social Halbwachs (1994, 1997)”. Assmann (2016, p. 118), desenvolve uma ampliação do conceito de memória coletiva elaborado por Halbwachs:

O termo “memória comunicativa” foi introduzido com o objetivo de delinear a diferença entre o conceito de Halbwachs de “memória coletiva” e a nossa compreensão de “memória cultural” (Assmann, A., 2006). Memória cultural é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural. Halbwachs, todavia, o inventor do termo “memória coletiva”, foi cuidadoso em manter seu conceito de memória coletiva à parte do campo das tradições, transmissões e transferências, que nós propomos incluir no termo “memória cultural”. Preservamos a distinção de Halbwachs, dividindo esse conceito de memória coletiva em “memória comunicativa” e “memória cultural”, mas insistimos em incluir a esfera cultural, que ele excluiu, no estudo da memória. Não estamos, por isso, argumentando em prol da substituição de sua ideia de “memória coletiva” pela de “memória cultural”; em vez disso, caracterizamos ambas as formas como *modi memorandi*, dois diferentes modos de lembrar.

A partir da proposição do autor, podemos considerar que um conjunto de pessoas organizadas em torno de um objetivo comum, e que compartilham memórias individuais, produzem uma memória coletiva, que estará inscrita em determinado nível, tempo identidade e terá uma característica/definição específica. Analisando nas perspectivas de nível social e de tempo social, cremos ser possível considerar a revista Raça Brasil como um produto de memória comunicativa, que é caracterizada por Assmann (2016, p. 119) da seguinte forma:

A memória comunicativa não é institucional; não é mantida por nenhuma instituição que vise ensinar, transmitir ou interpretar; não é cultivada por especialistas e não é convocada ou celebrada em ocasiões especiais; não é formalizada ou estabilizada por nenhuma forma de

simbolização material; ela vive na interação e na comunicação cotidiana e, por essa única razão, tem uma profundidade de tempo limitada, que normalmente alcança retrospectivamente não mais que 80 anos, o período de três gerações que interagem. Há ainda estruturas, “gêneros comunicativos”, tradições de comunicação e tematização e, acima de tudo, laços afetivos que ligam famílias, grupos e gerações. Uma mudança de quadros provoca esquecimento; a durabilidade das memórias depende da durabilidade dos vínculos e estruturas sociais.

A revista *Raça Brasil* é portadora de algumas das características de memória comunicativa, elencadas por Assmann: é construída e mantida pela comunicação cotidiana, e está estruturada em gêneros comunicativos, tradições de comunicação e tematização (no caso particular, focada na população negra). Recupera fatos, personagens da história da população negra do passado, e também do presente. Ainda a respeito da memória comunicativa, Assmann (2016, p.122) observa que:

a participação de um grupo na memória comunicativa é difusa. Alguns, é verdade, conhecem mais, alguns menos, e as memórias dos mais velhos alcançam mais longe do que as dos mais novos. Todavia, não há especialistas de memória comunicativa informal. O conhecimento que é comunicado na interação diária é adquirido por seus participantes junto com a língua e a competência social.

A equipe editorial da revista *Raça*, no período temporal demarcado para este trabalho (2013-2017), apresenta também características dentre as apontadas por Assmann (2016, p.122), no que se refere às diferentes composições etárias de seus profissionais (uns mais jovens, outros mais velhos), experiência profissional, bem como atuações em diferentes espaços e esferas sociais. Assmann (2016, p.125) também assinala a possibilidade da existência de mudanças e transformações destes conceitos, em virtude do tempo: “sociedades modernas tendem a diversificar essa estrutura binária ao introduzir mais variedades linguísticas de acordo com a multiplicação de meios culturais como o cinema, a radiodifusão e a televisão” - de modo particular, em tempos de pós-modernidade, poderíamos acrescentar a lista de Assmann o advento e influência da internet e as tecnologias de informação e comunicação. Há a possibilidade da ocorrência de um entrecruzamento entre a memória cultural (institucionalizada) e a memória comunicativa. Neste sentido, Assmann (2016, p. 126) elabora uma tabela com uma proposta de estrutura que pode explicar esta situação:

Tabela 5 - DIFERENÇAS ENTRE MEMÓRIAS (ASSMANN)

	<i>Memória comunicativa</i>	<i>Memória cultural</i>
<i>Conteúdo</i>	história na forma de memória autobiográfica, passado recente	história mítica, eventos no passado absoluto (“ <i>in illo tempore</i> ”)
<i>Formas</i>	tradições informais e gêneros da comunicação cotidiana	grau elevado de formação, comunicação cerimonial
<i>Meios</i>	memória vivida e corporificada, comunicação na língua vernacular	mediada em textos, ícones, danças, rituais e <i>performances</i> de vários tipos; língua(s) “clássicas” ou formalizadas de outro modo
<i>Estrutura temporal</i>	80-100 anos, um horizonte mutável de 3 a 4 gerações que interagem	passado absoluto, tempo primordial mítico, “3.000 anos”
<i>Estrutura de participação</i>	difusa	portadores especializados da memória, hierarquicamente estruturados

Fonte: ASSMANN, Jan. **Memória comunicativa e memória cultural**. História Oral na Era Digital, v.19, n.1, 2016, p.117

Assmann (2016, p. 121), observa que “a distinção de formas diferentes de memória se parece com uma estrutura, mas funciona mais como uma tensão dinâmica e criadora e uma transição entre vários polos”. Siqueira (1997, p. 117), ainda a respeito da memória coletiva, destaca que:

A memória coletiva é, portanto, o que fica no passado, na vivência dos grupos ou aquilo que os grupos fazem do passado. Tem valor afetivo ou simbólico, é inalienável, pode ser manipulável e se tornar instrumento de luta e poder. É globalizante, imprecisa e sem fronteiras. Sem qualquer preocupação de racionalidade encaixa fatos uns nos outros. Conserva por um momento a recordação de uma experiência intransmissível. Apaga e recompõe a seu gosto, em função das necessidades do momento ou das leis do imaginário.

Dentre os diferentes polos de tensão apontados por Assmann, e que promoveriam mudanças nas diferentes memórias, podemos destacar o poder. Gondar (2003, p. 32) questiona: “como pensar a relação entre memória e poder? Creio que não causa nenhum espanto se dizer que a memória pode ser um instrumento de poder. Todo poder político pretende controlar a memória, selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido”, responde. De acordo com Gondar (2003, p. 32);

O capitalismo, por exemplo, não é simplesmente um modo de produção econômico, mas é também um modo de produção de subjetividade, um modo de produção de olhar, de dizer, de querer, de lembrar, de esquecer: o capitalismo produz valores, sensibilidades, maneiras de agir e de registrar as ações.

Segundo Oliveira (2002, p.94) “a memória trabalha seletivamente, arregimentando os elementos, os acontecimentos que constituirão “aquilo que fica e que vale” para aquele grupo no qual ela se constrói. Nesse sentido, ela também é objeto de disputa pelo poder e é passível de ser manipulada. Oliveira (2002, p. 94) observa que:

Memória e identidade constituem-se mutuamente em um processo no qual a primeira fornece substrato à segunda. Basta lembrarmos como a preocupação com a memória, em alguns países ou grupos, por exemplo, é fundamental para manter a unidade, a coesão e garantir os elementos necessários à afirmação de tais países ou grupos.

A revista Raça Brasil, a partir dos conteúdos veiculados em suas colunas, constrói uma “memória comunicativa da negritude em diáspora”; recupera, atualiza, contribuições da cultura negra afro-diaspórica presentes na estrutura social e que são esquecidas ou invisibilizadas. Dialoga com conceitos teóricos tais como ação política, negritude, reconhecimento, memória, e por meio de sua estrutura discursiva realiza uma (re)construção de uma memória que circulando na esfera social permite a valorização e empoderamento da população negra brasileira.

Tabela 6 - COLUNAS/SEÇÕES X CONCEITOS

REVISTA RAÇA BRASIL: UMA PROPOSTA DE IMPRENSA NEGRA NA MÍDIA BRASILEIRA DO SÉCULO XXI?			
TEMAS X COLUNAS / SEÇÕES			
ACÇÃO POLITICA	NEGRITUDE / RECONHECIMENTO	MEMÓRIA	NEGROS EM MOVIMENTO (VISIBILIDADE)
Editoriais da Raça	Coluna Na Pegada.	Coluna Raízes.	Matérias de Capa.
Opiniões de Raça.	Coluna Estilo.	Coluna Receitas da Terra Mãe.	Coluna Festas e Eventos.
Coluna Interativa / Espaço do Leitor.	Coluna Perfil.	Coluna Margareth Menezes.	Coluna Negros em Movimento.
Coluna Quadro Negro.	Coluna Painel.	Coluna Moisés da Rocha.	Página Onde Achar.
Coluna Humor.	Coluna Margareth Menezes.	Coluna Fábio Rogério.	Coluna Margareth Menezes.
Coluna Páginas Pretas.	Coluna Moisés da Rocha.		Coluna Moisés da Rocha.
Especiais.	Coluna Fábio Rogério.		Coluna Fábio Rogério.
Entrevistas.			
Informes diversos/publicitários.			
Coluna Margareth Menezes.			
Coluna Moisés da Rocha.			
Coluna Fábio Rogério.			
Coluna Bianca Saotana.			

Fonte: Arquivo pessoal

A estruturação das colunas e os conteúdos veiculados demonstram uma intencionalidade discursiva que pretende promover uma circulação de temas importantes para a população negra, na esfera da comunicação social brasileira. Promove a veiculação e discussão de conteúdos que normalmente não estão presentes nos grandes espaços de mídia, tampouco recebem a adequada análise. A publicação dá voz a sujeitos que representam e qualificam a perspectiva negra nas análises que circulam na esfera pública.

A análise realizada nos conteúdos da revista também permitiu verificar a presença de conceitos importantes, em diferentes áreas de conhecimento (em particular na área de memória), tratados por diferentes autores, conforme demonstrado na tabela a seguir:

Tabela 7 - AUTORES/CONCEITOS PRESENTES NOS CONTEÚDOS

CONCEITOS E AUTORES (MEMÓRIA)		CONCEITOS E AUTORES (DIVERSOS)	
AUTOR (ES)	CONCEITO(S)	AUTOR (ES)	CONCEITO(S)
ASMANN (2008)	MEMÓRIA COMUNICATIVA	HALL (2006)	DIASPORA
FERREIRA (2005)	MEMÓRIA E LINGUAGEM(NS)	BASTIDE	IMPRESA NEGRA
GONDAR (2003)	MEMÓRIA E PODER		
GONDAR E DODEBEI (2005)	LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS	FONSECA (2006)	(IN)VISIBILIDADE E DIFERENÇA
HALBWACHS (1994,1997)	MEMÓRIA COLETIVA	FOUCAULT (2008)	DISCURSO
HUYSEN (2000)	MEMÓRIA E MÍDIA	FRASER (2006, 2007, 2010)	RECONHECIMENTO
MORAES (2005)	MEMÓRIA E PODER MEMÓRIA E INFORMAÇÃO	GLISSANT (1981)	POÉTICA DA RELAÇÃO DIVERSO
NORA (1993)	LUGARES DE MEMÓRIA		MESMO PERFORMANCE
OLIVEIRA (2002)	MEMÓRIA E IDENTIDADE	KELLNER (2000)	CULTURA DA MÍDIA
SIQUEIRA (1997)	MEMÓRIA COLETIVA	MARTINS (2003)	ORALIDADE DA MEMÓRIA
VIEIRA E GOMES (2016)	MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE	McLUHAN (1974)	MEIOS DE COMUNICAÇÃO
WEHLING E WEHLING (1997)	MEMÓRIA E RESISTÊNCIA	MOSCO (2016)	ECONOMIA POLÍTICA DO JORNALISMO

Fonte: Arquivo pessoal

A presença dos conceitos demonstrada na tabela acima, destacando os autores que desenvolvem desenvolvem a reflexão teórica dos mesmos, demonstra a qualificada construção dos conteúdos presentes na publicação pelos autores e colunistas que dela participam.

Considerando o recorte temporal desta pesquisa (2013-2017), escolhemos alguns dos colaboradores que trabalharam na revista neste período: Fernanda Alcântara (editora), Flávio Carrança (colaborador), Maurício Pestana (Diretor e colaborador), Oswaldo Faustino (colaborador) e Sandra Almada (colaboradora). Além destes, decidimos incluir Aroldo Macedo, criador da revista, e que teve contribuição essencial para o sucesso da publicação nos seus primeiros anos.

E por que escolher retratar as histórias destes sujeitos, que fazem parte de um grupo marginalizado na sociedade brasileira em geral (enquanto negros), mas também discriminados em seu espaço profissional (da comunicação)? Sujeitos de um importante fazer que são, entretanto, desconsiderados? Partimos da provocação realizada por Macedo (2009, p.2), que questiona:

a idéia é refletir sobre o quanto esse “alguém-objeto”, significa assim para o outro e não para si próprio. Ou mesmo, o quanto esse “alguém-objeto” para o outro, se torna sujeito na sua subjetividade criativa, tornando-se assim irremediavelmente “alguém-sujeito” para o outro na

medida em que projeta o seu pensamento para além das fronteiras do seu ser.

As histórias destes colaboradores da revista *Raça*, enquanto sujeitos negros, é parte importante na construção da história da publicação, pois, foi a partir de seu auto-reconhecimento, que puderam posicionar-se, construir as suas trajetórias profissionais e participar ativamente da construção de novas histórias. Como destacado por West (1999) apud Macedo (2009, p. 9)

A maior prioridade dos intelectuais negros deve ser a criação ou a reativação das redes institucionais que promovam hábitos críticos de alta qualidade para propósitos, primeiramente de insurgência negra. Uma intelligentsia sem uma consciência crítica institucionalizada é cega, e a consciência crítica que não sirva à insurgência crítica é vazia. A tarefa central dos intelectuais negros pós-modernos é estimular, proporcionar e permitir percepções alternativas e práticas que desloquem discursos e poderes prevaletentes. Isso pode ser feito somente por um trabalho intelectual intenso e por uma prática insurgente e engajada.

A memória social pode contribuir na luta pela promoção de uma consciência racial, que de acordo com (Hanchard, 2001, p. 31) *“representa o pensamento e a prática dos indivíduos e grupos que reagem à sua subordinação com uma ação individual ou coletiva, destinada a contrabalançar, transpor ou transformar as situações de assimetria racial”*. Promover o fortalecimento da identidade negra no Brasil, bem como a recuperação, difusão, valorização e patrimonialização das memórias, de fatos e personagens nos quais sujeitos negros estiveram envolvidos. A memória social pode colaborar na luta para a adequada inserção social, na eliminação do preconceito racial, e na desconstrução das desigualdades fundamentadas em características raciais. A luta pelo desenvolvimento de uma valorização e respeito pelos aportes culturais africanos e pela cultura afro-brasileira podem também ser desenvolvidos a partir da memória social. Ampliar a luta por reconhecimento, como bem descreve Araújo (2004, p. 247):

O que queremos, ao resgatar negras memórias de nossa história e essas outras tantas memórias de negros que esta exposição nos traz? Queremos resgatar entre os negros uma certa auto-estima e uma imagem que nos sirva de padrão de orgulho por nossos heróis, que pretendemos nos sejam devolvidos em carne e osso, em sangue e espírito, como pessoas reais que puderam até alçar-se à condição de mito, mas não mais como lendas perdidas numa nebulosa história. Precisamos ter orgulho dos feitos de nossos homens e mulheres que, a despeito do estigma herdado da escravidão, marcaram seu lugar na nossa história, como cientistas, engenheiros, poetas, escritores, doutores, escultores, pintores, historiadores. Queremos que os nossos sejam reconhecidos.

Ao realizar o registro da participação destes autores e autoras, que atuaram em algum momento desde o início da revista Raça Brasil, busca-se, de algum modo, permitir também para quem produz, a partir de suas memórias e seus registros nas matérias da revista, o reconhecimento de sua participação na (re)construção de memórias que possibilitam além de entretenimento, também a possibilidade de identificação, auto-reconhecimento, e o entendimento de seu posicionamento como negros/as. Ao veicularem por meio de seus textos fatos, personagens, discursos e imagens, que não são visibilizadas em outros veículos de imprensa tradicional e hegemônica (ou o são de modo preconceituoso, estigmatizante, negativo), possibilitam o fortalecimento identitário e a mobilização em torno da luta contra a discriminação racial, além de contribuíram politicamente na transformação da realidade social. Neste sentido, é importante destacar o que observa Basthi (2011, p.13):

A mídia – na qual a atividade jornalística se inclui – tem o poder de influenciar comportamentos, opiniões, definir pautas para o debate público e atuar como espaço privilegiado para a comunicação e a intervenção pública. No recente processo de consolidação da democracia brasileira, a sociedade tem depositado a crença numa imprensa cada vez mais livre, independente e cidadã.

(...) A consolidação de uma imprensa livre e independente, contudo, somente será viável quando a mídia eliminar todos os mecanismos que favorecem a exclusão e subordinação das mulheres e das populações negra e indígena. Ter uma imprensa livre e independente passa pelo fim da dominação masculina e da discriminação de gênero, raça e etnia na mídia.

A publicação já recebeu homenagens que reconheceram a sua importância. A revista Raça Brasil e seus colaboradores, foram prestigiados em diferentes casas legislativas a partir de proposições de diferentes representantes políticos, em diferentes momentos históricos, como em comemorações de aniversários da revista. Na ocasião de seu primeiro aniversário, a revista recebeu uma moção de congratulações da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ):

A Deputada que esta subscreve propõe à Mesa Diretora nos termos regimentais, seja consignada em Ata e feito constar dos Anais desta Casa Legislativa **MOÇÃO DE CONGRATULAÇÕES à REVISTA RAÇA BRASIL, DA EDITORA SÍMBOLO**, pelo transcurso do seu primeiro ano de existência.

Sala das Sessões, em 16 de setembro de 1997.

DEPUTADA GRAÇA MATOS

JUSTIFICATIVA:

Transcrição, na íntegra, da mensagem de autoria do diretor responsável, da **Revista Raça Brasil**, Aroldo Macedo,

“Com o coração transbordando de alegria, a pulsação elevada e um indisfarçável sentimento de missão cumprida, começo a escrever este

texto. Um ano de **Raça Brasil** ! Foram mais de 1.300 páginas escritas e ilustradas com muito amor. Mais de 200 negros em cada edição. Dezenas de milhares de cartas, fax e telefonemas com sugestões, críticas e congratulações. Pessoas de todas as etnias entenderam que já era hora de se levantar o véu da invisibilidade do negro no Brasil.

Fazer **Raça Brasil** ganhar vida todo mês é um exercício diário de negritude. Isso vale para toda a equipe. São pessoas que abraçaram a causa negra como se sua própria vida estivesse em jogo. Não estou exagerando. Essa é a realidade da nossa redação. Em cada palavra escrita, em cada foto, em cada centímetro quadrado da revista, nos perguntamos: estamos contribuindo para devolver aos negros sua dignidade? É isso o que o leitor negro precisa para viver melhor? Estamos dando o máximo de nós?

A resposta vem todos os meses, de todas as bancas do país. Sim, temos orgulho de sermos negros. Sim, é possível sermos felizes. Sim, já temos um caminho a trilhar. É isso que você nos diz - e diz a si mesmo - quando carrega esta revista nas mãos e no coração. O sucesso de **Raça Brasil** é o símbolo da vitória de todos os negros brasileiros.

Com 1 ano apenas, aprendemos a caminhar. Mas com passos firmes e muita fé. Agora temos certeza: algum dia surgirá no horizonte deste país a consciência coletiva de que fazemos parte de um povo maravilhoso. Sem preconceitos ou diferenças. Um povo de raça. Um povo chamado Brasil”.

A revista Raça Brasil também recebeu uma homenagem pela passagem de seus quinze anos, completos em 2011, por meio da realização de ato solene, proposto pela vereadora Olívia Santana (PCdoB), no Centro Cultura da Câmara Municipal de Salvador (CCCMS-BA):

Referência no cenário brasileiro, a primeira revista voltada aos negros e negras do país, a Raça Brasil, resgatou e valorizou as raízes afrodescendentes, durante os últimos 15 anos. Para comemorar o marco histórico, que foi o surgimento da maior publicação do segmento negro na América Latina, a vereadora Olívia Santana (PCdoB) promoveu um ato solene, no Centro Cultura da Câmara Municipal de Salvador, na última terça-feira (06).

Além do fundador da Revista, Aroldo Macedo, e do atual editor, Maurício Pestana, o evento reuniu intelectuais, políticos, formadores de opinião, produtores, parceiros do mandato e artistas diversos, como Margareth Menezes, que entoou a música “Raça Negra”, Tatau, Juliana Ribeiro, Wil Carvalho, Riachão, Tonho Matéria, o ator Aldri Anunciação, entre outros.

Para Olívia, após a revolução que a Revista Raça provocou no país, as editorias de comportamento, moda, beleza e também de notícias sobre a comunidade negra, também abriram espaço para enaltecer a biografia da negritude, em diversos âmbitos. "A Revista Raça é um produto imprescindível na história afirmativa da imagem do negro no mercado publicitário. É importante exaltar estes 15 anos entendendo a Raça como uma conquista da população negra brasileira que, a partir dela, ganhou um espaço de valorização da sua estética, sua imagem, sua identidade, e de difusão de suas experiências enquanto sujeito histórico. Chega de estarmos sempre associados às situações de miséria, pobreza, violência e subalternidade”, destacou a vereadora Olívia.

Segundo o fundador e o editor da Raça, hoje, os desafios da publicação vão além de exaltar a beleza negra. “Não lutamos apenas para provar que somos bonitos e que existimos como consumidores, pois, o mercado tem feito esse trabalho, mostrando a ascensão da nova classe média brasileira. Atualmente, trabalhamos com ideais mais amplos, os de que informação, educação e participação política são fundamentais para o desenvolvimento econômico e social no admirável mundo novo do século 21.

Durante a cerimônia, foi mostrado um vídeo contando a trajetória da Raça, com depoimentos de famosos. Em seguida foram feitos os agradecimentos e entregue aos representantes da revista, uma placa em homenagem ao aniversário. Em seguida os convidados desfrutaram da festa, animada pelo som do DJ Bandido, com os mais diversos hits.

O evento contou com o apoio da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial - SEPRMI, Fundação Palmares, e da agência, Objectiva.

Extraído:

http://www.cms.ba.gov.br/ouvidoria_noticia_int.aspx?id=3526

CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR, 12 DE SETEMBRO DE 2011.

Em 2013, quando completou dezessete anos, a deputada federal Benedita da Silva, no plenário da Câmara dos Deputados em Brasília, também prestou homenagens a revista Raça Brasil:

A deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ) pronuncia o seguinte discurso:

Senhor presidente, senhoras e senhores deputados,

Em setembro de 1996 foi lançada no País, a Revista Raça. Numa iniciativa inédita e histórica nasceu uma revista focalizada na questão da autoestima do negro do nosso imenso País.

A Revista Raça rompeu todas as barreiras e obstáculos diante de um universo midiático extremamente excludente do ponto de vista racial. Diziam que jamais iria prosperar diante da nossa comunidade marcada pela desigualdade social e dificuldade econômica, mas, a Revista Raça consolidou-se como maior o fenômeno editorial da história do Brasil. A primeira edição vendeu 270 mil exemplares.

Num projeto de grande desafio, o seu corpo editorial foi enfático no dizer que a proposta da revista não foi apenas atender a uma parcela da população negra, como o movimento social ou, especificamente, a juventude negra que não se via retratada em revistas, ou tão e somente as mulheres negras, religiosos, quilombolas, artistas e modelos que não apareciam em espaços jornalístico e televisivo.

O propósito da revista é expressar a voz e a face desse complexo tecido social que compõe a afrodescendência em nosso país que, se não fosse esta iniciativa, dificilmente estariam os negros artistas, intelectuais, profissionais e esportistas, dando entrevistas sobre diversos assuntos, editoriais na área econômica, política, cultural, acadêmica e religiosa. Passados 17 anos muitos foram os desafios de seus de jornalistas, fotógrafos, diagramadores, ilustradores e profissionais da área editorial, que tiveram a difícil tarefa de atender, numa única publicação, os anseios da segunda maior população negra do mundo. Hoje, a população afrodescendente se sente orgulhosa por se vê representado na Revista Raça em todas as suas atividades humanas.

Talvez seja uma das Revistas mais democráticas em termos de entrevista, onde é garantido o pluralismo ideológico, cultural e religioso. Por isto que a revista chegou até aqui, gozando de total prestígio dado o seu cuidado editorial pautado sempre no respeito e na diferença de pensamento, em histórias de luta e resistência. É uma revista que nos orgulha muito enquanto brasileiro, inclusive transformando-se tema de diversos estudos acadêmicos no Brasil e no exterior.

Ao ensejo quero homenagear o fundador da Revista, Aroldo Macedo, carioca, engenheiro civil, fotógrafo, produtor cultural, editor e escritor. Grande idealista e intrépido deixou sua marca na história do País. Ao criar a Revista Raça, ajudou a mudar a cara do Brasil.

Através de André Rezende e Maurício Pestana, saúdo toda a equipe editorial da Revista, indiscutivelmente de mais alta qualidade profissional.

Encerro as minhas palavras de profunda alegria e emoção em face à existência da Revista Raça, citando as seguintes palavras do Aroldo Macedo:

"A revista Raça Brasil foi um delicioso acidente de percurso na minha trajetória para o cinema. Auxiliou na mudança da dinâmica das relações raciais no Brasil. Mas foi um acidente de percurso."

..." nunca desista de um sonho. Os sonhos são tão perigosos, e é bom tomar cuidado pois eles podem realizar"

Muito obrigada.

A revista Raça Brasil, durante a sua trajetória, sofreu mudanças e também promoveu mudanças, ao tratar por meio da mídia, da temática racial no espaço da comunicação social brasileira. Fez parte de momentos importantes de mudança da sociedade brasileira, em particular quando se desenvolveram diferentes políticas públicas universais e focais de ação afirmativa, que transformaram a realidade da população negra brasileira, melhorando suas condições em diferentes áreas sociais. Entretanto, a revista foi um exemplo isolado de publicação voltada para a população negra brasileira, o que demonstra a forte presença do racismo existente no espaço da comunicação social.

A ação destes profissionais, dentre as equipes que compõem a produção da revista Raça Brasil, pode servir de referência para a sociedade como um todo (e para a população negra em particular) da importância da existência de uma consciência racial, posicionamento social na luta contra o racismo, bem como da participação (individual e coletiva) no desenvolvimento de ações que transformem a realidade cotidiana da população negra em busca da igualdade e equidade social e racial. Cada um/a destes personagens podem ser espelhos, que promovem a reflexão (imagem) positiva sobre o negro, bem como uma reflexão (questionamento intelectual) sobre a realidade da população negra, na luta antirracista. Referências contemporâneas a exemplo dos velhos publicistas da imprensa negra do passado.

A contribuição de cada um destes profissionais que participaram da construção da revista revela a existência de diferentes formas de resistência criativa, posicionamento crítico e elaboração intelectual de alternativas para a eliminação do preconceito racial a partir da esfera comunicativa. Utilizar a linguagem como ferramenta de luta, promovendo a desconstrução de estereótipos difundidos socialmente de modo massivo, revalorizando a identidade e estéticas negras, inserindo o negro no cenário social mais amplo (econômico, político, educacional). Denunciar diferentes formas de discriminação e exclusão, promover a identificação e reconhecimento de práticas culturais afro-brasileiras, viabilizar em cada texto a possibilidade de articulação e integração entre diferentes coletivos “negros em movimento”. Romper com a exclusão comunicativa a que a população negra é submetida, não se vendo contemplada em suas demandas, presente e atuante nos veículos e produtos veiculados pelas mídias tradicionais.

3.4. Raça Brasil quebrando paradigmas: vozes negras refletindo sobre a questão racial.

Desde o início de sua publicação, em 1996, podemos perceber a presença de um número expressivo de profissionais negros/as na equipe da revista Raça Brasil. Profissionais com diversidades e experiências que permitiram dialogar com o público leitor em uma condição de igualdade, e servindo não produzindo apenas discursos, mas também servindo de referência. Negros falando para negros, negros sendo modelos visuais e estéticos para negros, permitindo uma maior identificação.

A equipe que fez parte do lançamento da revista (anexo 30) era formada por um grupo ainda reduzido, majoritariamente formado por mulheres e poucos negros. A publicação, com o passar do tempo e em virtude do sucesso alcançado, vai ampliando a sua equipe e pode-se perceber a presença de muitos profissionais negros/as, em diferentes funções, inclusive em cargos de chefia. Basthi (2011, p. 36) observa:

as redações devem refletir essa diversidade de gênero, raça e etnia na contratação de profissionais de imprensa e investir em jornalistas capacitados para correlacionar as implicações que envolvem o racismo, o sexismo e o etnocentrismo à persistência das desigualdades socioeconômicas e de representação política no país.

E esta situação é apresentada na publicação, onde são apresentados os profissionais que fazem parte da equipe, em um box na apresentação da revista, intitulado “Quem é quem na RAÇA” (anexo 31-33). Os colaboradores destacados no *box*, além de sua imagem, tem descrita a sua formação, experiência e contribuição na revista- as colunas e

seções das quais são responsáveis, e o local onde atuam, demonstrando assim a abrangência territorial da publicação – com equipe presente nas grandes cidades do país como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador . Percebe-se uma intencionalidade de promover uma visibilidade destes profissionais (majoritariamente negros), de modo a torna-los uma referência para os leitores, aproximá-los por meio da exposição de suas imagens, considerando que na paisagem midiática brasileira poucos profissionais negros ocupam posições de destaque. Nos anos iniciais da publicação, esta estratégia de visibilizar os colaboradores foi recorrente.

A diversidade está presente na equipe de Raça Brasil: diversidade de gênero, raça, formação, experiências, diversidade geográfica. Profissionais que podem promover abordagens diversificadas sobre a realidade da população negra, que é múltipla, mas também é específica, dependendo dos contextos onde estão inseridos.

Após três anos de lançamento, podemos perceber a mudança na equipe editorial da publicação. A presença de profissionais negros/as em diferentes áreas com diferentes experiências demonstra a preocupação da revista com a diversidade em sua equipe. Diversidade que, inclusive é ressaltada na edição 120, de março de 2008, quando em um box intitulado “talentos da redação” (anexo 34), apresenta alguns dos colaboradores da revista.

No que se refere também as posições ocupadas pelos colaboradores, em geral na mídia,

Ao se verificar as funções dos jornalistas, notam-se algumas ocupações mais desempenhadas por mulheres, como produtoras e repórteres, e outras mais ocupadas por homens, como fotojornalista, repórter cinematográfico, colunista, diretor/gestor e coordenador. Mesmo a função de editor é proporcionalmente mais ocupada por homens (22,8%) do que por mulheres (19,4%), quando comparada a proporção de homens e mulheres que atuam na mídia.

A diversidade na composição da equipe de profissionais da revista Raça Brasil favorece a quebra de um paradigma da área de comunicação social no Brasil: a baixa presença de profissionais negros nas empresas de comunicação. Esta baixa presença vai impactar na abordagem reduzida ou inadequada de temas referentes às demandas e expectativas da população negra. E como fazer para mudar esta situação? Basthi (2011, p. 37) elenca algumas possibilidades:

Existe uma pergunta chave que homens e mulheres, profissionais da imprensa, podem incorporar a cada novo dia: como incluir na prática jornalística uma representação de gênero justa, equilibrada, plural e equitativa, com destaque para as variáveis de raça e etnia?

A resposta começa com a escolha consciente da perspectiva de gênero com o recorte de raça e etnia em cada conteúdo jornalístico (texto, sonora e imagem). Começa com o compromisso ético profissional de combate à relação desigual de poder entre as mulheres e os homens e de subordinação das mulheres. Começa com a mudança do padrão nas narrativas e nas imagens escolhidas para a transmissão da equidade de gênero na mídia, nas quais as mulheres negras e indígenas passam também a ganhar destaque. Começa com o reconhecimento de pautas, coberturas e análises sobre problemas específicos que afetam esses grupos. Começa quando jornalistas passam a respeitar as mulheres negras e indígenas como fontes qualificadas para ilustrar qualquer tipo de reportagem. Começa quando profissionais da imprensa assumem o propósito de visibilizá-las positivamente por meio de textos, sonoras e imagens na mídia. Começa na medida em que um noticiário plural, promotor da cidadania, da igualdade e da justiça e demarcado pela diversidade de gênero, raça e etnia passa a ser uma meta diária de toda a equipe de Jornalismo.

A equipe de profissionais da revista Raça Brasil, diversa em gênero, etnia e faixa etária, é produtora de conteúdos que cobrem uma diversidade de temas, constatada nas edições analisadas, e na quantidade de matérias especiais presentes nas edições. São tratados sob perspectivas diversas, a questão racial, e as desigualdades que afetam a população negra em diferentes espaços sociais (educação, trabalho, violência), por exemplo. Os temas abordados nas edições são atuais, estão presentes na realidade cotidiana da população, e não recebem atenção ou tratamento por parte da mídia tradicional.

Na produção dos conteúdos veiculados na revista, no corpus analisado, podemos verificar a existência dos critérios elencados por Basthi (2011, p. 38) na produção de conteúdos considerados adequados, nas perspectivas de raça, gênero e etnia, e que deveriam ser presentes nos conteúdos jornalísticos veiculados pela imprensa:

Na prática, essa perspectiva de gênero com recorte de raça e etnia pode ser aplicada a partir da adoção de novos critérios para seleção e produção da notícia, tais como:

- 1) assumir uma postura diversificada na escolha da pauta;
- 2) utilizar critérios de gênero, raça e etnia para escalar a fonte da matéria;
- 3) definir, em caso de situação de risco da fonte, os critérios de abordagem;
- 4) usar uma linguagem na perspectiva de gênero, raça e etnia;
- 5) optar, sempre que possível, por imagens positivas de mulheres negras e indígenas para ilustrar o conteúdo de qualquer notícia digitalizada, impressa, eletrônica ou sonora.

A tabela abaixo demonstra a partir da análise das capas e dos temas das matérias especiais, um exemplo da diversidade existente na produção dos conteúdos, tanto na

escolha dos temas, como nas fontes escolhidas para realizar as matérias. Eles estariam de acordo com o que é proposto por Basthi (2011, p. 42) de que

é preciso incluir, no fazer jornalístico, espaço para as diferentes experiências de desigualdades entre as mulheres (raça, etnia, idade, orientação sexual, etc), ouvir suas vozes nos mais variados campos e dar visibilidade à sua participação como sujeitos ativos na sociedade.

Tabela 8 - MATERIAS DE CAPA E ESPECIAIS RAÇA BRASIL

REVISTA RAÇA BRASIL - DESCRIÇÃO DE COLUNAS					
EDIÇÃO	MÊS	MATÉRIA DE CAPA		ESPECIAL	
		COLUNISTA	CAPA	COLUNISTA	TEMA
175	fev/13	Sandra Almada	Lázaro Ramos	-	-
176	mar/13	Fernanda Alcântara	Ellen Oléria	-	-
177	abr/13	-	Thales Roberto	-	-
178	mai/13	Etiene Martins	Ronaldinho Gaúcho	Uelinton Farias Alves	Especial África
179	jun/13	Amilton Pinheiro	Fabrizio Boliveira	-	-
180	jul/13	Fernanda Alcântara	Gaby Amarantos	Roseli Machado	Especial Racismo no futebol
181	ago/13	Fernanda Alcântara	Nanda Lisboa	Oswaldo Faustino e Celso Santana	Especial Nelson Mandela no Brasil
182	set/13	Fernanda Alcântara e Renato Bazan	Beyoncé	Renato Bazan	Especial Educação dos negros
183	out/13	Mauricio Pestana	Carlinhos Brown	-	-
184	nov/13	Renato Bazan	Cacau Protásio	Renato Bazan	Violência contra jovens negros
185	dez/13	Daniel Keny e Fernanda Alcântara	Personalidades Negras 2013	Daniel Keny	Especial Ditadura (Oswaldão)
186	jan/14	Fernanda Alcântara	Priscila Cideira	Maitê Freitas	Especial Samba
187	fev/14	Maitê Freitas	Preta Gil	Redação	Especial 40 anos do Ilê Aiyê
188	mar/14	Carolina Rossini	Marta	Maitê Freitas	Especial Mulher afetividade
189	abr/14	Mauricio Pestana	Eduardo Silva	Daniel Keny	Especial 50 anos do Golpe de 64
190	mai/14	Maitê Freitas	Dante	Ana Carolina Castro	Especial O negro na Copa
191	jun/14	Ana Carolina Castro	Olivier Anquier e Adriana Alves	Ana Carolina Castro	Especial casais inter-raciais
192	ago_set/14	Ana Carolina Castro	Lupita Nyong'o	Renato Bazan	Especial cracolândia
193	out_nov/14	Fernanda Alcântara	Mariana Nunes	Renato Bazan	Especial o negro na economia
194	dez_jan/15	Fernanda Alcântara	Arlindo Cruz	Daniel Keny	Especial racismo na infância

Fonte: Arquivo pessoal.

A escolha de temas e a abordagem dos conteúdos reflete a preocupação em desenvolver uma apresentação afirmativa e valorativa que contemple a realidade e as demandas da população negra. Trata das questões com uma perspectiva que contempla as necessidades e respeite os valores da população negra, em contraponto aos padrões e estéticas brancas e eurocêntricas veiculados pela mídia tradicional. Com relação as capas das vinte edições analisadas, por exemplo, mulheres negras estão presentes em onze delas. E cabe ressaltar, mulheres que representam toda a diversidade das mulheres negras (tons de pele, estrutura corporal, cabelos, sexualidades) que normalmente não estão presentes em outras publicações (inclusive destinadas ao público feminino). Basthi (2011, p. 34) observa que:

Além de veicular uma visão sexista nas narrativas e imagens jornalísticas, a mídia invisibiliza ou limita a presença das mulheres negras e indígenas em seus conteúdos por meio de práticas racistas e etnocêntricas. Homens e mulheres, profissionais da imprensa, ainda reconhecem o Brasil como o país da democracia racial e resistem em admitir as profundas desigualdades presentes no país como resultado do racismo e do etnocentrismo em todas as esferas da sociedade.

Também podemos perceber na equipe da revista Raça Brasil, a presença de profissionais negros/as em posições de chefia durante toda a trajetória da revista, o que

demonstra a manutenção de uma maior sensibilidade na produção dos conteúdos que são veiculados na publicação. O olhar e a voz de quem é normalmente discriminado, invisibilizado ou representado de maneira negativa e que, portanto, pode entender melhor as expectativas e interesses de seu público leitor. Martins (2016, p.4) a respeito da necessidade de discursos diferentes circularem, em contraponto aos discursos da mídia hegemônica, observa que:

Conseguir tratar abertamente de assuntos que provocam desconforto a uma maioria da sociedade, aquela que é representada pelo discurso hegemônico e de alteridade, é pôr em pauta problemas que a população negra enfrenta em seu cotidiano, sem coloca-los como vítimas, mas buscando uma abordagem mais democrática por parte do jornalismo.

A revista Raça Brasil, na questão de negros em posições de chefia também se destaca, pois durante a sua trajetória teve como diretores/as e editores/as diversos negros/as. Profissionais que representam, na prática do fazer jornalístico, o que é apontado por Basthi (2011, p.41):

Na imprensa brasileira, existem jornalistas, homens e mulheres, empenhados na consolidação de uma imprensa livre, independente e plural. Mas sem a superação das barreiras impostas pelo sexismo, pelo racismo e pelo etnocentrismo não existirá liberdade de imprensa efetiva. É preciso admitir a existência desses fenômenos, saber identificá-los mesmo quando se apresentam sutilmente, e fazer valer o compromisso diário de oferecer um tratamento igualitário na mídia aos homens e às mulheres numa perspectiva de gênero, raça e etnia.

Ramos (2010, p.102) realizou análise dos editores responsáveis pela revista Raça Brasil desde o seu lançamento em 1996 até o ano de 2009 (totalizando 139 edições). Cabe destacar que neste período quatro editores eram homens e quatro eram mulheres; do total dos editores, a maioria eram negros/as (seis). A partir da edição 175, a publicação passa para Pestana e Arte, e temos a seguinte distribuição de editores (anexos 35, 36) :

- Christiane Gomes: 2 edições (176 a 178)
- Roseli Machado: 2 edições (179 a 180)
- Fernanda Alcântara: 14 edições (181 a 194)

A partir da edição 175 (fevereiro de 2013), ocorre uma mudança na equipe. Porém, há a manutenção da diversidade, de gênero, etnia e faixa etária. Pode-se perceber a existência de um equilíbrio de gênero, com uma marcante presença feminina, entre os colaboradores (anexo 37).

Outra característica importante é a presença de jornalistas jovens, o que permite conciliar experiência e juventude no desenvolvimento dos conteúdos. Permite também a

possibilidade de formação de novos profissionais com uma sensibilidade para a abordagem da temática racial nos conteúdos produzidos e veiculados na revista (anexo 38).

Ter a equipe formada por profissionais de diferentes faixas etárias e experiência também possibilita a ocorrência de uma maior identificação e aceitação da publicação pelo público leitor, conforme descrito por Corrêa (2009,p.14)

Há quem defina revista como "uma história de amor com o leitor". Ou seja, enquanto o jornal tem sempre em mira uma platéia heterogênea e sem rosto, a revista busca estabelecer vínculos de intimidade com o leitor, entretecendo uma teia que une não só a equipe produtora ao público receptor, como os leitores entre si, fazendo com que eles se sintam pertencentes a um grupo, ou melhor dizendo, a um clube seletivo ao qual só têm acesso aqueles que compartilham dos mesmos valores.

Uma relação de intimidade que está declarada desde o primeiro número da revista, já no título do editorial escrito por Aroldo Macedo que dizia: “essa é pra você!”.

A busca por retratar os profissionais atuantes na revista Raça Brasil deveu-se pelo interesse de buscar ter conhecimento a respeito dos impactos que a atuação de cada um/a, promove sobre si mesmo: qual a visão pessoal de cada um/a respeito da questão racial? Quais as experiências vivenciadas na perspectiva racial, considerando que sendo negros também podem ter sofrido racismo, e de que modo isso influenciaria a produção de seus trabalhos? Teriam motivações e interesses de intervir na realidade por meio de sua atuação profissional? Quais as suas referências profissionais? Quais as suas opiniões sobre a revista, bem como sobre o tratamento da questão racial pelos profissionais e pela esfera da comunicação social brasileira? Conhecer um pouco da história de quem fez a história da revista Raça Brasil.

3.4.1. Aroldo Macedo.

“Carioca de Botafogo, nascido em mil novecentos e bolinha, nem pouco nem tanto. Vivi a minha adolescência em Vila Isabel, fui para Copacabana, tomei vários chopes no Garota de Ipanema, dei uma parada em São Paulo e depois ganhei o mundo”. Assim se inicia o perfil traçado por Aroldo Macedo sobre sua biografia, e que está registrado no site do Grupo Editorial Summus, do qual é um dos autores. A auto-descrição prossegue: *“diplomado engenheiro civil, de uma hora pra outra virei modelo, fotógrafo, produtor cultural, videomaker, editor de revistas, escritor e um mestre-cuca razoável”.* A respeito de sua atuação na criação da Revista Raça Brasil, projetos e hobbies, Aroldo declara: *“Criei a revista Raça, que ajudou a mudar a cara do Brasil e um projeto infantil chamado*

Luana e sua turma. Hoje sou maratonista – já corri umas quinze, mas ainda dou minhas cacetadas numa boa cachaça. Adoro um boteco”.

A experiência profissional de Aroldo Macedo nos Estados Unidos, segundo seu depoimento para esta pesquisa, contribuiu para que pudesse perceber o enfoque adequado para uma revista voltada para a população negra brasileira. Quais as semelhanças e diferenças existentes entre a população negra brasileira e a população negra americana, que deveriam ser consideradas no desenvolvimento da publicação. Aroldo declara:

Exatamente por entender que tanto os negros daqui quanto os de lá, embora viessem do mesmo continente de origem, lidavam com problemas diferentes, tanto históricos quanto culturais. As características do racismo, no meu entendimento, também são totalmente diferentes. Aqui se pratica a discriminação racial mais difícil de se combater por se adotar a “política das exceções”: Ah, mas tem o Pelé... Ah, mas tem a Glória Maria, Ah, mas...e com isso tenta se esvaziar o discurso. O avanço passa a ser individual. Não é o grupo que avança e conquista. Então, ao meu ver, tem que se usar a ginga da capoeira para lidar com o racismo no Brasil: finge que vai, mas não vai e deixa o pé no caminho pro tombo do oponente...E isso foi utilizado para a criação da revista Raça Brasil.

Na época de lançamento da Revista Raça Brasil (segundo semestre de 1996), também estavam sendo lançadas outras publicações dirigidas ao público negro, conforme registrado por Denise Mota, em reportagem veiculada no jornal Folha de São Paulo:

Duas revistas voltadas para o público negro chegam ao mercado editorial brasileiro.

"Raça Brasil", com lançamento previsto para 2 de setembro pela editora Símbolo, e "Azzeviche", lançada no final de julho pelo Centro de Estudos e Cooperação Brasil-Continente Africano e Diáspora, são publicações segmentadas para os negros, mas não querem se tornar revistas "de gueto".

"Queremos apenas divulgar tudo o que acontece na comunidade afro-brasileira", diz Luiz Eduardo Oliveira, editor de "Azzeviche".

"O objetivo é trazer conteúdo editorial de interesse, sem levantar bandeiras. O negro não precisa mais pedir espaço", diz o editor de "Raça Brasil", Aroldo Macedo. "Raça Brasil" pretende priorizar as reportagens de serviço e perfis com negros de destaque na sociedade, mas também vai trazer reportagens de turismo, moda, comportamento, beleza, esporte e cultura. A revista será mensal, com tiragem de 200 mil exemplares".

"Pelo menos 10% da população negra brasileira tem renda familiar acima de 20 salários mínimos. Como não existem revistas voltadas para esse público, tivemos a ousadia de planejar uma tiragem alta", afirma Macedo.

Para definir com precisão o perfil dos leitores, o primeiro número de "Raça Brasil" vai trazer um encarte de pesquisa. A revista carioca "Azzeviche" foi lançada apenas em bancas de jornais e institutos culturais do Rio de Janeiro, mas deve começar a ser distribuída em São Paulo até o final deste mês.

Cartilha

Desenvolvida pelo Geledés-Instituto da Mulher Negra, a revista "Fala, Preta" traz informações direcionadas para a comunidade negra, com enfoque educacional.

"Fizemos uma cartilha para os jovens em formato de revista, com textos sobre sexualidade e racismo", explica Edna Roland, coordenadora do instituto.

A revista, com tiragem de 3.000 exemplares, não está nas bancas, mas pode ser retirada gratuitamente na sede do Geledés. O primeiro número aborda temas como gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis e namoro entre brancos e negros.

A revista Raça Brasil, em relação às demais publicações lançadas na mesma época e voltadas ao público negro, apresenta objetivos mais ambiciosos. Além de contar com uma tiragem bastante superior às demais publicações, estaria mais acessível ao público leitor em virtude de sua distribuição em bancas (em nível nacional, em virtude da estrutura editorial do Grupo Escala), o que contrasta com a limitada disponibilidade das outras publicações, tanto em capacidade de distribuição, como em quantidade de exemplares. No que se refere a maneira de relacionar-se com o seu público leitor, elabora estratégias de diálogo, como a pesquisa encartada na edição, permitindo descobrir e atender aos temas de interesse do público leitor, diferentemente das outras publicações, que apresentam um enfoque mais voltado à divulgação de eventos e orientações de caráter educativo em alguns temas. Questionamos a Aroldo Macedo qual era a razão da aceitação da revista Raça Brasil pelo público leitor e quais seriam os motivos que fizeram da publicação um sucesso, em relação as outras publicações lançadas no mesmo período e que não obtiveram o mesmo desempenho: *Qualidade editorial, conteúdo e profissionalismo. A Raça colocou o negro no centro do palco e lhe ofereceu a cada mês uma edição cada vez melhor*", destaca Aroldo Macedo.

Aroldo Macedo afirma na reportagem de Denise Mota, citada anteriormente, que a Raça Brasil não tinha a intenção de levantar bandeiras, porém muitos dos temas tratados na publicação (como religiosidade afro-brasileira) eram normalmente ignorados ou tratados inadequadamente em outras publicações. E no depoimento concedido, quando perguntado sobre como era tratar de temas de interesse da população negra, ausentes em outras publicações de modo adequado, Aroldo Macedo responde: *"era só falar para as necessidades e demandas de desejos reprimidas por 59% da população do Brasil"*.

A Revista Raça Brasil foi destaque também na imprensa internacional, logo após o seu lançamento. A jornalista Cláudia Trevisan, correspondente em Nova York do Jornal Folha de São Paulo (em texto publicado em outubro de 1996), comenta a entrevista de

Aroldo Macedo concedida ao jornal americano The New York Times, “em um texto de seis colunas publicado no alto da página A13”. Intitulado “*Raça Brasil* ganha destaque no jornal New York Times”, na introdução do texto, a correspondente ressalta que “*Raça Brasil*”, a primeira revista brasileira dirigida ao público negro, foi tema de uma grande reportagem publicada ontem pelo jornal The New York Times, na qual era destacada a importância da revista Raça Brasil: “o lançamento de *Raça Brasil* é o primeiro passo do mercado editorial para reconhecer os 60% da população brasileira formados por negros ou mestiços”. Cláudia Trevisan destaca:

Na entrevista que deu ao "The New York Times", o editor da "Raça Brasil", Aroldo Macedo, afirmou que o sucesso da revista derrubou três mitos do mercado editorial brasileiro: o de que os negros têm pouco poder aquisitivo, o de que têm vergonha de sua raça e o de que uma revista para negros jamais seria um sucesso de vendas.

(...) É como se esses 90 milhões de pessoas fossem invisíveis, disse Aroldo Macedo. E acrescentou: Não apenas para revistas, mas também para a publicidade, a moda, os filmes, todos os setores da mídia.

(...) Segundo a reportagem, o objetivo declarado da revista é levantar a auto-estima dos negros.

O primeiro número, de acordo com o texto, foi dedicado à música de grupos baianos de percussão, a casamentos entre pessoas de raças diferentes e às manifestações do candomblé.

O jornal detalha que a revista também tem textos sobre moda, cabelo e maquiagem; artigos sobre o orgulho de ser negro; e entrevistas com negros bem-sucedidos na sociedade.

A globalização já começava a promover mudanças nos padrões de consumo em várias partes do mundo. Perguntamos a Aroldo Macedo se, na sua opinião, a Raça Brasil ajudou a promover uma mudança nos padrões de consumo (e inclusão) da população negra brasileira: “*acho que foi um facilitador. A revista Raça mostrou ao negro que ele é bonito, poderoso e tem dinheiro para gastar. Mas também revelou que ele é importante e deve ser valorizado*”, foi a resposta de Aroldo Macedo.

A condição de invisibilidade e exclusão da população negra foi um tema bastante presente nas edições iniciais da revista. Aroldo Macedo, no editorial da edição número 3, de novembro de 1996, destaca:

Que mudança é essa? Sem alarde, sem aviso, os negros trataram de ocupar espaço e conquistar, na prática, o que o movimento negro sempre almejou ver: ver os negros em movimento. Vencendo o preconceito no cotidiano. Conquistando cargos. Tendo acesso a bens, serviços e posições que eram negados.

(...) RAÇA BRASIL quer ser mais um símbolo dessa consciência. Quer estar ao seu lado para abrimos juntos as comportas dessa enorme represa formada pelo nosso povo. Quer ajuda-lo a enfrentar o futuro, a navegar nesses novos mares. Os ventos estão a favor.

Não há mais um único Zumbi. Há, isso sim, um Zumbi em cada um de nós, formando esse novo momento: o dos negros em movimento.

ZUMBI VIVE!
SALVE ZUMBI!

Aroldo Macedo destaca em seu texto a necessidade de mobilização e conscientização da população negra, para a transformação de sua realidade, e considera a revista Raça Brasil como um aliado para o alcance destes objetivos. Evoca a memória de Zumbi, e sugere que seu exemplo seja assumido por cada negro na atualidade, criando um novo momento, que ele intitula de “negros em movimento”. Cabe destacar que militantes e organizações do Movimento Negro estiveram presentes em matérias na revista, sejam como colaboradores ou como entrevistados. Em seu depoimento a esta pesquisa, quando questionado a respeito de como era sua relação com o Movimento Negro (que era muito crítico com a revista e seu posicionamento comercial), Aroldo Macedo observa que:

Bem esse é um ponto interessante. Muito se falou, por anos, que éramos excluídos do mercado consumidor e agora alguns reclamaram que a revista Raça falava de consumo. Sempre se questionou que o negro não era valorizado nos comerciais, nos programas de TV, sempre ocupando uma posição subalterna nas novelas e no cinema. E, esse entendimento, na verdade, vinha dos anunciantes e das agências de publicidade que diziam que o negro era pobre e fora da faixa de consumo. Quando a Raça, prova que em vez de miseráveis como sempre nos classificaram e demonstrando por números irrefutáveis que somos uma parcela gigantesca na classe média (em 1995 éramos 5.4 milhões contra 7. 1 milhões de brancos, quase um empate técnico), é lógico que isso vinha no contra fluxo do pensamento do Movimento Negro que comprava a ideia estabelecida pelo sistema. Então, alguns dos militantes do MN preferiam sentar em suas mãos a ter que aplaudir a chegada da revista Raça. O que acho que foi uma grande bobagem, porque devemos, em vez de nos dividirmos, buscarmos a compreensão mútua e respeitar uns aos outros, as nossas posições e opiniões.

O Movimento Negro sempre teve o meu respeito na sua luta, mas discordo na sua abordagem crítica sobre a revista Raça. Soava como se a Raça despolitizasse, descaracterizasse, a questão racial no Brasil. A revista era absolutamente política, ela só não gritava ou chorava. Ela pulou essa etapa.

Se você insiste no discurso ultrapassado de um exclusivo posicionamento político para dar um norte para a questão negra e despreza a questão real de mercado e mudança na cultura da imagem imposta pelo sistema branco, você estará, com certeza, fadado ao fracasso. Não vai nem conseguir dialogar com quem é de direito. Não vai encontrar eco, a não ser entre seus pares que pensam igual a você.

A reportagem de Cláudia Trevisan, publicada na Folha de São Paulo e citada anteriormente, faz referência aos impactos do lançamento da revista Raça Brasil na

sociedade brasileira, sendo um deles a promoção da discussão da questão racial por meio da imprensa, e a denúncia da inexistência de uma democracia racial no Brasil:

a reportagem afirma que a questão racial é um ponto delicado no Brasil. Segundo o texto, as relações cordiais entre as raças e os raros crimes de caráter racial contribuíram para a formação da imagem do país como uma "democracia racial". Mas o jornal acrescenta que são raros os negros que ocupam cargos de destaque no governo e na direção de empresas e que, na opinião de muitos, a "democracia racial" é um mito.

Desconstruir o mito da democracia racial era um dos objetivos do Movimento Negro. Questionamos a Aroldo Macedo se em sua opinião a revista Raça Brasil contribuiu com este objetivo, demonstrando por meio dos temas e conteúdos veiculados em suas edições que as relações raciais no Brasil não eram harmoniosas. Aroldo Macedo responde:

Quando mais de duas mil publicações nas bancas de jornais não falavam uma linha para a maioria da população do Brasil e somente uma revista cumpria essa função, já fica provado que a relações no Brasil eram desiguais. Quando a Raça desconstrói o mito de que o negro é feio e pobre, ela restabelece a verdade que era invisível por séculos, criando um movimento fundamental de elevação de auto-estima. Isso é o que eu considero negros em movimento...

A revista Raça Brasil permaneceu durante muitos anos como única publicação destinada a população negra. Em comparação a outras publicações da história da imprensa negra, a revista Raça Brasil é uma das que permaneceu em atividade por mais tempo. Perguntado sobre qual seriam, em sua opinião, os motivos da longevidade da revista, que durante 19 anos foi referência na mídia como uma publicação da imprensa negra no formato impresso, Aroldo Macedo responde:

Medo. Infelizmente, o medo de fracassar, o medo de competir, fez que não surgisse outra revista à altura da Raça e permitiu com isso a sua longevidade. Embora tivéssemos aberto uma janela e várias portas, ninguém se aventurou a fazer uma outra revista com uma nova abordagem talvez. Se perdeu uma grande oportunidade de realmente se criar uma poderosa imprensa negra. Às vezes, é mais fácil criticar do que ir lá e fazer...

A longevidade da revista Raça Brasil parece comprovar a sua importância para a imprensa negra contemporânea. A este respeito, perguntamos a Aroldo Macedo qual era a sua opinião, e ele respondeu: *“acho que a revista foi muito importante para a imprensa de um modo geral, e isso encontra eco na declaração do Alberto Dines, respeitável jornalista, que disse ser a revista Raça Brasil o maior fenômeno editorial dos últimos vinte anos”*.

Perguntado sobre a importância da Revista Raça Brasil na sua carreira, Aroldo Macedo responde:

A revista Raça Brasil me ofereceu um aprendizado incalculável, uma rara oportunidade de trabalhar no que eu gostava, com infundáveis desafios, dogmas e estigmas quebrados e ainda permitiu que eu ajudasse a criar um divisor de águas no Brasil na questão étnica racial tipo “antes e depois da Raça Brasil”. Quer queiram ou não, gostem ou não, depois da revista, passou a existir um “novo negro” aos olhos de todos os brasileiros.

A resposta de Aroldo Macedo, sobre a importância da revista Raça Brasil para a sua carreira, revela também a importância da publicação para a construção de uma nova visão sobre a identidade negra brasileira, e também afrodiáspórica. A revista Raça Brasil tornou-se não apenas uma referência no mercado editorial, mas também um espelho a refletir a negritude brasileira de forma afirmativa, valorizada e contribui para a promoção da assunção de um orgulho de ser negro entre os seus leitores. Esta consequência concorda com a proposição de Ferreira (2005, p. 109), a respeito da construção de referenciais de memória, e os seus impactos:

Construímos as referências que constituirão a memória e as construções coletivas mais estabilizadas, como as crenças e tradições, nas interações cotidianas, nas práticas discursivas em que nos engajamos, nas narrativas que permeiam os diálogos que mantemos com nossos interlocutores, nos textos que lemos e escrevemos, nas imagens com que interagimos. Da mesma forma, nessas situações podemos também desestabilizar as referências construídas e produzir mudanças.

Finalizando a entrevista com Aroldo Macedo, peço para que ele faça uma auto-análise sobre sua atuação profissional, suas realizações e em particular, o que fora a experiência de desenvolver um projeto editorial como a Revista raça Brasil. Seus projetos, (novos e atuais), resumidamente. Aroldo Macedo por Aroldo Macedo. E Aroldo Macedo finaliza respondendo: “*é, Aroldo... De longe tudo parece ser fácil...*”

3.4.2. Fernanda Alcântara.

É mestrandia em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP), possui graduação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2011) e experiência em Jornalismo e Editoração. Atuação em grupos de ativismo sociocultural, com especialização em questões étnico-raciais e movimentos sociais. Estas informações estão disponibilizadas no site de buscas “Escavador”, e é um resumo do perfil de Fernanda Pestana, jovem jornalista que participou do grupo de profissionais com atuação na produção da revista Raça Brasil.

Em seu depoimento para esta pesquisa, perguntada a respeito de como ocorreu a sua aproximação e como iniciou a sua atuação na revista Raça Brasil, Fernanda Alcântara respondeu o que segue:

Eu comecei na revista Raça Brasil em 2012, logo com a matéria sobre a decisão definitiva sobre a legalidade das cotas raciais pelo STF. Eu já acompanhava a revista havia muito tempo pois meu pai, Maurício Pestana, era Diretor-Executivo. Como o conteúdo era produzido pela Editora Escala e eles tem uma política bastante rígida a respeito de nepotismo, eu não podia trabalhar lá. Mas, enfim, fiz uma ou outra colaboração entre 2012 e 2013 e em 2014, quando o conteúdo passou a ser criado pela Pestana Arte & Publicações, assumi como Editora-Assistente e posteriormente como Editora-Chefe.

Na edição 167 da revista Raça Brasil, de junho de 2012, Fernanda Alcântara assina em parceria com o advogado Hédio Silva Jr. - Doutor em Direito Constitucional e Mestre em Direito Processual pela PUC-SP, **ex**-consultor na Secretaria Especial de Políticas e Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR), na Unesco e no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) - uma matéria sobre a aprovação da política de cotas pelo Supremo Tribunal Federal (anexo 39). Questionamos sobre qual foi o sentimento que ela teve, por estar participando deste momento histórico, tratando de um tema de fundamental importância para a população negra brasileira:

Foi uma honra para mim. Primeiro porque eu havia me formado um ano antes, ainda estava naquela animação pós-faculdade e não havia publicado ainda em uma revista de grande porte, ainda mais com alguém tão renomado e importante como o Dr. Hédio Silva Jr. Além disso, o fato era histórico porque eram a prova definitiva que as cotas raciais não somente eram necessárias como estimulavam os alunos a terem boas notas e melhoravam o quadro de afrodescendentes na universidade. Foi muito bom colocar todas estas informações em perspectiva, principalmente para os mais jovens que já começavam a sonhar com a possibilidade de entrar neste universo universitário e acadêmico.

Fernanda Alcântara desempenhou diversas funções na revista Raça Brasil: atuou como colaboradora, repórter, editora-assistente, editora-chefe. Em cada uma destas funções, teve de lidar com temas importantes, tais como educação e violência (anexo 40), que são permeados pelo racismo (de diferentes formas), e onde a população negra enfrenta histórica e persistente situação de desigualdade, em relação à população branca. Perguntada sobre como era tratar destes temas nos conteúdos produzidos e veiculados na revista, considerando que eles não têm visibilidade ou não recebem na mídia tradicional uma abordagem adequada, Fernanda Alcântara responde:

Quando comecei a participar ativamente da revista, em 2014, sempre tive muito claro que tínhamos que ser muito mais do que uma revista

de estética negra. Embora seja sempre bom incentivar a auto-estima do afrodescendente no Brasil, queríamos dar algo novo e jornalístico à revista, fazer reportagens que a grande mídia sempre fez com o viés do privilegiado. Começamos a tocar em assuntos que incomodavam com a perspectiva do negro, de quem realmente vive aqueles problemas cotidianamente. Então tínhamos por exemplo os 10 anos da implementação da Lei de Diretrizes e Bases 10.639 e nenhuma revista iria falar sobre isso, então começamos a provocar; o tema do genocídio da juventude negra, sempre presente em discussões do movimento negro, não vai ser debatido nem por veículos da esquerda, porque não interessa a eles, e mesmo quando interessa, eles não sabem muito sobre o assunto. Então a Raça de 2014-2015 passou a colocar estas pautas para fora, para que as pessoas que ainda se baseiam na agenda nacional para a discussão, colocassem estes assuntos em suas rodas de conversas também.

A Revista Raça Brasil é uma publicação que possui uma grande diversidade em sua equipe editorial, com a presença de muitos jornalistas e colaboradores negros, mulheres em posições editoriais, e também com profissionais jovens e experientes atuando juntos. Em 2014 Fernanda Alcântara acumula a função de diretora executiva com a função de editora-chefe. Perguntamos a respeito de como foi estar em uma posição de liderança em uma publicação que na sua estrutura editorial é diferente das empresas de comunicação tradicionais, onde a diversidade (racial e de gênero) dos colaboradores é reduzida?

Dirigir e editar uma revista dimensão da Raça sempre foi um dos maiores desafios que um jornalista poderia ter, não só pela diversidade entre seus próprios colaboradores, mas também pelas múltiplas opiniões, ideologias e experiências pessoais que cada um trazia para dentro da redação. Como editora, sempre procurei fazer reuniões de pauta e conversar individualmente e em grupo, porque acredito que o contato com realidades diferentes traz riquezas não só para a empresa, mas para cada um dos membros. Era neste espírito de interação que a Raça funcionava: não era somente ordens de baixo para cima, cada um tinha a liberdade de criar sua própria pauta e trazer a discussão para um grupo, com peso e medidas iguais, pois não adianta você pregar a igualdade sem fazer com que ela não seja exercida internamente. Assim, as ideias de uma pessoa não se sobressaíam sobre a de outra, mas se complementavam.

No texto do editorial da edição 191, de junho de 2014, Fernanda Alcântara afirma: *“mas a Revista Raça, única voltada ao público negro que atinge todo o território nacional, não pensa assim, e bateu seu recorde nas redes sociais quando noticiou que Lupita é, para a People e para nós, a mulher mais linda do mundo.”* Como era o desafio de ter a revista em diferentes plataformas (versão impressa, site e redes sociais – anexo 41) e a gestão de produção e manutenção de conteúdo destes diferentes espaços? Fernanda Alcântara responde:

Pessoalmente, acho que esse era um dos maiores desafios da revista, porque são linguagens e públicos muito diferentes. Quando você pensa em McLuhan em *Os Meios de Comunicação Como Extensão do Homem*, cujo mote seria “o meio é a mensagem”, fazemos um exercício de que era necessário o dobro ou o triplo da redação que tínhamos para conseguirmos trabalhar bem a Raça em todas as plataformas, o que nunca aconteceu como o planejado. Eu mesma tinha muitas idéias sobre marketing que não conseguia implantar por falta de mãos para encaminhar isso, enquanto fechava a edição anterior e coordenava a equipe. O caso da Lupita, por exemplo, era algo que estava muito presente nas redes sociais, mas no impresso não surtiu tanto impacto. Eu não tinha acesso aos relatórios do site, das redes sociais, e muitas vezes nem mesmo do número de vendas das revistas impressas, então era como dirigir no escuro. Somente na reta final, com a revista passando a ser bimestral, que conseguimos um fôlego extra para conseguir dar mais atenção às redes, e só esta atenção já criou uma dinâmica totalmente diferente para as redes, em especial o Facebook. Hoje posso dizer com certeza que teria feito muito mais neste departamento, assim não teriam como modificá-lo como o fizeram em 2016.

Perguntamos a Fernanda Alcântara a respeito da importância da Revista Raça Brasil para a imprensa negra contemporânea:

Eu sempre acreditei na importância da Raça, principalmente por sua amplitude nacional e sua marca estabelecida. É foi a primeira revista de grande porte a acompanhar as principais pautas do movimento negro, ditar regras para a imprensa racista brasileira e tocar em assuntos importantes não só para os afrodescendentes, mas para a população em geral que ainda não discute seu racismo estrutural e estruturante. Mais do que um catálogo de moda, a Raça foi uma revista de luta maior do que eu, Pestana ou qualquer editor/diretor que a tenha. Algo que costumo dizer em palestras é que cada negro neste país faria uma Raça totalmente diferente, mas era isso que a revista fazia: não tentava ser uma revista para um setor específico, mas um referencial para uma sociedade que não precisasse mais de imprensa negra. Infelizmente ainda temos uma imprensa branca e elitista, e com os retrocessos recentes, precisamos cada vez mais de não uma nem duas “Raças”, mas de todo um segmento.

Qual a sua opinião sobre a importância da Revista Raça Brasil na sua carreira? A esta pergunta, Fernanda Alcântara responde:

A Raça para mim foi um incrível laboratório, eu pude vivenciar as dificuldades de se fazer jornalismo e aprender a conviver harmoniosamente (ou pelo menos tentar) com pessoas de diferentes personalidades. Me proporcionou também muitas palestras e uma outra perspectiva de como esta geração do movimento negro pensa e age. Por ser mulher e jovem mesmo dentro de movimento que luta por igualdade, enfrentei muitos olhares de reprovação, muita gente espalhando mentiras e deturpando conversas. Ter o sobrenome Pestana teve um peso muito grande, muitos me conheciam desde pequena e não me davam credibilidade por isso ou mesmo me julgavam como sidekick (termo dos quadrinhos para um companheiro próximo de um

personagem importante, geralmente considerado como um subordinado ou ajudante, e isso acabou até prejudicando minha carreira, pois a Raça foi muito mais “sangue e suor” e, no final, o Pestana já não participava do processo da revista.

Mas, enfim, foi uma experiência de fundamental importância pessoal e profissional, disso não há a menor dúvida.

Encerrando seu depoimento a esta pesquisa, pedimos que fizesse uma auto-avaliação: Fernanda Alcântara por Fernanda Alcântara:

Jornalista, editora, virginiana de Iansã. Que não consegue lidar com qualquer tipo de preconceito, que não pode calar-se diante de qualquer injustiça (ou aula). Ama estudar e tem a liberdade como o valor mais precioso do ser humano.

3.4.3. Flávio Carrança.

Flávio Carrança é um experiente jornalista, com quase quatro décadas de atuação profissional. Desempenhou diferentes funções, na área de comunicação. Em seu perfil no site da revista Persona, está informado:

É coordenador da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira SP) do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, do qual é diretor. Formado pela Faculdade Cásper Líbero em 1980, é atualmente editor chefe da revista Angola Yetu, do Consulado de Angola em São Paulo. Foi repórter, redator, chefe de reportagem e editor chefe do Departamento de Jornalismo da Rádio Cultura de São Paulo; foi também subeditor do Diário Rural da TV Bandeirantes, diretor de redação da revista “Pode Crê!”, editor de reportagens na rádio Eldorado e repórter no jornal Diário Popular. Publicou pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo o livro Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro – coletânea organizada em parceria com a jornalista e professora Rosane da Silva Borges.

A preocupação de Flávio Carrança com a promoção da discussão e tratamento da temática racial pelos profissionais da imprensa é uma constante. Isto pode ser constatado a partir da análise do texto de sua autoria, publicado na Revista Persona em outubro de 2016, intitulado As torres gêmeas e a igualdade racial entre os jornalistas: “*A preocupação era atuar no sentido de aumentar a presença de negras e negros nesse mercado de trabalho e também acompanhar e, na medida do possível, contribuir para melhorar a cobertura jornalística dos temas de interesse para a população negra.*” E não é consensual entre os jornalistas a forma como esta luta deve ser travada (se só por negros ou se por todos os profissionais). Perguntamos a Flávio Carrança o que dificulta, em sua opinião, a unidade na luta contra o racismo na imprensa brasileira?

Sim, acho que você tem razão, que não há consenso sobre como atuar com relação à questão racial na imprensa, até por que há pouca reflexão sobre o assunto e também pouca ação. Aliás, talvez as coisas estejam

ligadas. Outra coisa que acho que dificulta é o pequeno número de profissionais negra(o)s atuantes no jornalismo, o que aliás é parte importante do problema. Fora isso, entre os que estão no mercado poucos se aproximam, por exemplo do sindicato dos jornalistas, o que também pode estar ligado a uma certa dificuldade dos poucos ativistas dispostos a trabalhar com essa questão em dialogar com a categoria e obter retorno. Existe ainda entre muitos jornalistas uma ideia de que o sindicato não tem utilidade e imagino que esse é um fator que desestimula a aproximação.

Por outro, reparo que existem negras e negros jornalistas que têm consciência da questão racial mas produzem conteúdos em canais de comunicação independentes, dentro dos quais não há vínculos empregatícios que justifiquem vínculos com o sindicato dos jornalistas e isso dificulta naturalmente uma unidade. Algumas dessas pessoas estão na Frente de Mídias Negras³⁴.

O fato é que vivemos um período muito difícil para as empresas de jornalismo e na categoria dos jornalistas. Há uma redução no tamanho das redações no quadro de uma mudança ainda não definida no modelo de negócio, situação que, me parece, torna mais difícil a construção de uma política de promoção da equidade racial para a categoria. No sindicato aqui de São Paulo, pretendemos fazer ainda este ano um seminário para discutir de propostas de que construção de equidade nas empresas do jornalismo a serem negociadas, mas estamos apenas começando. Vamos ver se dá certo.

Bom, tentei esboçar o que consigo ver, certamente existem outras variáveis e o tema permite mais reflexões, mas por enquanto fico por aqui.

A análise feita por Flávio Carrança demonstra as dificuldades que profissionais atuantes na área de comunicação enfrentam, em particular os profissionais negros. Dentre as destacadas por ele, a consciência da necessidade de mobilização e engajamento dos profissionais para o adequado tratamento da temática racial, a articulação e fortalecimento sindical, o estabelecimento de parcerias e ações coletivas. O tratamento de questões éticas e políticas que promovam uma maior presença e influência de profissionais negros nas empresas e veículos de comunicação. Neste sentido Ferreira (2005, p.108) destaca que:

É preciso que se considerem os aspectos éticos e políticos da construção da memória. Se esta pode ser vista como uma conquista, é preciso que a reconheçamos também como objeto e instrumento de poder. Da mesma forma, a representação identitária implica um afrontamento de forças (...)

Em seu texto, anteriormente citado, Flávio Carrança destaca:

Foi como resultado desse consenso, que surgiu o nome de Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial, resumido na sigla Cojira, uma

³⁴ **Frente de Mídias Negras** – A Frente de Mídias Negras é formada por portais, sites, blogs e organizações do movimento negro e que conjuntamente criam um bloco de informações e discussões sobre os assuntos relevantes dentro da e fora da comunidade e tendo como foco principal o combate ao racismo e a construção de uma sociedade justa e livre de preconceitos e desigualdades. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/midiasnegras/about/?ref=page_internal

sugestão de Paulo Vieira Lima. Em julho de 2001, foi publicado no site do sindicato um manifesto assinado por Amélia Nascimento, Benedito Egydio dos Santos, Esmeralda Ribeiro, Flávio Carranço, Francisco Soares, Maurício Pestana, Oswaldo de Camargo, Oswaldo Faustino, Paulo Vieira Lima, Ricardo Alexino Ferreira e Ronaldo Junqueira.

Questionamos a Flávio Carranço qual era, na sua opinião, a importância da COJIRA para os jornalistas negros e para o tratamento dos temas de interesse da população negra na imprensa brasileira:

Acho que a importância da Cojira de São Paulo foi principalmente ter levantado publicamente essa reflexão, que depois foi replicada e ampliada por jornalistas de outros sindicatos do país. Entendo a difusão dessa discussão, por diversos meios, ampliou a consciência de muita gente sobre a questão, embora não seja claro o único fator nem mesmo o mais importante. Acho que o fator decisivo para alterar o referido tratamento tem sido certa mudança na maneira como a sociedade brasileira encara a questão racial, um desgaste do mito da democracia racial, embora não se possa afirmar, é claro, que mudou radicalmente a situação.

Flávio Carranço destaca em seu texto a necessidade de tratamento da temática racial pelos profissionais da área de comunicação, por meio da criação de uma instância institucional:

Com algum atraso, nós jornalistas seguíamos o exemplo dos sindicatos, federações e centrais que anos antes constituíram instâncias de combate ao racismo. O núcleo inicial que realizou esse debate era formado por profissionais experientes, que tinham em comum a vivência de muitos anos em diversas redações e graus variados de proximidade com o movimento negro.

Observamos que muitos dos profissionais presentes na formação da COJIRA fizeram parte, em algum momento, da equipe de colaboradores da Revista Raça Brasil. Perguntamos a Flávio Carranço se a atuação desses profissionais na revista contribuiu para a sua participação na criação e atuação na COJIRA:

Não sei dizer se foi a atuação da revista. Acho que foi importante o fato de ela contar com muitos jornalistas negros entre seus colaboradores, tornando-se então um espaço onde essas pessoas se encontravam, e se conheciam, o que possibilitou a alguns estarem presentes na criação da Cojira; caso também, na época, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, que tinha muitos jornalistas negros, vários dos quais participaram da formação da Cojira. Nesse caso, da Imesp, se bem me lembro, havia uma proximidade anterior de alguns desses jornalistas com o sindicato.

Perguntado sobre como ele avaliava a relação do Movimento Negro contemporâneo com as organizações como a COJIRA, por exemplo, na luta antirracista no Brasil na esfera da comunicação social, Flávio Carranço destaca que:

Não se deve superestimar a Cojira SP. Ela não é uma ONG nem um departamento, não tem institucionalidade. Tem períodos de maior atuação e outros em que praticamente inexistente. Acredito que por isso mesmo tem presença pouco marcante em muitas ações do movimento negro, apesar de alguns de seus integrantes terem certo destaque nos diversos campos em que atuam, inclusive no movimento negro, mas não especificamente enquanto representantes da Comissão.

Rita Homero e Flávio Carrança produziram a reportagem intitulada “Ponha a cara na mídia” (anexo 42), e publicada na edição 35 da Revista Raça Brasil, em julho de 1999. Nesta matéria, o espaço do negro na indústria da moda, em particular atuando como modelos, foi destacado. Perguntado se constatava a ocorrência de mudanças relativas as oportunidades para os negros neste segmento desde então, Flávio Carrança responde: *“não sou um estudioso do assunto, tenho uma percepção de que o espaço vem aumentando, como aliás em diversos campos, mas nada de muito significativo levando a conta o peso da população negra no conjunto da população do país”*.

Flávio Carrança, em texto publicado na Revista Raça Brasil, edição 122, em maio de 2008, intitulado “População negra e jornalismo” (anexo 43), faz a seguinte afirmação *(...) a regra das grandes redações do país era e continua sendo uma presença extremamente reduzida de jornalistas afro-descendentes. Será que isso tem consequências negativas na cobertura de temas de interesse da população negra”*. Refletindo a respeito desta situação, questionamos se ele constatava alguma mudança e como analisava a presença e atuação dos jornalistas negros na imprensa contemporânea:

Não tenho números, mas penso que essa presença vem aumentando, como acontece aliás em vários campos de atividade que exigem formação superior. Existem alguns apresentadores, repórteres, mas no geral nada mudou significativamente. Uma coisa importante para se ter essa medida seria a implementação do quesito raça/cor nos cadastros das empresas que contratam jornalistas e, claro, a divulgação dos dados. Isso permitiria ter uma visão mais precisa dessa presença e um melhor equacionamento da questão.

Perguntamos a Flávio Carrança se, em sua opinião, a temática racial ainda continua sendo tratada de modo inadequado pelos jornais brasileiros e como ele acreditava poder mudar esta situação?

Acredito que continue, mas não tenho dados recentes para demonstrar. Acredito que sejam necessárias ações nas empresas para aumentar a presença de negros e negras, inclusive em cargos de chefia. E investimento na formação continuada dos profissionais atuantes de qualquer etnia, a fim de qualificá-los com relação a essa questão. E também discutir os currículos das escolas de jornalismo, que também deve qualificar os profissionais nesse âmbito.

Em matéria publicada no site “Portal Áfricas”, intitulada “ONU lançará em 2016 relatório atualizado sobre o panorama da população negra”, em outubro de 2015, Flávio Carrança, destaca:

(...) Flávio Carrança, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, falou sobre os efeitos do racismo no trabalho dos jornalistas, destacando a presença de estereótipos nos conteúdos produzidos, a ausência de profissionais negros nas redações, a falta de disciplinas que abordem a questão racial nos cursos de formação e necessidade de apoio à mídia negra por parte dos órgãos públicos.

A implementação de políticas públicas de ação afirmativa em apoio a iniciativas de organizações do movimento negro na área da comunicação social, são necessárias e urgentes. Questionado se existem projetos sendo desenvolvidos nesta área pela COJIRA, Flávio Carrança responde:

A Cojira esteve presente na Frente de Mídias Negras, que reuniu aqui em São Paulo alguns representantes de veículos eletrônicos, mas como observador, não teve protagonismo nessa iniciativa. A Frente negociou com prefeitura de São Paulo a obtenção de apoio financeiro para esses veículos. Fale sobre isso com Pedro Borges, do Alma Preta, Kaká, de Geledés, e Belchior.

Perguntamos a Flávio Carrança a respeito da importância da Revista Raça Brasil para a imprensa negra contemporânea:

Foi o primeiro veículo que atuou dentro da chamada indústria cultural, vendendo espaço para anúncios, atuando de maneira que se poderia dizer mais profissionalizada, isso no sentido de seguir os padrões das grandes empresas do setor. Por outro lado, isso teve um preço, que foi em certo período voltar-se mais para temas como moda e cabelo e outros que aparentemente julgavam ter maior apelo junto ao público que desejavam atingir. Mas isso não permaneceu sempre assim, houve também uma fase de maior proximidade com os temas mais caros ao movimento negro. Acho que a Raça demonstrou que existia uma carência de informações de interesse para a população negra, que é um público consumidor e também um campo da cidadania com algumas características e demandas mais específicas.

Flávio Carrança, questionado sobre a importância da Revista Raça Brasil na sua carreira, responde:

Penso que a Raça teve grande importância no país, mas não muita na minha carreira, pois como já disse fui um colaborador esporádico. Foi um espaço onde tomei contato com grande número de jornalistas negros e isso foi importante para a construção da Cojira. Minha carreira propriamente dita aconteceu na Salles Interamericana de Publicidade, na rádio Cultura, Diário Popular, na rádio Eldorado, e TV Bandeirantes, entre outros veículos.

3.4.4. Oswaldo Faustino

O jornalista Oswaldo Faustino pode ser considerado um dos mais experientes profissionais ainda em atuação na imprensa brasileira. Além de ter desenvolvido atividades em diversos veículos na área da comunicação, é também escritor e participa de projetos na área de educação. Pedimos a Oswaldo Faustino que resumisse com suas próprias palavras a sua biografia, que segue abaixo:

Jornalista desde 1976, formado pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado, atuou em rádio, TV, revistas e em vários jornais, como a Folha de São Paulo, por seis anos, o Diário Popular, onde foi editor de Cultura, entre 1985 e 1990, e O Estado de São Paulo, onde trabalhou como repórter por 26 anos. Participou do Neinb/USP - Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre o Negro Brasileiro, da Universidade de São Paulo e se dedica a investigar relações étnico-raciais. Integra a Cojira-Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Tem proferido palestras e ministrado minicursos para educadores sobre formas práticas de aplicação da Lei nº- 10.639/03. Foi colaborador fixo da revista Raça Brasil e desde as primeiras edições, há 20 anos. Entre várias atividades em televisão, foi produtor executivo do programa Flash, de Amaury Jr.

Em 2008, participou do projeto TV da Gente, de Netinho de Paula, vivendo o personagem Tio Bah, que diariamente contava histórias no programa infantil, Turminha da Hora. Escrevia e produzia as histórias que seriam contadas, sempre com a utilização de objetos cênicos e lúdicos. Desde então, passou a contar histórias, na maioria das vezes de inspiração em cultura africana e afro-brasileira. É o locutor do programa sociocultural de web-rádio intitulado Rádio Tambor, dedicado à cultura Hip Hop, com a qual trabalha desde a década de 1990, sendo um dos responsáveis pelo surgimento da Casa do Hip Hop, em Diadema.

Responsável pelo blog “ReflexSoul - Reflexões de uma Alma Preta” - <http://reflexosoul.blogspot.com.br/>

Em uma entrevista ao “Programa Pé na África” (2012) Oswaldo Faustino afirmou – em relação a presença de jornalistas negros - que *“principalmente nas grandes redações dos jornais cotidianos (...) não há jornalistas ou há raríssimos jornalistas (negros) nas redações dos grandes jornais. (...) ou seja, o espaço que nós (jornalistas negros) temos, principalmente no espaço de opinião, a nossa presença é uma raridade, e é considerado pelos donos dos jornais e pelos editores de redação como uma concessão”*. Quanto a sua permanência nesse espaço, ele declara, nesta mesma entrevista: *“eu considero que foi uma exceção, mas talvez uma exceção por ter feito muitas concessões para poder sustentar meus cinco filhos (...)”*. Perguntamos a sua opinião sobre se ocorreu, ou não, alguma mudança na realidade dos jornalistas negros atuantes atualmente na imprensa brasileira, e Oswaldo Faustino respondeu:

Não tenho dúvida disso. Me lembro, durante meus 26 anos no Estadão, de ter apresentado uma série de pautas de interesse da nossa comunidade. Mesmo ouvido do pauteiro, ou do editor, que era um assunto legal e que ele iria mandar alguém cobrir, no dia seguinte, não via a matéria publicada. A desculpa sempre era que a pauta caiu por ter surgido uma matéria factual mais importante. Em vez de virar a mesa, eu simplesmente deixava pra lá. E reservava minhas revoltas para expor nos espaços pertinentes. A ausência de negros conscientes nas redações também interfere muito nas coberturas de nossas temáticas.

Nesta mesma entrevista, Oswaldo Faustino afirma: *“eu não me permitia uma luta, um pouco mais acirrada, como depois que eu aposentei, ou como eu faço há quinze anos pela Revista Raça” (...)* *“então, ser jornalista negro no Brasil é muitas vezes, até atuar contra o seu próprio povo, não ter espaço para atuar no seu próprio povo. Por isso eu me dediquei, também, a literatura.”*. Perguntamos se, esta consciência de não poder atuar em favor de seu povo, é presente nos profissionais negros na atualidade, que consequências ela provoca, e a resposta de Oswaldo Faustino foi a seguinte:

Provoca doenças. Ainda mais quando exigem de profissionais negros e negras sintam-se exceção, com base na meritocracia. Vemos isso cotidianamente em televisão. Matérias opinativas contra as reivindicações da comunidade negra, não poucas vezes, são apresentadas pelos raros jornalistas negros da emissora justamente para demonstrar que não há unanimidade de opinião entre nós – o espectador não consegue separar a pessoa que veicula da opinião, assim como não separa ator e atriz de seus personagens nas novelas –. A consequência é o enfraquecimento da força de transformação e de mobilização que aquela notícia poderia ter. Um dia esse fantoche, marinete, boneco de ventríloquo, o explode em revolta ou cai em depressão, torna-se alcoólatra, se entrega às drogas, ou simplesmente uma pessoa adesista.

Em entrevista concedida na Feira preta de 2014, onde destaca a importância da imprensa na difusão de conhecimento a respeito do negro, Oswaldo Faustino faz a seguinte afirmação: *“a gente tem que mostrar esse Brasil que o Brasil não conhece, é fundamental! (...) Existe um Brasil negro que o Brasil se nega a conhecer”*. Questionamos a sua opinião sobre qual seria o maior obstáculo para o atingimento deste desafio na imprensa contemporânea:

O maior obstáculo é o imobilismo. Ninguém, na grande mídia tem interesse em mudanças reais e profundas. Quanto mais tudo permanecer “como sempre foi”, melhor. Ao destacar um negro ou uma negra, essa pessoa sempre será apresentada como uma exceção à regra. “Venceu pelos próprios méritos e esforços” e jamais como: “Se ele ou ela podem, você pode também”. Sempre se mostrará nossa capacidade de sermos vencedores. Por outro lado, estarão super atentos para proclamar que esses possíveis ídolos (com potencial de liderança) têm pés de barro. São os primeiros a denunciar os aspectos que desacreditem tais pessoas, frente aos seus comuns: “Nada faz pelo seu povo! Tem vergonha de sua raça! Só se relaciona com pessoas de outras etnias!” e por aí afora.

Perguntamos a Oswaldo Faustino sobre quais são os seus sentimentos, quando percebe o impacto positivo e profundo que seus trabalhos produzem nos seus leitores?

Quanto a impactos produzidos em leitoras e leitores... Essa é uma de minhas mais saudáveis surpresas. Não uma preocupação, enquanto estou escrevendo, mas depois da publicação fico ansioso pelo retorno de leitores e leitoras. Todo feedback é sempre bem-vindo. É óbvio que os que nos aprovam nos emocionam. Quem apresenta críticas, pelo menos, nos ajuda a tomar mais cuidados na elaboração das próximas obras. Sou extremamente emotivo e utilizo a emoção para a composição de meus textos, muitas vezes até mesmo no jornalismo, o que não é muito recomendável. Na literatura, então, sou pura emoção e bastante imagético. Daí dizerem que escrevo para cinema, apesar de nenhuma de minhas obras ter virado filme. Não me faltam projetos de novas obras com conteúdos históricos, geralmente voltados à juventude. O mercado, porém, não é muito receptivo para esses projetos. Mesmo assim, não paro de escrever. Estou com dois livros – um para crianças, “Xô, Bullying, xô!”, e outro para adolescentes, “Ah, se eu pudesse voar...” – prontos, que se encontram em fase de ilustração, para edição.

Na edição 32 da revista Raça Brasil, publicada em abril de 1999, Oswaldo Faustino trata de um tema extremamente delicado: a presença de negros na carreira médica que é ainda um desafio na atualidade (anexo 44). A análise de Oswaldo Faustino a respeito dessa situação é a que segue:

Dessa matéria lembro do depoimento de um médico sobre uma mulher branca que, ao vê-lo, começou a berrar que ele não poria as mãos nela e que ele teria dito: “Então morra!”. Quem não se lembra da chegada de médicos negros cubanos, para participar do programa Mais Médicos, sendo recebidos no aeroporto por grupo de médico gritando: “Escravos!”? Vieram para atender onde nenhum daqueles desejava ir, mas eram escravos do governo Dilma, do governo cubano e de sua própria negritude. Nem mesmo a veiculação de informações sobre os avanços da medicina em Cuba demoveu seus críticos da ideia de que se tratavam de profissionais despreparados os que tinham aderido ao tal programa. Conheço uma médica argentina branca, também do Mais Médicos, que nunca foi molestada por isso. Por outro lado, seja pela política de cotas universitárias, ou por outras razões, cada dia vemos mais jovens negras e negros nas universidades, inclusive nas faculdades de Medicina. Porém, não deixa de ser um dos grandes desafios para, inclusive, modificar a forma como a população negra é tratada ao procurar os serviços de Saúde.

Oswaldo Faustino, em matérias publicadas nas edições 22 (“Fui...”- junho de 1998) e 28 (“O futuro é nosso”- dezembro de 1998 – anexo 45) trata de temas relativos aos jovens negros, seus interesses, desejos, desafios, o cotidiano de um jovem negro na perspectiva de um jornalista negro, destacando aspectos positivos desta juventude. Pedimos a Oswaldo Faustino que, considerando os conteúdos das matérias feitas há quase

duas décadas, fizesse uma análise comparativa daquela juventude negra com a situação da juventude negra na atualidade:

A primeira era uma matéria de comportamento. Partiu da constatação de que jovens negros e negras, jovens urbanos que, assim como a juventude em geral, se sentiam seguros para partir para vida independente, em intercâmbios, viagens ou mesmo viver longe da segurança familiar. Na outra fui encarregado de apresentar as crianças que prometiam se tornar estrelas no século XXI, no terceiro milênio. Algumas se realizaram com relação aos sonhos e empreendimentos da época, outras seguiram rumos diferentes. Porém, se o mito da “atitude suspeita” nos perseguia naquela época, agora transformou-se em verdadeiro horror da juventude negra, alvo principal do genocídio. Quando fui repórter da área policial, tanto na Agência Folhas quanto no Estadão e em emissoras de rádio, lembro-me de um dia no IML (Instituto Médico Legal), uma funcionária me dizer: “Vocês, jornalistas, precisam fazer alguma coisa. Todo dia dão entrada vários jovens mortos, em ocorrências de “resistência à prisão seguida de morte” e os cadáveres apresentam tiros nas axilas. Isso evidencia que estavam com os braços levantados. Que resistência é essa?”

Oswaldo Faustino produziu matérias sobre famílias negras, tema tratado em duas edições de 1999 (edição 29, de janeiro de 1999 – Ensinei minha família a ser negra – e edição 36, de agosto de 1999 – Um espelho chamado pai – anexo 46). Pedimos a Oswaldo Faustino que fizesse uma comparação entre as famílias negras registradas nas matérias há 18 anos atrás, com as famílias negras da atualidade: quais seriam os desafios que permanecem? A abordagem desenvolvida nas matérias de 1999, se atualizadas para o contexto atual, mudariam? Oswaldo Faustino responde:

Sim. Eu desenvolvi essas duas matérias. Na primeira, a referência poderia ser qualquer pessoa – foram várias –, como foi o caso da doutora em Educação Eliane Cavaleiro – que posteriormente se casou com o ator afro-americano de cinema Danny Glover –. Na outra, pensando na música “Espelho” de Paulo Cesar Pinheiro e João Nogueira, o foco era o pai. Além do alto funcionário de uma empresa suíço-sueca do ramo petrolífero, Nelson Narciso, posteriormente diretor da Agência Nacional de Petróleo, entrevistei outros pais, como o rapper Thayde, que saiu na capa com a filhinha, hoje com 21 anos. Mas também fiz outra matéria que teve como retranca “Família de Raça”, que apresentou a família da jornalista Joyce Ribeiro, que na época trabalhava no SBT. Nesse caso foi colocada essa retranca para se produzirem outra matéria semelhantes, em cada edição. Não sei o porquê de não ter havido continuidade. Por sinal, quero deixar registrado que sempre fui um “mero colaborador” da Raça Brasil, sem grandes influências nos rumos tomados pela revista. Nas últimas edições, nem mesmo as pautas que eu propunha eram aceitas pela editoria.

Perguntamos a opinião de Oswaldo Faustino sobre a importância da Revista Raça Brasil para a imprensa negra contemporânea:

O surgimento da revista Raça foi impactante. Era comum vermos especialmente moças negras, no metrô, segurando a revista, em frente ao peito, com a primeira capa voltada para as pessoas à sua frente. O objetivo daquele momento estava sendo cumprido: elevação da autoestima. Havia muita revolta por parte de uma boa parte do Movimento Negro, que sentia a necessidade de uma revista mais incisiva, de denúncias. Não levavam em conta a biografia de seu criador e diretor de redação, Aroldo Macedo, que foi modelo e posteriormente fotógrafo – engenheiro de formação –, e que pensava fundamentalmente numa revista de mercado, ao estilo de uma quantidade de similares, existentes nos EUA, onde ele residiu por algum tempo (New York). Raça era pensada como uma “revista feminina” e seguia a linha de outras definidas como tal, porém, voltada ao público negro. Especialmente após a saída Aroldo, ainda na editora Símbolo, passou a seguir a linha de cada editor ou editora, alguns mais preocupados com questões políticas e sociais, outros menos. Quando o título passou para a Escala, as temáticas ligadas à militância ganham um peso maior, principalmente pelo fato do cartunista Maurício Pestana, ter assumido a direção editorial. Na terceira fase, em que ela passou para a Minuano (grupo Globo), não sei mais o rumo tomado. Principalmente por terem engavetado o título e criado a Afro Brasil. Enfim, impossível negar que a imprensa negra contemporânea teve a revista Raça como sua principal referência, nem que fosse para negá-la. Um importantíssimo intelectual negro, que se negou a me conceder entrevista, afirmou ao telefone que o único objetivo da revista era vender alisadores de cabelos” – ou seja, estaria apenas preocupada com a estética do branqueamento, o que não era verdade – e encerrou nossa conversa afirmando: “A melhor coisa que a Raça faria para o povo negro seria fechar”.

Oswaldo Faustino pode ser considerado uma referência na imprensa negra contemporânea, no que se refere ao tratamento da história do negro por meio da produção jornalística e literária. Suas contribuições, atuação profissional e ativismo na causa negra, comparam-se a de personalidades negras da imprensa negra do século passado, como por exemplo, José Correia Leite, que no perfil elaborado por Juliana Silva, em texto publicado no site da Fundação Cultural Palmares em 2014, registra: *“além de atuar nos jornais e associações citadas, José Correia Leite escreveu também para outros órgãos da Imprensa Negra. Colaborou, com seus depoimentos e material bibliográfico, para diversos trabalhos sociológicos. Foi entrevistado para a realização de documentários cinematográficos como “O Negro da Senzala ao Soul”, da RTC, “A Escravidão”, de Zózimo Bulbul, e outros”*. Ao fazermos esta proposição, Oswaldo Faustino retrucou, em resposta:

Ufa! Não tenho essa pretensão, não. José Benedito Correia Leite foi um jornalista autodidata, nascido em 1900, que aos 24 anos fundou com Jayme Aguiar o jornal “O Clarim”, rebatizado de “O Clarim da Alvorada”. Desde o nascimento desse jornal ele esteve envolvido na grande maioria das ações e atos promovidos pelo ativismo negro, neste

país. Até mesmo na criação da Frente Negra Brasileira, fundada em 1931, da qual se afastou pouco depois por divergências ideológicas e descontentamento moral. A entidade era presidida por Arlindo da Veiga que era patrianovista (monarquista) com afeições ao discurso integralista. Foi quando Correia criou o jornal Chibata, voltado quase exclusivamente a acusações contra Frente Negra. Depois, fundou o Clube Negro de Cultura Social e ajudou a formar a Associação dos Negros Brasileiros e, em 1956, a Associação Cultural do Negro, cujo veículo de comunicação foi a revista “Niger”, da qual ele também participou. Foi presença constante em vários jornais da Imprensa Negra Paulista e esteve em ação, mais ou menos incisiva até falecer em 1989, aos 88 anos. Quem me dera ser metade do que ele foi na luta, através da imprensa e da literatura. Mas estou sempre pronto para o que for solicitado, que tenha a ver com nosso povo.

Gondar (2005, p.17) refletindo a respeito das diferentes formas de produção de memória pelos sujeitos que estão envolvidos em práticas sociais, e que dela se utilizam, destaca que *“o conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situarmos, estaremos comprometidos ética e politicamente”*. A resposta de Oswaldo Faustino, e sua disposição e disponibilidade de contribuir com a luta antirracista, por meio da imprensa ou da literatura, as diferentes maneiras de trazer à memória fatos e personagens, as estratégias argumentativas e gêneros discursivos e literários, confirmam esta afirmação, sobre o seu compromisso ético e político de transformação da realidade da população negra e da sociedade brasileira em relação a herança negra presente na cultura brasileira.

A atuação de Oswaldo Faustino na revista Raça Brasil, desde a sua criação, bem como a sua participação nas diferentes fases pelas quais a revista passou durante a sua trajetória, é elogiável e relevante. Conhecer e trabalhar com muitos outros profissionais que fizeram parte das equipes editoriais, desenvolver diferentes matérias (nas variadas colunas da revista) fazem parte de seu histórico profissional. Perguntamos a Oswaldo Faustino qual a sua opinião sobre a importância da Revista Raça Brasil na sua carreira:

A Raça foi fundamental à minha carreira no jornalismo. Foi essa revista que me possibilitou a escrever para um maior número de negros e negra. Outras publicações segmentadas para as quais colaborei um pouquinho, voltadas ao público negro, tinha uma distribuição muito tímida e chegava a poucas pessoas. Ela porém, colocou meus textos nas mãos de uma boa quantidade de leitores(as) e me levou a me aprofundar ainda mais nas pesquisas em busca de conteúdos para nossas reflexões. Conceição Lourenço, uma das editoras, nos tempos da editora Símbolo, me dava as pautas para escrever e solicitava textos mais longos com bons conteúdos. Já Romário de Oliveira, o editor da atual Afro Brasil, quando editava a Raça na editora Escala, foi o responsável pelo melhor espaço que obtive na revista, criando a coluna Raízes, seis páginas em

que eu podia publicar até três matérias de duas páginas cada. Eu tinha liberdade na escolha dos temas. Nadei de braçada. A coluna foi mantida por seu sucessor, André Rezende, com o nome de Raízes Curtas, mas a minha liberdade na escolha de temáticas continuou a mesma, bem como com Eleana Antiqueira, que o sucedeu. Eu sempre buscava escrever sobre um(a) personagem brasileiro(a) e outro(a) africano(a) afro-americano(a) ou da América Latina. A terceira matéria, sempre que podia, era sobre um fato histórico relacionado ao povo negro ou uma curiosidade ainda não veiculada por aqui. Enfim, só enriqueci meus conhecimentos com essa atividade, apesar das poucas remunerações. Acho que alguém me ouviu segredar a um amigo que “para escrever na Raça, eu trabalharia de graça...” Paguei caro por essa afirmação (rindo muito aqui).

Solicitamos a Oswaldo Faustino, na conclusão de seu depoimento para esta pesquisa, que fizesse uma autodefinição, Oswaldo Faustino por Oswaldo Faustino:

Autodefinição é um bocado complicado. Um homem negro, nascido no início da segunda metade do século XX (1952), filho de um ferroviário com uma dona de casa que exerceu dezenas de funções muito próprias às mulheres negras de seu tempo (de doméstica, especificamente cozinheira, a professora de escola rural). Amo estar com meu povo, nas escolas de samba, nos terreiros, nas missas afro, nos bailes nostalgia, nos debates e palestras, Feira Preta e por aí afora. Um homem que utiliza a palavra como ferramenta e como arma, seja no Jornalismo seja na Literatura. Militante pelas causas de seu povo, sem vinculação partidária, um ativista a favou dos negros, não contra os brancos. Um homem negro que juntamente com sua mulher negra (jornalista e advogada) criou cinco filhos – duas moças e três moços – e hoje ainda dá uma forcinha pelos 3 netos e mais um ou uma que vem chegando. Um cara que se emociona com qualquer ação que o destaque, principalmente por parte da juventude.

3.4.5. Sandra Almada

Sobre Sandra Almada, no perfil que está disponibilizado no site do Grupo Editorial Summus, do qual é uma das autoras, está descrito:

É jornalista, professora universitária, escritora e pesquisadora. Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), leciona em cursos de graduação e pós-graduação. É uma das apresentadoras/repórteres do programa Espelho, dirigido e apresentado pelo ator Lázaro Ramos, no Canal Brasil, no qual assina também a pesquisa jornalística. Colabora, ainda, como repórter freelance, com diversas publicações. É autora de *Damas negras – Sucesso, lutas, discriminação* (Mauad, 1995), obra sobre a trajetória das atrizes Ruth de Souza, Léa Garcia, Chica Xavier e Zezé Motta e pela Selo Negro Edições, publicou *Abdias Nascimento* (2009).

A trajetória de Sandra Almada no jornalismo é marcada por uma ação permanente contra a discriminação racial. Uma luta que, segunda ela, é fruto de sua formação política,

desenvolvida por meio de relações pessoais e profissionais com militantes de partidos políticos e movimentos sociais organizados considerados “de esquerda”:

Eu sou “filha da esquerda” do meu país. Filha intelectual de grandes intelectuais da esquerda brasileira, que marcaram minha juventude e interferiram, para sempre, no meu pensar, moldando-o para além do conteúdo programático das disciplinas do curso de jornalismo na UFF.

E Sandra Almada explicita como os relacionamentos com intelectuais de esquerda contribuíram na construção de sua formação política e profissional:

Entre eles, está o exímio historiador e escritor premiadíssimo Joel Rufino dos Santos. Ligado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), Joel integrava o Instituto Pasqualini, órgão onde se reuniam os “peso pesados” da inteligência do partido, com o objetivo de pensar o Brasil pensar a América Latina, pensar o mundo. O Partido Democrático Trabalhista (PDT), é bom lembrar, foi a primeira, entre as legendas de esquerda, a abrir espaço em seus quadros para grandes homens ligados à luta do negro no Brasil.

Além de Joel Rufino, lá também estavam, entre outros nomes, Abdias do Nascimento, um dos que, junto com Leonel Brizola, ajudaria, ainda no exílio, a fundar a legenda. Junto com Joel Rufino, Brizola e Abdias, eram quadros do PDT, Darci Ribeiro, os grandes jornalistas Neiva Moreira (presidente do PDT) e sua esposa Beatriz Bíssio, e tantos outros homens e mulheres, negros entre eles. Esta esquerda, dos meus tempos de jovem universitária, conseguiu transformar o PDT em mais do que um agremiação partidária, a disputar com o Partido Trabalhista Brasileiro, a herança getulista. Aprendi muito com vários destes grandes nomes da esquerda do Brasil.

(...) Na UFF do meu tempo de formação em jornalismo, ministrava aulas outra grande personalidade negra. Jornalista de formação, Doutor em Letras, lá me encontrei com o brilhantíssimo Muniz Sodré de Araújo Cabral. Fui sua aluna e sou sua discípula até hoje. Muniz me ajudou a escrever dentro dos princípios e regras da redação jornalística, que chamava de “camisa de força”, a nos tolher a criatividade.

(...) Foi este grande acadêmico que me deu, ainda, entre vários outros recursos intelectuais, condições para pensar o meu lugar no mundo, o racismo, a cultura de matriz africana, e nela, o candomblé, sobretudo. Também me deu minha primeira bolsa de estudos, na categoria Iniciação Científica, através do CNPq. Muniz Sodré não tinha vínculos partidários, mas estava e pensava à esquerda! E sua postura altiva, contribuiria muito para fazer de mim uma mulher negra altiva também! Vínculos estreitos com o PC (Partido Comunista, o Partidão) tinha um outro grande intelectual e amigo, também professor da UFF, nos meus tempos de estudante: o famoso jornalista e Dr. em Letras, Nilson Lage. Nilson também me “adotou”, intelectualmente, de certo modo. Foi Nilson quem me deu a minha segunda bolsa de estudos científicos, também pelo CNPq, desta vez na categoria “Aperfeiçoamento”.

Sandra Almada em sua trajetória pessoal e profissional, além das atividades desenvolvidas na área da comunicação, atuou também na área da educação em atividade de pesquisa e docência, produzindo academicamente reflexões a respeito da temática

racial – que é também resultado de sua relação com outros intelectuais e ativistas dos movimentos sociais organizados – especificamente o Movimento Negro. Sandra Almada destaca que:

(...) Entre estes grandes nomes da esquerda que tiveram atuação determinante na minha identidade intelectual também está o prof. Mestre (à época) Júlio César Tavares. Hoje professor catedrático pela UFF, com pós-doutorado pela Universidade do Texas, Julinho criou um centro de estudos e pesquisas ousado e que é referência para se pensar as questões ligadas à etnicidade, o LEECCC³⁵, em funcionamento no Instituto de Antropologia da UFF, “de onde saem intelectuais negros de ponta”, como ele gosta, justificadamente orgulhoso, de dizer. Nosso “Julinho”, como é chamado, há décadas, por seus pares na academia, alunos e militantes, também vinha da esquerda, e transformou-se, ainda ao longo dos anos, em um intelectual internacionalmente importante e tenazmente atuante, junto com outros acadêmicos de várias nacionalidades, que colocam o conhecimento científico à disposição da luta negra na diáspora. Fazem isto, em seus países e coletivamente nos encontros transfronteiras de um organismo chamado ASWAD³⁶.

(...) Julinho, assim como Joel, Darci Ribeiro, Abdias, também estava atento à identidade nacional brasileira. Na qual, a cultura negra, em sua rica diversidade, ganhava para muitos a conotação da “cultura da festa”, e para Júlio Tavares tinha a importância dos valiosos objetos de estudos científicos. Aliás, sobre a tal “Cultura da Festa”, Joel Rufino sempre chamava-nos a atenção para o fato de ela ser, no Brasil, o “núcleo central, o núcleo mais forte, da cultura popular brasileira”.

Sandra Almada relembra que a sua aproximação com as organizações dos movimentos sociais negros iniciou-se quando de sua inserção no mercado de trabalho:

(...) Meu primeiro emprego como jornalista foi conquistado quando eu estava no último ano do Curso de Graduação em Comunicação Social, da UFF. O meu primeiro espaço no mercado de trabalho foi oferecido por uma entidade dos movimentos negros. Portanto, posso dizer, sim, que iniciei minha carreira voltando-me para pautas sobre assuntos de natureza sócio-racial, prioritariamente.

Colaboradora da Revista Raça Brasil desde 1997, Sandra Almada produziu matérias com temáticas diversas, em diferentes colunas da publicação. Na coluna “Memória” (anexo 47) a intenção era promover o resgate de biografias de personalidades negras da história brasileira. Nas edições 9 (maio de 1997 – Machado de Assis) e 10 (junho de 1997 – família Rebouças), apresenta as importantes contribuições de negros na construção do país. No caso de Machado de Assis, na área da literatura; a família Rebouças nas esferas

³⁵ LEECCC - **Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição. Disponível em:** <http://www.proppi.uff.br/leccc/>

³⁶ **ASWAD** - Association for the Study of the Worldwide African Diaspora. A Associação para o Estudo da Diáspora Africana no Mundo (ASWAD) é uma organização não-lucrativa, de estudiosos internacionais buscando aprofundar nossa compreensão da diáspora africana, ou seja, a dispersão das pessoas de ascendência africana em todo o mundo. Disponível em: <http://aswadiaspora.org/>

política, econômica, educacional e científica, ainda pouco conhecidas. Questionamos a Sandra Almada sobre qual era a sua opinião sobre a forma como estas personalidades negras são retratadas na história do Brasil:

Eu acho que há uma luta para que este quadro se reverta. Ou seja, que a historiografia incorpore o negro para além da estereotipia derrotista, reducionista, racista forjada no âmbito da escravidão no Brasil. É uma luta antiga. A lei 10.639/2003 é um reflexo desta luta. Mas que resistência ainda encontramos para implementá-la! Vi numa das edições do programa Espelho, do Lázaro, o historiador Bira (Ubiratan Castro de Araújo), que foi presidente da Fundação Palmares (2003-2007) afirmar que a primeira greve no Brasil foi feita por escravos de um engenho. Um sinal de organização inimaginável, já que aos trabalhadores estrangeiros são dados os louros dos avanços no mundo do trabalho, depois que esta imigração tirou do páreo os negros boçais. Olha, que importante, este resgate da memória das condições em que se davam o trabalho no período escravocrata no Brasil! E como os homens e mulheres escravizados, direcionavam seus conflitos, por vezes organizadamente, como disse Bira, apresentando-se de forma aguerrida e consciente frente aos donos das senzalas.

Havia respostas fortes, firmes e dignas ao açoite e a exploração da mão de obra negra? Quantos jovens, crianças e adultos negros adorariam saber mais sobre isto!

A resposta de Sandra Almada sobre a necessidade de incorporar novas pesquisas, a luta pela implementação da lei 10.639/2003 na educação (incorporando a história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares das instituições de ensino em todos os níveis), a (re)escrita da história, concorda com a afirmação de Gondar e Dodebei (2005, p. 17):

Há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e do que interrogar. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir. Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ela desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar.

Na Revista Raça Brasil, na seção “Minha Vida” (anexo 48), em diversas edições, Sandra Almada produziu matérias com personalidades negras da atualidade. Perguntamos a Sandra Almada se ela teria como avaliar o impacto destas matérias na desconstrução de estereótipos sobre os negros, bem como na construção de uma visibilidade positiva da negritude, pelo leitor?

Estas histórias tinham uma orientação editorial muito específica: comover e criar empatia com o personagem, de modo a suscitar no leitor o sentimento de que é possível a superação. Acho que isto estimula a superação individual e a meritocracia, por vezes. É preciso se ter cuidado, penso hoje. Creio que conhecer a força e a excepcionalidade

das personagens retratadas é muito importante, por um lado, mas algumas destas histórias, hoje passados muitos anos, eu “carregaria menos na tinta” em termos de recursos literários que mexessem com a emotividade do leitor e politizaria mais a narrativa.

Todo o discurso tem interesses por trás. Estas histórias comovem e “vendem” revistas. Sem mexer com o individualismo que grassa em todo o mundo capitalista. Há um quadro do programa do Faustão que faz isto, semanalmente. Mas no caso do personagem Seu Jorge, retratado por mim, na *Raça*, tratava-se de um personagem dono de uma vida marcada pela tragédia mesmo. Seu Jorge, além de cantor, é atualmente, um empresário, que mora fora do país, e é dono de um empreendimento voltado para as cervejas artesanais. Eu me pergunto, hoje: é válido mostrá-lo como um vencedor a ser imitado, sem problematizar o seguinte: quais os fatores que fazem passar pela peneira da ascensão social, apenas alguns de nós, deixando de fora (pior que isto, exterminando) milhares de outros jovens que, como o promissor Seu Jorge, são assassinados, diariamente no Brasil contemporâneo, sem chances de chegar a lugar algum?

No artigo de sua autoria e publicado no livro “Mídia e racismo” (2002, p. 52), Sandra Almada destaca a representação inadequada dos negros nos meios de comunicação, de faz a seguinte afirmação: *“essa revista (Raça Brasil) trouxe uma contribuição crucial para o movimento negro, para o jornalismo e para a imprensa negra. Não apenas em termos mercadológicos, mas também porque colaborou de forma importante para uma mudança na cultura da imagem, apresentando uma imagem do negro que, de certa forma, desmistifica as imagens tradicionais que nós víamos na mídia, do pagodeiro ou dos nossos excluídos, que compunham as manchetes do noticiário policial”*. Perguntamos se houve uma melhora na representação do negro na mídia desde então, e Sandra Almada responde:

Entrevistei o diretor/roteirista do seriado “Suburbia”, que foi ao ar pela Rede Globo, em oito episódios, entre novembro e dezembro de 2016, com elenco predominantemente negro. Perguntei-lhe, mais ou menos o seguinte: O senhor afirmou que seu projeto para levar ao ar “Suburbia” saiu do papel para telinha depois de mais de duas décadas. Coincidentemente, o seriado estreia quando a nova classe C, formada na última década e composta majoritariamente por negros, mostra poder aquisitivo e o desejo de aquisição de bens materiais e simbólicos os mais diversos. Ver-se representado no sistema de mídias, dignamente, parece ser um desejo antigo desta parcela da população. “Suburbia” surge agora como uma estratégia de mercado necessária e circunstancial, para atender a esta nova classe C? Ou há mudanças na TV brasileira, mais profundas, no que diz respeito às formas de representação da população afro-brasileira? Em sua resposta, o diretor admitiu que o dado mercadológico foi, de fato, o fator que teve força para desengavetar seu projeto.

É verdade mesmo que começamos o século XXI com os brasileiros assistindo Lázaro Ramos no papel de galã, na pele de André Gurgel, um design badalado, e que, no campo dos afetos, era considerado um

“pegador”. Termo com que o personagem foi definido numa entre as inúmeras matérias publicadas, por conta da novidade de um ator com fenotipia negra estar no lugar de um homem “belo e atraente”. Uma afronta para muitos telespectadores que, segundo o próprio ator, demonstraram estar claramente, em desacordo com a opção feita pela emissora.

São observações, pontos de vista, comentários, que merecem ser estudados, já que é importante saber o que mudou de fato em relação à realidade da presença negra na TV brasileira, neste século XXI. E como se dá a representação que seus atores viabilizam.

Ainda neste mesmo artigo Sandra Almada afirma que “*a imprensa negra está absolutamente alijada dos grandes debates nos meios de comunicação*”. Questionamos A Sandra Almada sobre os fundamentos de sua afirmação, e se ela acreditava na possibilidade de mudança desta situação, por meio de uma atuação combativa e organizada dos profissionais da imprensa negra contemporânea e ativistas do movimento negro brasileiro:

Creio que, de certo modo, sim. Mesmo que não lhe deem muitas oportunidades, já que os militantes muito bem preparados são chamados para falar sempre do mesmo assunto: discriminação racial e seus correlatos (como intolerância religiosa, por exemplo). Gostaria de ver os negros, militantes ou não, falando de todo e qualquer assunto, já que temos especialistas nas mais diversas áreas profissionais.

Solicitamos a Sandra Almada que fizesse uma análise sobre a dificuldade de tratamento, por profissionais negros, da temática racial nos espaços em que atuam (principalmente nas grandes empresas da área de comunicação) bem como nas suas produções:

Flávia Oliveira é a única profissional negra de destaque, a tratar de assuntos jornalísticos considerados nobres, como economia, por exemplo, num dos jornais da Globonews. Ela teve - e ocupou muito bem tal espaço - uma coluna no Globo, sobre economia. Mas com a crise generalizada na imprensa, Flávia foi demitida junto com o marido no dia do aniversário de casamento do casal. Mas, até há pouco tempo, no lugar de escrever sua coluna diária, assina um artigo semanal no mesmo jornal. Quando os fatos demandam, escreve muito bem sobre a questão racial. Ao detectar o atual protagonismo negro em várias áreas, protagonismo que eu defendo aqui, ela foi precisa. Eu acho, então, que o fato de não termos as questões negras bem representadas, discutidas é porque não estamos lá, nas redações, para pautar, para defender nossas pautas, para” irmos para o pau”. Isto dificulta demais. É como na teledramaturgia. De acordo com Lázaro Ramos, “como representar bem a realidade negra na televisão se não estamos com frequência, escrevendo, a partir de nossas vivências, de nossas narrativas”?

Quanto ao jornalismo, trata-se de uma profissão elitizada cujas oportunidades são divididas entre os que fazem parte dos “*petits comités*”. Um horror! Mas há sempre quem mude a regra. E tem que se continuar apostando nisso! Sempre! Temos que ter uma visão próxima

do filósofo alemão Schopenhauer, que viveu no século XIX. A vida é movida por forças! Negativas e positivas! E a felicidade, como um mar de rosas a ser conquistado e mantido para sempre não existe! Mas há a opção ética de levantar diariamente, e lutar pela felicidade! É o que eu penso: não vivemos num mar de rosas, o racismo aqui é feroz! Mas temos que ser criativos, atentos, investir nisso que se chama de “educação continuada”, mas não para ficar estudando para os empresários ganharem dinheiro conosco. Isto é viável também, mas apostar no seu próprio negócio na web é uma tendência! Agora, que não há mais obrigatoriedade de se ter diploma para o exercício da profissão, vão entrar quem “eles” querem mesmo. É preciso criar novos espaços!

Perguntamos a Sandra Almada sobre qual avaliação ela poderia fazer a respeito da situação dos profissionais negros na área de comunicação social brasileira na atualidade, ao que ela responde:

Quanto à atuação dos profissionais negros em atividade na atualidade, reparo que são muito poucos os que têm chances na TV. Lamentável. Numa reunião da ABI, dos cerca de 100 jornalistas presentes, apenas cinco eram negros. Por outro lado, estamos passando por uma crise horrível na área da comunicação e os jornalistas negros podem obter, com ela, se souberem se reinventar, o que lhes é raro: conquistar espaço profissional fazendo jornalismo de alto nível! Só que no lugar de esperar que nos abram oportunidades, buscar fazer forte sua presença digital como profissional de imprensa na web. Cursos de *Webwriting*, Mídias Sociais, Marketing Digital, *SEO*, *Instagram*, *Facebook Ads*, entre outros, pode lhes abrir a porta deste “admirável mundo novo” da comunicação, onde todos são “potencialmente” produtores de conteúdo relevante. Canais e programas de TV podem surgir capitaneados por negros, como parece ser o caso do Filó, entre outras iniciativas.

Comentamos com Sandra Almada sobre a afirmação de Lázaro Ramos, feita a ela, em entrevista publicada na edição 175 da revista *Raça Brasil*, em fevereiro de 2013 (anexo 49): *“há coisas que só é possível se falar na Raça Brasil. Porque há uma tendência da imprensa de interpretar alguns temas que a gente fala, principalmente os que se referem à questão racial”*. Perguntamos a Sandra Almada: ainda há, na sua opinião, uma abordagem inadequada da questão racial na imprensa? Quais seriam os motivos que acarretam este tratamento?

O racismo ainda é um assunto constrangedor. Um tema a ser evitado, “recalcado”, no jargão psicanalítico. Mesmo que, uma acadêmica branca nos tenha surpreendido, positivamente, com uma novidade, a de que seus entrevistados brancos, informantes de sua pesquisa de campo, não escamoteavam o seu racismo, falando abertamente que não gostavam de negros, suponho, que tenham sido tão “honestos” porque estavam protegidos pelo anonimato, que marca uma série de sondagens acadêmicas. Não sei se afirmariam serem racistas com esta semcerimônia se estivesse diante de uma câmera de TV, por exemplo. Até porque, racismo é crime! Entretanto, desde que se iniciaram há mais de

uma década, as discussões sobre as cotas raciais, o racismo foi forçado a sair de baixo do tapete. No programa da Fátima Bernardes já vi várias matérias sobre racismo e discriminação racial. Não poderia deixar de ser, pois há que se ter algum nível de vínculo entre o real concreto e o real virtual. Por outras palavras: não dá para a televisão brasileira deixar de falar sobre racismo no Brasil, pois ele faz parte da realidade do país, do mundo. A questão é quem está falando, sob que perspectiva, e quais os reais objetivos a serem atingidos com as pautas sobre o tema, já que em última instância estamos lidando com a “formação de opinião?” Agora é o seguinte: para mim, escutar uma Hebe Camargo interromper uma mulher negra falando sobre discriminação racial, de modo autoritário e arrogantemente, como fez a apresentadora dizendo que os negros precisavam parar com aquele chororô, é aviltante!!! Então, a questão é: para que, por quem e com que intenções se quer fomentar o debate sobre as relações raciais nos mídias?

As plataformas digitais tem sido uma alternativa importante de expansão e consolidação de projetos de comunicação social desenvolvidos por negros. Sites, blogs, canais de conteúdos imagéticos e fílmicos multiplicam-se na internet (anexo 50). Perguntamos a Sandra Almada se estes novos espaços, conteúdos e formatos digitais poderão ser uma nova arena a ser utilizada pela imprensa negra contemporânea:

Concordo, plenamente! Assumi esta mesma posição numa outra resposta. É uma tendência e uma saída para os jornalistas negros, sim!!! Temos cineastas negras interessantes, Sabrina Fidalgo, que estudou cinema na Alemanha, Tainá que produziu “Cabela”, entre várias outras. Temos fotógrafos, *videomakers*, apresentadoras (vide a desenvoltura das meninas negras que realizam os tutoriais de moda, maquiagem e de perucas *full lace* e *front lace*, em canais do *YouTube*. Algumas tem muitos fãs, muitos *likes* e ganham dinheiro com isto!). Podemos fazer nossos próprios canais de *web tv*? Mas é claro!

A revista Raça Brasil, em sua trajetória de 21 anos como publicação dirigida para a população negra no mercado editorial brasileiro, é para os jornalistas negros uma oportunidade de desenvolver um debate da questão racial na imprensa. No seu artigo publicado no livro “Mídia e racismo” (2002, p. 55), Sandra Almada declara que: *“nós, os jornalistas que colaborávamos com a Raça, já conhecíamos as possibilidades de se fazer política em uma revista comercial. Nós trabalhávamos na grande imprensa, na revista Caras, na Playboy, na Folha Online, no O Estado de São Paulo, na Folha de São Paulo, o que impunha limitações empresariais nítidas ao nosso trabalho; mas nem por isso deixávamos de batalhar pelas nossas posições ideológicas.”* Pedimos para Sandra Almada refletir sobre a importância para a sua trajetória profissional ter podido fazer parte daquela experiência:

Sem dúvida que foi maravilhoso! Foi uma grande oportunidade de estimular o debate, a discussão sobre o valor da cultura negra e seus agentes e sujeitos sociais, e sobre o que diz respeito às relações raciais

no Brasil! Para mim, foi especialmente interessante ver e tentar fazer emplacar matérias que, inseridas num produto do mercado editorial, como a revista RAÇA, mostrassem as questões negras de forma menos “oníricas”, mais “sérias”. E foi uma grande oportunidade, para todos nós, a de ocupar as bancas de jornais e revistas, ostentando, editorialmente, com matérias (muitas delas de alto nível), aquilo que a sociedade “recalca”, para se usar um termo psicanalítico que, na linguagem popular, seria uma palavra do mesmo campo semântico de “negar”, “omitir”.

Creio que conseguimos fazer isto com competência, beleza, e estrategicamente respeitosos com as regras do mercado editorial. Respeitosos porque se você infringe totalmente as regras da produção de um meio de comunicação que tem uma função não só informacional, mas de “evasão onírica”, você não vende, simplesmente porque ninguém, nenhum empresário vai “banciar” textos, informações, análises, estudos, pesquisas que pode vir a questionar de forma radical o sistema capitalista, a ponto de reinventá-lo, em outras bases, o que é o desejo de milhões de pessoas no mundo inteiro.

(...) De volta às dificuldades de se levar as questões das relações raciais no Brasil para o mercado, sem se estar consciente de que há necessidade de se ser estratégico. Eu me lembro, o esforço feito por vários de nós jornalistas para convencer parte da direção da Raça sobre a importância de se fazer uma dada matéria: a RAÇA resistiu durante a-nos em fazer uma matéria com Abdias Nascimento. Depois de várias tentativas, várias mesmo, conseguimos, enfim! Fui a repórter escalada pra fazer a tal entrevista. Uma honra! Da foto de capa ao conteúdo do texto, tudo ficou interessante, profundo e bonito. O personagem da matéria, Abdias Nascimento, aparecia elegantemente vestido, simpático, carismático. Não era um cão raivoso, um black panther brasileiro, reivindicando que se aplicasse no Brasil a lei e os princípios da Lei de Talião, “olho por olho”, “dente por dente”. Apontava, ao contrário disto, para um horizonte utópico onde pudéssemos afirmar uma identidade negra, um devir negro menos injustiçado, menos aviltado pela violência do racismo brasileiro, pela exclusão, pela falta de oportunidades, pela penúria que marca a vida dos que não usufruem de bens simbólicos e materiais como a maioria da parcela mais “clara” dos brasileiros. E apostava que o negro iria conseguir isto, pacificamente!

Quanto a sua opinião sobre a importância da Revista Raça para a imprensa negra contemporânea, em resposta a nosso questionamento neste sentido, Sandra Almada afirma: *“não sei, de fato, não sei! Acho que precisamos fazer pesquisas. Estou meio de saco cheio de mais do mesmo! Precisamos nos reinventar”!*

Questionada sobre a importância da Revista Raça Brasil na sua carreira, Sandra Almada responde:

Fundamental. Foi o veículo que mais me valorizou, que mais me deu oportunidades! Gostaria de fazer uma exposição para comemorar meus vários anos de jornalismo, e tendo a RAÇA como a principal publicação do meu portfólio, com todo respeito e agradecimento a todos os editores e editoras que abriram espaço pra mim em seus veículos, me propiciando a oportunidade de realizar pautas maravilhosas.

Solicitamos a Sandra Almada que fizesse uma autodefinição, concluindo seu depoimento para esta pesquisa: Sandra Almada por Sandra Almada?

Uma workholick (movidada pelo trabalho), que conjugou, de modo estressante, mas muito enriquecedor, a academia com o jornalismo. Considero o conhecimento científico um “ente”, uma “entidade” e tenho respeito reverente por ele. Foi o conhecimento que potencializou minhas entrevistas, me ajudou a produzir textos mais consistentes, fez os editores apostarem na minha escrita, me propiciou escrever livros, ensaios. Além de me fazer ingressar numa função mágica, a de professora. E lá se vão cerca de 12 anos de magistério exercido com prazer, apesar da remuneração muito baixa diante de tanto esforço, dedicação, investimento em atualização permanente.

De origem humilde, aprendi na prática o valor do conhecimento. Como o valorizo, sobremaneira, me tornei uma acadêmica que ama mais este “ente”, do que as vaidades e o jogo de espelhos no qual vários dos meus pares se olham, se contemplam, narcisicamente, a si mesmos (Que linda sua tese! - A sua também!). Mas tenho igual paixão pelo jornalismo! Parte de minha família, por parte de pai, é de origem basca, muitos de meus ancestrais eram nômades. O jornalismo nos dá a possibilidade de sair por aí, conhecendo outras paragens, outros tipos humanos e, como disse certa vez, com muita sapiência Albert Camus: nos faz senti-la como a profissão mais bela do mundo. Por que? Pois, segundo Camus, o jornalismo é capaz de nos provar que, nesta vastidão humana, o nosso modo de pensar é apenas mais um entre uma diversidade imensa de olhares, reflexões e opiniões de homens e mulheres sobre a vida. É isso!

3.4.6. Maurício Pestana.³⁷

Quem é Maurício Pestana?

Nasci no dia 27 de dezembro de 1963 na cidade de Santo André, ABC paulista. Minha infância não foi diferente das crianças com quem cresci, em sua maioria filho de metalúrgicos.

(...) Na infância e adolescência a convivência com a repressão do regime militar era uma constância e expunha sua face mais nefasta em meu bairro. A “desova” dos desafetos do regime, principalmente sindicalistas ligados aos partidos políticos ainda na clandestinidade, acerbava a luta contra a ditadura (...)

Essa atmosfera política, no futuro, repercutiria em minha arte. Iniciei meus estudos artísticos na escola de Poliarte de São Paulo, no final dos anos 70. (...)

As palavras de Maurício Pestana sobre a sua própria história são reveladoras da influência da realidade social sobre a sua trajetória profissional. A sua atuação profissional, moldada a partir de relações desenvolvidas em espaços de intensa mobilização pela redemocratização do país nos anos 70, sofreu forte influência segundo o próprio Pestana (2010, v.1, p. 10):

³⁷ Apesar das tentativas realizadas, não obtivemos resposta aos nossos pedidos de entrevista encaminhados ao jornalista.

Em 1979, trabalhei como arte finalista na revista Isto É e no Jornal da República, período em que pude conhecer e conviver com o irreverente e inconformista cartunista Henfil. Era inevitável o redimensionamento da minha consciência artística e a abertura para uma percepção de um jornalismo crítico e atuante, principalmente pela convivência contínua com grandes cartunistas brasileiros, todos engajados no processo de redemocratização do país.

A questão racial é um tema recorrente em seu trabalho. Suas obras buscam dar visibilidade à existência do racismo, a necessidade de seu enfrentamento, bem como do resgate da contribuição dos negros na história do Brasil. Fruto da consciência de sua negritude e da necessidade de refletir por meio de sua arte a crítica sobre a realidade social da população negra. Pestana inicia o desenvolvimento do seu trabalho (2010, v.1, p.10) “pesquisando as inovações e avesso às amarras das militâncias ortodoxas, busquei logo processor meu processo criativo a partir de um profundo mergulho nos mistérios pagãos da cultura negra, ou seja, a partir de mim mesmo”. E afirma (2010, v.1, p.10):

Daí a busca por uma visão artística, por um projeto estético, que imprime a minha arte um corte epidemiológico, interligando o passado, o presente e o futuro por meio da especificidade universalizante de ser negro num país e em uma sociedade que sempre se esquivou dessa aceitação.

Optei por uma linha polêmica provocando risos em situações em que não se deve rir. Concebi ao meu trabalho uma careta indignada e singularíssima da sociedade brasileira. Defini um indiscutível traço de uma contraposição estética e política ao radiografar a intolerância, a ação perversa da introjeção da miséria, a violência policial acasalada, a impunidade, o preconceito institucionalizado, a cidadania incompleta, o peso do desemprego e a ausência dos iguais direitos de opções.

O trabalho de Maurício Pestana é diversificado, em diferentes áreas, marcadamente na comunicação e educação. O conjunto de sua obra já é tema de trabalhos acadêmicos, referência na área de estudos da arte, a exemplo do realizado por Schmitz, Pacheco, e Lemos (2014, p.9):

Maurício Pestana é publicitário, cartunista, escritor e roteirista. Seu trabalho se destaca principalmente na luta pelos direitos humanos e cidadania plena dos grupos sociais que possuem seus direitos básicos negados. Em sua luta tornou-se um dos mais importantes artistas iconográficos da atualidade, ao dar assistência sobre o tema da diversidade por meio de cursos a sindicatos, entidades não governamentais e editoras pelo país afora.

Schmitz, Pacheco, e Lemos (2014, p.20) em relação ao trabalho realizado por Maurício Pestana afirmam:

A Arte de Pestana é a jornada de sua vida em meio a essa luta que há poucas décadas começou a conquistar respeito e resultados mais dignos e humanos. Ele não mudou seu foco mesmo depois de quase quatro

décadas de comprometimento, continua focado em seu objetivo. Na crítica inteligentemente humorada denuncia os problemas sociais brasileiros claramente evidenciados na sua Arte debochada, cuja linguagem simples, busca ser compreendida por todos e não decifrada por alguns.

Eloi Ferreira de Araújo, na apresentação da publicação “Pestana: 30 anos de arte pela igualdade” (2010, v.1, p.5) destaca que “os traços de personalidade forte e a coragem para tratar da questão racial são suas marcas. Seus *cartoons* são denúncias do racismo e uma crítica social que revelam um olhar atento e confirmam seu compromisso com a população negra”. E a respeito da atuação de Maurício Pestana na revista Raça Brasil, Eloi Ferreira de Araújo observa (2010, v.1, p.5):

Agora, na condição de presidente do Conselho Editorial da revista “Raça”, tem mostrado com naturalidade a população negra “em movimento”, nas diversas atividades humanas. Nas páginas daquela publicação desfilam moda, curiosidades, educação, trabalho, além de se travarem debates sobre a atualidade. Material jornalístico que, sob sua condução, tem destaque especial ao confirmar a importância da população negra brasileira e do continente africano para a formação da nossa nação e construção do nosso Estado Nacional.

Na mesma publicação, há outro depoimento sobre a importância do trabalho de Maurício Pestana, do deputado federal Vicentinho (2010, v.1, p. 14). Ele afirma que considera “Maurício Pestana um instrumento fundamental na transformação da nossa sociedade”. Vicentinho observa:

Com os seus quadrinhos, nos fazia refletir sobre a importância da luta contra a discriminação racial no local de trabalho. Eram quadros, que por si só nos fazia ver o quão era brutal aquela relação capitalista-racista. (...) Essa consciência de classe e racial no meio da nossa classe trabalhadora é algo novo e, por muitos anos pouco tratada nos meios da nossa esquerda, tem muitas raízes. Com certeza, muitas são as raízes que brotaram de sementes plantadas pelo artista-operário Maurício pestana. Eu, particularmente, aprendi a ter consciência da minha negritude com muito sofrimento, por causa da discriminação latente no seio da nossa sociedade. Entretanto, aprendi o caminho da felicidade nas relações entre os seres humanos, independente da cor, quando pessoas como o Maurício me fizeram aprender que não adiantava somente chorar e reclamar, mas sim, irmos à luta, com vigor e esperança.

No que se refere à população negra, a sua atuação na denúncia do racismo, e resgate da história e contribuições dos negros na construção da sociedade brasileira se destacam. Maurício Pestana considera necessária a compreensão, pela sociedade brasileira, da existência do racismo e seu impacto na vida da população negra, que ainda são desafios a serem superados. Em diferentes espaços, busca reforçar por meio de suas intervenções,

que a luta contra o racismo e a promoção de ações que possam reduzir o seu impacto (como as ações afirmativas) são fundamentais e urgentes. Exemplo disso é a sua entrevista concedida ao “Canal DoLadoDeCá” (no Youtube), onde ele destaca as *“diversas iniciativas de cunho educativo e de enfrentamento do racismo, como a criação do Fórum Permanente de Liberdade de Crença e Cultura do Município de São Paulo e do maior programa de ações afirmativas no setor público da América Latina”*, que desenvolveu no período em que foi Secretário da Igualdade Racial do Município de São Paulo (2015-2016)

Maurício Pestana também desenvolve ações na área educacional, tanto na produção de material educativo, como na participação em projetos voltados para a valorização da cultura africana e afro-brasileira. Neste sentido, podemos destacar a sua participação no projeto “A Cor da Cultura”, onde na série “Heróis de todo mundo” interpreta o artista Mestre Valentim.

A sociedade brasileira viveu uma forte mudança nas últimas décadas, em particular a partir dos anos 2000, com a implementação de políticas afirmativas nas esferas pública e privada. A chegada de Maurício Pestana à revista Raça Brasil coincidiu com este período em que muitas ações referentes a discussão da temática racial e a luta contra o racismo se ampliaram, no Brasil e no mundo. A atuação de Maurício Pestana na revista Raça Brasil inicia-se em 2007, quando assume a função de coordenador editorial da publicação. Notícia publicada no site da Fundação Cultural Palmares, em 31 de julho de 2007, informa:

Nas negociações com o empresário Ercílio de Lorenzzi, proprietário da Editora Escala, do Grupo Editorial Escala de Publicações, o cartunista colocou como condição para aceitar o convite, total autonomia editorial. “Estou assumindo com as condições que propus e espero elevar a revista à condição de a segunda mais importante do país”, afirmou Pestana, ao anunciar o término do longo processo de negociações com a direção da empresa.

Segundo pesquisas feitas pela Editora, a Raça é a segunda revista no país, lida por mais pessoas (16), ficando atrás apenas da Revista Veja (25). Embora afirme que não mudará da noite para o dia, Pestana garantiu que haverá mudanças. “Vamos ter uma atitude mais pró-ativa no apoio à alguns bandeiras que são muito importantes para a população negra, como é o caso da defesa do Estatuto da Igualdade Racial”, acrescentou.

O Grupo Escala é o segundo maior Grupo Editorial do país e é integrado pela Editora Escala Ltda., Escala Empresa de Comunicação Ltda. Oceano Indústria Gráfica Ltda e Escala Educacional Ltda e gera cerca de 1.100 empregos diretos e 300 indiretos.

Sobre a sua atuação na revista Raça Brasil, em entrevista concedida a TV Baobá, Maurício Pestana observa.:

“Eu fico muito feliz porque foi, eu diria, o último dos meus desafios, eu já enfrentei vários desafios (...) eu digo que a Raça foi um dos últimos desafios e um dos mais interessantes que eu tenho vivido, que eu tenho atuado. (...) Raça mudou muito as pessoas (...) tem muita gente que ainda tem uma visão da Raça: ah, mas é uma revista que só fala de cabelo! Não, a Raça hoje fala de cabelo, fala de racismo, fala de cotas, mostra quem são as pessoas que são contrárias às cotas, mostra como isso mudou, as ações afirmativas mudaram alguns países, a Raça se posiciona, leva pauladas também”.

A respeito de seu trabalho, Maurício Pestana (2010, p. 10) afirma que *“lá se foram 30 anos de trabalhos ininterruptos dedicados à luta contra a repressão, contra as liberdades democráticas, e, principalmente, contra o racismo”* (anexo 51). E observa:

Temas que me deram vários prêmios e o reconhecimento nacional e internacional de uma obra que alguns apontam como única no mundo, somando mais de 50 publicações entre livros e livretos de cunho educativo, em sua maioria, direcionados à denúncia do preconceito e por igualdade de oportunidades.

Zélio Alves Pinto, no volume 2 da obra *“Pestana: 30 anos de arte pela igualdade”* (2010, v.2, p.14) talvez dê uma definição exata da importância do trabalho realizado por Maurício Pestana em toda a sua trajetória:

Não é negritude, como tema ou tratamento, o que caracteriza o trabalho de Pestana e sim, a forma universal de lidar com estes elementos. A causticidade implícita em suas charges não consegue esconder a índole generosa e sábia do chargista, o qual, nem sempre, tem consciência que através de sua arte está lidando com a eternidade, e não com ações imediatas.

A vida e a obra de Maurício Pestana, deram ao Brasil uma contribuição ímpar, conforme assinala Flávio Carranço, também no volume 2 da obra *“Pestana: 30 anos de arte pela igualdade”* (2010, v.2, p.52):

Ao combinar o engajamento concreto, por exemplo, nas lutas por melhores condições de moradia, saúde e escolaridade para a população afrodescendente com a veiculação de imagens não estereotipadas de negras e negros, a obra de Maurício Pestana constitui uma contribuição inestimável para a construção de um Brasil e um mundo livres da miséria e da opressão. Ele é daqueles que sonham, acreditam nos sonhos e trabalham criteriosamente para que se realizem. Sua obra é prova disso.

Os depoimentos de cada um destes profissionais nos ajudam a perceber a importância do compromisso, individual e coletivo, na discussão, reflexão e ação na luta contra o racismo, e a perceber as consequências da discriminação racial na realidade

cotidiana da população negra brasileira. Estes profissionais, reunidos na produção da revista Raça Brasil no decorrer de sua trajetória editorial, são vozes que expressam por meio da escrita o que foi emudecido de diferentes formas na história da sociedade brasileira, sobre a presença e atuação do negro na sua construção enquanto nação. Ferreira (2005, p. 114) afirma:

As práticas discursivas que permeiam nosso cotidiano, tanto aquelas produzidas em contextos institucionais, como a família, a igreja, a escola, o trabalho, quanto aquelas veiculadas pela literatura e pela mídia, afiguram-se, portanto, como *locus* privilegiado da investigação que pretende tornar mais visíveis os caminhos da memória ou das memórias que nos constroem como sujeitos.

O compromisso de cada um, ao utilizarem as suas experiências, vivências e consciências para transformar a realidade, se faz na sua ação como profissionais da comunicação. Ao desempenharem o seu ofício de jornalista, por meio de seus textos nas edições da revista Raça Brasil, fazem uma recuperação histórica e/ou reflexão sobre a situação do negro, e tentam promover uma resistência e mobilização na luta antirracista, em busca da melhoria de sua condição social. Concorda com a afirmação de Moraes (2005, p.92) de que *“a memória social é um vigoroso, complexo e tenso campo de disputa de sentidos em que a mobilização e a circulação dos discursos e representações são utilizadas com intensidades e possibilidades”*. E Moraes (2005, p.92) prossegue observando que:

Pensar a memória como um campo social é enfatizar seu empenho em orientar e influenciar as disputas, as formas de dominação que permitem transitar por reconfigurações de fronteiras sociais e simbólicas que reforçam diferentes tempos, espaços, interações e dimensões reguladoras da produção de memórias. A memória se constitui como estratégia e negociação de sentidos.

Ao refletir sobre suas histórias, temos a impressão de que eles vislumbraram, a exemplo de Du Bois, a mesma barreira racial que, no alvorecer do século XXI, ainda existe e até mesmo se amplia, com a colaboração inclusive da expansão acelerada, intensa e global das ferramentas tecnológicas e redes digitais. Neste sentido, Moraes (2005, p. 99) afirma que *“o século XX fez com que a comunicação e a informação se tornassem “lugares privilegiados” na produção e veiculação de sentidos”*. Na sociedade brasileira contemporânea, a barreira racial se mantém em virtude da inadequada percepção da importância e urgência do enfrentamento coletivo da produção e difusão de estereótipos e preconceitos (por meio de discursos e imagens), contra os que são percebidos como “diferentes”, e que são desconsiderados em sua(s) diversidade(s), e submetidos a uma

condição de subalternidade e desigualdade motivada por suas características étnicas, de gênero e religiosas. A barreira racial que deve ser desconstruída, prioritariamente, por aqueles que por ela são afetados, e que contra ela devem concentrar seus esforços e empreender por meio de diferentes formas a sua luta, como afirma Du Bois (1999, p. 54,55):

Este, então, é o propósito de sua luta: ser um colaborador no reino da cultura, escapar da morte e do isolamento, administrar e utilizar o melhor da sua potência e do seu gênio latente. Tais poderes do corpo e da mente foram no passado, estranhamente perdidos, desbaratados ou esquecidos. A sombra de um poderoso passado negro adeja no conto da Etiópia, a sombria, e do Egito, a Esfinge. Ao longo da história, supremacias isoladas de homens negros cintilam aqui e ali, como estrelas cadentes, e morrem às vezes antes que o mundo tenha avaliado corretamente o seu brilho.

A identificação destes profissionais com a cultura negra, o seu reconhecimento e valorização, perpassaram as suas trajetórias e influenciaram os seus posicionamentos, seus fazeres bem como os conteúdos produzidos por eles durante sua atuação na revista Raça Brasil. Fez com que fossem, por meio da publicação, militantes na luta contra o racismo e na busca da conscientização e afirmação identitária da população negra; da necessidade de mobilização (individual e coletiva) para a transformação de suas realidades. De acordo com Moraes (2005, p.97)

a memória é um esforço organizado de intervenção na própria conjuntura, implicando intencionalidade sobre o modo de constituição simbólica, relacional e discursiva de realidades por meio do Estado, de movimentos sociais, de saberes, institucionais ou não, e de interesses socioeconômicos.

Buscaram, cada qual a sua maneira, contribuir para a desalienação a que muitos (negros e brancos), estão submetidos na contemporaneidade, como observa Fanon (2008, p. 187): *“Serão desalienados pretos e brancos que se recusarão enclausurar-se na Torre substancializada do passado. Por outro lado, para muitos outros pretos, a desalienação nascerá da recusa em aceitar a atualidade como definitiva”*. E Fanon (2008, p. 191), a respeito da desalienação, prossegue afirmando:

Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem. Ou seja, de mim por um outro. Que me seja permitido descobrir e querer bem ao homem, onde quer que ele se encontre.

O preto não é. Não mais do que o branco.

Todos os dois têm de se afastar das vozes desumanas de seus ancestrais respectivos, a fim de que nasça uma autêntica comunicação. Antes de se engajar na voz positiva, há de ser realizada uma tentativa de desalienação em prol da liberdade. (...)

É através de na tentativa de retomada de si e de despojamento, é pela tensão permanente de sua liberdade que os homens podem criar as condições de existência ideais em um mundo humano.

Du Bois (1999, p. 313) encerra seu livro com uma reflexão final, na qual suplica que seu texto não seja ineficaz, mas produza efeitos que promovam a transformação da realidade dos leitores e do mundo ao qual sua mensagem se destina:

Ouçá meu apelo, Ó Deus que me lê; fazei com que este meu livro não caia, natimorto, nas selvas do mundo. Que de suas folhas jorrem Doce Senhor, vigor de pensamento e ação previdente para colher a maravilhosa colheita. Que aos ouvidos de um povo culpado soe a verdade e que setenta milhões de suspirem pela justiça que exalta as nações, nestes tempos sombrios em que a fraternidade humana converteu-se em zombaria e escárnio. Assim, segundo os Vossos desígnios, possa a razão infinita reparar o erro, e que estas imperfeitas marcas numa folha frágil não sejam na verdade o FIM.

O racismo, o inimigo a ser vencido, e que se renova a cada dia, deve ser combatido incessantemente. Parafraseando Wilson Simonal, que na música “Tributo à Martin Luther King” disse que “*com uma canção, também se luta irmão, Ouvir minha voz Oh Yes! Lutar por nós...*”, podemos dizer: “*com uma revista, também se luta irmão, Ler os seus textos Oh Yes! Lutar por nós...*”. Lutar contra o racismo, com a contribuição da revista Raça Brasil.

3.5. Imprensa e literatura aliadas no combate ao racismo.

A intenção de cada um destes profissionais, com a sua intervenção profissional por meio da imprensa e da literatura (em especial na sua atuação na revista Raça Brasil) também parece ser idêntica a intenção presente na súplica de Du Bois, de promover uma transformação na realidade da população negra brasileira, que ainda em pleno século XXI, busca superar as consequências provocadas pelo racismo estrutural existente no Brasil. Fazer circular, por meio de suas produções literárias, informação que permita o reconhecimento da contribuição dos negros na formação da sociedade brasileira, (re)escrevendo discursos e (re)construindo imagens que encerram a história negra na memória da escravidão. Promover uma intervenção e ressignificação da imagem do negro e suas heranças culturais, que são ou invisibilizadas ou apagadas por meio de estratégias de mestiçagem e sincretismo, reduzindo assim a sua importância e presença na cultura brasileira. A esse respeito, Benjamin (2012, p.243,244) afirma:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como tal como ele de fato “foi”. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo. Para o materialismo histórico,

trata-se de fixar uma imagem do passado da maneira como ela se apresenta inesperadamente ao sujeito histórico, no momento do perigo. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Ele é um e o mesmo para ambos: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso tentar arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como redentor; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

A produção literária dos profissionais que participaram da equipe editorial da revista *Raça Brasil* visava poder ampliar a sua intervenção na (re)escrita dos discursos e na ressignificação de imagens estereotipadas veiculadas a respeito do negro, e que povoam o imaginário dos indivíduos. Desta forma, buscavam criar uma possibilidade de por meio da literatura utilizar da liberdade e criatividade narrativa. Poder vencer as barreiras que são impostas pelos padrões da escrita jornalística, quanto a objetividade, a veracidade e a relevância do conteúdo, que por muitas vezes é avaliado de acordo com as conveniências e interesses editoriais que filtram e impedem a veiculação de conteúdos que seriam de interesse da população negra, mas são descartados com a justificativa de não estarem de acordo com estes padrões.

É de fundamental importância considerar que a mídia e os meios de comunicação são espaços de difusão de discursos e imagens, que estão presentes em diferentes contextos e são partilhados entre os grupos presentes na sociedade (família, escola, instituições educacionais e religiosas, práticas de lazer e entretenimento), nas suas mais diversas formas de interação e relacionamento, por meio de conteúdos veiculados de diferentes formas e linguagens. A este respeito, Pereira (2001, p. 47) considera que:

A mídia, embora não seja a sociedade, se apresenta como fruto da sociedade e nos permite observar que vários aspectos da representação dos negros, antes de chegarem aos meios de comunicação de massa, já estavam organizados e repercutiam no interior dos grupos sociais. Nesse sentido, é pertinente notar que o imaginário acerca dos negros teve, e tem, o seu terreno fértil no senso comum que orienta, de um modo geral, a vida dos indivíduos e dos grupos.

(...) a relação entre as elaborações discursivas e os meios de comunicação se reveste de grande importância pois, através das primeiras, sujeito e sociedade exercitam sua competência para manipular as ideologias com que desenham os estereótipos e, através dos segundos, buscam difundir o discurso que, uma vez compartilhado, lhes garante a legitimação. Cumpre frisar que essa relação não é mecânica, ou seja, as elaborações discursivas e os meios de comunicação podem atuar em direção oposta, estabelecendo a crítica dos estereótipos e propondo estratégias para superá-los.

As produções literárias destes profissionais revelam-se uma estratégia de buscar promover por meio da escrita literária, uma ação que pudesse alterar (em diferentes espaços por meio de formatos e linguagens especificamente direcionados ao público a quem se procura atender) a condição desigual na qual se encontra a maior parcela da população, que é negra ou mestiça. Lopes (2004, p.17) refletindo sobre a realidade da população negra do Brasil em pleno século XXI declara:

Chegado o novo século, a fraca auto-estima da massa afro-descendente, que constitui cerca de metade da população brasileira, é uma triste realidade. E essa circunstância é agravada pela completa alienação dessa massa em relação à sua verdade histórica, à de seus ancestrais africanos e à de seus irmãos nas Américas e no mundo.

A produção escrita que, até o presente, se ocupou do assunto, primeiro, viu o indivíduo negro como objeto da ciência e, principalmente, da criminologia e da psiquiatria forense, ramos da medicina legal. Depois, o tratou como estatística, num grande esforço acadêmico que, salvo honrosas exceções, nenhum benefício somou à solução do problema, só trazendo láureas aos cientistas, raramente negros ou mestiços, que estudaram a questão e a materializaram em suas massudas teses universitárias.

Entretanto, apesar do panorama negativo que observa na sociedade brasileira, em relação a situação dos negros e o tratamento que temas de seu interesse são desenvolvidos nas mais diversas áreas e esferas de poder no país (normalmente por intelectuais e membros da elite branca, que fazem do negro seu objeto de estudo e exploração econômica e política), Lopes (2004, p.18) demonstra perceber possibilidades de mudança nessa situação:

Felizmente, entretanto, o novo século já vê a antítese dessa figura. Trata-se do intelectual negro militante, que, tendo também tido acesso aos bancos acadêmicos, combate o racismo com números, fundamentando sua luta em pesquisas quantitativas sobre a desigualdade de fundo etnoracial. Através desse novo perfil, os negros começam a falar em seu próprio nome, dispensando intermediários, sejam eles os “especialistas” como os do perfil visto acima, sejam os sociólogos e antropólogos do poder hegemônico.

Realizar uma militância política em prol da mudança da condição da população negra, utilizando a literatura como ferramenta, e ampliar a sua atuação profissional para além da esfera da imprensa é o que fizeram, individual ou coletivamente, cada um destes profissionais que atuaram na revista Raça Brasil. Desenvolvendo projetos de iniciativa pessoal, ou atendendo a demandas de organizações da sociedade civil organizada (e do movimento social negro em particular), produziram obras que resgatam a história negra, (re)escrevem discursos de modo afirmativo e que considere a presença e importância da população negra na construção da sociedade brasileira. Utilizam da arte, da ficção, mas

também do rigor científico, dialogando com referenciais acadêmicos e produzindo referências teóricas que consideram a heranças da negritude (africana, afro-brasileira e diaspórica) como parte de um acervo cultural que deve ser legitimado e pesquisado.

3.5.1. Aroldo Macedo.

Aroldo Macedo, após a sua saída da revista Raça Brasil, direciona a sua atuação para a área de literatura infantil – deixando de atuar na produção de conteúdos voltados para o público jovem e adulto. Questionado sobre os motivos que o levaram a voltar-se para este segmento, e sobre a importância de trabalhar a questão racial na área de educação e com o público infantil, ele responde: *“muito mais importante e fundamental, porque é na infância, é na base que se constrói uma auto estima, e é importante e necessário um “espelho” para as crianças negras se virem refletidas”*.

Aroldo Macedo, em depoimento ao CULTNE, prestado durante a Feira Preta de 2011, explica resumidamente a origem da personagem infantil Luana:

A Luana é uma personagem infantil, que é a primeira heroína infantil negra. A Luana tem oito anos, tem um berimbau mágico, ela viaja no tempo e no espaço e é uma referência, um espelho para as nossas crianças. É o que eu acredito hoje... Porque é lá embaixo, lá na nossa base que a gente deve começar a trabalhar realmente a nossa... não só a auto-estima, mas a nossa consciência.

Os livros e as revistas em quadrinhos da personagem Luana são frutos da parceria de Aroldo Macedo com Oswaldo Faustino (anexo 52), também colaborador da revista Raça Brasil. Perguntado sobre qual a sua intenção com a coleção Luana em quadrinhos, Aroldo Macedo respondeu:

A intenção é combinar o lúdico, a fantasia, o imaginário através das pequenas histórias das revistas com a Luana e sua turma de amiguinhos combatendo as desigualdades, preservando meio ambiente, resgatando a oralidade com a sua vó Josefa e permitindo que tudo isso aconteça ao som de um berimbau mágico, tocando por uma menina negra capoeirista.

Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino utilizam em cada livro um argumento 38 referente à história do Brasil, resgatando fatos e personagens em que negros estiveram

³⁸ Luana, a menina que viu o Brasil neném

Abram alas para Luana, a primeira heroína afro-brasileira do nosso país. Ela só tem 8 anos e adora lutar capoeira. Com seu berimbau mágico ela vai levar você a outras épocas e lugares para mostrar o valor da nossa cultura e a importância das diferentes raças que formaram o nosso povo. Acerte os ponteiros. Pois agora você vai viajar para o exato momento do Descobrimento do Brasil!

Extraído: <https://ftd.com.br/detalhes/?id=3116>

Luana - Capoeira e liberdade

envolvidos, de uma forma lúdica e afirmativa, promovendo uma mudança na compreensão da participação e contribuições negras na construção da história brasileira. Já na revista, Luana é apresentada como heroína, que juntamente com sua turma (que é composta de amigos que representam a diversidade étnica do Brasil) sempre que se encontra em situação de perigo ou se desloca no tempo e no espaço para viver as suas aventuras, Luana utiliza o seu berimbau mágico para superar as dificuldades e vencer seus inimigos.

A revista Luana em quadrinhos (anexo 53) é um outro projeto de Aroldo Macedo para as crianças. Em entrevista concedida ao site HQMANIACS, em fevereiro de 2005, sobre o lançamento da revista, é destacado:

Recém lançado, o projeto Luana chega ao mercado com a proposta de combater o preconceito racial, auxiliando através de hqs, pais e professores na abordagem de assuntos relacionados à etnia e cultura negra.

O projeto é apresentado através de um pacote de 12 revistas em quadrinhos de 32 páginas (as seis primeiras edições já saíram em bancas, entre 2000 e 2001, com distribuição nacional e o livro LUANA E AS SEMENTES DE ZUMBI, em que a personagem principal viaja no tempo e retorna à época do Quilombo dos Palmares, encontrando-se com o então líder Zumbi.

A protagonista é Luana, a primeira heroína negra das hqs brasileiras. Com oito anos de idade, ela joga capoeira e tem um berimbau mágico, que a transporta no tempo e espaço. Sua turminha é composta por crianças de várias etnias, promovendo a diversidade racial. Em cada

Cafindé, o lindo lugar onde Luana mora, é um remanescente de quilombo. Lá, todos são contagiados pela alegria, menos o velho Atino, que vive solitário e distante, no alto de um morro. Um dia, Luana visita Atino e fica sabendo que sua tristeza, muito antiga, é fruto da perda de um objeto querido: um berimbau que havia pertencido a seu avô, construído com os restos do casco de um navio negreiro. Então, Luana decide ajudar seu amigo e parte em busca do instrumento perdido. Para isso, ela toca seu berimbau mágico e viaja no tempo para a Cafindé de décadas atrás.

Extraído: <https://ftd.com.br/detalhes/?id=3117>

Luana - As sementes de Zumbi

Luana acorda no meio da noite com um barulho que só depois identifica ser o som dos tambores que a chamam de "esperança de Palmares", "esperança das sementes de Zumbi". Sabendo que Cafindé, lugar onde mora, é um remanescente de quilombo, ela toca seu berimbau mágico e se transporta para Palmares, à época em que era liderado por Zumbi.

Encontra primeiro o escravo Expedito, que teme os castigos do capitão-do-mato. Depois encontra Benden, um amigo muito corajoso que a leva até Palmares e seu líder. No quilombo, ouve histórias sobre seus antepassados, conhece a rotina de seus habitantes e recebe de Zumbi sementes que devem ser cultivadas para que o sonho da liberdade nunca se perca.

Extraído: <https://ftd.com.br/detalhes/?id=3118>

Luana - Asas da liberdade - 2010

Luana adora capoeira e vive num remanescente de quilombo chamado Cafindé; é filha do mestre de capoeira Calça-Larga. Transportada ao passado por seu berimbau mágico, Luana conhece algumas das pessoas que lutaram para libertar os escravizados negros no Brasil.

Entre as personalidades que ela conhece estão Castro Alves, José do Patrocínio e Joaquim Nabuco. Luana presencia o sofrimento dos seus antepassados descendentes de africanos, mas também acompanha a luta dos abolicionistas brasileiros pela libertação dos negros escravizados.

Extraído: <https://ftd.com.br/detalhes/?id=4879>

edição da revista, a seção “Causos da Vovó Joséfa” apresenta contos ambientados no continente africano, antes da escravidão.

O mentor do projeto é o carioca Aroldo Macedo, um dos principais criadores da revista “RAÇA”, um dos maiores fenômenos editoriais da década de 1990. (...)

Aroldo Macedo, questionado se teria a expectativa de neste novo espaço (a literatura infantil), conseguir alcançar o mesmo sucesso da revista Raça Brasil e se esperava por meio destas iniciativas direcionadas ao público infantil, por meio da educação, obter transformações rumo à construção de uma nova sociedade, menos racista, respondeu:

Não há termos de comparação da Luana com a Raça Brasil. Uma é um carinho da vovó, a outra é um soco do Maguila. O que se pretende com a Luana é a busca do reconhecimento de que embora diferentes na forma, somos iguais na essência, e só isso, esse entendimento, pode tornar o mundo mais tolerante e igualitário.

3.5.2. Flávio Carrança.

Flávio Carrança, no texto de sua autoria, publicado na Revista Persona em outubro de 2016, intitulado “As torres gêmeas e a igualdade racial entre os jornalistas”, a respeito da necessidade de fundamentação acadêmica para a realização da discussão da temática racial na área de comunicação declara:

(...) O que não havia era muito conhecimento acumulado sobre o tema. Fui procurar e encontrei na USP uma tese do Ricardo Alexino e outra do Fernando Conceição e também alguns artigos de outros pesquisadores e pesquisadoras. Juntei os artigos em uma apostila como subsídio para a discussão, material que depois serviu de base inicial para a coletânea **Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro**, que Rosane Borges e eu organizamos e que foi publicada Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – IMESP, parceira também na publicação da obra Imprensa Negra, de Clóvis Moura e Miriam Nicolau Ferrara, com fac símiles de importantes jornais da imprensa negra paulista.

Sobre a importância da academia na produção de conhecimento sobre a imprensa negra, Flávio Carrança observa:

A academia, pelo que sei, foi pioneira na produção de conhecimento sobre a imprensa negra. Embora não seja o único meio, a sistematização desse conhecimento permite conhecer melhor a realidade dessa imprensa, principalmente depois que deixou de circular. Muitas pesquisas têm sido realizadas sobre o tema, fazendo reflexões, levantando e tornando acessíveis informações antes dispersas. Claro que também foi produzido conhecimento importante sobre, fora da academia, mas ela tem sido fundamental.

Questionado sobre como surgiu o seu interesse de produzir publicações voltadas para a discussão racial na imprensa (anexo 54), de modo a permitir uma maior visibilidade da questão, Flávio Carrança responde:

Na verdade, não havia um plano de fazer publicações, elas aconteceram circunstancialmente. O livro *Espelho Infiel* foi resultado de uma apostila que organizei para aprofundar a reflexão sobre o tema imprensa e racismo. Era uma apostila para ser distribuída às pessoas que se aproximavam da Cojira. Depois, fomos procurados por Geledés para saber se tínhamos alguma sugestão de um texto para ser publicado numa coleção da IMESP e eu sugeri a apostila. O livro *Espelho Infiel* tem grande parte dos textos da apostila, mas também vários outros sugeridos por Rosane Borges, que representava Geledés nessa parceria. E a publicação *Imprensa Negra* foi na verdade uma reedição, pois já havia uma primeira feita em parceria entre o Sindicato e a Imesp, mas que à época já estava esgotada. O impulso para isso veio em grande parte da presença e atuação na Cojira de jornalistas da IMESP, como Chico Soares e Oswaldo de Camargo (assessor da presidência da empresa na época), que facilitaram os contatos e trabalharam efetivamente para a reedição acontecesse, agora em maior escala.

3.5.3. Oswaldo Faustino.

A produção literária de Oswaldo Faustino é extensa, o que demonstra a sua capacidade de discutir diversos temas por meio de diferentes gêneros literários. Pedimos para que ele fizesse um panorama sobre as suas obras, o que ele gentilmente atendeu:

É coautor – com Aroldo Macedo – dos livros: *A Cor do Sucesso* (Editora Gente, 1999), *Luana, a Menina que Viu o Brasil Nenem* (FTD, 2000), *Luana e as Semente de Zumbi* (FTD, 2004), *Luana, Capoeira e Liberdade* (FTD, 2009) e *Luana e as Asas da Liberdade* (FDT, 2010). Há ainda, pela editora Toque de Mídas, dois livros: *Luana e a Roda que Ilumina o Mundo* e *Histórias da Vovó Josefa* (ambos em fase de edição para publicação), além da série de 18 revistas em quadrinhos *Luana e Sua Turma* que, a cada número, traz um conto de inspiração africana. Estes contos fazem parte da obra *Histórias da Vovó Josefa*. Lançou, pela Editora Selo Negro/Summus, a biografia do escritor e compositor Nei Lopes (2009), da Coleção *Retratos do Brasil Negro*, e o romance histórico *A Legião Negra* (2011), sobre a participação de batalhões de voluntários negros na Revolução Constitucionalista de 1932 e sobre a presença negra na cidade de São Paulo, do final do século XIX às primeiras décadas do Século XX. É um dos autores dos livros didáticos: *Africanidades São Paulo – História e Cultura Afro-brasileira* e *Africanidades Paulistanas* (ambos pela Editora Grafiset, 2014). Lançou ainda, pela Melhoramentos o livro infantil *Iori descobre o Sol*, o *Sol descobre Iori*, paradidático voltado à Educação Infantil. É também autor do romance-biográfico *A Luz de Luiz*, uma obra juvenil sobre o advogado, jornalista, poeta, abolicionista e republicano Luiz Gama, lançado em novembro de 2015 pelo selo PRETOBLACK Da Editora e Estúdio Córrego.

Oswaldo Faustino teve na literatura uma forma de poder ultrapassar as barreiras existentes no espaço jornalístico. Perguntamos se para ele a literatura foi então, uma forma de poder atuar em favor de seu próprio povo, de modo mais acirrado:

Pois é, na grande mídia, aquela que sempre me sustentou, não havia espaço. Só em mídias alternativas, com raros frilas, como, por exemplo, uma antiga revista negro-paulistana que quase ninguém menciona, chamada Ébano, pioneira nas bancas da cidade. E em outros veículos da minúscula mídia negra de minha juventude, se comparada aos jornais criados por nossos militantes, desde o século XIX. Eu próprio criei, nos anos 90, com o mastro Estevão Maya Maya, um jornal, em formato pequeno intitulado Chama Negra, que foi financiado por um grupo relacionado ao Muammar al-Gaddafi, que tinha grande interesse no movimento negro brasileiro. Mas a publicação durou pouquíssimo. Então me restou mesmo a literatura, a começar pela infantil em parceria com Aroldo Macedo e depois as produções-solo.

Em suas obras, Oswaldo Faustino trata de fatos, personagens, em que o negro está presente (no Brasil e na diáspora), mas de modo a resgatar seu protagonismo e importância. Perguntamos a ele se suas contribuições na Revista Raça seriam uma alternativa de fazer desta sua forma literária de escrita, uma intervenção militante no espaço jornalístico impresso?

Pois é, penso até de outra forma: a colaboração na Raça Brasil foi um laboratório em que desenvolvi o traquejo nas pesquisas e de uma escrita que não seguia os rigores jornalísticos, tendendo, ao jornalismo literário. Daí para os livros foi um pulo. O fundamental é o protagonismo negro nesses livros. Um eu coletivo que se transforma em espelho para leitores e leitoras, mesmo quando não negros. Quando falo para uma plateia de maioria não negra, mas que demonstra um grande interesse por minhas obras, ao final, sinto um grande desejo de me despedir com um: Boa noite, negrada! (rindo de gargalhar).

A atuação de Oswaldo Faustino como jornalista que trata da história negra, tem um viés que é extremamente importante: a história da “negritude militante”, conforme uma declaração dada por ele em entrevista concedida para a “Feira Preta” (2014). Como você busca retratar por meio de sua escrita, o tratamento menor dado aos personagens e fatos (no Brasil e na diáspora) relativos à negritude militante?

A militância e o protagonismo negros, de alguma forma estão e estarão sempre presentes em minhas obras. Escrevi uma biografia do compositor, cantor, pesquisador e escritor Nei Lopes. Uma obra em formato pequeno, mas próxima de um perfil biográfico. Agora estou acumulado material para uma nova publicação, com cerca de 500 páginas. Nei é um grande espelho para todos nós. Mas, por outro lado, não sou cego, muito menos hipócrita. Entre nós também há vilania e, sempre que possível, isso deve ser explicitado. Tenho uma obra projetada, por exemplo, tratando da paternidade irresponsável, bastante comum entre os nossos. No Diário Popular, entrevistei um sambista que me disse o seguinte: “Quando meu pai morreu, saí pelo Rio de Janeiro,

à procura de meus irmãos e irmãs. Quando me informavam da existência de um ou uma, lá ia eu lá, com um caderno e fazia uma ficha com seus dados. Meu medo maior era um irmão casar com uma irmã.” O livro que vou produzir será minha homenagem a uma multidão de heroínas negras do cotidiano, que desde a escravidão foram e são chefes de família, pai e mães ao mesmo tempo. Temos de ter coragem de expor nossas feridas, assim como faz a grande escritora afro-americana Alice Walker.

Oswaldo Faustino no livro “Legião Negra”, resgata situações e personagens da São Paulo do início do século XX. Uma análise da obra, feita pelo site Geledés (2011) afirma: *“a pesquisa permitiu-lhe também reconstruir o contexto social, cultural e econômico da São Paulo da década de 1930 – ora em situações conflituosas ora em aparente harmonia se interrelacionavam paulistas quatrocentões, negros, mestiços, imigrantes europeus e migrantes oriundos principalmente de estados do Nordeste. Cada qual com seus costumes e em espaços determinados, é verdade. Aos negros e pardos restavam apenas os cortiços, porões e subúrbios, as rodas de tiririca, o jogo ilegal e os biscates”*. Perguntamos a Oswaldo Faustino se ele acreditava que sua intenção de resgatar e produzir uma nova memória sobre as relações entre negros, nacionais e imigrantes, destacando a participação dos negros, contribui para que outras iniciativas de revisar a história do negro no Brasil, a partir de uma visão para além da “memória da escravidão”, seja possível:

Se um trabalho da gente contagia outros escritores e escritoras, se estimula uma linha de pesquisa, se leva uma pessoa que vive alienada e refletir a respeito, eu quero mais que essa febre se propague. Quando mais de resgatarm tais memórias, mais se aprofundam as raízes, que certamente atravessará pelo subsolo a Kalunga Grande e ressurgirá em nosso Continente-Mãe. Espero que a literatura da diáspora negra reavive a própria identidade gloriosa africana, que em muitos lugares ficou infinitamente abalada no pós-independência de vários países, principalmente por tal independência ter acontecido com apoio soviético e o mundo soviético ter virado pó. Daí o noticiário internacional, veiculado pelas agências, só mencionar África para falar de miséria, de fome, de doenças, de guerras civis e a eterna dependência metropolitana ou da solidariedade (caridade) alheia.

O livro “Legião Negra” é resultado de uma intensa pesquisa realizada por Oswaldo Faustino, que contou com depoimentos e estudo de textos acadêmicos. Em artigo no Portal Áfricas (2015), Oswaldo Faustino destaca que: *“(…) O importante é lembrar que o historiador Dr. Petrônio José Domingues, atualmente na Universidade Federal do Sergipe (UFS), tem duas excelentes obras a respeito: o artigo “Os Pérolas Negras”: A participação do negro na Revolução Constitucionalista de 1932”, publicado em 2003 na revista acadêmica Afro-Ásia, da Universidade Federal da Bahia – edição de número 30, páginas de 199 a 245 –; e o livro A Nova Abolição, pela Editora Summus, que além da*

Legião Negra Paulista, traz a resistência do nosso povo em organizações específicas, após a abolição da escravatura, e também resgata a história da imprensa negra em nosso Estado.”. Perguntamos a Oswaldo Faustino qual era a sua opinião sobre a importância da academia na promoção de uma reescritura da história do negro, e da imprensa negra em particular?

Fundamental e necessário. Porém, há que se “dar a Cesar o que é de Cesar”, não fazer com nosso povo o que fazem os pesquisadores não negros: trata-lo apenas como objeto de estudo e não como protagonista de sua própria história. É como se eles existissem apenas porque são reconhecidos por acadêmico e pela academia. Petrônio, nunca teve a oportunidade de dizer a ele, é um verdadeiro missionário de nossa história, não no sentido religioso, mas no de sentido de missão. Não fossem seus estudos, nossa invisibilidade seria ainda maior. Como ele vários outros e outras acadêmicas.

Em sua incursão na literatura infantil, em particular na série “Luana” onde desenvolve uma parceria com Aroldo Macedo, Oswaldo Faustino também empreende uma reescritura histórica do imaginário sobre o negro. Em entrevista ao Literafro da UFMG ele afirma; *“Porém Luana faz na literatura infantil o que reivindicávamos nas novelas de TV: personagens contextualizados socialmente, com relação familiar, com um olhar crítico, com disposição de lutar (não só a capoeira, mas também em outros enfrentamentos) para transformar realidades, mesmo que no passado. Podem sim, ter existido outras antes dela, mas desconhecemos. Daí o entendimento desse suposto pioneirismo”*. Questionamos a ele sobre a importância deste tipo de abordagem literária, desenvolvida em parceria, para além do espaço do jornalismo, como uma estratégia de intervenção e proposta de transformação da realidade atual:

Pois é. Trabalhar a ficção, amparada na história e na realidade cotidiana é colocar leitores e espectadores, no mesmo tempo e espaço dos personagens e fatos históricos, livre para direcionar o seu olhar para os pontos em que serão edificadas as colunas de sustentação de seus pensamentos, de sua consciência. Se a gente faz isso através da literatura infantil, está trabalhando no próprio alicerce dessas futuras lideranças. Não tem um ditado italiano que diz: “Piano, piano; se va a lontano”? E também: “É de pequenino que se torce o pepino” (também do italiano, pois Pepino é diminutivo de Peppe, apelido de Giuseppe). Assim como esse povo europeu, nossos povos africanos e afro-diaspóricos também são extremamente preocupados com a formação de suas crianças, daí o valor da oralidade, muito antes de se ter noção da existência da escrita.

Oswaldo Faustino concedeu uma entrevista ao “Programa Toque Clóvis Ribeiro” (2015), onde abordou o lançamento de seu livro “A luz de Luiz: por uma terra sem reis e sem escravos”. Nesta entrevista o radialista diz que o livro estava *“trazendo à tona esta*

memória, esta luz sobre a vida de Luiz Gama”. Pedimos a Oswaldo Faustino para fazer uma reflexão sobre a importância de Luiz Gama (o personagem retratado no livro) para a história da luta pela liberdade no Brasil, e qual foi a sua motivação para a escolha de resgatar este personagem, em particular, dentre tantos outros também invisibilizados pela história oficial?

Nesse livro, trabalho com a alegoria do blecaute. Seis jovens – três garotas e três rapazes de etnias diferentes –, do século XXI, descendo pela rua da Consolação, são apanhados por um apagão, não só das luzes dos prédios e da iluminação pública, mas também dos veículos e qualquer outro tipo de iluminação. Claro que isso se refere à falta de memória e/ou desconhecimento da história de nosso povo e de nossos heróis. É exatamente a luz de Luiz Gonzaga Pinto da Gama que trará de volta a luminosidade a São Paulo, a luz da justiça, do fim da opressão, dos genocídios, do racismo. Esta cidade em que, no ano de 1882, quase 10% da população acompanhou seu cortejo fúnebre, encontra-se sob o blecaute da desinformação sobre esse herói. Hoje poucos sabem que, por 52 anos, viveu aqui esse baiano que transformou não só a realidade de escravizados, mas de toda a sociedade da época. Chegou escravizado, aos 10 anos e morreu reconhecido e exaltado até por alguns contra os quais lutou na justiça. Teve uma vida cinematográfica, com todas as emoções possíveis ao ser humano. Na obra, eu promovo um encontro desses jovens com o herói que está à procura das próprias pegadas, a cada dia mais desaparecidas. Ele vai viajar pela própria história e leva o grupo consigo. Lembro-me da noite em que a OAB comunicou, no auditório da Universidade Mackenzie, seu reconhecimento como advogado – até então ele era chamado de “rábula” que, além das conotações jocosas, atestava o fato de ele não possuir um diploma para exercer sua profissão – em que não fomos só nós a nos emocionarmos. Caiu um tremendo temporal. Para mim era o próprio Luiz Gama, que não conseguiu conter as lágrimas, diante dessa notícia que o reavivou, assim como aquela em que foi reconhecido como precursor da advocacia pro bono.

Ligia Fonseca Ferreira³⁹, na resenha sobre o livro “A luz de Luiz” afirma: *“Oswaldo Faustino nos oferece, com grande respeito às mais recentes pesquisas historiográficas, uma saborosa e instrutiva “ficção”, bem diferente de tantas outras que, desde meados do século XX, falsearam acontecimentos, palavras e atitudes, prestando um desserviço à memória de uma personalidade negra rica e complexa. Como falar de “identidade” em suas múltiplas dimensões, se desprezarmos a História? Como fortalecer, no presente, a autoestima de um povo se não acolhermos com reverência o*

³⁹ FERREIRA, Lígia Fonseca. Possui Doutorado em Letras pela Université de Paris III – Sorbonne, com tese sobre vida e obra do escritor, advogado, jornalista e abolicionista Luiz Gama. Além de tradutora, é também especialista em didática de línguas e culturas estrangeiras e estudos interculturais. Atualmente, é docente da área de língua e literatura francesa do Departamento de Letras da UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Extraído: <http://www.ieb.usp.br/ligia-fonseca-ferreira/>

passado, a ancestralidade? Este é o encontro que nos proporciona Faustino". Mais uma vez, o diálogo de sua obra com a academia é fértil. Como Oswaldo Faustino avalia esta possibilidade de união e diálogo entre a literatura/jornalismo/academia? Sua resposta é a seguinte:

Não tenho dúvida disso. Em meu primeiro romance, a "Legião Negra", a maior parte do conteúdo histórico foi baseado no artigo do Prof. Dr. Petrônio José Domingues "Os Pérolas Negras: a participação do negro na Revolução Constitucionalista de 1932", publicado na revista acadêmica Afro-Ásia, núm. 30, 2003, pp. 199-245, da Universidade Federal da Bahia. Infelizmente ele só publicou "A Nova Abolição" depois de meu romance, por sinal também pelo Selo Negro/Summus, Nessa obra ele desenvolve ainda mais esse tema e meus personagens ficcionais poderiam vivenciar outros fatos lindos, na convivência de personagens reais, assim como tive a felicidade de conhecer o Dr. Raul Joviano do Amaral, que em 1975, me falou da Revolução de 32, mas sem mencionar a Legião, da qual fez parte. Se mencionou, não me dei conta. Sou infinitamente grato ao dr. Petrônio e nunca tive a oportunidade de dizer-lhe isso pessoalmente. Mande-lhe um *E-mail*, mas não sei se ele recebeu. O forte do romance é, realmente, o seu conteúdo histórico, que não deixo de mencionar a autoria, logo na introdução. Na verdade, a Dra. Lígia não gosta quando faço a afirmação a seguir, mas penso que a produção acadêmica, muitas vezes não é produzida pensando nos leigos que seriam muito mais beneficiados se os textos não se utilizassem de uma linguagem tão hermética, o que lhe confere a classificação de conteúdo relevante. Aí, após notas altas da banca de avaliação e elogios dos pares, a tese vira publicação que vai parar numa estante da biblioteca e servir para futuras pesquisas que a transformarão em citações. O romance pode veicular essas informações de uma maneira mais palatável e, ao mesmo tempo, emocionar quem lê. Enfim, literatura/jornalismo/academia é um bom caminho. Era o que eu já sonhava em fazer quando participei do NEINB/USP e queria fazer um boletim numa linguagem mais simplificada sobre os estudos de cada um(a) daqueles(as) pesquisadores(as).

Lígia Fonseca Ferreira conclui a resenha sobre o livro "A luz de Luiz" com a seguinte afirmação: *"Se por muito tempo e para alguns ficou invisível, a "luz" de Luiz Gama jamais se apagou. Prova é que seu clarão inundou a mente e o coração de Oswaldo Faustino e inundará a mente e o coração de seus leitores e leitoras – afrodescendentes, brancos, indígenas, asiáticos. Tenho certeza de que se orgulharão deste "herói" que é um patrimônio de todos os brasileiros*". Perguntamos a Oswaldo Faustino qual a sua opinião a respeito da visão atual existente sobre o negro e suas contribuições e participação na construção da sociedade brasileira:

A visão sobre negros e negras, suas contribuições e participação na construção da sociedade brasileira continuam infinitamente aquém do papel real de nossa participação. Nosso próprio povo sofre dessa miopia. Veja por exemplo o belíssimo samba-enredo da Mangueira, de 1988, cujo tema era "Cem anos de liberdade, realidade e ilusão". Trata-

se de uma letra belíssima com uma linda melodia. Porém, para mim, ela peca num detalhe, quando diz: “*Moço não se esqueça que o negro TAMBÉM construiu, as riquezas do nosso Brasil*”. Os compositores nem se deram conta de que, por quase 400 anos, essa riqueza SÓ FOI CONSTRUÍDA por negros e negras escravizadas. Esse TAMBÉM poderia referir-se aos imigrantes europeus que só começam a participar da produção da riqueza e cultura nacional no século XIX. Ao falar de nossa participação, sempre lembram da feijoada, da capoeira, do samba e fica por aí. Ninguém se dá conta de que africanos desenvolveram tecnologias em várias áreas, que foram trazidas pelos escravizados e muito auxiliaram na melhoria fosse na produção do açúcar e do café, fosse na construção de moradias e outras edificações em taipa de pilão e na metalurgia, entre outras. Mas nós, sempre que podemos, os fazemos lembrar.

3.5.4. Sandra Almada.

Sandra Almada é autora de livros que abordam as biografias de personalidades negras importantes na história do Brasil: “Damas negras – Sucesso, lutas, discriminação” - Mauad, 1995 - sobre a trajetória das atrizes Ruth de Souza, Léa Garcia, Chica Xavier e Zezé Motta e “Abdias Nascimento” – 2009, pela Selo Negro Edições (anexo 55). Sobre a importância de produzir textos literários sobre personagens negros, Sandra Almada destaca:

Não podemos negar, na constituição de uma identidade individual ou grupal, na formação de uma consciência de raça ou de classe, a necessidade e a importância de se conhecer a História daquele grupo. Ou de pessoas de um dado grupo, tomando conhecimento sobre o que fizeram e o que pensavam aqueles que os constituíram, aqueles que nos precederam. Ou aqueles que vivem ao nosso lado, no nosso tempo, mas vivenciam realidades diferentes das nossas. Isso é fundamental. Faz parte da riqueza humana tomar posse das narrativas e do conhecimento deixado pelos que vivem a negritude em contextos iguais ou distintos do nosso. Isto é fundamental para se alicerçar uma identidade negra e, sobretudo, avançar com a colaboração do outro!

Li “Olhos D’água” de Conceição Evaristo. Algo mudou em mim, com relação à minha identidade feminina negra. Talvez as dores recalçadas em função de se ter coragem para lutar com altivez, diuturnamente, tenham podido escorrer dos meus olhos, eles também, cheios de água, naquele momento! Eu cresci com aquela literatura? Tornei-me mais sensível em alguns aspectos! Claro! Já o rapper Marcelo D2 me disse numa entrevista: “Sandra, pra mim, Mano Brown é o maior historiador do nosso tempo. Conta a história de nossa gente (pobre, de periferia) como ninguém!” E completando o que disse D2, com quem eu concordo, eu digo: são milhares de jovens que escutam e refletem sobre estas narrativas musicalizadas, ou rithm and poetry (rap), semanalmente, nos shows do grupo Racionais MC. Isto lhes dá consciência. E como a narrativa hip hop tem potência, vem colaborando para novas posturas entre os jovens! Eu creio nisso!!!

É preciso aumentar, entre os negros, o acesso à literalidade escrita, num país com um número ainda alto de analfabetos funcionais, muitos afro-brasileiros entre eles. Sonho com o dia em que escrever livros sobre

personalidades expressivas negras seja exigência de um mercado onde o negro é leitor de fato e quer saber de sua ancestralidade, de sua história, de seus heróis, transgressores, etc. Um livro deveria atingir o mesmo número de pessoas que ouvem a narrativa do historiador Mano Brown, num show dos Racionais!

A dissertação de mestrado de Sandra Almada (anexo 56) foi a primeira pesquisa acadêmica realizada sobre a Revista Raça Brasil. Depois dela, vários trabalhos acadêmicos (artigos, monografias, dissertações) foram produzidos, comprovando a importância da revista Raça Brasil para a discussão racial na comunicação social do Brasil, por meio da imprensa. Perguntamos a Sandra Almada qual era, na sua opinião, o motivo de, não terem surgido outras publicações neste segmento após a revista Raça Brasil:

Deveríamos fazer uma pesquisa séria sobre isto. Ou melhor, realizar duas pesquisas sérias. Uma “pesquisa de recepção”, de caráter acadêmico, para entender como os leitores receberam o conteúdo editorial (textual e imagético) oferecido pela publicação. A RAÇA sem radicalizar politicamente, apostou em linhas editoriais com nuances diferentes, orientações editoriais com alguns diferenciais. Mas sempre foi uma revista que, no meu modo de ver, teve um caráter “integracionista”, como muitos veículos da “velha imprensa negra”. Ou seja, negro deveria lutar para reintegrar-se à sociedade numa condição mais digna do que a de descendente de escravos. É claro que afirmar isto pode parecer que todas as matérias defendiam, em última instância, ideias integracionistas. Isto seria uma afirmação simplista. Nas reportagens e artigos sobre cotas raciais, por exemplo, a reparação almejada não significava uma mera “integração” ao que estava posto. No material editorial que tratava do tema, ficava claro que, para uma parcela muito expressiva da sociedade brasileira (e não só para a comunidade negro-brasileira, onde aliás, há pessoas refratárias, até hoje, à adoção das cotas raciais) era necessário que houvesse uma aposta não nos ideais da meritocracia que para o negro caminharam durante um bom tempo de mãos dadas com o integracionismo (e isto, repito, ficava evidente nas páginas dos jornais da imprensa negra que nasceu no início do século XX) mas advogavam sérias mudanças sociais que elevassem a outro patamar a sub-cidadania negra. A outra pesquisa seria de ordem mercadológica. O negro quer ler o que? Quer ler sobre si? Há possibilidades de se investir numa publicação negra, mais uma vez? Ou o negro brasileiro quer se ver na condição de personagem de matérias sobre todo e qualquer assunto, em toda e qualquer revista? São questões a serem sondadas, creio.

3.5.5. Maurício Pestana.

Maurício Pestana possui uma rica e variada produção acadêmica, que transita por diferentes gêneros literários. De acordo com uma biografia existente no site Bigorna, de 2007, algumas de suas obras são destacadas:

Autor e co-autor de diversas exposições e publicações, entre as quais: *São Paulo Terra de Toda Gente* (Editora Nova América, 2004); *Ações*

Afirmativas: Este é o caminho (Fundação Cultural Palmares, 2003); *Violência Histórica* (Opera Graphica Editora, 2002); *Meu Brasil Brasileiro* (Editora Escala, 2002); *Racista, Eu!? De jeito nenhum!?!?!?* (Editora Escala, 2001); *O Negro e a Cidadania 500 Anos Depois* (SESC/SP, 2000); *Tudo Sobre a Convenção 111 da OIT* (Conselho Estadual do Negro, 1999); *Direitos Humanos no Cotidiano* (Ministério da Justiça – UNESCO, 1998); *Direito das Mulheres* (Conselho Estadual da Condição Feminina, 1998); *Direitos do Consumidor no Mercosul* (OAB/SP, 1997); *Humor, Amor com Camisinha* (DKT do Brasil, 1996); *Lenda dos Orixás para as Crianças-Exu* (Fundação Cultural Palmares, 1996); *Manual de Sobrevivência do Negro no Brasil* (Editora Sampa 1993); *Educação Diferenciada* (Editora Iglu, 1989); e *A Transação da Transição* (Editora Press, 1985).

Na obra “Manual de Sobrevivência do negro no Brasil” (1993, p. 7, 8), Arnaldo Xavier e Maurício Pestana afirmam que:

Em síntese, o que é ético para o branco, neste país subdesenvolvido, até na sua miserável e infeliz condição de racista, nunca foi para o negro. Porque, para nós – Negros -, a ética sempre foi uma grande piada. Por isso, não podíamos começar este **serviço de negro** sem ressaltar que os caraspintadas, ora teleguiados pelas elites brasileiras, estão gritando dinte de instituições em estado de putrefação. E que nós, caraspintadas **por natureza**, estamos clamando há cinco séculos. E que nossa luta pela sobrevivência tem sido uma permanente campanha contra a fome.

Maurício Pestana e Arnaldo Xavier criticam a hipocrisia e a insensibilidade da elite brasileira, na introdução de seu livro. Afirmam que o Estado brasileiro, subdesenvolvido e racista, não atende de modo ético e digno as necessidades mínimas dos cidadãos negros que dele fazem parte e que vivem em situação miserável.

Figura 40 - MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA DO NEGRO NO BRASIL



Fonte: Arquivo pessoal

Em depoimento concedido a repórter Roberta Dezan, sobre a sua obra e veiculada no canal do cinegrafista e editor Wander Otoni, no Youtube, Maurício Pestana faz algumas revelações sobre como e por que iniciou seu trabalho de denúncia da existência do preconceito racial por meio de cartoons. A repórter inicia a matéria dizendo: “o protagonista da nossa matéria é o cartunista Maurício Pestana, que transforma o

preconceito que ele próprio sofre em trabalho e motivo de piada, chamando a atenção para outras formas de preconceito”. Na reportagem, Maurício Pestana afirma:

O meu trabalho acabou virando um pouco de referência de como abordar a questão do racismo no Brasil, como forma de *cartoon*, mas muito mais do que como forma de *cartoon*, como forma de educação. (...) A cultura brasileira, assim como sobre outros temas, era de que não havia racismo. E aí, todo mundo, as pessoas não acreditavam que havia racismo, e até mesmo muitos negros não acreditavam, e poucos ainda hoje ainda não acreditam.

Eu através do meu cartoon eu conseguia mostrar um pouco, eu conseguia traduzir como que essas situações se dão.

Figura 41 - LIVROS MAURÍCIO PESTANA (1)



Fonte: Site Pestana Arte e Publicações. Disponível em: <http://www.mauriciopestana.com.br/loja>

Maurício Pestana, além de desenvolver trabalhos de cunho autoral também realiza a produção de obras em parceria ou a pedido de movimentos sociais organizados. Um dos exemplos são as obras relativas às revoltas ocorridas no Brasil, em parceria com a Escola Olodum. Em reportagem concedida à TVE Bahia, na ocasião do Inçamento da cartilha “A Revolta dos Malês”, Maurício Pestana falou um pouco sobre o projeto:

Esta cartilha faz parte de um projeto da Escola Olodum, que é de falar de algumas revoltas que aconteceram no Brasil, sobretudo no período da escravidão, e o pós-escravidão, e este é o terceiro trabalho que eu faço: a gente fez primeiro “A Revolta dos Búzios”, depois nós fizemos “A Revolta da Chibata” sobre o que aconteceu no início do século XX, e voltamos para lançar “A Revolta dos Malês” agora.

Maurício Pestana desenvolve também livros voltados para o público infantil, com a produção da coleção “Mãe África”. De acordo com matéria publicada no site da Fundação Cultural Palmares, quando do lançamento da coleção em agosto de 2012, em Brasília, descreve a proposta e conteúdo da publicação:

A série Lendas da Mãe África é uma coleção de livros infantis com lendas dos deuses e mitos africanos muito populares na Bahia e em grande parte do país, enraizados nos alicerces da cultura brasileira e demonstra a importância que tem a pluralidade cultural na formação dos brasileiros.

A publicação é direcionada às crianças sem o traço e o estereótipo nos quais alguns desses deuses são descritos ainda hoje no Brasil. A proposta é promover a visibilidade da Lei nº10.639, que obriga a história da África e Afro-brasileira nas escolas, e o combate a intolerância religiosa.

A coleção conta com participações especiais de Wilson Simoninha, a atriz Adriana Lessa, o ator Antonio Pompeu e a cantora Margarete Menezes, entre outros. A série é composta por 12 livros. À princípio, seis deles foram lançados: *Menino Travesso*, *Adorável Menina*, *Valente Guerreiro*, *Criador do Mundo*, *Caçador Popular* e *Rainha das Águas*.

No lançamento da coleção no Rio de Janeiro, realizado no Castelinho do Flamengo e promovido pela Livraria Negra Kitabu, em depoimento ao CULTNE DOC, Maurício Pestana declara:

A coleção “Mãe África”, que eu lanço hoje no Rio de Janeiro, é um projeto antigo, projeto que eu fiquei com ele mais de cinco anos debaixo do braço, querendo lançar. Eu já havia lançado o primeiro número, que na realidade o título original era “Lendas dos Orixás para crianças”; eu tinha lançado “Exu”, há muitos anos, pela Fundação Palmares. Mas eu queria lançar os doze Orixás, né? E naquele período era um projeto que ficava muito complicado, muito caro, e aí acabou não dando pra fazer a coleção toda.

Passaram-se os anos, e há cinco anos eu completei os doze exemplares e passei a apresentar para algumas editoras, enfim, percorri várias... sempre tinha um problema, tinha outro... Uma das coisas que se alegava era que o cunho religioso, e as editoras, sobretudo as editoras de paradidáticos trabalham com prefeituras, trabalham muito com escolas particulares que em sua maioria são ligadas às instituições religiosas, igrejas e que ficaria difícil de comercializar esses livros.

Mas, os Orixás me ajudaram e graças à Deus no ano passado eu consegui fechar com a Escala Educacional que resolveu publicar todos os doze livros. A única coisa que pediram era para fazer adaptações, inclusive o título, por causa da lei 10.639, ficou “Lendas da Mãe África”, mas com todos os doze Orixás.

Podemos perceber, no depoimento de Maurício Pestana, as dificuldades enfrentadas para a concretização de um projeto editorial sobre temas voltados à população negra (ainda mais com abordagem de natureza religiosa). Mesmo um profissional consagrado como Maurício Pestana, e com publicações relevantes em sua biografia, tem que resistir e insistir em sua luta contra o racismo, enraizado na estrutura da sociedade brasileira de diferentes formas.

Figura 42 - LIVROS COLEÇÃO MÃE ÁFRICA MAURÍCIO PESTANA



Fonte: Site Mamapress. Disponível em: <https://mamapress.wordpress.com/2012/09/18/historias-que-lobato-nao-contou-lancada-no-rio-colecao-mae-africa-de-mauricio-pestana/>

Ao observarmos as diferentes produções literárias desenvolvidas por estes profissionais que fizeram parte da equipe de colaboradores da revista Raça Brasil, o compromisso de promover uma luta antirracista por meio da atuação em espaços comunicativos, em especial no jornalismo e na literatura. Pereira (2001, p. 47) considera que:

a relação entre as elaborações discursivas e os meios de comunicação se reveste de grande importância pois, através das primeiras, sujeito e sociedade exercitam sua competência para manipular as ideologias com que desenham os estereótipos e, através dos segundos, buscam difundir o discurso que, uma vez compartilhado, lhes garante a legitimação. Cumpre frisar que essa relação não é mecânica, ou seja, as elaborações discursivas e os meios de comunicação podem atuar em direção oposta, estabelecendo a crítica dos estereótipos e propondo estratégias para superá-los.

É de fundamental importância considerar que a mídia e os meios de comunicação são espaços de difusão de discursos e imagens, que estão presentes em diferentes contextos e são partilhados entre os grupos presentes na sociedade (família, escola, instituições educacionais e religiosas, práticas de lazer e entretenimento), nas suas mais diversas formas de interação e relacionamento, por meio de conteúdos veiculados de diferentes formas e linguagens. A este respeito, Pereira (2001, p. 47) considera que:

A mídia, embora não seja a sociedade, se apresenta como fruto da sociedade e nos permite observar que vários aspectos da representação dos negros, antes de chegarem aos meios de comunicação de massa, já estavam organizados e repercutiam no interior dos grupos sociais. Nesse sentido, é pertinente notar que o imaginário acerca dos negros

teve, e tem, o seu terreno fértil no senso comum que orienta, de um modo geral, a vida dos indivíduos e dos grupos.

A partir de suas produções, estes profissionais procuram intervir e realizar uma mudança na forma preconceituosa e discriminatória com que a sociedade brasileira dispensa à população negra, encrustada na memória oficial que circula hegemonicamente na sociedade brasileira. Neste sentido, Moraes (2005, p.98) observa:

Há de um lado, uma memória oficial que atua no sentido de viabilizar a manutenção de estruturas sociais, que seleciona, ordena e classifica fatos segundo critérios próprios, e se constrói considerando ou não silêncios, sombras, esquecimentos, repressões e estratégias de exclusão. De outro, há várias memórias sociais subterrâneas que, empenhadas em viabilizar as mudanças reclamadas pela sociedade, transmitem, conservam e produzem lembranças e comportamentos proibidos, desqualificados ou ignorados pelos discursos e pelas representações predominantes.

As obras e projetos destes profissionais procuram desestabilizar esta memória oficial, e desvelar, provocar a rememoração, investigar a veracidade de episódios em que muitas vezes, por conta do racismo, mantém estruturas e privilégios fundamentados em motivações étnicas. Ressignificam discursos e imagens que tradicionalmente estão instaurados na consciência e no imaginário dos indivíduos, em consequência dos conteúdos que são veiculados e que desconsideram ou invisibilizam a história da população negra na construção da sociedade brasileira.

Atualizam a memória social no que se refere à população negra, majoritária na sociedade brasileira e que encontra-se em situação de desigualdade em relação a população não-negra. Wehling e Wehling (1997, p. 17) afirmam que:

O conceito de memória social ou coletiva presta-se à leitura de diferentes significados. De um ponto de vista social, ou mesmo sociológico, pode-se perceber que compreende tanto uma visão homogênea como conflitual do passado. Pode idealizá-lo, congelando ou esquecendo as tensões sociais e lutas, numa perspectiva de cooperação pacífica. Ou, pelo contrário, pode ser instrumento de combate para afirmar a própria identidade – minoritária, muitas vezes, ante outras comunidades da mesma sociedade.

Reconstroem, de modo afirmativo a memória sobre o negro, para além da memória da escravidão, resgatam fatos e personagens que tiveram protagonismo e importância na história do Brasil, bem como fazem circular novos discursos e imagens sobre os aportes culturais negros (africanos e afro-brasileiros), que estão presentes no cotidiano nacional. Desconstroem estereótipos e visões que promovem a intolerância e o racismo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equânime na esfera racial.

3.6. Raça Brasil do impresso para o digital: a virtualização da mídia negra.

A revista Raça Brasil acabou?

Matéria publicada no Portal Áfricas em abril de 2016, anunciava o fim da publicação:

Publicada há 20 anos, a revista Raça Brasil não foi a primeira, mas foi, sem dúvida, a publicação mais popular destinada ao público afro-brasileiro. A partir do próximo mês de Abril, ela se chamará Revista Afro Brasil.

“A revista Raça Brasil é da editora Minuano e vai ser aposentada para a nova revista ser lançada”, explica Romário de Oliveira que era editor da RB e agora migra para nova revista com a mesma função. A nova revista é da Minuano.

Assim como as diversas publicações da antiga imprensa negra, que foram atingidas por dificuldades advindas de contextos políticos e econômicos que inviabilizaram a sua continuidade, a revista Raça Brasil, que durante duas décadas resistiu a momentos de grande dificuldade que ameaçavam a sua continuidade, e superou as adversidades que se apresentavam promovendo mudanças editoriais e adaptações em seu modelo de negócios, encerra a sua veiculação no formato impresso.

Figura 43 - REVISTA RAÇA BRASIL EDIÇÃO 197



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 197, 2016.

Romário de Oliveira, novo editor-chefe da publicação, em texto publicado na coluna “Entre Amigos” da edição 197, página 4, intitulado “Entre nessa festa!” escreve:

Lançada em setembro de 1996, RAÇA BRASIL continua dando visibilidade ao negro, a partir de uma representação baseada em valores considerados positivos -é a mais importante publicação comercial etnicamente segmentada, em virtude da expressiva circulação que já apresentou em seu tempo de existência. A partir de seu lançamento, a nossa revista impulsionou total mudança no mercado editorial e publicitário, mostrando que a negritude é linda. Mais negros puderam ocupar os comerciais de TV, outdoors, editoriais de moda, passarelas ... Estamos cada dia mais conscientes de nosso valor. Antes, não tínhamos referência de um negro bem-sucedido, por exemplo - RAÇA BRASIL

fala de um passado que tem vontade de ser calado e revela um presente que não pode se esconder. Por isso, dividimos esse momento com todos os profissionais que fizeram a revista ao longo dos 19 anos. Assim, é um orgulho dizer: valeu, RAÇA BRASIL!

ATÉ A PRÓXIMA.

ROMÁRIO DE OLIVEIRA.

Editor-Chefe

Após duas décadas circulando no formato impresso, a edição 197 é a última a circular com o nome Raça Brasil. Ao contrário do contexto favorável que possibilitou o seu crescimento e sucesso editorial no final dos anos 90, a revista Raça Brasil enfrenta, ao completar vinte e um anos de existência, um cenário adverso. O contexto econômico impacta nas grandes corporações de mídia, e também atinge as demais empresas do segmento. Além de serem afetadas pela situação econômica, empresas médias e pequenas também sofrem da falta de recursos provenientes de venda de espaços publicitários, que são fonte de receita para a manutenção das publicações além da venda em pontos comerciais (bancas e livrarias). Neste sentido a revista Raça Brasil também sofreu uma restrição de natureza ideológica, conforma registrado por Fernanda Alcântara, no editorial da edição 194, intitulado “Entre esquerda e direita, sou negra”:

Muitos trabalham contra a Raça dentro e fora do Governo atual, sendo a ausência de publicidade e incentivo uma das maiores provas, mas jamais armaríamos algo parecido, é contra a nossa ética. (...) Militamos pelos nossos ideais de justiça racial, social e de gênero, esperando que tenhamos um dia o devido reconhecimento.

Acreditamos que o conjunto destes fatores, externos e de natureza econômica, mas também alguns internos (politização da linha editorial da publicação), acabaram influenciando na sua descontinuidade decidida pela nova editora, e substituição por outro título, com uma visão mais comercial e menos engajada politicamente, destinada ao público negro. Não conseguimos, apesar de diversas tentativas realizadas, obter resposta dos responsáveis pela publicação (no caso, a Pestana Arte & Publicações), sobre os motivos que causaram a suspensão da revista. Cabral Filho e Cabral (2016, p.257), destacam que “*quando se analisa a realidade midiática no Brasil observa-se que muitas mudanças estão invadindo o mercado*”. Cabral Filho e Cabral (2016, p.258) afirmam:

Ao analisar os números sobre como a sociedade consome a mídia brasileira, verifica-se na pesquisa encomendada pelo governo federal em 2014, a Pesquisa Brasileira de Mídia: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, que 95% dos entrevistados vêem TV (sendo que 73% vêem TV todos os dias), 55% ouvem rádio (sendo que 30% ouvem todos os dias) e 48% acessam a internet. 21% lêem jornal e 13% revistas. Em relação ao grau de confiança às notícias veiculadas na

mídia, registrou-se que o jornal foi considerado o mais confiável, ou seja, 58%; TV 54%; rádio, 52%; revista, 44%.

(...) 79% buscam informação, 67% diversão e entretenimento, 32% para passar o tempo livre, 19% em busca de um programa específico e 11% a têm como companhia.

A respeito do uso da internet, perfil e tempo de acesso, Cabral Filho e Cabral (2016, p, 259) destacam:

No que tange à Internet, registra que a utilização aumentou de 26% (2014) para 37% (2015) e do tempo dos internautas conectados subiu de 3h39 (2014) para 4h59 (2015). Em relação aos internautas, 76% acessam todos os dias, sendo que 65% é formado de jovens de até 25 anos. 67% buscam informação, 67% diversão e entretenimento, 38% para passar o tempo livre e 24% em busca de estudo e aprendizagem.

(...) Além disso, que o uso de aparelhos celulares supera computadores ou notebooks e que 92% se conectam por meio das redes sociais, sendo 83% via Facebook e 58% com Whatsapp e 17%, Youtube.

(...) No que tange às revistas impressas, 13% (2015), público e uso de plataforma digital seguem o mesmo trilha dos jornais. Apesar do baixo número, verificou-se na PBM 2015 que os dois veículos impressos são os que têm maior nível de atenção exclusiva: ou seja, os leitores não fazem nenhuma outra atividade enquanto lêem.

O mercado editorial brasileiro, afetado pela crise econômica, sofreu grande retração, conforme observado por Cabral Filho e Cabral (2016, p. 265):

(...) no dia 26 de janeiro de 2016, registrou-se, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), que em 2015 (meses de janeiro a dezembro) houve queda expressiva de circulação dos jornais brasileiros. Exemplo disso é o caso da *Folha de São Paulo* que caiu 14,1% no impresso e 16,3% no digital. Apontam-se quatro fatores: 1- foram afetados pela crise econômica; 2 – Concorrência de veículos digitais; 3- Modelo de cobrança por conteúdo (*paywalls*) têm pouca receptividade no Brasil; 4- “O grau de engajamento político dos jornais da imprensa familiar, que passaram a substituir o jornalismo pelo proselitismo político, afugentando uma parcela de seus leitores”.

Cabral Filho e Cabral (2016, p. 266) destacam que grandes conglomerados de mídia desfizeram-se de parte de seu portfólio de produtos, como forma de enfrentar a crise. Dão o exemplo do Grupo Abril que

Venderam 17 de suas revistas para a Editora Caras (como *Ana Maria*, *Arquitetura & Construção*, *Contigo*, *Placar*, *Ti-ti-ti*, *Você RH* e *Você S/A*) e cancelaram os títulos *Alfa*, *Bravo*, *Lola*, *Gloss*, *Playboy*, o portal Club Alfa, além da versão digital da “*Info*”; deixaram de licenciar a MTV; venderam a operação de educação para a Tarpon Investimentos; e em dezembro de 2015, a Fundação Civita transferiu os títulos educacionais Nova Escola e gestão escolar para a Fundação Lemann.

E a revista Raça Brasil? A revista Raça Brasil não acabou.

Apesar da suspensão da veiculação da publicação no formato impresso, ocorre a sua migração para o formato digital, hospedada em um novo site e com uma estrutura de acesso diferenciada.

Figura 44 - SITE REVISTA RAÇA BRASIL (1)



Fonte: Site Revista Raça Brasil. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/>

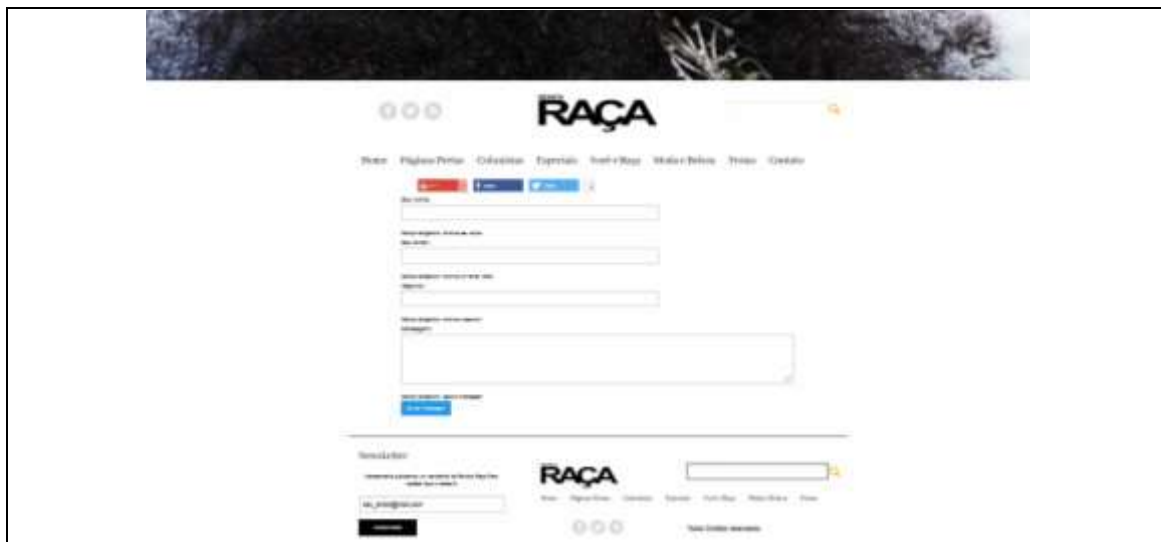
Figura 45 - SITE REVISTA RAÇA BRASIL (2)



Fonte: Site Revista Raça Brasil. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/>

O leitor pode fazer seu registro e após o mesmo (cadastrando seu *email*), receber *clippings* diários de notícias de interesse da comunidade negra, e que seguem uma tematização semelhante a existente no antigo formato impressa, com notícias e informações que ficam hospedadas não apenas no site, mas também na caixa de *email* do leitor.

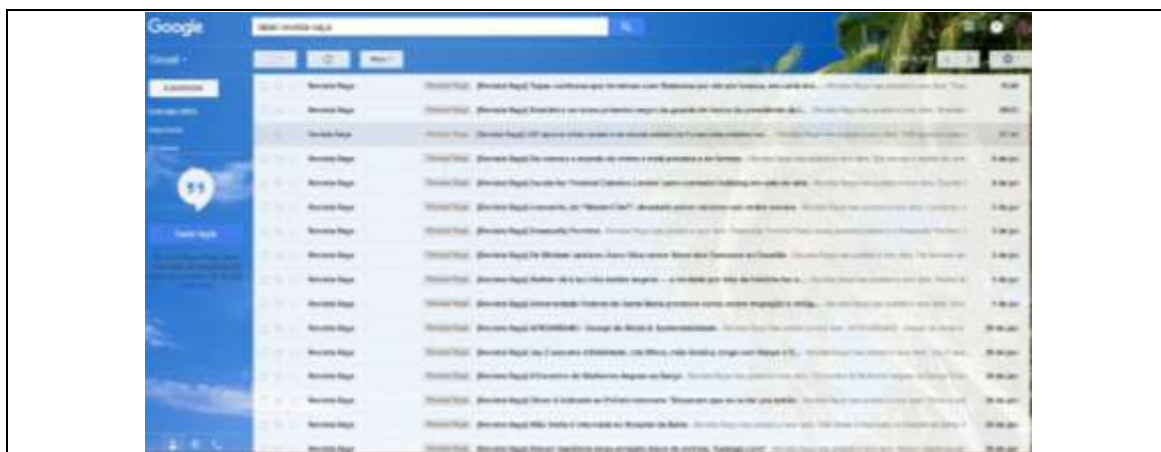
Figura 46 - SITE REVISTA RAÇA BRASIL (CONTATO)



Fonte: Site Revista Raça Brasil, <http://revistaraca.com.br/contato/#raca>

A revista realiza uma aproximação e interação contínua com o público, por meio das tecnologias digitais, maior até que no que seria obtido com o formato impresso. Além disso, realiza ações por meio das redes sociais, tendo assim a difusão de seus conteúdos em diferentes plataformas digitais. Desenvolve também campanhas sobre temas específicos, após consulta aos seguidores, que buscam promover a participação, a denúncia e também buscar a transformação da realidade cotidiana da população negra, em particular.

Figura 47 - CONTATOS/MENSAGENS RAÇA BRASIL



Fonte: Arquivo pessoal

Neste sentido, a revista publicou no seu novo *site*, em 14 de junho deste ano, uma explicitação desta intenção, conforme reproduzido abaixo:

No ano em que a Revista Raça completa 21 anos, uma série de atividades com foco nessas comemorações vêm sendo realizada na estrutura e no relacionamento com o público da mais antiga publicação direcionada a negros e negras no Brasil.

Dentro desta proposta, a revista passou por uma intensa reformulação, entre as quais a reestruturação do seu site (www.revistaraca.com.br), agora como mais agilidade, prestação de serviços e interatividade.

O resultado já dá para ser sentido: em poucos meses essa plataforma já pontua como um dos mais acessados nas áreas de cidadania, direitos humanos, moda e beleza da comunidade negra. Isso se deve também a um seleto time de jornalistas, acadêmicos e ativistas que atualmente participam como colunistas da revista e trazem diariamente notícias sobre moda, comportamento, saúde, direitos humanos, arte e cultura, assim como notícias sobre relações raciais no Brasil e no mundo.

Linkado a esse momento, a revista perguntou ao seu público quais eram suas principais preocupações, reivindicações, temores e perspectivas. Com base nesse resultado elaboramos quatro campanhas que a RAÇA começou a trabalhar no mês de maio, sendo a primeira #MeuPrimeiroAbusoPolicial, que se tornou um dos maiores casos de sucesso na internet com centenas de relatos de discriminação e abuso por parte de autoridades policiais. O sucesso da campanha foi tamanho que virou matéria jornalística em diversos órgãos de imprensa, obrigando inclusive o secretário de segurança pública de São Paulo a se manifestar sobre o assunto.

A segunda campanha terá início esta semana com a hashtag #MinhaFeMercedeRespeito, e irá focar na discriminação que pessoas recebem por proferir uma fé ou religião. O Brasil é dos locais que apresentam a maior diversidade de credos do mundo, abrigando diferentes comunidades religiosas. Somos considerados a maior nação espírita e católica do planeta, com a presença de diversas instituições ecumênicas.

Aparentemente "pacífico", nosso país é constitucionalmente laico, sem religião oficial, o que garante a seus cidadãos a liberdade de crença e de expressão. Ao mesmo tempo, é possível afirmar que, contraditoriamente, com o aumento da diversidade religiosa se verifica o agravamento da intolerância religiosa. "Esse foi um dos temas apontados pelos nossos leitores, de maioria católica, evangélicos ou de matrizes africanas (como candomblé e umbanda). Foram vários os relatos que ouvimos sobre isso, e por isso a ideia da campanha #minhafemerecerespeito", afirma o diretor executivo da revista RAÇA Mauricio Pestana.

As redes sociais também fazem parte desta nova forma de interação com o público leitor, que recebem as notícias veiculadas e tornam-se espaço de diálogo contínuo com os seguidores cadastrados nas páginas da revista.

Figura 48 - REVISTA RAÇA NO FACEBOOK



Fonte: Revista Raça Brasil, disponível em: <https://www.facebook.com/revistaraca/>

Além de plataforma de veiculação de conteúdos digitais, agora o site se transforma em um espaço de memória, que concentra os conteúdos das edições impressas (passado), e também das novas postagens/informações produzidas no presente (e que estão organizadas nas abas do site, a exemplo das antigas seções/colunas do formato impresso). Gondar e Dodebei (2005, p. 9) observam, a respeito do conceito de lugares de memória de Pierre Nora, que “criamos lugares de memória para ancorar a memória, para compensar a perda dos meios de memória, como um modo de reparar o dano”. Os conteúdos digitalizados agora podem ser acessados continuamente e garantem a preservação do acervo da publicação, antes só disponível no formato impresso, e acessível apenas a um aparte dos leitores.

A publicação promove um convite aos leitores, por meio das campanhas, à rememoração de episódios em que ocorreram situações de constrangimento ou violência, como uma estratégia de reforço à denúncias, e também de mobilização de um coletivo que se articule em busca de uma mudança positiva na realidade cotidiana. Realizar uma rememoração que favoreça a superação e transformação da violência, do trauma, do constrangimento, e fortalecimento na luta por igualdade de direitos e equidade de tratamento. Estratégia de reconstrução e ressignificação de memórias.

A utilização de ferramentas tecnológicas de comunicação virtual para a transformação do mundo real, pode contribuir para articular redes de mobilização em diferentes contextos, em prol de mudanças que se mostram urgentes e necessárias. Assim como o espaço virtual tem sido utilizado para agredir, violentar e promover constrangimento, pode também se prestar a enfrentar e buscar a eliminação causada pelo

racismo e contribuir na eliminação da discriminação racial e intolerâncias diversas.

Pereira (2001, p. 44), afirma:

A exclusão por motivos étnicos passa a ocupar também a moderna rede de comunicações internacionais, além dos veículos já conhecidos – como jornais, revistas e emissoras de televisão. A internet, por exemplo, tem permitido aos indivíduos e grupos transmitirem as ideologias de exclusão numa velocidade maior que a dos outros meios. A dificuldade de estabelecer uma orientação ética para o uso desse tipo de meios cria situações graves, na medida em que a rede adotada por instituições como a universidade oferece aos usuários individuais recursos para que divulguem seus discursos de exclusão. Veja-se os casos em que estudantes utilizam a rede de suas instituições para veicular propagandas contra negros e homossexuais ou para fazer a apologia da violência.

Pereira (2001, p. 44), observa ainda, a respeito da utilização da internet como espaço de circulação de discursos e imagens disseminadoras de violência:

Uma vez mais, o espaço do cotidiano – representado pela escola, a universidade e os meios de comunicação – se transforma em cenário onde os negros e outros segmentos são tratados de maneira hostil. Esse drama, resultante da elaboração ideológica e da prática da exclusão, pode ser observado como processo comunicativo que revela algumas das tensões da sociedade brasileira.

Huyssen (2000, p. 36,37) observa que *“as novas tecnologias de transporte e comunicação sempre transformaram a percepção humana na modernidade”* e destaca que:

(...) o ciberespaço sozinho não é o modelo apropriado para imaginar o futuro global – esta noção de memória é sem sentido, uma falsa promessa. A memória vivida é ativa, viva, incorporada no social – isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões. Estas são as memórias necessárias para construir futuros locais diferenciados num mundo global. Não há nenhuma dúvida de que a longo prazo todas estas memórias serão modeladas em grande medida pelas tecnologias digitais e pelos seus efeitos, mas elas não serão redutíveis a eles. (...) Precisamos de discriminação e rememoração produtiva e, ademais, a cultura de massa e a mídia virtual não são necessariamente incompatíveis com este objetivo.

Gondar e Dodebei (2005, p. 18) afirmam, a respeito da elaboração de novos discursos e reconstruções imagéticas utilizando recursos e concepções relativas à memória que:

a memória é uma construção. Ela não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados”.

Conforme Romário de Oliveira afirma em seu texto publicado na edição 197, citado anteriormente, a revista Raça Brasil faz uma rememoração do passado, produzindo uma ligação deste com o presente; permite a reconstrução e resgate da história dos negros, em busca da construção de um futuro mais justo e equânime para a população negra. Huysen (2000, p. 67) a respeito da importância da rememoração afirma que *“a rememoração dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro”*. É necessário atuar nas diferentes dimensões de temporalidade para construir uma nova forma de, no presente, superar situações desfavoráveis e produzir novas condições de construção de um futuro melhor. A este respeito, Le Goff (1990, p.180), destaca a importância da reflexão sobre a ação histórica, e a sua influência na realidade:

Os hábitos de periodização histórica levam, assim, a privilegiar as revoluções, as guerras, as mudanças de regime político, isto é, a história dos acontecimentos. Encontramos este problema a propósito das novas relações entre passado e presente, que a chamada "nova" história procura hoje estabelecer. Por outro lado, a definição oficial, universitária e escolástica da História Contemporânea, em alguns países, como a França, obriga-nos atualmente a falar de uma "História do presente" para falar do passado mais recente, o presente histórico [Nora, 1978]. A distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica. Mas torna-se necessário, antes de mais nada, chamar a atenção para a pertinência desta posição e evocar o par passado/presente em outras perspectivas, que ultrapassam as da memória coletiva e da História.

De fato, a realidade da percepção e divisão do tempo em função de um antes e um depois não se limita, a nível individual ou coletivo, à oposição presente/passado: devemos acrescentar-lhe uma terceira dimensão, o futuro. Santo Agostinho exprimiu, com profundidade, o sistema das três visões temporais ao dizer que só vivemos no presente, mas que este presente tem várias dimensões, "o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras" [Confessions, XI, 20-26].

Santos (2016) assevera: *“é urgente e imprescindível desvelar a africanidade⁴⁰ e a memória negra presentes na construção do Brasil, e preencher as lacunas da historiografia oficial, eurocêntrica e racista”*. Emanuel Araújo em depoimento presente

⁴⁰ **AFRICANIDADE.** A expressão “africanidades brasileiras” refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia”. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/africanidade/20234/> Acesso em 26/07/2016.

no vídeo “Museu Afro Brasil: Ritos da ancestralidade”, disponível no canal de Cacá Vicalvi no *Youtube*, observa que “*o negro é um personagem ativo, vivo, que construiu uma história, uma memória. (...) O negro como ator fundamental da história brasileira, que tem legitimidade suficiente para reivindicar que a história do Brasil seja relida*”. Esta afirmação de Araújo concorda com a análise de M’Bow (apud Silvério 2013, p.7) a respeito da contribuição africana no mundo, e os aportes culturais africanos presentes nas sociedades da diáspora, em nível global:

Hoje, torna-se evidente que a herança africana marcou, em maior ou menor grau, dependendo do lugar, os modos de sentir, de pensar, sonhar e agir de certas nações do hemisfério ocidental. Do Sul dos Estados Unidos ao norte do Brasil, passando pelo Caribe e pela costa do Pacífico, as contribuições culturais herdadas da África são visíveis por toda parte; em certos casos chegam a constituir os fundamentos essenciais da identidade cultural de alguns dos segmentos mais importantes da população.

É inegável a presença africana na história da construção da sociedade brasileira. É de fundamental importância realizar a recuperação das contribuições do legado africano (que constitui o patrimônio cultural afro-brasileiro), desenvolvendo a veiculação de discursos e imagens que visibilizem, valorizem, e reconheçam a contribuição dos negros, de modo afirmativo.

Passados vinte e um anos, a revista *Raça Brasil* permanece como uma referência na mídia brasileira, como publicação voltada ao público negro, que vocaliza as demandas, visibiliza as produções culturais, promove o reconhecimento e a valorização da cultura africana e afro-brasileira, bem como reivindica a construção de políticas que transformem a realidade da população negra em busca da equidade, conforme expresso por Almada (2000, p.6), a respeito do modelo de identidade da revista *Raça Brasil*: “*o de constituir-se, a um só tempo, num produto editorial voltado para o entretenimento, e abraçar, como causa pública/política, a luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil*”.

Ao dialogar com as memórias destes profissionais atuantes na revista *Raça Brasil*, constatamos o quanto cada um/a deles/as, no seu fazer profissional, intervêm na realidade e acabam por tornarem-se também parte da história que buscam retratar. Por meio do acesso à fatos e personagens do passado, ao reelaborarem as memórias existentes ou promoverem o resgate do que foi legado ao esquecimento, renovam a possibilidade de realizar uma transformação no presente e construir uma alternativa de futuro. No tratamento de temas relativos a questão racial, desenvolvem a valorização da negritude, a conscientização da necessidade de enfrentar e vencer o racismo, bem como influenciam

a implementação de mudanças (individuais e coletivas) nas formas como a sociedade brasileira ainda convive com as desigualdades (fundamentadas em diferenças étnicas e raciais) e podem contribuir para superação dessas desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista Raça Brasil e o discurso sobre o negro na imprensa contemporânea.

A revista Raça Brasil, desde o seu lançamento em 1996, tornou-se em uma referência na imprensa brasileira em geral, e na imprensa negra de um modo particular. Dialogando com a sociedade brasileira, e focando na população negra seu público-alvo, buscou sempre promover a afirmação da identidade negra, a valorização da cultura africana e a afro-brasileira, bem como contribuir na conscientização da sociedade brasileira em geral da necessidade de lutar contra o racismo.

A publicação, com o passar do tempo, em virtude das transformações ocorridas no contexto social e também das mudanças editoriais, permanecer como um espaço de fortalecimento da discussão da temática racial na imprensa brasileira, por meio da produção e veiculação de conteúdos que não apenas denunciasses as desigualdades raciais existentes, mas também permitisse a construção de novos discursos e imagens sobre a negritude, de modo valorizativo e afirmativo.

A revista Raça Brasil também contribuiu na formação de novos profissionais de imprensa, com sensibilidade para tratar de um tema tão importante, mas ainda considerado um tabu, que é o racismo. Permitir a circulação de saberes entre profissionais de diferentes formações, subjetividades, e que não conseguem adentrar nos espaços das grandes empresas da área de comunicação, tendo dificuldade de desenvolverem suas trajetórias profissionais.

Os profissionais que dela fizeram parte, dos mais jovens até os mais experientes, na sua atuação profissional conjunta, puderam não apenas enriquecer-se individualmente, com as inúmeras oportunidades de troca que puderam realizar, mas também a imprensa negra com suas produções, bem como a sociedade brasileira. Demonstraram a necessidade de serem criadas oportunidades para que uma nova geração de profissionais da área de comunicação possam desenvolver suas trajetórias, contribuindo também com as suas subjetividades de sujeitos negros, que podem com competência e sensibilidade contribuir na construção de novos discursos e imagens sobre a realidade da população negra brasileira.

Acreditamos que, após termos analisado o percurso da revista, suas transformações e conteúdos veiculados no espaço de tempo definido para a nossa análise, dialogando com diferentes autores e referenciais teóricos, termos alcançado os seguintes objetivos:

- Apresentação das diferentes estratégias de afirmação e fortalecimento da identidade negra (africana, afro-brasileira e afro-diaspórica) presentes nos discursos veiculados pela publicação;

- Destaque das possíveis contribuições construídas pelas matérias por ela veiculadas, na reconstrução do imaginário sobre o negro, e a sua visibilização positiva no imaginário social;

- Reflexão sobre a influência da publicação no resgate, difusão e valorização da contribuição dos negros na realidade social (local e global);

- Verificação das forma(s) pelas quais a publicação contribuiu na transformação da realidade social da população negra, a partir do seu posicionamento em favor do desenvolvimento, implementação, ampliação e manutenção de políticas de ação afirmativa, em favor da população negra brasileira;

- Demonstração da necessidade e importância da transformação da comunicação social brasileira, com a inclusão da presença negra nos espaços, veículos, bem como do adequado tratamento de suas questões e demandas;

- Visibilização da importância da sensibilização da sociedade, e em particular os agentes que produzem e fazem circular conteúdos midiáticos, da urgência da eliminação de estereótipos e preconceitos em relação ao negro, seus valores e sua cultura, na mídia nacional;

- Demonstração da necessidade de promover a difusão de discursos e imagens étnicos e étnicos, a respeito da população negra brasileira;

- (Re)construção do imaginário e da memória sobre o negro, fundado e ancorado na história da escravidão, e do passado dos negros, como “escravos”, e não como “escravizados”, submetidos a força a toda a sorte de violências, sem resistência e direitos.

– Destacar a necessidade de vencer as resistências ainda existentes relativas à implementação de políticas de ação afirmativa, que têm permitido a ascensão e melhoria das condições de vida da população negra no Brasil;

- Demonstração de que a “Revista Raça”, para além de entretenimento, revestiu-se nestes vinte e um anos, em ferramenta de ação política, bem como agente de reconstrução e (re)enquadramento positivo da memória do/sobre o negro no Brasil;

- Reconhecimento da trajetória de profissionais negros atuantes na mídia, que por meio do seu fazer profissional, cumprem a missão não apenas de informar, mas também de produzir conhecimento sobre a história do negro, que é extremamente necessário para a realização da mudança individual e coletiva da população negra, na luta contra o

racismo e na busca pela promoção da equidade racial. Na sua atuação militante, produzem conhecimento que deve ser considerada e valorizado, com a devida legitimidade.

Ao dar visibilidade e voz, por meio das memórias de suas atuações e produções veiculadas na publicação, perceber o impacto que as diferentes concepções de memória tratadas como referencial teórico desta pesquisa, estiveram presentes na trajetória da publicação, contribuindo para a superação de traumas, enfrentamento de estruturas de poder, recuperação de patrimônios e heranças de matriz africana e presentes na sociedade brasileira, mas sobretudo como um lugar de memória.

A revista Raça Brasil constrói uma “memória comunicativa da negritude em diáspora”, promovendo a veiculação de discursos e imagens negras de aportes culturais que são invisibilizados/desconhecidos/negados e que fazem parte da identidade negra, do ser negro no Brasil. Desenvolve o dialogo entre diversos atores presentes na esfera pública que por meio de suas atuações contribuem para a luta antirracista no Brasil. Permite a reelaboração teórica entre as produções de diferentes intelectuais e destaca a existência de contribuições negro-africanas em diversas áreas do conhecimento, promovendo o reconhecimento de sua importância na construção das sociedades da diáspora, particularmente a sociedade brasileira. .

Ao completar vinte e um anos de existência, e iniciando uma nova fase agora no universo digital, a publicação possibilita o estabelecimento de conexões rizomáticas com o seu público leitor (a população negra brasileira) e por meio desta nova maneira de fazer imprensa continua sendo uma ferramenta de transformação da paisagem midiática na esfera da comunicação social brasileira.

A revista Raça Brasil, sem abrir mão de seu passado, produz novas estratégias de modo a garantir no presente a sua perenidade no futuro; permanece como uma publicação de vanguarda, que por meio de ações inovadoras faz história, e continua como referência da imprensa negra brasileira no século XXI.

REFERÊNCIAS:

A **COR DA CULTURA**. Heróis de Todo Mundo - MESTRE VALENTIM, por Maurício Pestana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5gRg7mZpc1k>

ADESKY, Jacques d'. **Anti-racismo, liberdade e reconhecimento**. Rio de Janeiro: Daut, 2006.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. **Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC - FGV, 2007.

ALCÂNTARA, Fernanda. **A Copa vem aí... queremos raça!** Revista Raça Brasil, edição 190, maio de 2014.

_____. **É que Narciso acha feio o que não é espelho**. Revista Raça Brasil, edição 191, junho de 2014.

_____. **Editorial**. Revista Raça Brasil, edição 193, outubro/novembro de 2014.

ALCÂNTARA, Fernanda. **Entre esquerda e direita, sou negra**. Revista Raça Brasil, edição 194, dezembro de 2014/janeiro de 2015.

_____. **Fernanda de Alcântara Pestana**. Disponível em:

<https://www.escavador.com/sobre/10823909/fernanda-de-alcantara-pestana>

ALERJ. **MOÇÃO DE CONGRATULAÇÕES À REVISTA RAÇA BRASIL, DA EDITORA SÍMBOLO**. Disponível em:

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro.nsf/cec6fed22927b4d10325653200648fa4/f506fc070d3363c10325651e006b2f3e?OpenDocument>

ALMADA, Sandra. **Autor**. Disponível em:

<https://www.gruposummus.com.br/gruposummus/autor//Sandra+Almada>

_____. **Machado de Assis, o maior escritor do Brasil**. Revista Raça Brasil, ed.9, maio de 1997, p. 56-57.

_____. **Rebouças, uma família de empreendedores**. Revista Raça Brasil, ed.10, junho de 1997, p. 106-107.

_____. **A velha-guarda da Portela preserva o samba autêntico**. Revista Raça Brasil, ed.18, fevereiro de 1998, p. 78-81.

_____. **Ruth de Souza: a grande drama da dramaturgia nacional**. Revista Raça Brasil, ed.22, junho de 1998, p. 32-36.

_____. **Alzira Fidalgo**. Revista Raça Brasil, ed.27, novembro de 1998, p. 86-90.

_____. **Carmem Costa**. Revista Raça Brasil, ed.28, dezembro de 1998, p. 78-82.

_____. **Dona Ivone Lara**. Revista Raça Brasil, ed.29, janeiro de 1999, p. 86-89.

- _____. **Jorge Coutinho: de garoto rebelde a astro de cinema.** Revista Raça Brasil, ed.30, fevereiro de 1999, p. 86-90.
- _____. **Solange Couto: a coragem de sonhar.** Revista Raça Brasil, ed.32, abril de 1999, p. 82-86.
- _____. **Seu Jorge: salve Jorge!** Revista Raça Brasil, ed.33, maio de 1999, p. 82-86.
- _____. **Ivanir dos Santos: dor antiga alimenta luta atual.** Revista Raça Brasil, ed.36, agosto de 1999, p. 80-83.
- _____. **Espelho, espelho meu.... da construção da auto-estima à conquista da cidadania.** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ: Rio de Janeiro, 2000.
- _____. **Especial Raça 10 anos: 10 anos de muita Raça.** Revista Raça Brasil, ed. 102, setembro de 2006, p. 22-29.
- _____. **O sonho de revolução das comunidades de periferias.** Revista Raça Brasil, ed.165, abril de 2012, p. 70-75.
- _____. **Cacau do pandeiro.** Revista Raça Brasil, ed.166, maio de 2012, p. 20-23.
- _____. **Afro-transas na web.** Revista Raça Brasil, ed.167, junho de 2012, p. 26-31.
- _____. **O espelho.** Revista Raça Brasil, ed.175, fevereiro de 2013, p. 54-62.
- _____. **O DOM de ser NEGRO.** Revista Raça Brasil, ed. 175, fevereiro de 2013, p. 72-75.
- _____. **Abdias Nascimento.** São Paulo: Selo Negro, 2009.
- _____. *In*, RAMOS, Sílvia. **Mídia e racismo.** Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- _____. **Estética: a revolução política dos negros.** Revista Raça Brasil, edição 141, fevereiro de 2010, p 32-35.
- _____. *In*, BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e racismo.** Petrópolis, RJ: DP ET Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.
- ANDREWS, George Reid. **Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano.** Estudos Avançados, São Paulo, v.11, n.30, p.95-115, Aug. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n30/v11n30a08.pdf>
- ARAUJO, Emanuel. **Negras memórias, o imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão.** Estudos Avançados 2004, vol.18, n.50. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a21v1850.pdf>

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Uma história do tempo presente: política, esquerda e imprensa alternativa no Brasil dos anos 70.** In, COSTA, Luiz Flávio Carvalho; BRUNO, Regina; MOREIRA, Roberto José. **Mundo rural e tempo presente.** Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

ASSMANN, Jan. **Memória comunicativa e memória cultural.** História Oral na Era Digital, v.19, n.1, 2016. Disponível em:

<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=642&path%5B%5D=pdf>

AUGUSTO, Natália; ROSELINO, José Eduardo; FERRO, Andrea Rodrigues. **A Evolução Recente da Desigualdade entre Negros e Brancos no Mercado de Trabalho das Regiões Metropolitanas do Brasil.** Revista Pesquisa & Debate, Vol. 26. Número 2 (48). São Paulo, Setembro de 2015. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/viewFile/23066/17600>

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **A recusa da raça: anti-racismo e cidadania no Brasil dos anos 1830.** Horizontes Antropológico, Porto Alegre, n. 24, p. 297-320, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a13v1124.pdf>

BAPTISTA, Adriana. **Histórias que Lobato não contou....** Site Mamapress, setembro de 2012. Disponível em: <https://mamapress.wordpress.com/2012/09/18/historias-que-lobato-nao-contou-lancada-no-rio-colecao-mae-africa-de-mauricio-pestana/>

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTHI, Angélica. **Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia.** Brasília: ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Fundo de Alcance dos Objetivos do Milênio, F-ODM), 2011. Disponível em:

http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/01/guia_jornalistas.pdf

BASTIDE, Roger. **A imprensa negra do Estado de São Paulo. Boletim de Sociologia CXXX, (2),** São Paulo, 1951.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Cidadania em preto e branco: discutindo as relações raciais.** São Paulo: Ática, 1998.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo.** São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

BONFIGLI, Eliana Melhado. **O que aconteceu com a Revista Raça Brasil?** Monografia. Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Comunicação Jornalística, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2002.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto e d'ADESKY, Jacques. **Racismo, preconceito e intolerância.** São Paulo: Atual Editora, 2002.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e racismo.** Petrópolis, RJ: DP ET Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.

BORGES, Rosane. **Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra.** In, BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e racismo.** Petrópolis, RJ: DP ET Alii; Brasília, DF : ABPN, 2012.

BORGES, Rosane; PINTO, Walber. **Racismo, sexismo e a (in)visibilidade de figuras escondidas.** In, Nexo Jornal, fevereiro de 2017. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/Racismo-sexismo-e-a-invisibilidade-de-figuras-escondidas#.WLMtThETnKs.facebook>

BRAGA, Amanda Batista. **A mídia impressa na promoção de discursos sobre políticas de igualdade racial: o negro e a revista Raça.** São Carlos: UFSCar, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5663>

BRAGA, Larissa Adams; MAGALHÃES, Magna Lima; **Consumo e Identidade: A revista Raça Brasil e a representação da mulher negra.** COMUNICON, São Paulo, 2015. Disponível em:

http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT2/15_GT02-BRAGA%20.pdf

BRANDÃO, André Augusto P. (Organizador). **Cadernos Penesb 5.** Rio de Janeiro: Niterói, RJ: EdUFF, 2000.

BRASIL. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm

_____. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de Julho de 1934.**

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao34.htm

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

_____. **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.** Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

_____. **LEI Nº 12.288, DE 20 DE JULHO DE 2010.** Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm

_____. [LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012](#). Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm

_____. [LEI Nº 12.990, DE 9 DE JUNHO DE 2014](#). Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm

BRASILEIRO, Yara Brito. **Um quilombo na mídia : um estudo discursivo da Revista Raça Brasil**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2003. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000299328>

BUCCHIONI, Xenya de Aguiar; OGASSAWARA, Juliana Sayuri. **Versus: a busca por uma identidade cultural latino-americana**. Niterói: Revista CONTRACAMPO, nº 20, agosto de 2009. Disponível em:

<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/download/7/35>

CABRAL FILHO, Adilson Vaz; CABRAL, Eula Dantas Taveira. **Mídia no Brasil: quem pode dar as cartas? Estudo à luz da EPC**. In, DOURADO, Jaqueline Lima; LOPES, Denise Maria Moura da Silva; MARQUES, Renan da Silva. **Economia política do jornalismo: tendências, perspectivas e desenvolvimento regional**. Teresina: EDUFPI: 2016. Disponível em:

https://www.academia.edu/30637902/LIVRO_ECONOMIA_POL%C3%8DTICA_DO_JORNALISMO_1_.pdf

CADERNOS PAGU. **Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil**. In, *Cadernos Pagu* 6/7, **Raça e Gênero**, 1996. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=51133&opt=1> Acesso em: 03/07/2014.

CAETANO, Paulo Henrique. **A palavra-chave racismo e suas relações lexicais: uma análise crítica dos discursos sobre relações raciais brasileiras em corpus de jornal impresso**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG: Belo Horizonte, 2007. Disponível em:

http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/jornalismo/tese_paulo.pdf

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Discurso da deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ)**. Disponível em: www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=1143217

CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR. **Orgulho e beleza marcam comemoração da Revista Raça**. Disponível em:

http://www.cms.ba.gov.br/ouvidoria_noticia_int.aspx?id=3526

CAMARGO, Oswaldo. **O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira.** São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura, Assessoria de Cultura Afro-brasileira, 1987.

CAMPOS, Luiz Augusto; MACHADO, Carlos. **A Cor e o Sexo da Política: composição das câmaras federais e estaduais (2014).** Textos para discussão GEMAA (IESP-UERJ), n. 7, 2014, pp. 1-21. Disponível em:

http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2014/09/images_publicacoes_TpD_TpD7_Gemaa.pdf

CANDIDO, Marcia Rangel Candido; FERES JÚNIOR. **Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país.** Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>

CARRANÇA, Flávio. **População negra e jornalismo.** Revista Raça Brasil, edição 122, maio de 2008, Especial 120 anos de Abolição.

_____. **Negros em Movimento: palavra de conselheiro.** Revista Raça Brasil, edição 128, janeiro de 2009.

_____. **Jornais brasileiros separam violência e racismo.** Revista Raça Brasil, edição 175, fevereiro de 2013.

_____. **Hamilton Cardoso e seu tempo.** Revista O Menelick 2º. Ato, dezembro de 2014. Disponível em: <http://omenelick2ato.com/memoria/HAMILTON-CARDOSO/>

_____. **ONU lançará em 2016 relatório atualizado sobre o panorama da população negra.** Portal Áfricas, outubro de 2015. Disponível em:

<http://www.portalafricas.com.br/v1/onu-lancara-em-2016-relatorio-atualizado-sobre-o-panorama-da-populacao-negra-no-brasil/>

_____. **As torres gêmeas e a igualdade racial entre os jornalistas.** Revista Persona, outubro, 2016. Disponível em: <http://revistapersona.com.br/2016/10/as-torres-gemeas-e-igualdade-racial-entre-os-jornalistas/>

CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva. **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

CASTRO, Patrícia Cristina Campos de. **O negro na publicidade e propaganda brasileira.** Centro Universitário de Brasília, Brasília: DF, 2007. Disponível em:

<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1556/2/20366688.pdf>

CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. **Preconceito Racial no Brasil Colônia: os Cristãos-novos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CARNEIRO, Sueli. **Raça, classe e identidade nacional**. In, **Thoth**, Brasília, nº2, p. 1 – 299, maio/ago. 1997. Disponível em:

<http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-2.pdf>

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de . **A Luz de Luiz**. Revista Educação, 15 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/luz-de-luiz/>

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática, 1995.

CINTRA, José Carlos. **Revista Raça Brasil: o negro como sujeito midiático no jornalismo e na publicidade**. Dissertação de mestrado em Comunicação, Universidade de Marília, 2007. Disponível em: http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo_7411.html

COLETIVO INTERVOZES. **O jornalismo também precisa de ações afirmativas**. Carta Capital Online, 2014. Disponível em:

<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-jornalismo-tambem-precisa-de-aco-es-afirmativas-1106.html>

Comunicação Social. In, **O que é Comunicação Social**. Disponível em:

<http://www.significados.com.br/comunicacao-social/> Acesso em: 28/06/2014

CORRÊA, Maria do Carmo Almeida. **Construção da Imagem da Mulher em Revistas Femininas da Atualidade**. IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2084-1.pdf>

COSTA, Jurandir Freire. **Da cor ao corpo: aviolência do racismo**. In, SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1983.

CRISPIN, Ana Carolina Teixeira. **Além do acidente pardo: os oficiais das milícias pardas de Pernambuco e Minas Gerais (1766-1807)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011. Disponível em:

<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1490.pdf>

CULTNE DOC - **Maurício Pestana - Coleção Mãe África**. Setembro de 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VOadL7_4o0A

CUNHA, Vanessa Lima. **Vozes que ecoam: a coluna Arquivo do jornal Quilombo (1940-1950)**. IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem, I Encontro Internacional de Estudos da Imagem, Londrina, PR, 2013. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Vanessa%20Lima%20Cunha.pdf>

DOMINGUES, Petrônio José. **A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira (1931-1937)**. Tese de doutorado em história, FFLCH-USP, 2005.

_____. **O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930)**. Diálogos Latinoamericanos, número 010, 2005. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/pdf/162/16201007.pdf>

_____. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

_____. **Quilombo (1948-1950): uma polifonia de vozes afro-brasileiras**. In: Ciências & Letras, no. 44, 2008, p. 261-289. Disponível em:

www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista44/artigo13.pdf

DOLADODECÁ. **Exclusivo: Mauricio Pestana fala sobre sua luta de combate ao racismo no Brasil**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3qv6GggCvZw>

DOWNING, John D.H. . **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

Du BOIS, William Edward Burghardt. **As almas da gente negra**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

DZIDZIENYO, Anani. **Relações raciais no Brasil: uma visão alternativa**. In, Thoth, Brasília, nº2, p. 1 – 299, maio/ago. 1997. Disponível em:

<http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-2.pdf>

ELIAS Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e outsiders; sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELLIOTT, Ariluci Goes; AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri**. In, Liinc em Revista, v.7, n.1, março 2011, Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://liinc.revista.ibict.br/index.php/liinc/article/viewFile/417/302>

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador:EDUFBA, 2008.

FARIAS, Francisco Ramos de; PINTO, Diana de Souza. **Memória social em situação traumática**. In, **Por que memória social?** / Amir Geiger ... [et al.], Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf

- FAUSTINO, Oswaldo. **Black power**. Revista Raça Brasil, edição 8, abril de 1997.
- _____. **O sonho da faculdade cada vez mais perto**. Revista Raça Brasil, edição 14, outubro de 1997.
- _____. **Era uma vez na América**. Revista Raça Brasil, edição 21, maio de 1998,.
- _____. **Fui...** Revista Raça Brasil, edição 22, junho de 1998.
- _____. **Anos 60: a década que mudou tudo**. Revista Raça Brasil, edição 26, outubro de 1998.
- _____. **O futuro é nosso**. Revista Raça Brasil, edição 28, dezembro de 1998.
- _____. **Ensinei minha família a ser negra**. Revista Raça Brasil, edição 29, janeiro de 1999.
- _____. **Qual o remédio doutor?** Revista Raça Brasil, edição 32, abril de 1999.
- _____. **13 de maio de 1888, afinal, que data é essa?** Revista Raça Brasil, edição 33, maio de 1999.
- _____. **Um espelho chamado pai**. Revista Raça Brasil, edição 36, agosto de 1999.
- _____. **Especial 500 anos; esta festa é nossa?** Revista Raça Brasil, edição 37, setembro de 1999.
- _____. **Especial 13 de maio; afinal, aboliu ou não?** Revista Raça Brasil, edição 132, maio de 2009.
- _____. **Aprendendo com o inimigo**. Revista Raça Brasil, edição 175, fevereiro de 2013.
- _____. **Êta povo bom de briga!** Revista Raça Brasil, edição 175, fevereiro de 2013.
- _____. **Da batina ao fardão**. Revista Raça Brasil, edição 175, fevereiro de 2013.
- _____. **Raça Brasil: 13 anos! Mais um aniversário!** Disponível em:
<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/136/artigo152235-2.asp/>
- FEIRA PRETA. **Feira Preta 2014: Entrevista com Oswaldo Faustino**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=7X6jldfJxWc>
- FERES JÚNIOR, João. **Para além do multiculturalismo: discriminação racial e a questão do reconhecimento**. In, ADESKY, Jacques d'. **Anti-racismo, liberdade e reconhecimento**. Rio de Janeiro: Daudt, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- FERREIRA, Filipe Mantovani. **Estereótipos e Discurso: a (re)construção da imagem de minorias em revistas de nicho**. São Paulo: USP, 2012. Disponível em:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-26102012-101807/en.php>

_____. **Representação e imprensa negra: uma análise do papel das narrativas na revista Raça Brasil.** Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v. 14, n. 2, 2014. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9443/5768>

FERREIRA, Lígia Fonseca. **A Luz de Luiz, de Oswaldo Faustino.** Disponível em:

<http://150.164.100.248/literafro/data1/arquivos/oswaldofaustinoresenhaligiaferreira.pdf>

FERREIRA, Lucia M. A. **As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória.** In: **O que é memória Social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Negro midiático: construção e desconstrução do afro-brasileiro na mídia impressa.** REVISTA USP, São Paulo, n.69, p. 80-91, março/maio 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13515> / <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13515/15333>

FERREIRA, Rosenildo. Ele foi lá e fez.... 1 Papo Reto, [20/02/2015](https://paporeto.net.br/trampo/ele-foi-la-e-fez/). Disponível em: <https://paporeto.net.br/trampo/ele-foi-la-e-fez/>

FERNANDES, Florestan. **Do escravo ao cidadão.** In, BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo.** São Paulo: Editora Anhembi Ltda., 1955.

_____. **Cor e estrutura social em mudança.** In, BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo.** São Paulo: Editora Anhembi Ltda., 1955.

_____. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

FILHO, Antonio Jonas Dias. **Comentário sobre a revista Raça Brasil.** Cadernos Pagu, Raça e Gênero, no. 6/7, Campinas: São Paulo, 1996. Disponível em:

<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1874>

FONSECA, Dagoberto José. **Políticas públicas e ações afirmativas.** São Paulo: Selo Negro, 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Retratos em branco e preto: o negro no imaginário cultural brasileiro.** In, PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira.** Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUCMinas, 2001.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Visibilidade e ocultação da diferença: imagens de negro na cultura brasileira.** In, **Brasil afro-brasileiro.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”.** Revista Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, 2006. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol14-15_n14-15_2006/cadernos_de_campo_n14-15_231-239_2006.pdf

_____. **Reconhecimento sem ética?** Lua Nova: Revista de Cultura e Política. 2007, n.70. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a06n70.pdf>

_____. **Repensando o reconhecimento.** Revista Enfoques: revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.114-128, agosto 2010. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br>.

FRENTE DE MÍDIAS NEGRAS. Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/midiasnegras/about/?ref=page_internal

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Pestana assume a Raça Brasil.** Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=2215>

_____. **Coleção Mãe África do cartunista Maurício Pestana será lançada na FCP.** Brasília, 2012 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=22463>

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra. Disponível em:

<http://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/#gs.ImR007g>

_____. **Oswaldo Faustino: A Legião Negra – O livro.** Disponível em:

<http://www.geledes.org.br/oswaldo-faustino-a-legiao-negra-o-livro/#gs.ITbJUJU>

_____. **A História da Escravidão Negra no Brasil.** Site Geledés, 13 de julho de 2012. Disponível em:

<http://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/#gs.PGup0KU>

_____. **Epistemicídio: trecho de matéria de 2007 – Espelho com Lazaro Ramos.** Site Geledés, setembro de 2014. Disponível em:

<http://www.geledes.org.br/epistemicidio/>

GHEDINI, Fred. **Jornalismo para construção da cidadania.** In, MOURA, Clóvis; FERRARA, Miriam Nicolau. **Imprensa Negra.** São Paulo: Imprensa Oficial; Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, Edição Fac-Similar, 2002.

GILLIAM, Angela Gilliam; GILLIAM, Onik'a. **Raça Brasil: por quem, para quem.** Cadernos Pagu, Raça e Gênero, no. 6/7, Campinas: São Paulo, 1996. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1873>

GLISSANT, Édouard. **Crioulizações no Caribe e nas Américas, cultura e identidade.** In, **Introdução a uma poética da diversidade.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e política (1888-1937).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

GOMES, Janaina Damaceno. **Os segredos de Virgínia: Estudos de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955).** Tese de Doutorado em Antropologia Social, São Paulo: USP, 2013.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **Ação Afirmativa e princípio constitucional da igualdade: (o Direito como instrumento de transformação social. A experiência dos EUA).** Joaquim B. Barbosa Gomes. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Ação educativa: São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>

GONDAR, Jô. **Lembrar e esquecer: desejo de memória.** In: COSTA, I. T. M. e GONDAR, Jô (orgs.) **Memória e espaço.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

_____. **Quatro proposições sobre memória social.** In: **O que é memória Social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória Social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito.** Novos estudos CEBRAP, no. 61, novembro de 2001, pp. 147-162. Disponível em: http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/95/20080627_democracia_racial.pdf

_____. **A República de 1889: utopia de branco, medo de preto (a liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça).** Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2011, n. 2, p. 17-36.

GUIMARÃES, Reinaldo da Silva. **Afrocidanização: ações afirmativas e trajetórias de vida no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Selo Negro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

_____. **Privilégios: Relato de uma Trajetória Acadêmica**. Dados, Rio de Janeiro, v.57, n.4, p.905-917, Dec.2014. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0011-52582014000400905&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

HENRIQUES, Ricardo. **Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das Condições de Vida na Década de 90**. Texto para discussão No. 807, Rio de Janeiro, julho de 2001. Disponível em:
http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0807.pdf

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora da Unesp, 2006

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1966.

_____. **Dialética das relações raciais**. Estudos Avançados, São Paulo, v.18, n.50, p. 21-30, Abril de 2004. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100003

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Características Étnico-raciais da População: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça 2008**. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em:
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>

_____. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira - 2014**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em:
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>

INSTITUTO ETHOS. **Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas.** Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social: São Paulo, 2016. Disponível em:

https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil_Social_Tacial_Genero_500empresas.pdf

IRACI, Nilza; SANEMATSU, Marisa. **Racismo e imprensa: como a imprensa escrita cobriu a Conferência Mundial contra o Racismo.** In, RAMOS, Sílvia. **Mídia e racismo.** Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** Madrid: Siglo XXI, 2002.

JORNEGRO. Disponível em:

http://www.cpvsp.org.br/periodicos_exemplares.php?exemplares=PJORN&titulo=JORNEGRO

ANO 1, N.01, Março 1978. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN011978001.pdf>

ANO 1, N.08, Maio 1978. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN081978008.pdf>

ANO 1, N.0X, Maio 1978. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN05197800X.pdf>

ANO 1, N.03, Julho 1978. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN031978003.pdf>

ANO 1, N.04, Setembro 1978. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN041978004.pdf>

ANO 1, N.01, Setembro 1978. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN011978001.pdf>

ANO 1, N.05, Novembro 1978. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN05111978005.pdf>

ANO 1, N.02, Fevereiro 1979. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN021979002.pdf>

ANO 1, N.00, Junho 1979. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN001979000.pdf>

ANO 1, N.00, Maio 1980. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN001980000.pdf>

ANO 2, N.06, 1979. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORN061979006.pdf>

ANO 2, N.07, Setembro 1979. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORNSPXX197907.pdf>

ANO 3, N.08, Janeiro 1980. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORNSPXX198908.pdf>

ANO 3, N.09, Julho 1980. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORNSPXX198009.pdf>

ANO 3, N.10, Setembro 1980. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORNSPXX198013.pdf>

ANO 4, N.11, Fevereiro 1981. Disponível em:

- <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJORNSPXX198111.pdf>

JUCÁ, Kelma; VELLOSO, Viviane Fushimi. **Evolução gráfica da revista Veja em três décadas de existência.** Revista Janus, Vol. 2, No. 2, Centro Universitário Teresa D'Ávila, UNIFATEA, Lorena, São Paulo, 2005. Disponível em:

<http://www.fatea.br/seer/index.php/janus/article/viewFile/17/21>

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru, S.P.: EDUSC, 2001.

KOFESa, Suely. **Comentar a revista raça Brasil não é uma tarefa fácil.** In, **Cadernos Pagu**, no. 6/7, 1996.

KOFESb, Suely. **Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil.** Cadernos Pagu, Raça e Gênero, no. 6/7, Campinas: São Paulo, 1996. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1870/1991>

KUCINSKI, Bernardo. **Os Jornalistas.** In, **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** São Paulo: EDUSP, 2001. Disponível em:

http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **O Esquecimento da Memória,** In, GONDAR, Jô; BARRENECHEA, Miguel Angel de. **Memória e espaço: trilhas do contemporâneo.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

Disponível em:

<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>

LIRIO, José Carlos. **O discurso afro-brasileiro na mídia escrita contemporânea: a linha de frente da raça Brasil.** São paulo: PUC-SP, 2002. Disponível em:

<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14492>

LITERAFRO. **Entrevista Oswaldo Faustino e Aroldo Macedo literafro**. Disponível em: <http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/135/dados2.pdf>

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção. A ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmicas de grupo na perspectiva existencial humanista**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Lutador, 2004.

LUZ, Natália da. “Somos mediadores da sociedade e utilizamos a palavra como o principal instrumento”, diz griot. **Site Por dentro da África, junho de 2013**. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/somos-mediadores-da-sociedade-e-utilizamos-a-palavra-como-o-principal-instrumento-diz-griot>

MACEDO, Aroldo. Autor. Disponível em:

<https://www.gruposummus.com.br/gruposummus/autor//Aroldo+Macedo>

_____. **Negros em movimento**. Revista Raça Brasil, edição 03, novembro de 1996.

MACEDO, Aroldo; FAUSTINO, Oswaldo. **Luana: a menina que viu o Brasil neném**. São Paulo: FTD, 2000.

_____. **Luana: as sementes de Zumbi**. São Paulo: FTD, 2007.

_____. **Luana: capoeira e liberdade**. São Paulo: FTD, 2007.

_____. **Luana e as asas da liberdade**. São Paulo: FTD, 2010.

MACÊDO, Marluce de Lima. **Intelectuais Negros e Memória: Tradição e Insurgência**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0402.pdf>

MACHADO, Cacilda. **Cor e hierarquia social no Brasil escravista: o caso do Paraná, passagem do século XVIII para o XIX**. Revista Topoi, v. 9, n. 17, jul-dez. 2008, p. 45-66. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi17/topoi_17_-_artigo4_-_cor_e_hierarquia_soc.pdf

M'BOW, Amadou Mahtar. In, SILVÉRIO, Valter Roberto. “Síntese da Coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI”. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

MAIO, Marcos Chor. **Introdução: a contribuição de Virgínia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil**. In, BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

MARINGONI, Gilberto. **IMPRESA ALTERNATIVA**. In, **ENCICLOPÉDIA LATINO AMERICANA**, 2006. Disponível em:

<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/i/imprensa-alternativa>

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Revista Letras, no. 26, Universidade Federal de Minas Gerais: 2003. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>

MARTINS, Miliane. **A Inserção do Negro no Jornalismo: uma forma de combater o racismo?** XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Curitiba: PR, 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1551-1.pdf>

MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e cidadania no Brasil monárquico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MATTOS, Ivanilde [Ivy] Guedes de. **Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo**. Revista Pontos de Interrogação, v. 5, n. 2, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II Alagoinhas, 2015. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/download/2164/1497>

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1974. Disponível em: https://pt.slideshare.net/sergio_victor/mcluhan-marshall-os-meios-de-comunicacao-como-extenses-do-homem

MENDES, Mírian Lúcia Brandão. **Argumentação na revista Raça Brasil: um estudo da retórica antirracista**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-8SSSY2>

MENDES, Sérgio Luiz da Silva. **A imprensa alternativa durante a ditadura militar no Brasil (1964-1984): um olhar historiográfico**. In, CONTRAPONTO – Revista Eletrônica de História, Teresina, n. 1, v. 1, jun. 2011. Disponível em:

<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/contraponto/article/viewFile/3714/2133>

MENEZES, Margareth. **A diferença entre o Axé e o AfroPop**. Revista Raça Brasil, edição 178, maio de 2013, p.21. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/a-diferenca-entre-axe-e-afropop/?#raca>

_____. **Democracia e fé**. Revista Raça Brasil, edição 179, junho de 2013, p. 21.

_____. **O estilo do cabelo afro**. Revista Raça Brasil, edição 180, julho de 2013, p.21. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/o-estilo-do-cabelo-afro/?#raca>

_____. **Afropop é identidade**. Revista Raça Brasil, edição 181, agosto de 2013, p. 23.

_____. **A genialidade afro**. Revista Raça Brasil, edição 182, setembro de 2013, p. 21.

_____. **A história da África por ela mesma.** Revista Raça Brasil, edição 183, outubro de 2013, p.23. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/a-historia-da-africa-por-ela-mesma/?#raca>

_____. O mercado da cultura afro-brasileira. **Revista Raça Brasil, edição 184, novembro de 2013, p.19.** Disponível em: <https://revistaraca.com.br/o-mercado-da-cultura-afro-brasileira/?#raca>

_____. **A história do samba-reggae.** Revista Raça Brasil, edição 185, dezembro de 2013, p.22. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/a-historia-do-samba-reggae/?#raca>

_____. **Música e militância.** Revista Raça Brasil, edição 186, janeiro de 2014, p. 18.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MORAES, Nilson Alves de. **Memória social: solidariedade orgânica e disputa de sentidos.** In, GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

MOSCO, Vincent. **Economia política do jornalismo.** In, DOURADO, Jaqueline Lima; LOPES, Denise Maria Moura da Silva; MARQUES, Renan da Silva. **Economia política do jornalismo: tendências, perspectivas e desenvolvimento regional.** Teresina: EDUFPI, 2016. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/339688853/Livro-Economia-Politica-Do-Jornalismo-1>

MOTA, Denise. **Novas revistas miram público negro.** Folha de São Paulo, agosto de 1996. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/8/31/ilustrada/15.html>

_____. **Raça Brasil descobre o país negro.** Folha de São Paulo, setembro de 1996. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/07/ilustrada/23.html>

MOURA, Clóvis. **As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

MOURA, Clóvis; FERRARA, Miriam Nicolau. **Imprensa negra: Edição Fac-Similar.** São Paulo: IMESP/Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2002.

_____. **Formas de resistência do negro escravizado e do afrodescendente.** In:

MUNANGA, Kabengele (org.). **HISTÓRIA do Negro no Brasil – o negro na sociedade brasileira: resistência, participação e contribuição.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Estatutos estaduais do magistério e discriminação racial**. In, Oliveira, Iolanda de (Organizadora). **Cor e Magistério**. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói, RJ: EdUFF, 2006.

_____. **Educadores & alunos negros na Primeira República**. Brasília, D.F.: Ludens; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Apresentação**, In, NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

NABOR JR. **O Menelick 100 anos (1915 - 2015): revisitando a trajetória da imprensa negra em São Paulo**. O Menelick 2º. Ato, 2015. Disponível em:

<http://omenelick2ato.com/memoria/O-MENELICK-100-ANOS-IMPRESA-NEGRA-SP/>

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

NASCIMENTO, Silvia. **Raça Brasil muda de nome**. Portal Áfricas, abril de 2016. Disponível em: <http://www.portalafricas.com.br/v1/revista-raca-brasil-muda-de-nome/>

NICOLINI, Veridiana Kunzler. **Revista Raça Brasil: negros em movimento (1996-2004)**. Dissertação de Mestrado em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2007. Disponível em:

http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5314

NOVINSKY, Anita. **Preconceito Racial no Brasil Colônia: os Cristãos-novos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia de; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. **Memória e discurso: um diálogo promissor**. In: **O que é memória Social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo Henrique Pereira de. **As revistas Afirmar e Raça Brasil**. In, RAMOS, Silvia. **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

OLIVEIRA, Lindomar Alves de. **Raça, Comunicação e Cultura: a temática racial na revista Raça Brasil (1996-2006)**. São Paulo: PUC-SP, 2007. Disponível em:

<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13030>

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CUNHA, Liliam do Carmo Oliveira. **Produzir conhecimento é um pensar militante**. Revista Pensamiento Actual, Vol.17, No. 28, Universidad de Costa Rica, Sede de Occidente: 2017. Disponível em:

<http://revistas.ucr.ac.cr/index.php/pensamiento-actual/article/view/29543>

O que é Comunicação Social? Disponível em: <http://www.ort.org.br/comunicacao-social/o-que-c> Acesso em: 28/06/2014.

OTONI, Wander. **Reportagem Mauricio Pestana**. 6 de setembro de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dg22gqMraEY>

PACHECO, Hellen de Paula. **Representatividade da imagem do negro nos meios de comunicação: Revista Raça Brasil e a imprensa brasileira**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação – Intercom, Campo Grande, MS, 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP13PACHECO.PDF>.

PEREIRA, Amauri Mendes. **Vale (também) o que está escrito: o Pensamento Negro Contemporâneo como parte do Pensamento Social no Brasil (1ª parte)**. Revista Espaço Acadêmico, no. 120, maio de 2011. Disponível em:

<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/11539/6971>.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **“O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira**. Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUCMinas, 2001.

PESTANA, Maurício. **A transação da transição**. Editora Press: São Paulo, 1985

_____. **Racista Eu?! De jeito nenhum....** Editora Escala: São Paulo, 2001.

_____. **Revolta dos Búzios - uma História de Igualdade no Brasil**. Escola Olodum: Salvador, 2007.

_____. **Revolução Constitucionalista de 1932**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: São Paulo, 2009.

_____. **Revolta dos Malês: a saga dos muçulmanos baianos**. Escola Olodum: Salvador, 2010

_____. **Pestana: 30 anos de arte pela igualdade**. São Paulo: Ibak Cultural, 2010.

_____. **Margareth em ação**. Revista Raça Brasil, edição 141, fevereiro de 2010, p. 36-41.

_____. **Raça Brasil, 15 anos: Fazendo e refazendo história.** Raça Brasil, edição 158, setembro de 2011.

_____. **Revolta da Chibata.** Editora Pestana Publicações: São Paulo, 2011.

_____. **Menino Travesso.** Editora Escala Educacional: São Paulo, 2011.

_____. **Adorável Menina.** Editora Escala Educacional: São Paulo, 2011.

_____. **Valente Guerreiro.** Editora Escala Educacional: São Paulo, 2011.

_____. **Criador do Mundo.** Editora Escala Educacional: São Paulo, 2011.

_____. **Caçador Popular.** Editora Escala Educacional: São Paulo, 2011.

_____. **Rainha das Águas.** Editora Escala Educacional: São Paulo, 2011.

_____. **O negro nos meios de comunicação.** In, **Cultura afro-brasileira: nosso patrimônio.** Fundação Cultural Palmares: Brasília, 2012.

_____. **O negro no mercado de trabalho.** In, Em Pauta, Portal Geledés, outubro de 2015. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/o-negro-no-mercado-de-trabalho/#gs.jh9bOFM>

PESTANA, Maurício; XAVIER, Arnaldo. **Manual de sobrevivência do negro no Brasil.** Editora Sampa: São Paulo, 1993.

PINHEIRO, Viviane Seabra. **Analisando significados de capas da revista Raça Brasil: Um estudo de caso à luz da Semiótica Social.** Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ALDR-73HHJU>

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Para não esquecer de lembrar - a imprensa negra do século XIX.** Revista Em tempo de histórias, No. 09, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2005. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/2645/2194>

_____. **Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX.** Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas: São Paulo, 2014. Disponível em:

<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/mencoeshonrosas/227440.pdf>

PIOVESAN, Flávia.; GUIMARÃES, Luís Carlos. **Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial.** Direitos Humanos: Construção da Liberdade e da Igualdade, 1998. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/flaviapiovesan/piovesan_convencao_sobre_elimizacao_todas_formas_discriminacao_racial.pdf. Acesso em 23/03/2011.

PIRES, Denise. Bem antes da Raça Brasil. Revista Raça Brasil, edição 155, junho de 2011. Disponível em: <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/155/bem-antes-da-raca-brasil-site-do-arquivo-publico-219418-1.asp/>

PISCITELLI, Adriana. **Comentário sobre a Revista Raça Brasil**. In, **Cadernos Pagu**, no. 6/7, 1996.

PORTAL ÁFRICAS. **A Legião Negra: um romance sobre o protagonismo negro em São Paulo**. Disponível em: <http://www.portalafricas.com.br/v1/exclusivo-a-legiao-negra-um-romance-sobre-o-protagonismo-negro-em-sao-paulo/>

PROENCA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos Avançados, São Paulo, v.18, n.50, Abril, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a17v1850.pdf>

PROGRAMA ESPELHO. **Epistemicídio**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tND4jyqcVs4>

PROGRAMA PÉ NA ÁFRICA. **Programa Pé na Africa: Jornalismo com Oswaldo Faustino**. Publicado em 26 de janeiro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hohfH-6iLFC>

PROGRAMA @TOQUE. Program@ Toque Clovis Ribeiro & OSWALDO FAUSTINO (2015). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxgmbOQWmqM>

RAMOS, Daniele Gross. **Raça Brasil e a Temática Apresentada nas Capas e Editoriais (2007-2009)**. IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1896-1.pdf>

_____. **Raça em Revista: identidade e discurso na mídia negra**. São Paulo: ECA/USP, 2010. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-05112010-112522/pt-br.php>

RAMOS, Silvia. **Mídia e Racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

REIS, Isabela. **Revistas excluem adolescentes negras: 'Estou no Brasil, mas me sinto na Rússia'**. Disponível em:

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140912_isabela_artigo_cq

Revista Persona. **Flávio Carrança**. Disponível em

<http://revistapersona.com.br/author/flaviomae/>

Revista Raça Brasil, edição 1, setembro de 1996

Revista Raça Brasil, edição 3, novembro de 1996.

Revista Raça Brasil, edição 20, abril de 1998.

Revista Raça Brasil, edição 22, junho de 1998.

Revista Raça Brasil, edição 26, outubro de 1998.

Revista Raça Brasil, edição 28, dezembro de 1998.

Revista Raça Brasil, edição 29, janeiro de 1999.

Revista Raça Brasil, edição 77, agosto de 2004.

Revista Raça Brasil, edição 102, setembro de 2006.

Revista Raça Brasil, edição 120, março de 2008.

Revista Raça Brasil, edição 122, maio de 2008.

Revista Raça Brasil, edição 136, setembro de 2009.

Revista Raça Brasil, edição 141, fevereiro de 2010.

Revista Raça Brasil, edição 158, setembro de 2011.

Revista Raça Brasil, edição 167, junho de 2012.

Revista Raça Brasil, edição 175, fevereiro de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 176, março de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 177, abril de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 178, maio de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 179, junho de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 180, julho de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 181, agosto de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 182, setembro de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 183, outubro de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 184, novembro de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 185, dezembro de 2013.

Revista Raça Brasil, edição 186, janeiro de 2014.

Revista Raça Brasil, edição 187, fevereiro de 2014

Revista Raça Brasil, edição 188, março de 2014

Revista Raça Brasil, edição 189, abril de 2014.

Revista Raça Brasil, edição 190, maio de 2014.

Revista Raça Brasil, edição 191, junho de 2014.

Revista Raça Brasil, edição 192, julho de 2014.

Revista Raça Brasil, edição 193, outubro/novembro de 2014.

Revista Raça Brasil, edição 194, dezembro de 2014/janeiro de 2015

ROCHA, Carmen Lúcia Antunes. **Ação Afirmativa e princípio constitucional da igualdade: (o Direito como instrumento de transformação social. A experiência dos EUA)**. Joaquim B. Barbosa Gomes. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

ROCHA, Moisés.. **Nossa essência, nossa resistência**. Revista Raça Brasil, edição 178, maio de 2013, p. 71. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/essencia-da-cultura-afro-brasileira/?#raca>

_____. **Trabalho doméstico; deveres, deveres e mais deveres**. Revista Raça Brasil, edição 179, junho de 2013, p. 73. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/a-regulamentacao-do-trabalho-domestico/?#raca>

_____. **Igualdade de direitos para o povo negro. Revista Raça Brasil, edição 180, julho de 2013, p. .** Disponível em: <https://revistaraca.com.br/igualdade-de-direitos-para-o-povo-negro/?#raca>

_____. **A eternização do samba**. Revista Raça Brasil, edição 181, agosto de 2013, p. 73.

_____. **Tributo ao samba paulista**. Revista Raça Brasil, edição 182, setembro de 2013, p. 73.

_____. **Onde estão nossos heróis negros?** Revista Raça Brasil, edição 183, outubro de 2013, p. 73.

_____. **Tem branco no samba? Tem sim senhor!** Revista Raça Brasil, edição 184, novembro de 2013, p. 73.

_____. **O “griot” santista e o dia nacional do samba**. Revista Raça Brasil, edição 185, dezembro de 2013, p. 73. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/dia-do-samba/?#raca>

_____. **Um pouco da fantástica história do choro**. Revista Raça Brasil, edição 186, janeiro de 2014, p. 73.

_____. **Os pracinhas: dos vinte aos setenta**. Revista Raça Brasil, edição 187, fevereiro de 2014, p. 73.

_____. **A cidade de São Paulo e os antigos carnavais**. Revista Raça Brasil, edição 188, março de 2014, p. 73.

_____. **O primeiro “Dragão do Mar”**. Revista Raça Brasil, edição 189, abril de 2014, p. 71.

_____. **Os resquícios da ditadura militar**. Revista Raça Brasil, edição 190, maio de 2014, p. 73. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/os-resquicios-da-ditadura-militar/?#raca>

- _____. **Todos conectados.** Revista Raça Brasil, edição 191, junho de 2014, p. 35. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/escravos-da-tecnologia/?#raca>
- _____. Importância do dia da consciência negra. **Revista Raça Brasil, edição 192, julho de 2014, p. 73.** Disponível em: <https://revistaraca.com.br/importancia-do-dia-da-consciencia-negra/?#raca>
- _____. **Ainda sobre os legados da Copa.** Revista Raça Brasil, edição 193, outubro/novembro de 2014, p. 73.
- _____. **A luta continua.** Revista Raça Brasil, edição 194, dezembro de 2014/janeiro de 2015, p. 73.
- RODRIGUES, Fernando. **Racismo cordial.** In, TURRA, Cleusa; VENTURI, Gustavo. **Racismo cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil.** Editora Ática: São Paulo, 1998.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo.** Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1979.
- ROGÉRIO, Fábio. **A paz de Deus e um salve a todos!** Revista Raça Brasil, edição 178, maio de 2013, p. 71. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/os-bailes-nostalgia/?#raca>
- _____. **Vida – nosso grande empreendimento.** Revista Raça Brasil, edição 179, junho de 2013, p. 33.
- _____. Pensar união, isso sim, é grande. **Revista Raça Brasil, edição 180, julho de 2013, p. 31.** Disponível em: <http://revistaraca.com.br/a-uniao-dos-ritmos-musicais/?#raca>
- _____. **RAP para pensar fora da caixa.** Revista Raça Brasil, edição 181, agosto de 2013, p. 31. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/o-rap-para-pensar-diferente/?#raca>
- _____. **Pensamentos: Tupak Shakur, empreendedorismo na música e preconceito com o hip hop.** Revista Raça Brasil, edição 182, setembro de 2013, p. 29. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/o-empendedorismo-na-musica/?#raca>
- _____. **O nosso dia das crianças.** Revista Raça Brasil, edição 183, outubro de 2013, p. 31.
- _____. **O dia dos amigos.** Revista Raça Brasil, edição 184, novembro de 2013, p. 23.
- _____. Somos jingle black. **Revista Raça Brasil, edição 185, dezembro de 2013, p. 33.** Disponível em: <http://revistaraca.com.br/o-espírito-de-compaixao-do-natal/?#raca>
- _____. **Tudo começou...** Revista Raça Brasil, edição 186, janeiro de 2014, p. 29. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/os-caminhos-do-hip-hop/?#raca>
- _____. **Notas do Fábio.** Revista Raça Brasil, edição 187, fevereiro de 2014, p. 35.
- _____. **Mulheres necessárias.** Revista Raça Brasil, edição 188, março de 2014, p. 35.

_____. **Respeitáveis Jejes**. Revista Raça Brasil, edição 189, abril de 2014, p. 33. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/orgulho-negro-por-meio-do-rap/?#raca>

_____. Fim da resistência. **Revista Raça Brasil, edição 190, maio de 2014, p. 35.** Disponível em: <http://revistaraca.com.br/projeto-contr-a-violencia-policia/?#raca>

_____. **Fértil como terra preta**. Revista Raça Brasil, edição 191, junho de 2014, p. 35. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/curtas-sobre-o-mundo-do-hip-hop/?#raca>

ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. **Imprensa Negra: descobertas para o jornalismo brasileiro. Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 555-568, set. 2014. ISSN 1984-6924. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p555>>.

RUCKTESCHELL-KATTE, Katharina von. **Achille Mbembe: Por que julgamos que a diferença seja um problema?** Goethe-Institut Brasilien, Dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20885952.html>

SAMPAIO, Cristiane. **“Os meios tradicionais massacram a nossa identidade negra”, diz apresentadora**. Brasil de Fato, Brasília, 27 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/27/os-meios-tradicionais-massacram-a-nossa-identidade-negra-diz-apresentadora/>

SANSONE, Livio. **Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil**. *Mana* [online], vol.6, n.1, 2000. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132000000100004&script=sci_arttext#back12

SANTANA, Bianca. **A mulher que eu queria ser**. Revista Raça Brasil, edição 194, dezembro de 2014/janeiro de 2015, p. 39.

SANTOS, Gevanilda Gomes dos. **A visibilidade mercadológica**. Teoria e Debate, edição 35, julho de 1997. Disponível em:

<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/sociedade/visibilidade-mercadologica?page=full>

_____. **Relações raciais e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SANTOS, João Batista Nascimento dos. **O negro representado na revista Raça Brasil: a estratégia de identidade da mídia étnica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/5669>

_____. **O negro representado na revista Raça Brasil.** Em: IDENTIDADE! Vol. 11, 2007. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2229>

SANTOS, Jorge Luís Rodrigues dos. Racializando para desracializar: ressignificando o conceito de “raça” no Brasil. **Rio de Janeiro, 2013.**

_____. **Ressurgimento das africanidades invisíveis.** Revista Cátedra Digital, v.2, 2016. Disponível em: <http://revista.catedra.puc-rio.br/index.php/2016/10/24/ressurgimento-das-africanidades-invisiveis-memorias-negras-e-presenca-africana-re-existent-na-sociedade-brasileira/>

SANTOS, José Antonio dos. **Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil.** Revista Historiæ, Rio Grande, 2 (3): 2011. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2615>

SANTOS, Leandro José dos. **Apontamentos sobre a identidade mediada em Raça Brasil: fragmentos de uma imprensa negra.** Revista Urutágua - Revista Acadêmica Multidisciplinar do Departamento de Ciências Sociais Universidade Estadual de Maringá (UEM), no. 19, Maringá: 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/6029/4612>

_____. **Por dentro do espelho: reflexões sobre o feminino negro em Raça Brasil.** Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual Paulista, São Paulo: UNESP, 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98977/santos_lj_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y

SANTOS, Maria Helena dos. **Jovens na prática do grafite: trajetórias de invenções e inversões.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp118306.pdf>

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória coletiva & teoria social.** São Paulo: Annablume, 2003.

SCHMITZ, Diego; PACHECO, Paula Lima; LEMOS, Rosemar. **Maurício Pestana: o cartum na luta por uma sociedade mais justa.** Seminário de História da Arte - Centro de Artes – UFPel, no.4, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/5336/4036>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro; jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** São Paulo, Círculo do Livro, 1988.

_____. **Racismo no Brasil: quando inclusão combina com exclusão.** In, BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SECULT BAHIA. **Entrevista com o cartunista Mauricio Pestana - Revolta dos Malés.** Bahia, 16 de novembro de 2010. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=WKzOvcblWYg>

SENKEVICS, Adriano Souza; MACHADO, Taís de Sant'Anna; OLIVEIRA, Adolfo Samuel de. **A cor ou raça nas estatísticas educacionais : uma análise dos instrumentos de pesquisa do Inep.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2016.

SILVA, Alexandre. **Luana: a história de um projeto pioneiro.** Blog Alearte Quadrinhos, novembro de 2013. Disponível em:

<http://alexandrehq.blogspot.com.br/2013/11/luana-historia-de-um-projeto-pioneiro.html>

SILVA, Anderson Lopes da; KLEIN, Fernando. **A presença da crítica social na imprensa negra brasileira: análise da seção Opinião de Raça na revista Raça Brasil.** In, Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas, MG, Brasil, Nº 02, Ano I, 10/2012. Disponível em:

http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/A-presen%C3%A7a-da-cr%C3%ADtica-social-na-imprensa-negra-brasileira_anderson_fernando.pdf

SILVA, Flavio Jorge Rodrigues da Silva; SANTOS, Gevanilda. **Afro-Latino-América.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

SILVA, Juliana. **Personalidades negras: José Correia Leite.** Fundação Cultural Palmares, 2014. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=33586>

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA JR. Carlos. **Mapeando o tráfico transatlântico de escravos.** Afro-Ásia no. 45, Salvador: CEAO/UFBA, 2012. Disponível em:

<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21255/13838>

SILVA, Mario Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000).** Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Campinas, SP, 2011.

SILVA, Paulo Vinicius da; ROSEMBERG, Fúlvia. **Brasil: lugares de negros e brancos na mídia.** In, VAN DIJK, Teun (Org.). **Racismo e discurso na América Latina.** São Paulo: Contexto, 2008.

SITE BIGORNA. Maurício Pestana. Extraído:

<http://www.bigorna.net/index.php?secao=biografias&id=1174237390>

SITE REVISTA RAÇA BRASIL. **Campanhas online reúnem relatos e ditam novo posicionamento da Revista Raça.** 14 de junho de 2017. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/campanhas-online-reunem-relatos-e-ditam-novo-posicionamento-da-revista-raca/?#raca>

SLAVE VOYAGES. Disponível em: <http://www.slavevoyages.org/>

SISS, Ahyas. **Afro-brasileiros, cotas e ação afirmativa: razões históricas.** Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: PENESB, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SMIRNE, Diego C. **O Samba Pede Passagem” segue sua tradição com novidades na programação.** Jornal da USP, maio de 2016. Disponível em:

<http://jornal.usp.br/cultura/o-samba-pede-passagem-segue-sua-tradicao-com-novidades-na-programacao/>

SOBRAL, Cristiane. **Petardo.** In, SANTOS, Luiz Carlos dos. **Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos.** São Paulo: Moderna, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Sobre imprensa negra.** Lumina, Facom/UFJF, v.1, n.1, jul./dez. 1998. Disponível em: https://leccufrj.files.wordpress.com/2008/10/sodre-muniz_sobre-a-imprensa-negra.pdf

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro; Edições Graal, 1983.

SOUZA, Ana Paula da Silva e. **A Representação do negro na revista raça Brasil: breve análise sobre as construções de identidade e cidadania.** Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul:RS, 2007. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/127028/000620706.pdf?sequence=1>

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TAVARES, Julio Cesar de Souza e FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Mídia e racismo: colonialidade e resquícios do colonialismo**, In, **Racismos: olhares plurais**. Salvador: EdUFBA, 2010.

TAVARES, Suzana. **Revista Raça Brasil: Identidade, afirmação e polêmica**.

Disponível em:

<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Revista-Ra%C3%A7a-Brasil-Identidade-afirma%C3%A7%C3%A3o-e-pol%C3%Aamica.pdf>

THEODORO, Mário. **As relações raciais, o racismo e as políticas públicas**. 37º.

Encontro Anual da ANPOCS, Águas de Lindóia: SP, 2013. Disponível em:

<http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/37-encontro-anual-da-anpocs/mr-2/mr10/8786-as-relacoes-raciais-o-racismo-e-as-politicas-publicas/file>

TOSTES, Ana Paula Cabral. **Um olhar social sobre o século XVIII: os significados da categoria pardo numa sociedade de Antigo Regime**. XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO – Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276646529_ARQUIVO_TextoAnpuh2010_AnaPaulaCabralTostes.pdf

TREVISAN, Cláudia. **'Raça Brasil' ganha destaque no jornal 'New York Times'**. Folha de São Paulo, outubro de 1996. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/10/19/ilustrada/21.html>

TRINDADE, Azoilda Loreto da. **Revista A cor do Brasil**. CEAP, Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação e Produção, 2010.

TV BAOBÁ. **Entrevista com Maurício Pestana, "Revista Raça Brasil"**. 13 de janeiro de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZnNp83SXE0M>

VAN DIJK, Teun A. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

VANNUCHI, Camilo; MELO, Liana; DUARTE, Sara. **Cheios de Raça: com maior visibilidade na mídia, os negros comemoram resultados importantes na luta contra o preconceito**. Isto É, n. 1789, São Paulo, 21 janeiro 2004. Disponível em:

<http://istoe.com.br/autor/camilo-vannuchi-liana-melo-e-sara-duarte-colaboraram-chico-silva-sp-eduardo-hollanda-df/>

VENTURINI, Anna Carolina; FERES JÚNIOR, João. **A desigualdade racial no Judiciário brasileiro**. Disponível em:

<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/a-desigualdade-racial-no-judiciario-brasileiro/>

VICALVI, Cacá. **"Museu Afro Brasil: Ritos da ancestralidade"**. Disponível em:

<http://tal.tv/video/museu-afro-brasil-ritos-da-ancestralidade/> . Acesso em 26/07/2016.

VICENTINI, Sabrina Gabriela; CARMO, Cláudio Márcio do. **Um estudo da representação sociosemiótica do negro na revista Raça Brasil**. Revista Estudos Semióticos, vol. 6, no1, São Paulo, 2010. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe61/2010esse61-sgvicentini.pdf>

VIEIRA, Andrea Lopes da Costa. **Ação afirmativa e o combate às desigualdades raciais no Brasil: em busca do caminho das pedras**. Tese de doutorado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

VIEIRA, Andréa Lopes da Costa; GOMES, Edlaine Campos. **Novos contextos, antigas questões em memória**. In, DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô. **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

VIEIRA, Ramíla Moura Mendes. **Negritude na capa: Análise dos discursos como representação do negro na revista Raça Brasil**. Universidade Católica de Brasília: DF, 2014. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/pesquisa/negritude-na-cap-a-analise-dos-discursos-como-representacao-do-negro-na-revista-raca-brasil>

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José. **Memória e história. Fundamentos, convergências, conflitos**. In, WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José. **Memória social e documento: uma abordagem interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro. Mestrado Memória Social e Documento, 1997.

WIEVIORKA, Michel. **O Racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Por uma outra história da mídia**. In, WOITOWICZ, Karina Janz. **Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

ANEXOS

ANEXO 1 - JORNALISMO BRASILEIRO: QUEM PRODUZ OPINIÃO?



Fonte: **Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país.**
Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>

ANEXO 2 - COLUNA INTERATIVA/ESPAÇO DO LEITOR



Fonte: Revista Raça Brasil, Ed. 179, jun.2013

Fonte: Revista Raça Brasil, Ed. 181, ago.2013

Fonte: Revista Raça Brasil, Ed. 182, set.2013



Fonte: Revista Raça Brasil, Ed. 190, mai.2014

Fonte: Revista Raça Brasil, Ed. 191, jun.2014

Fonte: Revista Raça Brasil, Ed. 194, dez.2014/jan.2015

ANEXO 3 - IMAGENS COLUNA “NA PEGADA”



Raça Brasil ed. 178, mai.2013, p.12

Raça Brasil ed. 178, mai.2013, p.16

Raça Brasil ed. 187, fev.2014, p.22

Raça Brasil ed. 179, jun.2013, p.30

ANEXO 4 - IMAGENS COLUNA “ESTILO”



Fonte: Raça Brasil ed. 175, fev.2013, p.38



Fonte: Raça Brasil ed. 181, ago.2013, p.55



Fonte: Raça Brasil ed. 182 set.2013, p.52



Fonte: Raça Brasil ed. 184, nov.2013, p.24



Fonte: Raça Brasil ed. 187, fev.2014, p.31



Fonte: Raça Brasil ed. 193 out/nov.2014, p.24

ANEXO 5 - IMAGENS COLUNA “ESTILO”



Fonte: Raça Brasil ed. 178, mai.2013, p.46



Fonte: Raça Brasil ed. 180, jul.2013, p.33



Fonte: Raça Brasil ed. 192 Ago/set.2014, p.25



Fonte: Raça Brasil ed. 191, jun.2014, p.32,33



Fonte: Raça Brasil ed. 183 out.2013, p. 36

ANEXO 6 - IMAGENS COLUNA “PERFIL”



Raça Brasil ed. 192, ago/set.2014, p.18

Raça Brasil ed. 193, out/nov.2014, p.14

Raça Brasil ed.194 dez/2014/jan/2015, p.24

ANEXO 7 - IMAGENS COLUNA “QUADRO NEGRO” (1)



Raça Brasil ed. 175, mai.2014, p.34

Raça Brasil ed. 175, fev.2013, p.32

Raça Brasil ed. 178, mai.2013, p.28

ANEXO 8 - IMAGENS COLUNA “QUADRO NEGRO” (2)



Fonte: Raça Brasil ed. 184, nov.2013, p.24

Fonte: Raça Brasil ed. 175, mai.2014, p.34

ANEXO 9 - TRABALHO DO GRUPO O.P.N.I.



Fonte: Revista Raça Brasil. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/liberdade-e-paz-em-grafite-do-grupo-opni/?#raca>

ANEXO 10 - IMAGENS COLUNA “RAÍZES”



Fonte: Raça Brasil ed. 193, out/nov.2014, p.64

Fonte: Raça Brasil ed. 190, mai.2014, p.68

Fonte: Raça Brasil ed. 192, ago/set.2014, p. 60



Fonte: Raça Brasil ed. 181, ago.2013, p.64

Fonte: Raça Brasil ed.182, set.2013, p.66

Fonte: Raça Brasil ed.177, abr.2013, p.62

ANEXO 11 - COLUNA RAÍZES



Fonte: Raça Brasil ed. 191, jun.2014, p.64

Fonte: Raça Brasil ed.178, mai.2013, p.62

Fonte: Raça Brasil ed.184, nov.2013, p.64

ANEXO 12 - COLUNA RECEITAS DA TERRA MÃE



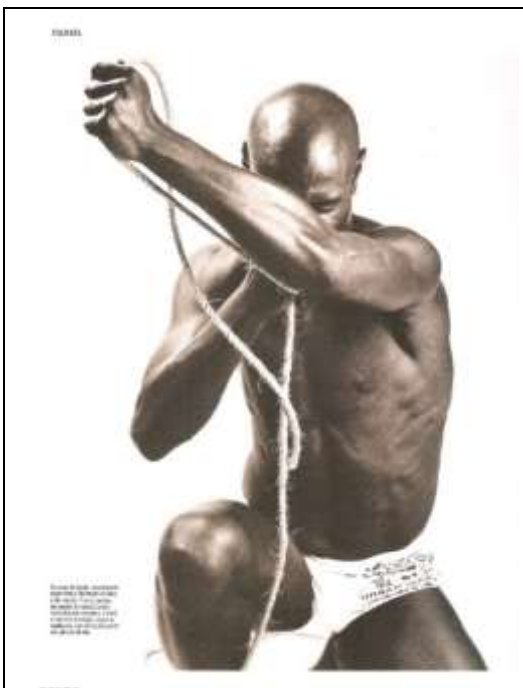
Fonte: Revista Raça Brasil, edição 189, p. 50



Fonte: Raça Brasil ed.190, mai.2014, p.46

Fonte: Raça Brasil ed.191, jun.2014, p.50

ANEXO 13 - IMAGENS COLUNA “PAINEL”



Fonte: Raça Brasil ed. 177, abr.2013, p.78



Fonte: Raça Brasil ed. 193, out/nov.2014, p.77



Fonte: Raça Brasil ed. 192, ago/set.2014, p.77



Fonte: Raça Brasil ed. 191, jun.2014, p.77

ANEXO 14 - IMAGENS COLUNA “FESTAS E EVENTOS”



Raça Brasil ed. 187, fev.2014, p.70

Raça Brasil ed. 191, jun.2014, p.70

Raça Brasil ed.179, jun.2013, p.72

Raça Brasil ed. 192, ago/set.2014, p.72

ANEXO 15- IMAGENS COLUNA “NEGROS EM MOVIMENTO”



Fonte: Raça Brasil ed. 177, abr.2013, p.74

Fonte: Raça Brasil ed. 178, mai.2013, p.73

Fonte: Raça Brasil ed. 187, fev.2014, p.74

Fonte: Raça Brasil ed. 192, ago/set.2014, p.75

ANEXO 16 - IMAGENS COLUNA “HUMOR”



Fonte: Raça Brasil ed. 180, jun.2013, p.82



Fonte: Raça Brasil ed. 186, jan.2014, p.82



Fonte: Raça Brasil ed. 188, mar.2014, p.82



Fonte: Raça Brasil ed. 189, abr.2014, p.82

ANEXO 17 - Página Onde Achar



Fonte: Raça Brasil ed. 175, fev.2013, p.81



Fonte: Raça Brasil ed. 181, ago.2013, p.81



Fonte: Raça Brasil ed. 179, jun.2011, p.81



Fonte: Raça Brasil ed. 177, abr.2013, p.81



Fonte: Raça Brasil ed. 182, set.2013, p.81

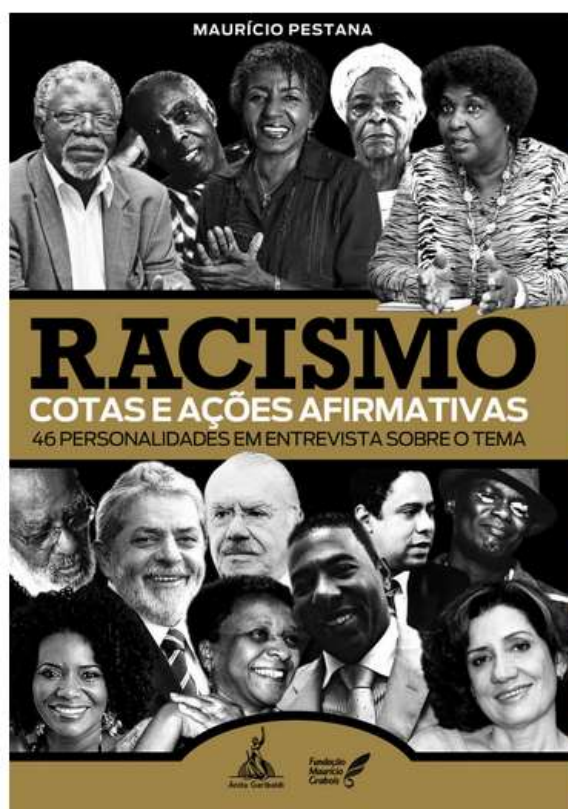


Fonte: Raça Brasil ed. 178, mai.2013, p.81

ANEXO 18 - COLUNA PÁGINAS PRETAS



ANEXO 19 - LIVRO RACISMO: COTAS E AÇÕES AFIRMATIVAS



ANEXO 20 - COLUNA PÁGINAS PRETAS



Fonte: Revista Raça Brasil, Edição 194, dez.2014/jan.2015, p. 4,5



Fonte: Revista Raça Brasil, Edição 194, dez.2014/jan.2015, p. 6,7

ANEXO 21 - COLUNA PÁGINAS PRETAS



Fonte: Revista Raça Brasil

ANEXO 22 - MATÉRIAS DE CAPA RAÇA BRASIL



Fonte: Raça Brasil ed.176, mar.2013, p. 42,43



Fonte: Raça Brasil ed.180, jul.2013, p.38,39

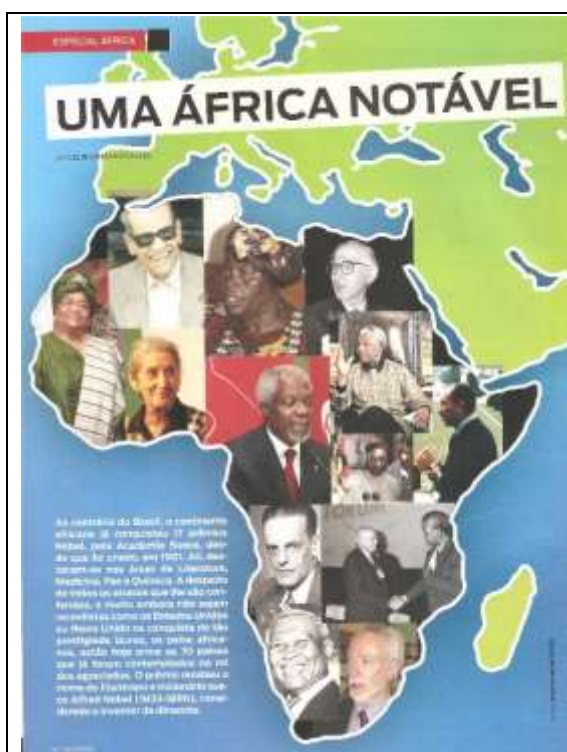


Fonte: Raça Brasil ed.186, jan.2014, p.36,37



Fonte: Raça Brasil ed.188, mar.2014, p. 36,37

ANEXO 23 - IMAGENS “ESPECIAIS DA RAÇA BRASIL”



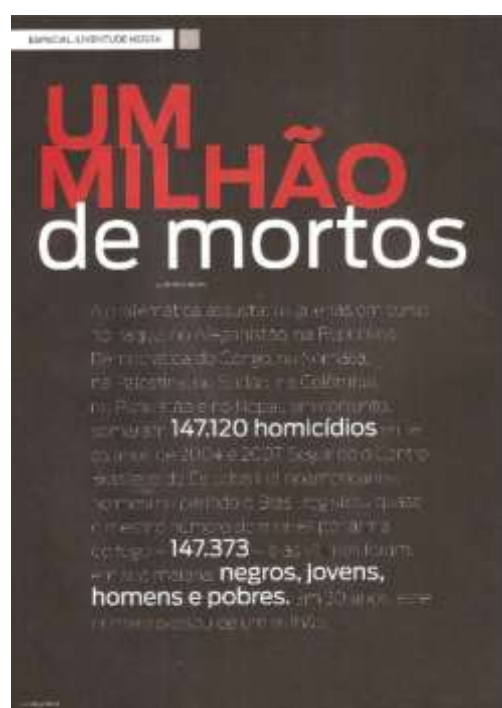
Fonte: Raça Brasil ed. 178, mai.2013, p.48



Fonte: Raça Brasil ed. 182, set.2013, p.36



Fonte: Raça Brasil ed. 194, dez/2014/jan.2015, p.51



Fonte: Raça Brasil ed. 184, nov.2013, p.56

ANEXO 24 - COLUNA ENTREVISTA, RUTH DE SOUZA



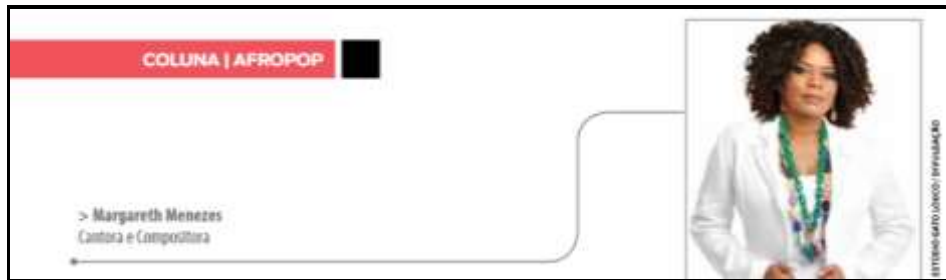
Fonte: Revista Raça Brasil, edição 189, abril de 2014, p. 22,23

ANEXO 25 - MATÉRIAS DIVERSAS/PUBLICITÁRIAS



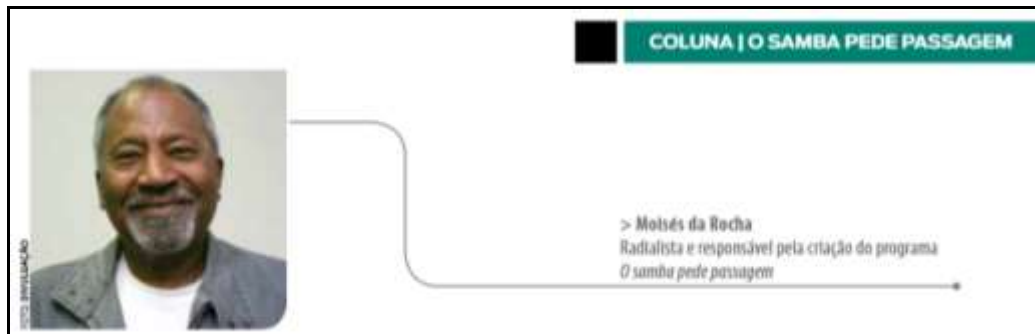
Fonte: Revista Raça Brasil, edição 182, p. 35, 36, 47

ANEXO 26 - COLUNA MARGARETH MENEZES



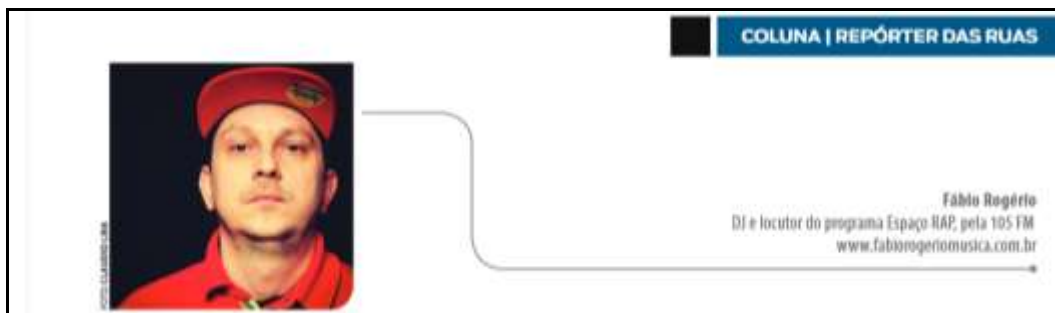
Fonte: Revista Raça Brasil, edição 186, janeiro de 2014, p. 18.

ANEXO 27 - COLUNA MOISÉS DA ROCHA



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 186, p. 73

ANEXO 28 - COLUNA FÁBIO ROGÉRIO



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 189, p. 33

ANEXO 29 - COLUNA BIANCA SANTANA



ANEXO 30 - EQUIPE EDITORIAL RAÇA BRASIL (1996)



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 1, setembro de 1996, p.3

ANEXO 31 - QUEM É QUEM NA RAÇA (1998-1)



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 22, maio de 1998, p.3

ANEXO 32 - QUEM É QUEM NA RAÇA

(1998-2)

(1998-3)

Fonte: Revista Raça Brasil, edição 26, outubro de 1998, p.3

Fonte: Revista Raça Brasil, edição 28, dezembro de 1998, p.3

1999)

Fonte: Revista Raça Brasil, edição 29, janeiro de 1999, p. 3.

ANEXO 33 - QUEM É QUEM NA RAÇA



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 37, setembro de 1999, p. 3.

ANEXO 34 - TALENTOS DA REDAÇÃO

TALENTOS DA REDAÇÃO



A equipe de RAÇA BRASIL, presa pela diversidade, e isso fica nítido no talento de cada um dos nossos profissionais. (1) **Carlos Moreira** (o lody), além de contribuir com seus belos layouts faz parte do grupo OPNI e seus grafittis estão expostos pelas ruas da cidade. (2) **Giliard Andrade** é o nosso supertalentoso mago das imagens. É o responsável por deixar perfeitas as imagens que estampam as páginas da revista. (3) **Edson Pereira**, editor de arte, é apaixonado por jazz, música africana e latina. Não é à toa que faz sucesso como trompetista da banda Uatã. (4) Nas horas vagas a nossa repórter **Cida Silva** esbanja talento fazendo moicaco para decorar a casa, presentear os amigos...

Fonte: Revista Raça Brasil, edição 120, março de 2008, p. 11.

ANEXO 35 - DIRETORES/AS - EDITORES/AS NEGROS DA RAÇA BRASIL

CONCEIÇÃO LOURENÇO	LILIANE SANTOS	ROMÁRIO DE OLIVEIRA	CHRISTIANE GOMES	FRAN OLIVEIRA
				
Dir. de Redação Fonte: Raça Brasil Ed.77,ago.2004,p.4	Diretora Geral Fonte: Raça Brasil Ed.102 set.2006, p.4	Editor-Chefe Fonte: Raça Brasil Ed.20 mar.2008, p.11	Editora Fonte: Raça Brasil Ed.177 abr.2013, p.8	Editor Fonte: Facebook

ANEXO 36 - EQUIPE EDITORIAL 2013



André Rezende, Patrícia Maeda, Fernanda Alcântara, Hamalli Pestana, Maurício Pestana
Fonte: Revista Raça Brasil, edição 175, fevereiro de 2013, p. 9

ANEXO 37- EQUIPE EDITORIAL 2014



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 190, maio de 2014, p. 3

**ANEXO 38- PROFISSIONAIS DA EQUIPE EDITORIAL DA RAÇA BRASIL
(2013/2015)**

<p align="center">ANA CAROLINA CASTRO</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">CAROLINA⁴¹ ROSSINI</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">DANIEL⁴² KENY</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">ETIENE⁴³ MARTINS</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	
<p align="center">FERNANDA ALCÂNTARA</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">FLÁVIO CARRANÇA</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">MAITÊ⁴⁴ FREITAS</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">MAURÍCIO PESTANA</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	
<p align="center">OSWALDO FAUSTINO</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">RENATO⁴⁵ BAZAN</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">ROSELI⁴⁶ MACHADO</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">SANDRA ALMADA</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>	<p align="center">UELINTON⁴⁷ FARIAS ALVES</p>  <p align="center">Fonte: Facebook</p>

⁴¹ CAROLINA ROSSINI: <https://www.linkedin.com/in/carolina-rossini-oliveira-68a5264a/?ppe=1>

⁴² DANIEL KENY - <https://www.linkedin.com/in/daniel-keny-ba629b25/>

⁴³ ETIENE MARTINS - <https://www.escavador.com/sobre/10814195/etiene-pereira-martins-cardoso>

⁴⁴ MAITÊ FREITAS - <https://www.linkedin.com/in/maitefreitas/>

⁴⁵ RENATO BAZAN - <http://portalctb.org.br/site/mais/topicos/30859-renato-bazan>

⁴⁶ ROSELI MACHADO - <https://www.escavador.com/sobre/5757388/roseli-machado-lobes-do-nascimento>

⁴⁷ UELINTON FARIAS ALVES - <https://litsubversiva.wordpress.com/2009/12/19/quem-e-uelinton-farias-alves/>

ANEXO 39 - REPORTAGEM "E AS COTAS VENCERAM!"

Capa da edição 167, junho de 2012

Reprodução da edição 167, junho de 2012, p. 56,57



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 167, junho de 2012.

ANEXO 40 - REPORTAGENS ESPECIAS



Fonte: Raça Brasil, edição 182, setembro de 2013

Fonte: Raça Brasil, edição 184, novembro de 2013

ANEXO 41 - RAÇA BRASIL NO FACEBOOK



Fonte: Facebook Revista Raça Brasil. Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/revistaracabrasil/about/?ref=page_internal

ANEXO 42 - REPORTAGEM “PONHA A CARA NA MÍDIA



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 35, julho de 1999.

ANEXO 43 - REPORTAGEM JORNAIS BRASILEIROS SEPARAM VIOLÊNCIA E RACISMO



Fonte: Revista Raça Brasil, edição 175, fevereiro de 2013.

ANEXO 44 - REPORTAGEM “QUAL O REMÉDIO DOUTOR?”



Fonte: Revista Raça Brasil, ed.32, abril de 1999.

ANEXO 45 - REPORTAGENS SOBRE JUVENTUDE NEGRA



Fonte: Edição 22, maio de 1998.

Fonte: Edição 28, maio de 1998.

ANEXO 46 - REPORTAGENS SOBRE FAMÍLIAS NEGRAS



Fonte: Edição 29, janeiro de 1999.

Fonte: Edição 36, agosto de 1999.

ANEXO 47 - REPORTAGENS COLUNA MEMÓRIA SANDRA ALMADA (1)



Fonte: Raça Brasil, ed.9, maio de 1997, p.56-57.

Fonte: Raça Brasil, ed.10, junho de 1997, p.106-107.

ANEXO 48 - REPORTAGENS COLUNA MEMÓRIA SANDRA ALMADA (2)



Fonte: Raça Brasil, ed.22, Junho de 1998, p. 32-36 Fonte: Raça Brasil, ed.27, Nov. de 1998, p. 86-90. Fonte: Raça Brasil, ed.28, Dez. de 1998, p. 78-82. Fonte: Raça Brasil, ed.29, Jan. de 1999, p. 86-89.



Fonte: Raça Brasil, ed.30, Fev. de 1999, p. 86-90. Fonte: Raça Brasil, ed.32, abril de 1999, p. 82-86. Fonte: Raça Brasil, ed.28, maio de 1999, p. 82-86. Fonte: Raça Brasil, ed.36, agosto de 1999, p. 80-83.

ANEXO 49 - ENTREVISTA COM LÁZARO RAMOS SANDRA ALMADA



Fonte: Edição 175, fevereiro de 2013.

ANEXO 50 - ENTREVISTA CULTNE SANDRA ALMADA

TEXTO: Sandra Almada | FOTO: Carlos Junior/Divulgação | Adaptação web: David Pereira



Sítio da Cultne, Acervo Digital de Cultura Negra | FOTO: Carlos Junior

Fonte: ALMADA, Sandra. **Site sobre cultura negra**. Revista Raça Brasil, ed. 175, fevereiro de 2013. Disponível em: <http://revistaraca.com.br/site-sobre-a-cultura-negra/?#raca>

ANEXO 51 - MAURÍCIO PESTANA NA REVISTA ISTO É DINHEIRO



Diversidade Corporativa

Fornecedores e ações afirmativas
No processo de fazer a gestão diferenciada de Black dentro das organizações, grande atenção na maioria organizacional das empresas é aos fornecedores. Entretanto, além a diversidade dentro do DDA (de grupos étnico e gênero) e multiculturalidade, o setor financeiro é um setor essencial para a gestão e controle de fornecedores. Aqui a não diversidade também gera prejuízo. (1)

Empreendedorismo e ação afirmativa
Tempestade ou oportunidade? Não há dúvida, se pensar em grandes negócios, sempre vem à mente o Brasil. Há pouco tempo de origem, após o período de anos de estagnação de longo prazo, o Brasil vem mostrando sinais de recuperação econômica, ao longo do processo de abertura dos mercados, redução de impostos, queda do desemprego. (2)

Reflexões e caminhos para a inclusão racial no mercado de trabalho
Quem chegou nesse país no século XVIII encontrou um povo que possuía um alto nível de educação e cultura. Há um século e meio a diversidade é discutida e estudada com o intuito de melhorar a qualidade de vida e a produtividade no mercado de trabalho. (3)

Legislação como ferramenta de inclusão racial
Atualmente a legislação está em debate de acordo com o governo, no qual se discute como a legislação pode ser utilizada para melhorar a qualidade de vida e a produtividade no mercado de trabalho. (4)

Sobre o autor
O blog Diversidade Corporativa, de Mauricio Pestana, é um espaço destinado à reflexão e ao debate sobre o panorama da diversidade racial e de gênero no mundo empresarial. Traz temas relacionados a políticas afirmativas e inclusão social e apresenta soluções para fomentar o desenvolvimento socioeconômico da população historicamente excluída da economia e ambiente corporativo no Brasil.

Fonte: Coluna Diversidade Corporativa. Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br/coluna/diversidade-corporativa/>

ANEXO 52 - LIVROS AROLDO MACEDO/ OSWALDO FAUSTINO



Fonte: Site Editora FTD. Disponível em: <https://ftd.com.br/detalhes/?id=3118>

ANEXO 53 - REVISTAS LUANA



Fonte: SILVA, Alexandre. **Luana: a história de um projeto pioneiro**. Blog Alearte Quadrinhos, novembro de 2013. Disponível em:

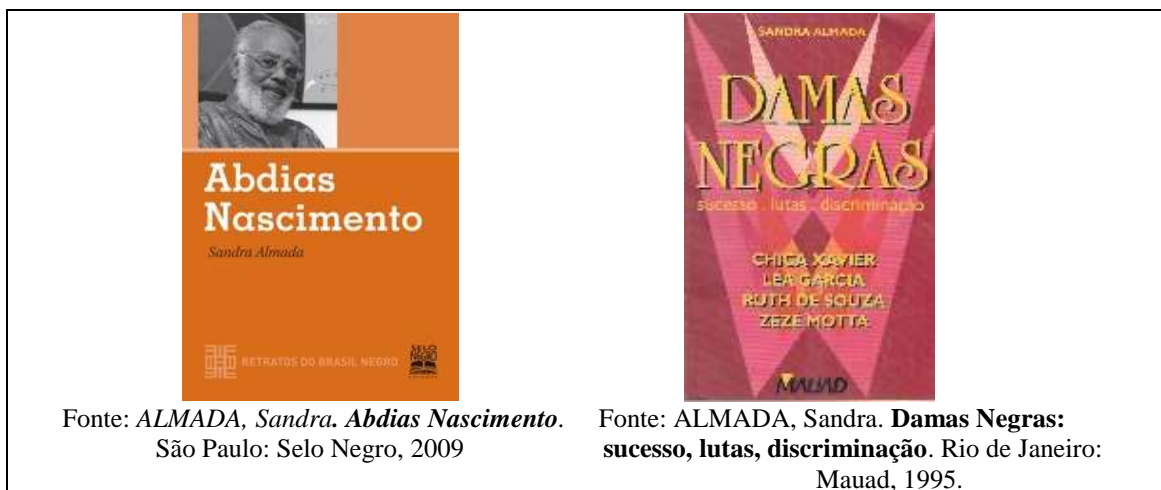
<http://alexandrehq.blogspot.com.br/2013/11/luana-historia-de-um-projeto-pioneiro.html>

ANEXO 54 - CAPA LIVRO “ESPELHO INFIEL: O NEGRO NO JORNALISMO BRASILEIRO / CAPA LIVRO “IMPRESA NEGRA”



Fonte: Arquivo pessoal

ANEXO 55 - LIVROS SANDRA ALMADA



ANEXO 56 - DISSERTAÇÃO SANDRA ALMADA

